

ELAINE CARDOSO



Como *foi*
depois de você





Vitória Becky está no último ano da faculdade de Moda. Fora dos padrões de beleza que a sociedade impõe, Vicky não é muito sociável e sofre com seu problema de obesidade. Alex, seu único amigo, não poupa esforços em lembrá-la diariamente do quão linda ela é e sempre a protege de todos os que querem lhe fazer mal.

Ela nutre um amor platônico por Harry Foster, o cara mais popular do campus, com fama de sair com as mais belas mulheres, e que sempre a humilhou publicamente com suas piadinhas por causa de seu excesso de peso.

Numa noite, eis que acontece o imprevisível: Harry bate à sua porta e a convida para ser seu par no baile de formatura. Encantada, Vicky fica nas nuvens, achando que ele está apaixonado por ela. Porém, Harry tem um outro propósito, no qual Vicky viverá momentos intensos e confusos.

O que será que Harry irá aprontar com Vicky?

E Alex? Deixará sua amiga à mercê de mais uma humilhação ou irá protegê-la a todo custo?

Prólogo

Da janela do meu quarto, via as outras crianças da rua brincarem. O dia estava tão bonito. Há duas meninas de vestido até os joelhos e *maria-schiquinhas* nos cabelos, pulando um elástico. *Que brincadeira mais besta!*, pensei, sorrindo. Não havia muitos garotos na rua. Aliás, não havia muitas crianças da minha idade. Meu pai me deixou aqui, trancado no quarto de castigo, porque eu quebrei as cordas do meu violão e sei que foi merecido, por isso não o culpava.

Enquanto as duas meninas seguiam pulando aquele elástico sem graça, vejo três caminharem com algodão-doce nas mãos, e uma delas está com uma bicicleta cor-de-rosa, com uma sacola de presentes dentro da cestinha. Não conseguia ouvir o que falavam, pois sussurravam e a rua hoje estava bem movimentada. Não passava carro aqui há dias, desde que a prefeitura a fechou para alguns reparos no asfalto.

Um pequeno caminhão de mudança parou em frente a uma casa, a uns 30 metros da minha. Fiquei intrigado. Em seguida, vi um homem alto e uma mulher elegante saírem de dentro de um carro, que estacionaram ali.

Será que teremos vizinhos novos? Espero que eles tenham filhos homens.

Me animei com isso, porém, para a minha total surpresa, uma garotinha de cabelos dourados, vestida com um lindo vestido azul-claro e sapatos de boneca, apareceu em meu campo de visão. Não vi o seu rosto,

pois estava de costas para mim, apenas vi que ela era bem diferente das meninas da rua. Ela era mais gordinha e a sua pele era tão branca que parecia um fantasma.

Fiquei observando-a com curiosidade. Ao virar-se, consegui ver seu rosto. Acho que tem os olhos claros, não consegui ver direito. Ela carregava nas mãos um livro. Diferente das meninas que só sabiam andar para cima e para baixo de boneca, ela carregava um livro. *Um livro!* Aposto que devia ser *nerd*. Ah! O que eu estava falando? Eu tinha uma estante cheia de livros e não era *nerd*.

Vi ela se aproximar das meninas, que a olharam de um jeito estranho.

O barulho da rua cessou e tudo ficou no mais completo silêncio, mas consegui ouvir as vozes.

— Olá! Posso brincar com vocês? — a menina dos cabelos dourados perguntou para as duas que pulavam o elástico.

Uma delas olhou para a garota e disse:

— Sai fora! Não queremos que brinque conosco.

— Por quê? — a menina retrucou, um pouco cabisbaixa.

— Não vai conseguir pular o elástico com todo esse peso — uma delas respondeu cruelmente.

A menina dos cabelos dourados ficou triste e caminhou até a porta de sua casa. Sentou num *pufe* que está na calçada e fica apenas observando as garotinhas brincarem, com uma cara emburrada. As três que caminhavam juntas passam por ela e fazem piadinhas sem graça. Triste, ela chorou. Aquilo partiu meu coração. Não era de desobedecer ao meu pai quando ele me castigava, mas não podia ficar aqui só olhando toda essa maldade.

Saí da janela, corri até a porta do meu quarto e saí em disparada pelas escadas.

Meu pai gritou assim que me viu passando pela porta da frente.

— *Alex! Aonde você vai? Te coloquei de castigo...*

Eu sabia que poderia levar uma surra, mas não me importava e fui até aquela menina triste.

A cada passo que dava em sua direção, seu rosto ficava mais nítido e sua beleza se evidenciava ainda mais. Ela não devia ter a mesma idade que eu.

Parei na sua frente e sorri.

Ela me olhou com seus olhos azuis cheios de lágrimas.

— O que foi? Também veio rir de mim? — ela perguntou com a voz embargada.

— Oi. Eu sou o Alex, seu novo vizinho. Moro naquela casa — respondi e apontei minha casa.

Ela me olhou, confusa.

— Como se chama?

— Vitória — ela respondeu com a voz suave.

— Oi, Alex. Está falando com essa daí, por quê? — Samantha perguntou com ar esnobe. Não vi ela se aproximar.

— Oi, Samantha. Essa é a Vitória, acho que será nossa vizinha — disse, sorrindo.

— Cruz credo! Ninguém vai querer falar com ela, olha só como ela se

veste? Olha para ela, parece que comeu toda a comida do planeta!

— Para com isso, Sam! — repreendi a garota.

— Hum! — Samantha disse. — Não vai fazer amizade com ela, não é? Por que ser for, ninguém mais vai falar com você também.

— Vou sim. E se não quiser falar comigo, é um favor que me faz!

Samantha vira as costas e volta para o *clube da Luluzinha*.

— Não ligue para elas. Vai ver, depois elas se acostumarão a ter mais uma amiga para brincar.

Ela assentiu.

— Não acho que vão querer. É sempre assim. Ninguém quer brincar com uma gordinha — ela disse, triste.

— Eu, por acaso, não sou ninguém?

Ela riu.

— Você é menino. Não vai querer uma garota no seu pé.

— Isso não impede de sermos amigos — disse e sentei-me ao seu lado, no chão.

— Onde estão os outros garotos da rua?

— Hum, não há muitos. Basicamente, sou o único que pode sair para brincar, isso quando não estou de castigo. — Dei risada.

— Está de castigo agora?

— Hummm... meio que estou.

— O que você fez?

— Quebrei as cordas do meu violão.

— Você tem um violão?

— Sim. Quando eu crescer quero cantar e tocar numa banda de rock.

— Legal!

— E você? O que você quer ser quando crescer? — perguntei e o sorriso em seu rosto se desfez.

— Magra. Eu quero ser magra.

Capítulo 1

Tamanho 56

Vicky

Faltavam apenas duas semanas para o baile de formatura e ainda não havia encontrado um vestido que me agradasse. Todos os modelos me deixavam ainda mais gorda. Dizem que o preto emagrece, mas é pura idiotice. Ilusão de ótica. Nenhum vestido poderia eliminar os meus 98 quilos. Eu não sabia o que fazer, estava completamente desesperada. Como iria ao baile? Embora não tivesse sido convidada por nenhum rapaz, exceto pelo Alex, meu melhor amigo, eu recusei o convite para poupá-lo da humilhação. Afinal, ele merecia alguém melhor que eu. Acho que ele aceitou na boa, pois Margareth, a perigete do curso de Moda, caiu matando em cima dele assim que soube que iria sozinho ao baile.

Alex era o meu melhor amigo. Ele sempre me incentivou e esteve por perto nas horas mais difíceis e me defendeu das pessoas que me humilhavam e faziam piadas no refeitório. Apelidos como rolha de poço, gorda, modelo *plus size* e botijão de gás sempre estiveram presente em toda a minha vida. Desde os meus cinco anos de idade, eu vinha ganhando peso. Está certo que não tinha uma alimentação muito saudável... mas era quase impossível resistir ao *fast food* quando todos em sua volta estão comendo,

não é?

Todos os dias, eu acordava e fazia aquele discurso mental: "Hoje eu vou começar uma dieta e entrar em uma academia". Mas fica sempre no subconsciente. Tinha horror à academia. Se eu andasse dois quarteirões, já suava feito uma porca e ficava ofegante. Talvez eu tenha nascido para ser gorda mesmo.

— Senhora? Então, o vestido ficou bom? — perguntou a vendedora, fazendo-me voltar à realidade.

Coloquei a cabeça para fora do provador para dar uma olhada nela, que estava com um vestido vermelho entrelaçado em seus braços. Ela me fitou por alguns instantes, com um olhar cansado e impaciente.

— Não. Não gostei desse modelo. Não valorizou a minha silhueta — disse, já desanimada, dando longos suspiros. "Como seria bom vestir um manequim 38 nessas horas", pensei.

— Bom, esse é o último. Tamanho 54. Talvez fique um pouco apertado.

— Sério? 54? Esses vinte que me trouxe são tamanhos 56 e não ficou bom, o que te faz pensar que entrarei num tamanho 54? — perguntei, irritada.

— Desculpe, senhora. Se quiser, posso levá-lo de volta — ela respondeu, confusa. — Só achei que talvez pudesse gostar e...

— Tá. Me dê isso aqui — disse, puxando o vestido das suas mãos.

Já havia passado cerca de duas horas experimentando aquelas roupas todas e nada. Estava quase desistindo. Então, inspirei o ar lentamente, contei até dez e comecei tudo de novo. Sempre era a mesma coisa. Em todas as lojas que entrava, algumas vendedoras já diziam: "Não temos roupas do seu tamanho". E, então, eu colocava na cara aquela expressão de "paisagem" e dava meia volta. Desconsolada, sempre ia parar na primeira lanchonete da esquina e pedia um lanche gigante com refrigerante de máquina; aqueles que o copo é 700ml. E, naquele dia, não seria diferente...

Saindo dali, já fui direto comer um sanduíche. Quando ficava nervosa e arrasada, só a comida me fazia feliz.

— Ai, céus! Estou medonha — sussurrei, olhando para o meu reflexo no espelho. O vestido vermelho era lindo, o que não combinou foi a modelo. Eu tinha três barrigas? Desde quando? Enquanto a perigete da Margareth tinha quadradinhos no abdômen, eu, a baleia assassina, tinha três dobras de gordura. Meus olhos começaram a lacrimejar. Eu nunca consegui me sentir bonita. Talvez Harry tivesse razão... Eu era uma gorda fracassada.

Vocês não sabem, mas Harry era o carinha da faculdade por quem eu era apaixonada. Ele jogava no time de basquete e cursava Música junto com Alex. Amor platônico, claro. Ele era um deus grego, daqueles que jamais se interessariam pela Moby Dick. E veja que ironia: eu estava no último ano do curso de Moda e era a única fofinha. As outras alunas eram do tipo modelos de passarela, com aquele ar de quem não comia há séculos. Pareciam sempre famintas. Tinha até medo de um dia ser devorada por elas. Harry gostava desse tipo de garota, então, ele nunca iria se apaixonar por mim; a menos que eu conseguisse perder, no mínimo, uns 42 quilos. E isso, para mim, parecia surreal.

Tirei o vestido. Coloquei minha calça de *cotton* preta e minha camiseta da *Guess*. Peguei minhas sapatilhas e saí correndo do provador em direção à rua. Não queria que ninguém me visse chorar.

Entrei no meu *Cinquecento* rosa conversível e dirigi até a casa do Alex. É, eu sei, é um carro apertadinho, mas a ideia foi do meu pai. Eu até tentei discutir, mas foi em vão. Ele me deu quando completei dezoito anos, assim que entrei na faculdade. Meu pai era um anjo. Às vezes, um pouco protetor demais, devido ao fato de ter que me criar sozinho. Minha mãe nos deixou quando completei um aninho de idade. Segundo papai me disse, ela fugiu para viver um romance com o chefe dela, pois era uma aventureira. Papai até que não ficou tão mal sem ela, mas nunca mais quis se casar porque viveu sua vida toda em função da minha. Eu nunca tive um namorado. Não

sabia se por causa do meu pai ou porque sempre estive fora dos padrões de beleza. Nenhum garoto se interessou por mim — pelo menos, não que eu soubesse.

Estacionei o carro na minha garagem e fui andando até a casa do Alex. Ele morava a apenas cinco casas da minha. Éramos amigos desde quando eu tinha oito anos. Ele era dois anos mais velho que eu. Ele sempre lia para mim na casa da árvore. Nosso livro preferido era “Harry Potter e a Pedra Filosofal”. Tanto que, no meu décimo aniversário, ele me deu a varinha da Hermione. Foi o dia mais feliz da minha vida.

— E aí, roliça! — alguém gritou atrás de mim. E, pela voz, só poderia ser uma pessoa: Margareth Thompson. A mocreia da minha sala e, agora, o par romântico do meu melhor amigo. Argh! Aquela garota era impertinente. Virei para ela e lhe dei o meu melhor sorriso.

— Oi, Maga. — Ela detestava esse apelido. Fiz questão de alfinetá-la.

— Acabei de sair da casa do Alex. — Ela sorriu diabolicamente. — Sinceramente, não sei o que ele viu em você, uma fracassada... Talvez ele tenha pena — ela disse, enquanto se aproximava cada vez mais.

— Ou talvez ele não conheça mais ninguém com o nível da minha inteligência — rebati, orgulhosa. Estava cansada de ser humilhada por aquela criatura esquelética. Havia até rumores na escola de que ela nem comia para poder se manter sempre em forma.

— Você? Inteligente? — Ela gargalhou. — Não consegue nem se vestir adequadamente, criatura. Enxergue-se. Alex tem dó de você. Só isso. Fora o Harry... Vamos combinar: você não tem chance, nem em sonhos — ela disse, revelando aquele sorriso zombeteiro.

— Pelo menos não serei eu a segunda opção de alguém. Para sua informação, recusei o convite de Alex para o baile. E, de sobra, restou você! — Ela ficou momentaneamente sem palavras. Virou-se e saiu, de rabinho entre as pernas, bufando como um touro que acabara de ver uma flanelinha vermelha em sua frente. — É, caiu fora mesmo, sua magricela. A gorda aqui,

dessa vez, ganhou de você! — gritei.

Continuei andando e parei no portão. Alex estava sentado na mureta da casa, olhando para o seu *tablet*. Estava de calça jeans surrada e uma camiseta branca, escrito: *Só idiotas usam camisas com frases*. Não aguentei e ri. Alex definitivamente não era um idiota, mas estava sendo um quando chamou a Maga para o baile. Ele sempre fora um rapaz muito bonito. Alto, 1,85m, cabelos pretos e olhos verdes. Uma pele levemente bronzeada e um corpo escultural de dar inveja a qualquer um e fazer com que as mulheres caíssem aos seus pés. O rosto era levemente quadrado, com uma barba por fazer. Tinha também duas tatuagens no braço: um dragão, que seguia até as costas, e um dizer em japonês, que ele nunca me revelou o significado.

— Ei, Vicky! Entre. O portão está apenas encostado — ele disse, sorrindo, revelando seus dentes brancos e alinhados, como aqueles modelos de comercial de pasta de dentes.

— Oi, Alex. O que está fazendo?

— Estou lendo. Acabei de comprar um *e-book* daquele escritor que você gosta.

— Hum... Qual? — perguntei, curiosa.

— James Patterson. — Ele sorriu. Ele sabia exatamente todos os meus gostos.

— Não! Sério? Eu quero!

— Vou baixar no seu *Kindle* depois. E então... como foi a prova dos vestidos?

— Temos que falar sobre isso? — perguntei, desanimada.

— Claro, anjo. Quero que saiba que somos amigos e quero te ver feliz na festa. Uma pena você ter recusado meu convite. — Seu tom era duro.

— Alex, nós já conversamos sobre isso. E, além disso, agora você poderá sair no álbum de fotos com uma mulher à sua altura. Digo, no nível de beleza. Mesmo que Margareth seja uma minhoca sem neurônios, vocês ficarão bem nas fotos. Ela é uma mulher muito bonita.

— Deixa de bobagem, sua tolinha. Você é tão bonita quanto ela. Loira, olhos azuis como piscina... Adoro esses seus cabelos dourados, brilhantes.
— Ele sorriu.

— Esqueceu de mencionar meus quase cem quilos.

— Eu gosto de você, Vicky, assim, do jeito que é. Você sempre foi especial para mim — ele disse, segurando minhas mãos. Senti uma conexão estranha. Poderia jurar que Alex estava flertando comigo. Bem, devia ser loucura da minha cabeça.

— Eu preciso da sua ajuda, Alex. Você sabe que eu amo o Harry... Queria que me ajudasse a conquistá-lo.

— Sem chance! — gritou. — Não vou empurrá-la para um idiota que sempre a humilhou. Onde está sua dignidade?

— Alex, mas...

— Sem “mas” e nem meio “mas”. Não conte comigo. Sério.

— Pensei que fôssemos amigos — sussurrei, com minha voz já entrecortada.

— Não! Amigos não fazem essas loucuras. Ele não serve para você, Vicky. Ele vai quebrar seu coração — ele disse entredentes, elevando cada vez mais a voz. — Não vou suportar vê-la sofrer por causa de um playboy de merda.

— Então terei que fazer isso sozinha! — eu gritei.

— Boa sorte para você. Depois, não diga que não avisei. — Ele me olhou triste, virou-se e entrou, fechando a porta, e me deixando plantada do lado de fora.

O que deu nessa criatura? Será que homens têm TPM? Mas não vou desistir. Com ou sem a ajuda dele, eu vou conquistar o Harry. Só não sei como... Preciso de uma boa tática. Talvez alguns livros de autoajuda? Cheguei a ler um trecho do livro “Por que os Homens Amam as Mulheres Poderosas?”, de Sherry Argov. Até hoje ficou na minha memória:

PRINCÍPIO DA ATRAÇÃO Nº 1 Tudo aquilo que perseguimos foge de nós.

Será que estava perseguindo o Harry, por isso ele fugia de mim? “Vou comprar esse livro, talvez possa ser útil. Então, vamos às compras”, pensei.

Capítulo 2

Vicky

Entrei na livraria mais próxima de casa. Não costumava ler muitos livros de romance, eles me deprimiam. Uma vez, meu pai me deu um clássico “O Morro dos Ventos Uivantes”. Fiquei dias na depressão, apenas comendo X-Salada e bebendo refrigerante, só pensando: Por que o amor destrói? Ele deveria ser lindo, não? Eu não queria um romance como o de Heathcliff e Catherine, queria um amor como o de Romeu e Julieta, mas sem a morte no final, claro.

Passando pelas estantes da livraria, comecei a estudar alguns livros. Queria um que pudesse me ajudar a ser diferente e fazer com que Harry se apaixonasse por mim. Então pensei, enquanto puxava os livros das prateleiras delicadamente para ler as sinopses:

1. Ele detesta gordinhas. Então, vou ter que emagrecer. Lá se vai minhas batatas fritas pela manhã...

2. Ele me acha entediante e sem graça. Vou ter que começar a ser mais ousada e extrovertida.

3. Ele odeia a cor do meu cabelo. Mas não sei se quero passar de loira para morena. Isso é algo para se pensar depois.

4. Ele adora mulher de salto alto. Saco, eu só uso sapatilhas. Não sei se consigo me equilibrar em um salto agulha de 9 cm.

5. Ele gosta de pernas. Ele vive elogiando as pernas da Margareth. As

minhas não são muito atrativas.

6. Roupas... Preciso de um guarda-roupa novo. Essa será a pior parte.

Meus braços doíam. Os oito livros que carregava diziam que já era a hora de parar. Andei com dificuldade com aquela pilha de livros bloqueando minha visão. Quando passei por entre as mesas, deixei alguns caírem. Abaixei-me com elegância e voltei a empilhá-los. Nesse momento, congelei. Oh, meu Deus! Harry Foster acabara de passar pela porta de entrada da livraria. Proferi uma maldição baixinho. Ele não poderia me ver ali com todos aqueles livros. Tinha que me esconder, e rápido. Escondi-me entre uma prateleira e outra. Coloquei a cabeça para fora, apenas para ter um vislumbre daquele homem maravilhoso. E que homem! Alto e elegante. Estava de jeans claro e camisa azul marinho desabotoada até o meio de seu tórax ultrajante. Moreno. Lindo. Olhos negros como o crepúsculo. Corpo escultural, estilo aqueles lutadores de MMA. Meu sorriso desapareceu quando vi a bela mulher ao seu lado. Uma morena, cabelos lisos até a cintura. Seu cabelo brilhava tanto que chegava a cegar. Deveria usar manequim 38 de tão magra. O vestido verde de seda lhe caía tão bem. Fiquei me imaginando dentro daquele vestido. Será que eu teria uma chance com ele se fosse magra como ela? Meu coração se apertou.

Eu jamais seria a mulher perfeita para ele. Ele merecia alguém melhor do que uma mulher sem elegância, com sobras de gordura por todo o corpo, e que era motivo de piada na universidade.

Abafei um gemido de frustração. “Talvez seja melhor eu deixar esses livros aqui, correr para a primeira lanchonete no caminho e acabar comendo um X-Tudo, com bastante maionese e ketchup”, pensei. “Xô, xô, xô, pensamento de gordo!”, meu anjinho berrou ao meu ouvido, enquanto o outro lado teimava em me desvirtuar.

Assisti Harry e a Cinderela de verde pegarem alguns livros, irem ao caixa e saírem, como se fossem dois pombinhos apaixonados. Claro que não

estavam. Harry era um jogador. Ele vivia trocando de mulheres como quem trocava de música no *iPod*. Mas era ele que eu queria... nem que fosse por alguns momentos. Eu queria que Harry me notasse. E faria qualquer coisa para que isso acontecesse... até mesmo me aventurar naquelas leituras chatas e entediantes. Mas, se isso fizesse com que ele me notasse pelo menos por alguns instantes, já valeria a pena.

Assim que eles se foram, saí da minha toca. Corri até o caixa e despejei os oito livros em cima da moça. Ela me olhou horrorizada, com as sobancelhas arqueadas. Eu sabia exatamente o que ela estava pensando: *Pobre garota gorda. Tem certeza que vai ler tudo isso mesmo? Desista. Ninguém irá se apaixonar por você.* Ela passou um a um dos livros no leitor da máquina. Cada título que lia, ela me olhava com ar interrogativo. Eu a encarei, de modo que ficou envergonhada. Tudo bem, eu exagerei. Poderia ter pegado uns três exemplares... mas queria aprender tudo. Tudo mesmo. Olhando os títulos, não me parecia tão promissor. Mas era tudo que podia fazer.

A moça me passou a sacola e eu dei a ela o meu cartão de crédito, quase desistindo quando vi o valor da conta.

— Tudo isso? — perguntei.

— Sim, senhora. Algo mais?

— Hum... Apenas cobre logo antes que eu desista — sussurrei. Ela me olhou, desconfiada. Talvez pela quantidade de livro para uma pessoa deprimente e com sérios problemas de baixa autoestima.

— Oh! Minha prima, coitadinha. Com problemas de relacionamento... Resolvi dar uma ajudinha. — Meu sorriso falhou e deixei transparecer meu nervosismo. Ela apenas sorriu.

Peguei meu cartão, minhas sacolas e fui para casa. Agora, era hora de se concentrar em uma maneira de fazer o Harry se apaixonar por mim.

Chegando em casa, corri para a cozinha. O relógio marcava meio-dia. Papai estava no trabalho. Depositei os livros cuidadosamente em minha

estante, ao lado dos meus outros livros. Estudei-os com cuidado. Não sabia por onde começar. Então, olhei os livros outra vez.

- 1. Por que os homens mentem e as mulheres choram?*
- 2. Como fazer alguém se apaixonar por você em até 90 minutos.*
- 3. Homens são de Marte, mulheres são de Vênus.*
- 4. O que toda mulher inteligente deve saber.*
- 5. Ele simplesmente não está a fim de você.*
- 6. Deixe os homens aos seus pés.*
- 7. A arte da guerra.*
- 8. Por que os homens amam as mulheres poderosas?*

De todos esses, eu gostava mais do “Como fazer alguém se apaixonar por você em até 90 minutos”. Será? Não. Não era possível. Ou era? O silêncio se desfez com um grande ronco no meu estômago. Era hora de abastecer.

Decidi preparar uma comida mais leve. Coloquei o arroz para cozinhar e peguei no *freezer* o restinho da feijoada do dia anterior que, por sinal, estava uma delícia. Fritei algumas bistecas. Geralmente, como umas três. Mas, como estou começando a me interessar pela dieta, comeria apenas duas. Decidi que não tomaria refrigerante. Então, fiz um suco de saquinho. Coloquei umas cinco colheres de açúcar. Pronto! Meu pai ficaria satisfeito com o meu prato. Bom... Pelo menos, estava tentando não comer porcarias.

Após o almoço, decidi comer uma sobremesa. Era uma regra para mim: sempre tinha que comer uma sobremesa após o almoço. E no jantar também. Às vezes, à tarde. E a sobremesa daquele dia era o maravilhoso pavê do papai. Ele era um mestre em guloseimas.

Pronto. Agora, já sem fome, fui para o meu quarto. Liguei o som e escolhi o primeiro livro. “A Arte da Guerra”, de Sun Tzu, me pareceu menos

inofensivo. Comecei por ele. Depois de várias páginas, encontrei uma frase que me fez pensar muito:

“Se você descobrir o ponto fraco do oponente, você tem que afetá-lo com rapidez. Capture, inicialmente, aquilo que for muito valioso para o inimigo. Não deixe que seja revelado a hora do seu ataque.”

Então, decidi fazer a minha lista de estratégias. Peguei o caderno, uma caneta e comecei a traçar uma estratégia:

1. Descobrir o ponto fraco de Harry.

Aquela era fácil. Mulheres. Mulheres magras, elegantes e sem neurônios. Passei mais umas duas horas lendo o livro e cheguei a uma conclusão: *A Arte da Guerra* não iria me ajudar a conquistar o Harry. Loucura. Não estava lutando contra o inimigo, embora, às vezes, ele parecesse um.

Então, decidi passar para o segundo livro: “Por que os Homens Mentem e as Mulheres Choram?”. Depois de ler algumas páginas, definitivamente desisti. Não era isso que estava procurando, ainda. Pulei na estante e peguei o terceiro: “O Que Toda Mulher Inteligente Deve Saber”. “Isso vai ser interessante”, pensei.

Após ler algumas páginas, me deparei com uma frase que doeu:

“Uma mulher inteligente jamais se esquece de que ela é uma pessoa especial, com ou sem um homem em sua vida.”

“Mas é melhor com um homem. E que seja o Harry, de preferência. Quem se sentiria especial com 21 anos, gorda, encalhada e sem ninguém para amar?”, pensei. Joguei o livro de lado. Pulei mais uma vez da cama para alcançar o terceiro. Quando dei o salto, a porta do quarto se abriu. Deu tempo o suficiente de olhar para a expressão de Alex enquanto ele analisava os livros jogados em minha cama.

— Que merda é essa? — ele gritou, enquanto pegava “A Arte da

Guerra”, dando leves folheadas.

— Hum... livros — respondi, envergonhada.

— Autoajuda, Vicky? Sério? — Seu olhar era de decepção.

— Você não quis me ajudar, então pensei que...

— Então você pensou em se acabar com todos esses livros e tornar-se alguém que não é só para conquistar um babaca idiota e sem noção?! — ele gritou.

— Céus, Alex. Está parecendo meu pai.

— Me dê esses livros — ele disse, enfurecido, enquanto pegava meus exemplares.

— Não, Alex. Eu quero isso. Me devolva.

— Ele não vale a pena, Vicky. Você merece alguém melhor.

— Quem? Me diga!

— Alguém que te ame pelo que você é, não apenas por aparências. O amor é muito maior que isso, Vicky.

— Para você, é fácil falar. Não é você que pesa cem quilos, nunca beijou ninguém e é horrível!

— Você se menospreza demais, garota. Esse é o seu problema! —ele gritou. Seus olhos estavam em chamas. Estava furioso!

— Sai da minha casa! — gritei. Senti as lágrimas quentes rolarem pelas minhas bochechas.

— Tudo bem. Fique aí com seus pensamentos idiotas. Mas quer saber? Ninguém vai te enxergar, Vicky, não enquanto não se amar em primeiro lugar... e aceitar quem você é e reconhecer que a aparência não é tudo! — ele disse ferozmente e saiu batendo a porta atrás de si. Fiquei ali, parada, tentando absorver aquelas palavras que saíram cuspidas da boca do meu melhor amigo. Então, voltei às minhas leituras.

Capítulo 3

Vicky

Olhei no relógio. Já se passava das dez da noite e eu havia adormecido em cima daquela pilha de livros. Minha cara estava toda amassada e os livros babados.

Meu relógio biológico apitava. Era hora de comer. Eu ainda tinha dificuldades de entender por que eu sentia fome todas as horas do dia.

Abri a geladeira: havia batatas, hambúrgueres, pavê, uma garrafa de refrigerante, enfim... Se ficasse olhando por mais alguns segundos o conteúdo, certamente ganharia mais alguns quilos. E claro, isso era a única coisa que eu não poderia ganhar pelo menos por agora. Ainda precisava encontrar o vestido perfeito para o baile. Então, desisti de comer. Sério, se eu quisesse ter algum sucesso em perder 40 quilos, deveria começar pela greve de fome. Seria fácil. Se a magrela da Margareth conseguia, obviamente eu também conseguiria. Até mesmo, como tenho muita gordura corporal, iria demorar a desfalecer. Fiquei até imaginando a cena.

Fechei a geladeira e voltei para o quarto. Liguei meu *notebook* e naveguei por alguns sites de dieta. Li alguns artigos e me animei em uma dieta radical. Nela dizia: “Nada de carboidratos, doces ou refrigerantes”. Ou seja: “Vou morrer de fome, mas não estou nem aí”. Anotei a dieta e decidi segui-la à risca. A música “Fofinha Delícia”, do Sorriso Maroto, desviou minha atenção. Meu celular trepidava em cima da cômoda. “Ai, Alex, vou matá-lo”, pensei. Cara, como ele era irritante... Em qual momento ele trocou

o toque do meu celular?

Corri até ele e olhei para a tela. Meu coração parou por alguns segundos. Estava atônita. Seu rosto perfeito e magnífico brilhava na tela do meu *iPhone*. Harry Foster! “Oh, meu Deus! Mas que diabos ele quer comigo?”, pensei. Minha histeria se tornou audível. Juro. Tive até medo de que, mesmo sem atendê-lo, Harry pudesse me ouvir do outro lado da linha. Que ridículo!

Reuni toda a coragem que sabia que não possuía e atendi com a voz trêmula.

— Alô!

— Vitória? — Sua voz me acertou em cheio. Foi como uma flecha certa bem no meio do meu coração.

— Sim. Quem é? — perguntei, me fazendo de idiota.

— Estou aqui na entrada de sua casa. Estou te esperando — ele respondeu, ignorando a minha pergunta. Mas é claro que ele já sabia que eu sabia que era ele. Opa! Espere um segundo, ele disse “na entrada de sua casa?”. Eu morri e fui para o céu? Quando? Não me lembro de ter sofrido nenhum acidente, e nem algum ataque fulminante. Certamente, então, estava delirando! Ai, céus! Cheguei ao estágio final de loucura. — Vitória? Ainda estou aqui, de pé, parado na sua porta.

— Oh... desculpe. Já desço... Que-querio dizer, já vou — gaguejei. Como era estúpida. Esse cara mexia com todos os meus sentidos. Já desço? Aff! Foi ridículo, tendo em vista que minha casa é térrea. Talvez ele deve ter pensado que eu estava olhando as estrelas do telhado.

Tentei me recompor e dar uma analisada na situação. Harry Foster, o cara mais sensual, lindo, maravilhoso e galinha — essa parte eu detesto —, estava plantado bem na minha porta. Eu precisava ser rápida e racional. Definitivamente, aconteceu alguma desgraça para ele ter vindo até ali... Certamente.

Fiz um balanço da minha aparência. Blusa branca da Guess e bermuda

de *cotton* preta. Descalça. Descalça... Jesus! Precisava me lembrar de ir à manicure. Olhei no espelho e vi que estava totalmente descabelada. Mas que tipo de homem iria olhar para mim desse jeito? “Eu não vou atendê-lo. Não, não desse jeito”, pensei. Resolvi ignorá-lo. Talvez eu estivesse delirando mesmo e não havia ninguém parado na porta da minha sala. Muito menos o clone do Henry Cavill uns cinco anos mais jovem. Sim, pasmem! Ele era muito parecido, mas com olhos pretos.

Meu celular começou a tocar mais uma vez “Fofinha Delícia”. Agora era fato. “Vou matar o Alex lentamente e dolorosamente amanhã, assim que acordar”, pensei.

Fui até a sala. Olhei de soslaio pela cortina e ele estava lá, parado, lindo. De terno. Terno? Mas que diabos... Ele estava segurando uma caixa grande, azul-claro, e um ramalhete de flores. Diga que eu estava sonhando e que Harry Foster não estava na porta da minha casa, todo “sou-garanhão-sexy-e-que-se-foda-todos”, esperando por mim.

Era hora de encarar a verdade. Bom... Resolvi parar de lenga-lenga e atender à porta. Fiz um sinal da cruz meio que tudo errado, pois, àquela altura, nem meu nome eu conseguia lembrar.

Caminhei até a porta. Dei um longo suspiro e abri. O seu sorriso era a coisa mais linda que já havia visto em toda a minha vida. Estava todo elegante em seu terno cinza claro, camisa branca e gravata escura. Ele tinha gel nos cabelos. Sério? E eu, toda descabelada...

— Oi — disse, constrangida.

— Pensei que me deixaria aqui para sempre. — Ele sorriu, revelando seus dentes perfeitamente alinhados. Zeus era fichinha perto dele. — São para você — disse, dando-me as flores. Eu não sei qual parte eu perdi dessa história, mas eu estava achando tudo muito mágico.

— Obrigada — disse, pegando-as. Eram lindas margaridas.

— Tenho algo a dizer, mas gostaria que me convidasse a entrar.

— E-entrar? Na minha casa?

— Bom... Se não quiser, então podemos conversar em outro lugar, se preferir.

— Oh, não, tudo bem. Entre. Desculpe — disse, confusa.

Harry entrou em passos largos e se sentou no sofá, sem cerimônias. Parecia totalmente confortável com a situação. Estranho, pois nunca nos falamos sequer por mais de cinco minutos em quase três anos. Nunca fui popular e nem magra. Nunca frequentei os mesmos círculos de amizade, exceto Alex, que estudava na mesma sala que ele. Não sabia que diacho havia feito com que mudasse de ideia. Ou, talvez eu soubesse. Deve ter sido o Alex... Sim, claro. Alex.

— Bom, vou ser direto — disse, despertando-me de meus devaneios. — Você quer ir ao baile comigo? — “O quê? Ele está louco ou eu que estou surda?”, pensei. Comecei a gargalhar. Quanto mais eu ria, mais Harry ficava desconfortável. Era totalmente visível que estava louco. — Gostaria de saber onde está a graça? Quem sabe, eu pudesse me divertir também. — De repente, ele se irritou.

— Desculpe. É que seu pedido me pareceu um pouco insano — respondi, ainda gargalhando.

— O que tem de errado com meu pedido? Por acaso, já tem um par para o baile?

— Não. E nem vou ao baile — sussurrei. Lembrar que nem ao menos consegui uma vestimenta adequada me fez esmorecer.

— Posso saber por que não comparecerá à festa? Gostaria muito que fosse comigo. — Ele sorriu.

— Aposto que não gostaria da minha presença ao seu lado, Harry. Nem nos conhecemos. E não sei se entendo o que faz aqui — despejei. Será que ele estava me gozando? Gostaria muito da minha presença? Desde quando?

— Olha, Vitória — disse, empurrando-me a caixa azul. — São para você. Desde que aceite meu convite para a festa...

Peguei a caixa e abri com curiosidade. Nela havia um vestido e um par de sapatos *Louboutin*, prata, transparente. Uau! Definitivamente, me imaginei na versão gorda de Cinderela. Quando retirei o vestido, meu coração parou. Levantei-me do sofá e o ergui, para ter uma visão melhor. Era belo e magnífico; longo, com alças grossas de rendas. As costas era um espetáculo, toda trabalhada na renda. Tecido leve, acetinado, de um tom cinza claro. Era simplesmente o vestido mais bonito que já vi em toda a minha vida. Fiquei absorta. Não sabia quem ou o que diabos havia atacado a mente de Harry Foster, mas eu gostei muito daquela versão romântica dele. Gostei tanto que as lágrimas rolaram pelo meu rosto. Quando olhei para ele, sua expressão era indecifrável.

— É lindo! — sussurrei.

— Não mais que você — ele respondeu, se aproximando lentamente. Suas mãos chegaram até as minhas e calafrios percorreram meu corpo. Eu não estava acreditando que Harry Foster estava na minha casa; muito menos que acabara de me convidar para o baile e estava me presenteando com lindos sapatos da Cinderela e um vestido de fazer inveja a qualquer modelo magérrima.

— Eu não po-posso aceitar, Harry — gaguejei.

— Posso saber por quê? — perguntou, beijando-me a mão. Sua boca, tão suave, em contato com minha pele, me fez ir além.

— Tenho certeza de que pode conseguir alguém mais adequada para acompanhá-lo ao baile.

— Eu tenho certeza de que esse alguém pode ser você. — Por alguns instantes, olhei bem dentro de seus olhos. Eram indecifráveis. Será que realmente Deus havia olhado para mim? Havia chegado o meu dia de ser feliz? Mesmo assim, gordinha? Não acreditava que fosse possível Harry estar apaixonado por mim, claro. Ele mal falava comigo. Mal me conhecia... Então, por que eu? Por que não a Margareth ou as outras mulheres com quem sempre saía?

— Você está brincando comigo, Harry?

— Por que pensa assim?

— Por que eu? Diga-me — eu o desafiei.

— Por que não você? — rebateu.

— É tudo tão estranho e repentino... — sussurrei.

— Para você pode até parecer repentino. Mas nunca fui alheio a você, Vitória. Nunca. Você é uma garota incrível, e quero que me acompanhe ao baile. Será que estou pedindo muito?

Ele nunca foi alheio a mim? Ah, essa foi boa! Absolutamente não. Ele não estava pedindo muito. Ah, não mesmo.

— Tudo bem. Eu aceito — respondi. Só Deus sabe o quanto eu queria pular no pescoço do Harry, beijá-lo e gritar que o amava, mas fiz um esforço danado para não deixar transparecer toda a minha empolgação.

— Bom... Te vejo amanhã na faculdade — disse, aproximando seu rosto do meu. Estava tão perto que pude sentir o seu hálito fresco. Quando seus lábios tocaram os meus, meus olhos se arregalaram. Foi um beijo rápido. Um selinho, mas que fez com que minha pele ficasse toda eriçada. Eu tinha acabado de ser beijada pelo Harry Foster! O cara fodão, jogador de basquete e o músico mais lindo do planeta. Tipo... nunca mais iria lavar a minha boca. Depois que seus lábios macios se desvencilharam dos meus, levei as mãos à boca, em choque. Aquele era um momento que jamais iria esquecer. Meu primeiro beijo... E nem precisei emagrecer para isso. Agora, estava me sentindo mais confiante para seguir com meus planos. Se Harry não se importou em me beijar, mesmo eu sendo horrorosa e gorda e estando toda desgrenhada, eu não precisava mais fazer greve de fome, não é?

Harry se despediu e me fez garantir que o veria tocar amanhã. Iria ter uma competição musical perto do *campus*, e eu sabia que Alex também iria tocar. Eu precisava urgentemente agradecê-lo por fazer com que Harry me pedisse para ser seu par no baile. Até esqueci que deveria matá-lo pela

música ridícula no meu *iPhone*. Depois desse favor enorme, Alex sem dúvida era o melhor amigo que já tive na vida. E ele precisava saber disso, mas no dia seguinte... porque, hoje, eu queria curtir e sonhar com os beijos do Harry.

E que beijo!

Capítulo 4

Vicky

Naquela manhã, acordei disposta e feliz. Parecia que havia acabado de sair de um conto de fadas. Tipo aquele seriado *Once Upon a Time*, onde a vida real se mistura num mundo de fantasias. Rá! Quem é que não se sentiria assim beijando Harry Foster? O cara era “o cara”. A única coisa que me fez ver que não estava sonhando foi aquele par de sapatos chiquérrimos e o vestido estilo princesa. Definitivamente, se tudo fosse um sonho, eu ficaria mais que feliz de não acordar.

Já passava das sete da manhã. Minha aula começava às oito em ponto. Precisava correr se não quisesse chegar atrasada na aula do professor Vincent, que era o maior mala.

Coloquei meu jeans, minha blusa branca da faculdade de Moda, tênis e peguei minha mochila. Prendi o cabelo num rabo de cavalo e passei um pouco de maquiagem. Alex sempre me disse que me achava linda sem maquiagem. Então, se ele achava, eu acreditava. Depois do que ele fez por mim, eu acreditaria em tudo que me dissesse. Tenho certeza de que ele se arrependeu por ter me criticado por causa dos livros de autoajuda, então, me fez essa surpresa. Claro que estava curiosa para saber o que ele disse ao Harry, que o fez me convidar para o baile. Esperava que não tivesse deixado o coitado em maus lençóis. Sempre soube que Alex podia ser bem persuasivo quando queria. E esse era meu medo.

Após me arrumar, peguei as chaves do carro e saí. Até o *campus*, era

uma boa distância. Assim que estacionei o carro, eu pude ver a BMW prata do Harry logo mais à frente. Hum-hum... Além de lindo, talentoso e sexy, o cara era podre de rico. Não que eu fosse do tipo “caçadora de dotes” — seria até ridículo. Harry era o homem perfeito.

Após a aula, segui em direção à sala de música. Procurei pelo Alex em todos os cantos, mas nada dele. A criatura simplesmente sumiu. Margareth — da pernoca magricela — veio em minha direção, com aquele sorriso cínico na cara.

— Procurando o meu Alex? — Ela sorriu, com as sobrancelhas arqueadas. “Bruxa! Não sei o que Alex viu nessa daí”, pensei.

— Não que isso seja da sua conta, mas sim... Você o viu?

— Está na quadra. Fernando faltou e o técnico o colocou para jogar. — Alex jogando basquete com Harry? Rá! Sabia. Já haviam virado amigos?

Saí em disparada até a quadra do *campus*. Não me dei nem ao trabalho de agradecê-la, porque ela era uma vaca. Alex sempre foi um péssimo jogador. Essa eu pagaria para ver...

Assim que cheguei à quadra, quase tive um infarto: Harry, Alex e mais uma dúzia de homens bonitos, suados, correndo pra lá e pra cá... Que visão abençoada! Porém, alguém em especial chamava minha atenção: Harry Foster.

Dava para contar os quadradinhos de seu abdômen. TO-TAL-MEN-TE sexy! Gritos ecoavam pela quadra. O treinador gritava e estimulava o time. Na arquibancada, havia apenas eu. Fala sério, nenhuma garota ia assistir ao treino desses caras? Será que era proibido?

Mais uns vinte minutos de tortura e finalmente o treinador dispensou os jogadores. Alguns começaram a colocar a camisa, outros caminhavam em direção ao vestiário. Assim que me viu, Alex acenou e me mandou um beijo. Harry, que estava atrás dele, olhou para mim e deu uma piscadela. Imaginem a minha cara nesse momento. Morri mil mortes. Quando acenei um tímido “tchau”, Harry partiu.

Caminhando lentamente, e colocando sua camisa, Alex sorriu. Ele também não ficava atrás no quesito “abdômen sarado”. Suas tatuagens o deixavam muito, muito sexy.

— O que está fazendo aqui? — ele perguntou, sorrindo.

— Preciso falar com você.

— Comigo? Sobre?

— Ontem. Queria lhe agradecer — sussurrei.

— Espero, realmente, Vicky, que você entenda que é especial assim sem precisar ser outra pessoa. — Ele tocou meus braços.

— Eu entendi, sim. E graças a você... — Dei um sorriso tímido. — Eu pensei que ninguém se interessaria por mim. Você sabe, não é? Desse jeito — falei, enquanto acenava meus quase cem quilos.

— Que jeito? Fofinha Delícia? — ele gargalhou.

— Seu cretino! Pode ir alterando o toque do meu celular. Sabe que odeio pagode! — gargalhei, dando socos em seu braço.

— Ai! Mas você é uma fofinha delícia. — Ele sorria.

— Sério, Alex. Não sei o que você fez para o Harry me chamar para o baile, mas quer saber? Não precisa dizer, só quero agradecê-lo.

— Espere aí... O que você disse? — ele perguntou, espantado. — Eu ouvi direito? Você vai ao baile com o Harry?

— Sim. Achei que...

— Você achou o quê?! — ele gritou. — Você aceitou ir ao baile com aquele babaca e recusou um convite meu?

— Não foi você quem falou de mim para ele? — perguntei, confusa.

— Mas é claro que não. Não sou um idiota! — ele esbravejou. — Você vai dizer para ele agora que não aceita o convite — disse, puxando-me pelos braços.

— Solte-me! Está louco?

— Vamos. Agora! Você não vai com aquele babaca. Só por cima do meu cadáver! — ele gritou.

— Você não pode me impedir, seu idiota. Eu já aceitei. E, se quer saber, ele está apaixonado por mim.

Alex me soltou por um momento. Não gostei nem um pouco do que vi em seu rosto. Ele estava rindo. Rindo de mim?

— Do que está rindo? — perguntei, irritada.

— O que te faz crer que ele está apaixonado por você, Vicky? — ele perguntou, sarcasticamente.

— Ele me beijou — cuspi, irritada.

— Não acredito... — Seu olhar era de espanto. Isso me machucou. — Filho da puta! Vou matá-lo.

— Por acaso acha que não posso ser beijada por alguém? Acha que não sou desejável, Alex? — Minhas palavras saíram roucas, enquanto as lágrimas começaram a surgir.

— Não é isso. É que...

— Ah! Mas é claro. É porque sou gorda. E caras como vocês não desejam uma mulher gorda, não é?! — gritei.

— Pare de agir assim, Vicky. Você sabe o quanto gosto de você.

Ele me puxou para perto dele.

— Ele está mentindo, Vi — disse, me fitando nos olhos. — E, quando você se der conta disso, será tarde demais.

— Ele gosta de mim. Por qual outra razão, ele me convidaria para o baile? Ele me comprou um vestido, sapatos, me deu flores e me beijou. E foi lindo, Alex. Mágico — disse entre lágrimas.

— Ele não é o cara certo para você. Já se esqueceu de quantas vezes ele foi indiferente a você? Quantas piadinhas seus amigos lhe fizeram e ele nunca ficou do seu lado?

— Isso é passado. Talvez esteja arrependido — bufei.

— Vejo que já está decidida...

— Sim, estou.

— Pois é uma pena... Porque e-eu... eu... — ele gaguejou, parecendo

indeciso no que iria falar.

— Tem algo a me dizer?

— Muitas coisas. Mas... só não espere por mim para juntar os seus cacos quando perceber que ele só está brincando com você — disse entredentes. — Ou fazendo algo pior — concluiu, irritado.

— Ele não vai me magoar. Não faria sentido.

— Pois você vai ter que escolher entre mim e ele — resmungou. — Não gosto desse cara. E não vou ficar para vê-lo te fazer sofrer...

— Se eu não te conhecesse, diria que está com ciúmes.

— Eu? Ciúmes? Endoidou, mulher? — ele disse, irritado.

— Está acabando com a nossa amizade? Assim? De anos?

— Não, Vicky. Você é quem está. — Seu tom foi duro.

— Não me faça escolher, Alex.

— Não vou te dar outra escolha. Ou ele ou eu. Simples assim.

— Muito bem. Que assim seja — disse com firmeza.

Saí da quadra, deixando-o lá, sozinho. Se ele não me queria mais como amiga, então eu o esqueceria para sempre. Estava na hora de pensar em mim, em ser feliz, mesmo que isso me custasse sua amizade. Fui direto para o refeitório e reuni toda a coragem para ligar para o Harry. Ele não poderia estar de brincadeira comigo... Não mesmo. Disquei seu número e ele atendeu no primeiro toque.

— Vitória?

— Oi, Harry — disse insegura.

— Aconteceu alguma coisa? Não me diga que se arrependeu e que...

— Não é nada disso. Precisamos conversar. Pode me encontrar agora?

— Não dá. Estou um pouco ocupado — sussurrou. Juro que pude ouvir algumas vozes no fundo. Estaria ele com alguém? Alguma mulher?

— Oh, tudo bem. Não quero incomodá-lo.

— Querida, daqui a três horas é a competição de música. Esperarei por você lá, como combinado.

— Tudo bem. Até mais, então.

Acho que não seria uma boa ideia ver Alex e Harry no mesmo cenário. Eles não se falavam há quase um ano... Alex não era do tipo agressivo, mas deu uma bela surra em Harry uma vez. Ele nunca me contou o porquê. Até tentei suborná-lo com meus brigadeiros recheados com morango, mas foi inútil. Eu precisava avisar ao Harry sobre ele. Alex sempre tinha a mania de me proteger a todo custo... Qual a parte de "eu não sou sua irmã" ele não entendia?

Bem... Ele iria ter que superar. "Acho que acabei estragando meu melhor amigo", pensei. Ele quase não tinha amigos. Claro, todas as pessoas que me detestavam ou me humilharam viviam no topo da sua lista negra, de modo que não sobrou quase ninguém. Éramos inseparáveis desde os oito anos de idade. E eu iria sentir muita falta daquele cabeçudo...

Capítulo 5

Vicky

Voltei para a aula do professor Vincent. Não contei para vocês, mas sou uma péssima estilista. Até agora não sei como sobrevivi a esse curso. Eu não tinha os padrões de beleza das demais alunas. Quando surgia um desafio, eu era a primeira a pular fora. Na semana passada, tive que fazer um projeto. E sabe qual era o tema? “Modelos *Plus Size*”. Tremenda ironia. É. Parece que virou moda. Não que as gordinhas não tenham seus atributos, mas ninguém realmente quer contratar uma para entrar na passarela e desfilar um vestido da Prada ou Marc Jacobs.

É só pararem para analisar. Hoje, todos fazem distinção. Você entra para comprar uma roupa em uma loja linda de grife... Se você passou do número 42, já é considerada fora dos padrões. Que dirá eu, que estava beirando o 58. Quando chegava à porta das lojas, era sempre a mesma ladainha: “Não temos o seu tamanho”, “Tem uma loja tamanhos grandes na outra esquina”... Eu já estava farta disso, estava farta de sempre comprar minhas roupas em lojas de gordos. Isso deveria ser proibido. Por acaso, acham que gordo não é gente? E as roupas? Sempre as mesmas, nada de inovação, sempre roupa de velho; comprida ou feia demais.

No meu guarda-roupa só tinha camisetas, jeans e bermudas de *cotton*. Vestidos? Fazia tempo que não sabia o que era isso. Nunca encontrei um que realmente me agradasse. Tudo vestido da época da minha bisavó. Acho que eles pensam que gordo precisa se vestir mal. Só pode.

Me diz quem nunca entrou numa loja e pediu um tamanho menor, só para ver se acontecia um milagre? Eu fazia isso todas às vezes. Também estava obcecada pela farmácia da esquina... Pesava-me todos os dias. O farmacêutico até tentava me vender umas coisas esquisitas, tipo “óleo de coco”, mas eu não dava nem bola.

Cheguei até a fazer uma bateria de exames. Diabetes, tireoide, tudo que possa imaginar. Graças a Deus, era saudável. Mas levei uma bronca do médico. Sabe o que ele me disse? “Crie vergonha na cara e faça exercícios. Seu mal é o comodismo”. Credo! Chorei por quase um mês. Eu não era acomodada. E que culpa eu tinha de sentir fome? Eu já li vários artigos de que as pessoas tinham que comer de três em três horas. Tudo bem, eu comia de duas em duas... Mas só quando estava chateada.

— Vitória Becky — gritou Vincent, fazendo-me saltar da cadeira. — Está com algum problema?

— Não que eu saiba, senhor — respondi.

— Estou há horas falando com as paredes! Prestou atenção no que lhe disse, senhorita?

“Que mala. Ô, cara chato!”, pensei.

— Desculpe, professor. Pode repetir? — perguntei e todos riram.

— Você irá me trazer na sexta o seu TCC. E, como será apresentada em dupla, sua parceira será Margareth.

— O quê? Nem morta! — Margareth gritou.

Ainda bem que ela foi a primeira a ter chique, porque eu não iria suportar ter que olhar na cara daquela magricela por mais do que cinco minutos.

— Creio que não seja uma boa ideia, professor — respondi.

— Não perguntei sobre suas ideias... E como ideias aqui não estão em discussão, apresente o trabalho em dupla ou reprovarei as duas! — ele vociferou.

Maldito fosse Vincent Oliver. Ele queria acabar comigo, só podia.

Margareth proferiu algumas maldições. Deus me ajudasse naquele calvário. Fazer meu TCC com essa magricela dos infernos metida a “Cameron Dias” seria uma tarefa árdua.

— Sem chance, Moby Dick! — ela esbravejou.

“Isso vai dar merda”, pensei.

Assim que a aula acabou, Margareth veio até mim. Disse uma meia dúzia de asneiras e caiu fora. Que garota intragável! Como ela se achava...

Meu celular começou a tocar. Era o Harry.

— Vitória!

— Oi, Harry — disse com um largo sorriso.

— Já estou na Naypp. A competição começa daqui a meia hora.

— Já estou a caminho. E Harry... O Alex está aí?

— Não sei. E você sabe que não nos falamos — disse irritado. — O que quer com ele?

— Oh, nada! Apenas... Ah, esqueça. Nos falamos assim que chegar.

— Não demore. Tchau. — E desligou.

Não sabia se era uma boa ideia colocar Alex e Harry no mesmo espaço. Harry sempre o provocava, e Alex nunca perdia uma briga. Só esperava que o Alex não estragasse tudo para mim... Não mesmo, pois eu jamais o perdoaria.

Já no estacionamento, entrei no carro e fui para a competição. Todos finais de ano, o *campus* promovia uma festa com os músicos da universidade. Alex ganhou por dois anos consecutivos. A competição girava em torno de cinco bandas formadas pelos alunos. A Naypp era uma casa noturna que o *campus* alugava para o evento. Era um espaço pequeno, mas acomodava umas trezentas pessoas. Sempre gostei de música.

O pessoal dançava estilo *Footloose*, só nos passinhos. No ano passado, Alex havia ganhado o troféu cantando a música do James Blunt, “You’re Beautiful”. A ridícula da Margareth espalhou para a universidade inteira que ele cantou a música para ela. Fiquei dois dias sem falar com Alex,

mesmo me jurando que ela estava louca.

Harry cantava muito bem, é verdade. Mas Alex o superava. Ele realmente tinha talento.

Assim que cheguei à Naypp, pude ver a BMW do Harry e a moto do Alex. “Hoje promete”, pensei. A competição estava marcada para as 14 horas. Entrei no salão e vi que quase todos da universidade já estavam ali. Escolhi uma mesa, bem nos fundos, pois não era muito sociável. Pedi uma *Coca-Cola* com gelo e limão para o garçom. No palco, estava a banda “Street”, formada por cinco carinhas que pareciam os Backstreet Boys e que arrumavam seus equipamentos com rapidez. Um bando de garotas ensandecidas gritava: “Lindo! Gostoso!”. Maior pagação de mico.

Na mesa ao lado, estavam as patricinhas metidas da minha sala. Acho que elas nem sabiam que eu existia. Sério! Logo à frente, Margareth estava sentada com a Liana, a Joyce e a Betty. As três eram do curso de Música. Vi o momento exato em que Alex entrou. Ele estava carregando seu violão. Caminhando até mesa da magricela, sentou-se e abriu um sorriso enorme. Acho que não era tão importante assim para ele, afinal, ele olhou em minha direção e fez questão de me ignorar. Meu corpo todo esquentou de raiva e cerrei os punhos, porque minha vontade era de arrancá-lo de lá a tapas.

Como podia ser tão cínico? Horas atrás, dizia que eu era importante e blá-blá-blá. Agora, andava com aquelas barangas que sempre desprezou. Homem era tudo igual mesmo. Mas se ele achava que iria me atingir, estava redondamente enganado.

Dei um gole generoso em meu refrigerante. Minha vontade agora era de devorar um Big Mac triplo. Mas, para minha infelicidade, o *McDonald's* era longe e lá não servia comida. Inferno! Já estava até tremendo. Acho que estava na abstinência de calorias. Sério, isso existe, viu?

Depois de alguns minutos, Harry apareceu. Não sei no que Deus estava pensando quando fez aquele cara, mas ele devia estar muuuito inspirado!

Ele trajava um jeans claro surrado, sapato e camisa polo cinza, com seu cabelo perfeitamente alinhado e uma barba por fazer. Era a personificação de Apolo bem na minha frente. Ele sorriu assim que me viu. Mas, para minha surpresa, sentou-se com os caras da banda. E eu continuei ali, sozinha, assistindo todos à minha volta rirem, beberem e se divertirem. Até o traidor do Alex estava sorrindo. Que ódio!

De repente, um cara muito esquisito, vestindo uma blusa do Linkin Park, pegou o microfone e começou a falar:

— Boa tarde, galera! Bem-vindos à décima competição de música da Universidade de São Paulo. Cinco bandas serão apresentadas, e o nosso júri, formado pelos professores Alan e George, irá escolher entre os melhores. Assim como todos os anos, a banda vencedora ganhará um cheque no valor de dez mil reais.

Nesse momento, a galera inteira foi à loucura. Assovios, palmas e gritos ecoavam no salão. O cara ainda continuou seu discurso e, em seguida, apresentou-nos a primeira banda. Os caras até que tocavam bem, mas eram um clone dessas *boy bands*.

O segundo grupo era de quatro garotas. Arrasaram cantando *Sk8er Boi*, da Avril Lavigne. Todos começaram a sair de suas cadeiras e irem para frente do palco, para pularem como loucos. Quando olhei para a mesa de Harry, e depois do Alex, ambos haviam se recolhido. Talvez fossem os próximos...

Quando a segunda banda terminou de cantar, o cara anunciou a banda “Crazy”. Era a banda do Harry. Antes de começar a música, Harry pegou o microfone e fez um pequeno discurso. Um discurso que me deixou de boca aberta.

— Boa tarde, galera. Quero agradecer a todos aqui presentes e dizer que essa música que vou cantar, eu ofereço a uma pessoa muito especial. Já a conheço há um tempo, mas só agora percebi como fui burro em não ter dito a ela o quanto estou apaixonado.

Quando acabou o seu lindo discurso, Harry olhou em minha direção e começou a cantar uma música do Jota Quest.

*Essa não é mais uma carta de amor
São pensamentos soltos traduzidos em palavras
Pra que você possa entender
O que eu também não entendo...*

Quando terminou, o salão inteiro aplaudiu de pé. Eu nem reparei no momento em que me levantei, chorando como uma idiota. Meu sorriso estava de orelha a orelha e meu coração batia a mil por hora. O mundo para mim poderia acabar naquele momento.

Logo depois, entrou a quarta banda. Não me perguntem que música tocaram, pois ainda estava com a voz do Harry na cabeça. Ele não poderia ter me dado melhor declaração de amor do que aquela...

Assim que o cara anunciou a banda do Alex, fiquei intrigada. Era a primeira vez que eu realmente torcia contra ele. Queria que o Harry ganhasse, de verdade.

Alex entrou todo confiante. Engraçado, ele não estava com o violão... Os outros caras da banda estavam com seus instrumentos, mas ele estava apenas com o microfone. Incomum. Alex nunca cantava sem seu violão. Nunca!

Então, começou a falar. “Por que todos resolveram falar hoje? Que saco!”, pensei.

— Bom, gente... Antes de tudo, gostaria de agradecer a todos. Essa música que vou cantar é para uma pessoa muito especial, mas que, infelizmente, não descobriu ainda o quanto. Vitória Becky, essa é para você!
— Ele sorriu.

“Ah, não! Ele não vai cantar para mim também... Vou matá-lo. Ele vai arruinar tudo!”, pensei. E, então, lá se foi meu momento mágico com

Harry... Alex começou a cantar *Just The Way You Are*, do Bruno Mars. Logo na primeira letra, a galera vibrou, gritando loucamente:

*Oh, os olhos dela, os olhos dela
Fazem as estrelas parecerem que não têm brilho
O cabelo dela, o cabelo dela
Recai perfeitamente sem ela precisar fazer nada
Ela é tão linda
E eu digo isso pra ela todo dia...*

Assim que a canção terminou, Alex estava com um sorriso idiota na cara, enquanto Harry nos olhava, furioso. E, daquela vez, a briga iria ser feia.

Capítulo 6

Alex

— Chupa essa, babaca! — disse entredentes. Queria que pudesse me ouvir, mas estava um barulho dos infernos.

A galera aplaudia. Adorava o som dos aplausos. Ele pensou que iria me derrubar quebrando meu violão? Filho da puta! Acho que ainda não se havia se ligado que a estrela era eu. Ele era o rei do basquete, mas ali, no palco, era eu quem brilhava. Tenho que reconhecer a ousadia daquele maldito. Quando ele iria perceber que é um idiota? Talvez precisasse de mais uma surra. Ainda não acredito que teve a coragem de me dizer que a Vicky era dele. Desgraçado! Mas, se ele pensa que vou facilitar as coisas para ele, está redondamente enganado.

Vicky estava lá, ainda parada em seu lugar. Sua cara não era das melhores. Ela estava de um tom vermelho brilhante. Mesmo com raiva, estava linda, com seus cabelos longos e dourados. Adorava o perfume dos seus cabelos, seus olhos azuis penetrantes e sua boca extremamente sexy. Daria tudo para beijar aquela boca.

Não me perguntem, mas eu não sei qual foi o momento exato em que me apaixonei por ela. Vicky era uma garota incrível, inteligente, carinhosa, amiga, linda. Não sei que diabos viu naquele retardado. Será que não fui explícito o bastante? Se ela não percebesse agora que estava caído de amor por ela, eu desistiria. O que ela queria? Que eu colocasse um *outdoor* na cidade inteira dizendo "Vicky, eu te amo"?

Desde que éramos crianças, sempre nos dávamos muito bem. Eu jurei protegê-la de todos que lhe fizessem algum mal. Fizemos um pacto de nunca nos separarmos, e a maldita estava quebrando por um idiota qualquer.

Vicky me olhava, enfurecida. Vi o momento em que Harry se aproximou dela, pegando em seus braços e a puxando com toda a força. Estava praticamente a arrastando pelo caminho até a porta. Meu corpo todo ficou rígido. Cerrei os punhos e minha respiração acelerou. Agora era oficial: ia matar aquele maldito!

Saí do palco e corri para fora da boate. Num ímpeto de loucura, arranquei a camisa e a joguei longe. Quando cheguei ao estacionamento, o filho da puta estava gritando com ela. Suas mãos ainda estavam em seus punhos.

— Solte-a! — gritei. Meu sangue fervia.

Foi tudo muito rápido. Nem percebi quando o desgraçado se virou e me acertou com um golpe na cara. Desequilibrei-me, caindo de costas no chão. O maldito ria. Senti um gosto de ferrugem na boca. Quando olhei ao redor, algumas pessoas já se aglomeravam em torno de nós. Vicky parecia horrorizada, mas nada falou.

Levantei-me e parti para cima dele. Acertei uma direita bem no seu queixo. A multidão começou a gritar “Briga! Briga! Briga!”. Nos atracamos como dois lutadores. Ele me acertava e eu o acertava duas vezes mais, até que um grito me fez parar.

— O que pensam que estão fazendo? Pareeeeeem! — ela gritava a plenos pulmões. A diaba ainda se pôs entre nós e me encarava, furiosa.

Peguei em seus braços e a puxei para perto de mim. Era agora ou nunca. Não parei para pensar nas consequências, apenas a agarrei e tasquei-lhe o maior beijo. Sua boca era exatamente como eu imaginava: macia e suave. Senti o corpo dela ficar rígido em meus braços. O beijo foi mais rápido do que gostaria, pois o desgraçado, filho de uma cadela, a

puxou e, encarando-me, disse:

— Se tocar mais uma vez nela, eu mato você.

Ótimo. Ia ser assim? Qual era a desse cara? Estava na cara que ele não gostava dela. Ele mal conseguia olhá-la... Ele não via o que eu via. Não via a mulher incrível que ela era.

Vicky permaneceu calada, com uma expressão de confusão. Será que ela estava balançada? Será que consegui atingi-la bem no coração? Juntei toda minha coragem, dei um empurrão no maldito e me aproximei dela. Ela deu um passo para trás.

— Vicky, vamos para casa — sussurrei. Como eu queria que ela me enxergasse.

— O que é isso agora, Alex? Por que está agindo assim? — Sua voz saiu trêmula. Ótimo. Sabia que tinha causado algum efeito nela. Eu sabia.

— Vicky, precisamos conversar, mas não aqui. Não com toda essa gente — falei, com cautela. Ela parecia uma gata assustada.

— Ô, babaca, se liga, cara. Ela não quer nada com você. Não está vendo? — Harry disse entredentes, partindo em minha direção.

— Alex, vá embora. Por favor! — Ela começou a chorar. Suas lágrimas fizeram meu coração parar. — Você me deu uma escolha hoje. Pensei que tivesse ficado bem claro a minha decisão — concluiu, enxugando suas lágrimas.

— Não posso acreditar nisso. Esses anos todos não valeram de nada para você? — perguntei, irritado. A maldita estava preferindo ele a mim? É isso? Aquele babaca? Não estou querendo me gabar, mas eu era mil vezes melhor que aquele idiota.

— Ele só me convidou para ir ao baile, Alex. Você está fazendo tempestade em copo d'água.

— Ele te beijou! O filho da puta te beijou! — gritei, não me importando com a plateia. Sussurros e risadas ecoavam em torno de nós.

— Escuta aqui, seu perdedor, dê o fora antes que te quebre a cara —

ele disse totalmente irritado. Parecia desconcertado. Então, era isso. Ninguém sabia que ele estava ficando com ela... Um cara entre a multidão gritou:

— Harry pegando a gordinha, hein! Quem diria! — O cara começou a gargalhar, acompanhado por todos em volta.

— Além de dar um trato na gordinha, ainda foi chifrudo! — uma mulher gritou. A cara do Harry era impagável. Estava na cara que estava morrendo de vergonha. Sem dizer nada, colocou o rabo entre as pernas, caminhou em direção ao seu carro e entrou, batendo a porta violentamente. Vicky apenas chorava. Eu poderia ir até ela e dizer que a amava, mas eu me poupei de mais essa humilhação. Ela estava cega pelo Harry. Totalmente cega. Se ela soubesse o porquê de eu ter dado uma surra nele no ano passado, ela jamais me perdoaria. Mas não seria eu a contar... Não me arrependo e daria outra surra no infeliz.

Harry passou, cantando pneu. Freou bruscamente ao lado de Vicky. Não consegui ouvir o que disse, mas para ela ter entrado no carro do maldito, ele deve ter sido muito convincente. Filho da puta!

Olhei para a multidão. Alguns se dispersavam e outros ainda riam da minha desgraça. Vi quando Margareth se aproximou, com olhos curiosos. Já estava tão arrependido de ter aceitado o seu convite para o baile... A mulher era chata demais. Que saco!

Caminhei na direção contrária. Deus me livre falar com essa megera naquele momento. Mas a infeliz era pior que uma mula sem cabeça. Impregnava.

— Alex! Alex, espere! — ela gritava, com sua voz fina e irritante. Quando me alcançou, começou a tagarelar. Definitivamente, não era o meu dia. — Nossa! O que foi aquilo? Harry e Vicky juntos? Eu morro e ainda não vejo de tudo nessa vida! — Ela sorriu.

— Me deixe! — vociferei.

— Nossa, que bicho te mordeu?

— Só me deixe, ok? — Ai, que vontade de matar aquela baranga. Que criatura chata. Não sabia onde estava com a cabeça quando aceitei seu convite para a festa. Ah, claro que sabia... Como fui idiota. Um tolo. Realmente achei que causaria ciúmes na Vicky e ela voltaria atrás em sua decisão ao meu pedido. Como fui idiota! Se ela preferia aquele babaca, ok. Só me restava esquecê-la. Mas não queria esquecê-la, não mesmo.

— Olha, eu sei que você gosta dela. Mas ela foi uma vaca com você. Se eu fosse ela, escolheria você ao invés do Harry.

— Ainda bem que sou sortudo — disse, caminhando até minha moto.

— Olha... Sei que não somos muito amigos, mas...

— Escuta aqui, Margareth. Se você quer saber, só aceitei seu convite para fazer ciúmes na Vicky. Você nunca foi amiga dela e ela te odeia. Por isso, achei que seria uma grande oportunidade — disse, com meu olhar ameaçador.

— Ai! Essa doeu — ela disse, sem nenhum pinga de emoção em sua voz. Duvido que a tenha atingido de alguma forma. Criatura sem coração.

— Se me der licença, preciso ir. — A empurrei, subindo em minha moto.

— Não vai querer saber quem ganhou o campeonato? — Ela sorriu. Puta que pariu! O campeonato. Havia me esquecido completamente. Os caras deviam estar furiosos com minha ausência.

— Já saiu o resultado? — perguntei, realmente curioso.

— Sim.

— Quem ganhou?

— A banda do Harry. — Ela revelou seu sorriso diabólico.

— Filho da puta!

— Ele levou sua garota e seus dez mil reais! Não vai fazer nada? — perguntou, aproximando-se demais. Passou suas mãos em minhas pernas vagarosamente.

— O que você quer? — perguntei, sem entender.

— Eu? Alex, a pergunta é: Quem você quer?

E, naquele momento, me dei conta de que falava de Vicky.

— Desembucha. O que está querendo comigo?

— Eu quero o Harry, e você, a Vicky. Simples assim. — Ela sorriu. Será que ela gostava do Harry? Mas por que ela me pediu para ir ao baile com ela, e não o Harry? A não ser que...

— Ele não aceitou seu convite, não é? — perguntei, intrigado.

— Ele me disse que tinha outros planos. E o Jonas me falou que esses planos incluíam acabar com você.

— Desgraçado! Então era isso? Nunca foi sobre a Vicky? — Estava possesso. Era comigo. “O filho de uma cadela vai quebrá-la para acabar comigo!”, pensei.

— Mas é claro que nunca foi sobre ela. Harry odeia a Vicky. Ela não é do tipo de garota que ele anda por aí desfilando. Ele sempre soube que você era caidinho por ela, desde o ano passado, quando deu aquela surra nele.

— Não posso deixá-lo vencer essa — disse, mais para mim do que para ela.

— É, não pode. Afinal, o que rolou na briga do ano passado? Por que vocês se odeiam tanto?

— Ah! Não te interessa. Você faz perguntas demais. — Tenho que ir. Preciso pensar — disse, colocando meu capacete.

— Ok. Me liga! Quero saber os detalhes do plano diabólico.

— Não terá plano nenhum.

— E como pretende recuperar a mulher que você ama? Vai deixá-la para o Harry, assim? Depois de tudo?

— Olha, não sei qual é a sua. Mas se quer ajudar, não me atrapalhe. Quando eu passar por cima do Harry, ele não vai perceber nem quem o atingiu — disse com a voz abafada por causa do capacete. Abaixei o visor, liguei a moto e fui embora. Se era guerra que Harry queria, eu daria a ele com o maior prazer.

Capítulo 7

Vicky

Assim que Alex terminou de cantar, a galera aplaudiu. Eu ainda não podia acreditar que ele teve a coragem de estragar tudo para mim... Eu o encarava, furiosa. Minha vontade era de lhe arrancar os olhos. A julgar pela sua expressão, ele sabia exatamente que eu estava puta da vida. Decidi ir até ele. Precisava dizer o quanto estava sendo imaturo.

Não consegui nem sair do lugar. Assim que vi um Harry totalmente transtornado, voando em minha direção, só consegui tempo para colocar meu copo sobre a mesa. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Harry me puxou pelos braços e saiu me arrastando para fora da boate. Não sabia o que tinha dado naqueles caras, mas já estava ficando de saco cheio daquela competição de “quem mija mais longe”.

Quando chegamos ao estacionamento, Harry ainda tinha suas mãos em meus braços, apertando-me violentamente. Era impossível me desvencilhar dele.

— Harry, você está me machucando — sussurrei.

— Qual é a do seu amiguinho? Vocês estão ficando? É dele que você gosta?! — ele gritou.

— Eu não sei, tá legal? — disse, confusa. Não via sentido nenhum para tudo aquilo.

— Então me explique o porquê daquela ceninha ridícula lá dentro — ele esbravejou.

Ai, Meu Deus! Diga que não estou delirando... Harry Foster com ciúmes de mim? Eu bati com a cabeça?

— Somos apenas amigos. Não sei o que deu nele.

— Mas eu sei o que deu naquele babaca. Eu vou matar aquele idiota!
— ele ainda gritava. Eu sabia que eles se odiavam, mas a intensidade do ódio que vi em seus olhos foi assustadora.

— Solte-a! — Alex gritou. De onde ele surgiu? Mal tive tempo de respirar. Harry soltou meus braços e, virando-se rapidamente, partiu pra cima dele. Foi tudo tão rápido... Alex caiu, batendo com as costas no chão. Onde estava sua camisa? Quando se levantou, ele tinha um corte pequeno nos lábios.

Fiquei parada. Ainda tinha dificuldades para acreditar em tudo o que estava acontecendo. Harry me chamando para o baile, o beijo, a música... A briga estava se intensificando. Vários curiosos gritavam ao nosso redor. Eu não sabia quem estava mais nervoso, nunca havia visto Alex daquele jeito. Parecia possuído. E, se continuasse daquele jeito, um deles acabaria na pior. Decidida a acabar com aquela merda toda, gritei:

— O que pensam que estão fazendo? Pareeeeeem! — Coloquei-me entre eles, encarando o meu melhor amigo de frente. Seus olhos pareciam dizer algo.

Para minha surpresa, Alex me puxou para perto dele. Colou seu corpo no meu, baixou seus olhos até meus lábios e me beijou. Antes mesmo de minha mente processar tudo aquilo, Harry me puxou para perto dele.

— Se tocar mais uma vez nela, eu mato você! — Harry gritou, cerrando os punhos.

Eu não podia acreditar. Não podia acreditar que ele seria capaz de me beijar apenas para atingir Harry. Eu não podia acreditar que fui tão burra em não perceber isso... Eu não entendia. Aliás, não estava entendendo muita coisa desde o dia anterior. Alex estava diferente. Já havia notado seu comportamento possessivo toda vez que mencionava o nome do Harry. Ele

precisava entender que seríamos amigos, independente se Harry estivesse na minha vida ou não. Ninguém jamais iria fazer com que me separasse dele. Alex era e sempre seria a pessoa mais importante da minha vida.

Ele passou por Harry e se colocou diante de mim. Eu me afastei.

— Vicky, vamos para casa — Alex sussurrou. Sua expressão era um misto de dor e algo mais que não consegui identificar. Dei um passo para trás. Não iria com ele.

— O que é isso agora, Alex? Por que está agindo assim? — sussurrei. Estava tão chateada. Ele sempre soube o quanto gostava de Harry. Por que não podia simplesmente ficar feliz por mim?

— Vicky, precisamos conversar. Mas não aqui. Não com toda essa gente — ele disse.

— Ô, babaca, se liga, cara. Ela não quer nada com você. Não está vendo? — Harry disse entredentes, partindo pra cima dele. Alex precisava ir. Harry estava muito exaltado e, se continuasse assim, um dos dois sairia muito machucado. E eu não queria ser responsável por isso... Eu estava sentindo como se estivesse perdendo algo. Eu não queria ter que escolher entre os dois. Não mesmo. Comecei a chorar. Estava tão confusa.

— Vá embora, Alex. Por favor — sussurrei, entre lágrimas. — Você me deu uma escolha hoje. Pensei que tivesse ficado bem claro a minha decisão — falei, enquanto enxugava minhas lágrimas.

— Não posso acreditar nisso. Esses anos todos não valeram de nada para você? — Seu tom foi duro. Qual era a dele, afinal? Eu não podia parar de viver só porque ele se sentia ameaçado.

— Ele só me convidou para ir ao baile, Alex. Você está fazendo tempestade em copo d'água.

— Ele te beijou! O filho da puta te beijou! — ele gritou, assustando-me. Todos em volta me olharam. O que o Harry ia pensar de mim? Ótimo, ia achar que era uma idiota fofoqueira. Ele não tinha esse direito. Não tinha o direito de me expor daquela maneira.

As pessoas começaram a caçoar. Alguns riam, enquanto outros falavam coisas absurdas a meu respeito. Quando começaram a rir do Harry, comecei a chorar. Agora ele iria me matar.

Ele estava furioso. Saiu rapidamente, passando entre os curiosos e indo em direção ao seu carro. Alex permaneceu parado. Ainda me olhava, sem dizer nada.

Harry entrou na BMW, batendo a porta com fúria. Eu estava ferrada. Quando ele parou bruscamente ao meu lado, disse:

— Entre no carro. Agora! — Ele estava com aquela expressão de “entre ou eu te mato”. Por via das dúvidas, achei melhor ir com ele. Aquele show já tinha ido longe demais. Não precisava de plateia para ver o que ele faria comigo.

— Olha, Harry, eu...

— Vitória, apenas fique calada. Tudo bem?

Ele dirigia tão rápido que fiquei assustada. Definitivamente, não era desse jeito que eu tinha em mente morrer um dia. Ele segurava tão forte o volante... Dava para ver os nós de seus dedos empalidecerem. Eu estava começando a me arrepender de ter entrado em seu carro.

Seguimos por um bom tempo em silêncio. Passamos por um condomínio fechado no bairro de Perdizes.

— Onde estamos indo?

— Para minha casa. — Uau! Eu na casa do Harry? Sério?

Quando chegamos, Harry saiu do carro e ficou me olhando com uma cara de babaca do lado de fora.

— O que foi? Vai ficar parada aí até quando? — Sério? Ele não percebeu? Alex sempre abria a porta do carro para mim. Imaginei que Harry também seria um cavalheiro. Saí do carro. Ele estava impaciente.

— Anda logo. Venha — disse, estendendo-me a mão. Harry saiu me arrastando até a porta da sua casa. — Espere aqui. Vou ver se há alguém em casa — sussurrou.

Harry não demorou muito. Abriu a porta e me chamou para entrar em sua casa.

— Não tem ninguém, não precisa temer. Minha mãe está no trabalho e minha irmã ainda está na faculdade.

Eu apenas assenti. Fiquei surpresa assim que Harry se aproximou lentamente e me envolveu em seus braços. Seu cheiro era incrível. Seu rosto estava com um pequeno hematoma devido à briga; mesmo assim, parecia perfeito para mim.

— Não quero que se aproxime daquele babaca! — ele disse entredentes. — Você é minha — concluiu.

— Não vou. Não sei o que deu nele.

— Eu sei. Ele queria me atingir. Sempre quis.

— Eu não entendo essa briga de vocês. Alex é meu melhor amigo e, de uma hora para outra, começou a agir de forma estranha.

— Ele sabe que gosto de você, Vitória. E vai fazer de tudo para nos separar.

— Não vejo o que ele ganharia com isso — disse, confusa.

— Ele ganharia você, Vitória. Como pode ser tão cega?

— Como?

— Não acredito que ainda não percebeu! Alex faz de você um brinquedinho. Ele te exclui do resto das pessoas para que você possa viver somente no mundinho dele.

— Está enganado sobre ele, Harry. Somos amigos há anos.

— Ele é um egoísta. Ele te disse o porquê brigamos o ano passado?

— Não. Ele nunca gostou de tocar nesse assunto.

— Pois você deveria perguntar ao seu amigo.

— O que rolou, Harry? Por que tanto mistério?

— Eu ia te pedir em namoro aquele ano, Vitória.

— Como? — gritei, surpresa. “Será que escutei direito?”, pensei.

— O idiota ficou sabendo e espalhou para a universidade inteira que

eu e você estávamos transando. Eu fiquei puto e parti para cima dele. E o resto você já sabe... Como não sou bom de briga, o filho da puta ainda levou vantagem.

— Não! Ele seria incapaz de dizer algo desse tipo. Ainda mais sabendo que...

— Sabendo o quê?

— Nada — respondi. Harry não precisava saber que ainda era virgem aos 21 anos. Ninguém hoje em dia liga para isso, mas eu não queria que soubesse.

— Ele não me pareceu seu amigo quando começou a espalhar esse boato.

— Ele jamais faria uma coisa dessas.

— Não acredito que sempre foi cega e nunca percebeu que ele manipulava as pessoas para que zombassem de você...

— Não, isso não é verdade. Alex não é desse jeito — disse. Uma lágrima começou a cair.

— Vai preferir acreditar nele ou em mim? — perguntou, agarrando-me ainda mais forte. — Eu sou louco por você já faz um longo tempo. Alex sabia disso. Por isso, sempre arrumava um jeito de te distanciar de mim e das pessoas.

— Ele realmente vem agindo de forma estranha todas as vezes que tocávamos em seu nome.

— Está vendo? Ele quer te afastar de mim. Sempre quis.

— E o que você quer comigo, Harry?

— Eu quero ficar com você. Quero que seja minha. E não quero que volte a olhar para aquele idiota. Prometa-me que ficará longe dele...

— Mas...

— Prometa-me, querida.

— Sim, eu prometo — sussurrei. Então, Harry aproximou seus lábios dos meus e me beijou.

Meu coração estava tão apertado. Lembrar-se de todos os anos que passei ao lado do Alex e ver que tudo não passou de uma mentira me doeu muito. E nem mesmo beijar o Harry pela segunda vez fez com que aquele aperto que estava sentindo em meu coração diminuísse. Pela primeira vez, alguém havia partido meu coração, e essa pessoa era alguém com quem partilhei toda uma vida.

Capítulo 8

Vicky

Harry me levou para casa. Assim que me acompanhou até a porta, deu-me um beijo rápido.

— Não comente com ninguém, por enquanto, que estamos namorando. Tudo bem? — disse ele.

— Sério? — perguntei, confusa. — Eu nem sabia que estávamos namorando — concluí, com um sorriso. Namorando Harry Foster? Me belisca!

— Claro que estamos. Você acha que não fui convincente o bastante quando te disse que você era minha? — Ele sorriu.

— Tudo bem. Não vou falar nada.

— Pelo menos por enquanto... Preciso ter certeza de que ele não fará nada com você por minha causa.

— Quem? Alex? Ele não faria.

— E por que tem tanta certeza?

— Vamos mudar de assunto? — Já estava ficando irritada.

— Nos vemos amanhã. E fique longe dele — disse, dando-me outro beijo casto. Nossa! Eu namorando Harry Foster? Estava louca de vontade de gritar aos quatro ventos o quanto estava feliz. Muito feliz.

Assim que entrei em casa, meu pai estava sentado no sofá, assistindo ao jogo de Corinthians e São Paulo. Como não era fã de futebol, passei pela sala, ignorando-o completamente. Entrei em meu quarto. Precisava de um

bom banho para relaxar. Abri meu *closet* e não demorei muito para escolher o que vestir: peguei meu pijama e uma calcinha e fui direto para o chuveiro. Após um bom banho relaxante, me deitei e deixei com que meus pensamentos fluíssem. Pensei em Alex, em Harry, em tudo que aconteceu naquele dia louco... “Ontem eu era apenas uma mulher sozinha que pensava que tinha um melhor amigo ao lado. Hoje descubro que meu melhor amigo não é tão amigo assim, e, quem eu pensava que me detestava, simplesmente fez uma das declarações mais lindas que uma mulher pode sonhar: ele cantou para mim”, pensei.

Tudo bem, eu sei que Alex também cantou, mas ele só fez aquilo porque queria chatear o Harry. E o pior: me usou para atingi-lo. Depois de todos aqueles anos, teve a petulância de me beijar... na frente de todos, ainda. Jamais seria capaz de acreditar que seria tão baixo a ponto de sair falando mentiras a meu respeito. E eu, tola, acreditando que estava me protegendo das pessoas que zombavam de mim. Talvez estivessem rindo de como eu era tão cega e idiota... Que raiva. Decidi não pensar mais em Alex. Apaguei a luz do meu quarto, puxei meu lençol, ajeitei meu travesseiro e fechei os olhos, decidida a ter o melhor sonho da minha vida: sonhar com Harry Foster.

Despertei, assustada. Assim que abri os olhos, senti uma coisa estranha. Sabe aquela sensação de quando você está sendo observada, que não está sozinha? Eu estava ficando louca ou jurava que estava sentindo alguém respirar bem ao meu lado? Senti-me como nos filmes de terror, quando a pessoa vira e dá de cara com um fantasma. Só que, no meu caso, o fantasma era lindo, tinha nome, endereço e estava bem vivo: Alex. Na mesma hora dei um pulo da cama, puxando o lençol para me cobrir. O susto da bela visão de um homem, apenas de cueca *boxer* branca — da *Calvin*

Klein —, deitado despreocupadamente bem na minha cama, fez com que eu gritasse. Alex despertou no mesmo instante, um pouco atordoado.

— Já amanheceu? — disse ele, com uma voz rouca. Esfregava os olhos e nem se preocupou em cobrir sua nudez.

— O que está fazendo na minha cama?! — gritei, horrorizada. Comecei a andar de um lado para o outro pelo quarto. Tentei refazer a noite anterior... A única coisa do qual me lembrava era o exato momento em que tomei um banho, coloquei meu pijama e deitei para dormir sozinha. Sim, eu estava sozinha. De modo que, certamente, não estava bêbada. Então, como ele tinha ido parar na minha cama? De cueca!

— Seu pai me deixou entrar. Quando cheguei aqui, estava dormindo. Não quis te acordar.

— E, então, se aproveitou para tirar a roupa e se enfiar na minha cama? Céus! — gritei. Estava furiosa. — Se vista. Não quero ter que olhar você pelado — resmunguei. Sabia que estava corando de vergonha.

— Não estou pelado. Estou de cueca. — Ele sorriu. — Não sei porque te afeta tanto. Já me viu assim várias vezes e nunca se incomodou.

— Quando éramos pequenos, Alex. Tem uma grande diferença agora. E o que vão pensar se nos vissem desse jeito? Harry te mataria.

— Que dormimos juntos? — Ele gargalhou.

— Então é isso? — Eu congelei.

— Isso o quê?

— Cadê a foto? — esbravejei.

— Foto? Que foto? — respondeu, parecendo confuso. “Mas, se ele pensa que vou cair nessa, está redondamente enganado”, pensei.

— A foto, Alex! Quero a foto agora ou... — disse, partindo para cima dele e dando socos em seus braços fortes.

— Ai, calma. Está maluca? — disse, tentando se proteger do meu ataque.

— Harry tinha razão. Você é muito desprezível — disse, dando-lhe um

chute nas canelas.

— Do que está falando, Vicky? Vim aqui só para conversar com você. Cheguei aqui e você estava dormindo.

— E?

— Então, deitei-me ao seu lado. Estava tão linda dormindo que me perdi olhando para você. — Sorriu, revelando seus dentes brancos e alinhados. Olhei bem dentro daqueles olhos verdes penetrantes e perguntei:

— Quero a foto que você tirou de nós dois na cama para mostrar para o Harry. Agora! — gritei.

— Agora você está indo longe demais. Como pode pensar que...

— Não seja cínico! — gritei. Estava furiosa. Como não percebi aquele tempo todo que ele só estava me enganando?

— Não tem foto nenhuma. Está delirando — ele disse, enquanto levantava, procurando por suas calças.

— Se não há fotos, me diga a finalidade de você entrar em minha casa, no meu quarto, e se enfiar em minha cama de cueca! — gritei.

— Não me enfiei na sua cama. Eu apenas deitei ao seu lado e acabei pegando no sono.

— Ok. E qual foi a parte em que você perdeu as calças?

— Não vou discutir com você. Está na TPM? Credo! — disse, agora totalmente vestido.

— Harry me disse o que você fez no ano passado.

— Hum... Aposto que deve ter contado alguma lorota e você, tonta, caiu na dele.

— É. Sou uma tonta mesmo. Tonta de achar que se importava comigo quando, na verdade, só estava me usando para acabar com o Harry.

— Não acredito que estou ouvindo isso de você. — Seu tom foi ameaçador. — O que aquele babaca fez com você? Eu vou matar aquele desgraçado.

— Fique longe dele. E, a partir de hoje, de mim também.

— Só pode estar de brincadeira... — Ele arqueou uma sobrancelha.

— Não. Não estou. Harry me fez prometer que ficaria longe de você. E farei exatamente o que ele me pediu.

— Que seja. Cansei disso tudo — bufou.

— Aposto que sim. Agora, Alex... Não precisa sair espalhando que eu e o Harry estamos transando, como fez o ano passado. Você sabe que não estamos. Mas, se você estiver interessado, quando acontecer, posso fazer com que seja o primeiro a saber — disse com lágrimas nos olhos.

Alex ficou parado, totalmente sem palavras. Porém, seu olhar estava obscuro, cheio de ódio. Pegou suas coisas e, quando passou por mim, falou:

— Você está totalmente enganada sobre o Harry. E, se quer saber, assim que ele conseguir o que quer, vai te dar um pé na bunda. E eu vou estar lá, Vicky, apenas para você saber que é a única que está fazendo o papel de idiota e magoando alguém que realmente te ama. É tão tonta que nunca percebeu, não é?

— Alex...

— E tem mais... Já que o Harry é mais importante do que eu, que sempre estive ao seu lado, me esqueça. Esqueça que eu existo e que um dia me conheceu.

— Alex... E-eu...

— Espero que consiga ser feliz com ele. De verdade — concluiu e, virando-se, saiu do meu quarto e da minha vida.

Fiquei ali, parada por algum tempo, descabelada e apenas de pijama. Era um belo dia para acordar e ver que tudo desmoronou em sua cabeça.

Sentia-me estranha e confusa. Não sabia como seria minha vida sem o Alex. Uma amizade de treze anos acabar de forma tão... Não havia nem palavras para expressar tais sentimentos. Éramos adultos, e, se ele não conseguia enxergar que chegaria o dia em que teríamos que seguir em frente com nossas vidas, então, que fosse melhor assim. Só me restaria me

afogar em meu café da manhã — ovos com bacon e uma garrafa de dois litros de *Coca-Cola* — para ver se a tristeza que estava sentindo no momento partiria sem deixar sequelas.

Capítulo 9

Vicky

Acordei às sete da manhã. Levantei-me e tomei um longo banho. Precisava encontrar um jeito de não apresentar meu TCC com a megera da Margareth. Só pensar naquela magricela me dava calafrios.

Como sempre, coloquei minha camiseta da universidade, jeans e tênis. Peguei minha bolsa e parti. Já estava muito atrasada.

Cheguei meia hora depois. Antes que pudesse sair do carro, Margareth estava em pé, diante de mim, com cara de quem comeu e não gostou.

— Você realmente é uma idiota! — ela resmungou. Havia uma quantidade generosa de maquiagem em seu rosto. Estava com um vestido preto curtíssimo e botas até o joelho, sem contar todos os acessórios que compunham seu *look* extravagante e totalmente exagerado — se levar em consideração que ainda não chegava a ser oito da manhã.

— Bom dia para você também — disse, batendo a porta do carro.

— Sabe que está sendo uma idiota, não sabe? — ela insistiu.

— Posso saber o porquê?

— Porque o Harry está usando você. — Ela sorriu.

— E, pelo caminhar da conversa, me diga uma coisa... O que o Alex lhe ofereceu para você dizer isso a mim?

— É... Realmente idiota. — Ela revirou os olhos.

— Sobre o trabalho...

— Já resolvi tudo. Falei com o Vincent e disse que não posso apresentá-lo com você.

— E ele aceitou?

— Claro que não — ela bufou. — Acho que teremos que ser amigas até lá — ela disse, mordendo os lábios.

— Amigas? Não me faça rir, Margareth.

— E, como sua mais nova amiga, devo alertá-la: o Harry não está tão a fim de você.

— Isso é título de filme. — Eu ri. — Soou tão ridículo, Maga.

— Não me chame de Maga, certo? — ela disse entredentes. — Da próxima vez, arrancarei seus olhos. Mesmo sendo sua amiga.

— Você e Alex estão...

— Namorando? — concluiu. — Não.

— Ah!

— Pelo que eu sei, ele é apaixonado por outra garota — disse, arqueando uma sobrancelha.

— Se está tentando me convencer de que eu sou essa garota, esqueça — disse, irritada. — Agora, se me der licença, preciso ir para a aula.

— Ok, *mademoiselle*!

Após a aula, segui para o refeitório. Essa era a hora do dia que mais gostava. Encaminhei-me para a fila. Peguei minha bandeja e me servi. Prato do dia: fritas, arroz, feijão, bife acebolado, panquecas e purê. Havia outras coisas que identifiquei como “verdes”, tipo: alface, brócolis, rúcula... Também alguns legumes. Mas nem morta eu comeria isso.

Então, fiz um prato gigantesco e altamente calórico, para ver se meu ânimo surgia. Comprei uma garrafa de *Coca-Cola* 600 ml e me sentei à mesa.

O refeitório estava uma bagunça. Alguns cantavam e outros riam e gritavam, mas minha atenção se voltou para uma pessoa sentada aos fundos. Estava isolado... Alex me olhava tristemente. Meu coração se

apertou ainda mais. Sempre sentávamos juntos e conversávamos sobre o que fizemos no dia. Excepcionalmente naquele dia, não teria sua companhia. E, certamente, não mais dali para frente...

Quando peguei meu garfo e dei uma espetada em minha batata frita, uma mão puxou minha bandeja para longe.

— Mas que merda é essa?! — Uma voz soou em meus ouvidos. Quando olhei, havia um Harry muito irritado.

— Minha comida...

— Não vai comer essa porcaria! — gritou, empurrando a bandeja para o lado oposto da mesa.

— Harry, eu...

— Vitória, o baile é daqui oito dias. Se continuar a comer feito uma porca, não passará nem um fio de cabelo seu por aquele vestido.

— Harry, eu estou com fome — sussurrei, chateada.

— Fome é psicológico. Tenho certeza de que pode se controlar até chegar em casa e comer algo decente.

— Você está com vergonha de mim? — perguntei.

— Não, claro que não. Só não quero você se acabando nesse prato de comida feito uma desesperada. A não ser que queira ser gorda para o resto da vida — disse, sentando-se ao meu lado.

— Você tem razão.

— Eu sempre tenho razão, Vitória. Admiro muito o babaca do seu amigo nunca tê-la incentivado a fazer uma dieta, já que fica sempre dizendo que gosta tanto de você...

— Alex nunca se preocupou com a minha aparência — disse, irritada.

— Talvez porque ele sabia que, se ficasse mais bonita, ele perderia você.

O que Harry disse fazia todo o sentido. Mesmo assim, não pude deixar de notar que algo nele estava diferente. Eu sabia que não era o estilo de garota que ele desfilava pelas ruas, mas ele não poderia esperar que eu

emagrecesse da noite para o dia.

— Talvez...

— Bom, tenho que ir. Te ligo à noite — disse ele, afastando-se sem ao menos me dar um beijo. Claro... Por que daria se ele havia pedido segredo? Eu precisava ter um pouco mais de autoconfiança. — E, Vitória, vê se não come porcaria, ok? Está ficando enorme — concluiu, dando uma piscadinha.

“É isso. Morrer de fome ou encarar algumas folhas verdes”, pensei. Decidi que morrer de fome não seria tão ruim assim... Melhor que comer folhas. Se tivesse que mudar para agradá-lo, eu faria.

Alex continuava sentado, me observando. Senti meu rosto queimar. Estava corando? Seus olhos verdes penetravam em minha alma. Ele estava tão lindo. Trajava jeans claro e camisa polo branca. Seu cabelo bagunçado o deixava totalmente sexy. Imagens dele apenas de cueca deitado em minha cama fizeram eu me perder em pensamentos. Um calor começou a subir pelo meu corpo... Quando o olhei nos olhos mais uma vez, parecia que podia ler minha mente: estava tão desconcertado quanto eu.

De repente, ele se levantou e seguiu em minha direção. Ajeitei-me em meu assento nervosamente. Alex parou bem atrás de mim e sussurrou, com uma voz rouca e extremamente sensual, em meus ouvidos:

— Não deixe que ele mude nada em você. — Ele roçou os lábios no meu pescoço. Seu movimento deixou minha pele toda arrepiada. — Você é perfeita! Lembre-se: *just the way you are*.

E, com essas palavras lindas e a lembrança da canção que cantou para mim, Alex partiu, deixando um misto de confusão e excitação em minha mente. Eu estava perdidamente confusa.

Capítulo 10

Alex

Não podia acreditar que aquele paspalho fez aquilo com ela. Que otário! Pior foi ela não ter se dado conta disso. O que está acontecendo com ela? Sempre foi tão inteligente... e, agora, estava caindo nessa cilada ridícula. Se Harry pensava que eu iria deixá-lo fazer isso com minha garota, ele ainda não me conhecia. A vontade que tinha era de torcer o pescoço dele.

Eu sabia que ela se importava. Vi quando seu corpo estremeceu quando cheguei perto. Aquele cheiro... A pele suave e perfumada...

— Sonhando acordado, Alex? — Alguém riu, aproximando-se de mim.

— Margareth — bufei.

— E então, cadê o plano mirabolante de acabar com a felicidade do Harry? — disse, enquanto caminhava ao meu lado.

— Ainda não tenho um plano.

— Imaginei. Você é muito devagar, Alex. Fala sério! — disse, impaciente.

— Olha, ela é uma garota teimosa. Eu já disse que o Harry está enganando ela, mas não funcionou. Ela não acredita em mim.

— Por que será?

— Eu nunca dei motivos para ela desconfiar. Mas o Harry andou contando umas mentiras...

— Que tipo de mentiras? — ela perguntou, curiosa.

— Disse que o motivo da nossa briga no ano passado foi porque eu andei espalhando para a faculdade que ele e ela estavam transando — respondi, irritado.

— O quê?! — ela gritou e, em seguida, emendou uma gargalhada profunda.

— Não tem graça nenhuma — disse entredentes.

— Ai, desculpa, não consigo parar de rir! — Ela ainda gargalhava. — Sempre achei sua amiguinha idiota, mas isso? Você desmentiu, não é?

— Não. Não disse nada.

— Outro idiota. — Ela continuou rindo. Comecei a ficar sem paciência de vê-la rindo como uma hiena da minha cara. — Olha, Alex, ela está chateada por isso. Pense. Você nem desmentiu a história... Então, é como se fosse culpado.

— Se ela confiasse em mim, eu não precisaria desmentir. Nos conhecemos há anos, Margareth, e não meses ou dias.

— Ela está enfeitiçada. Só isso. O Harry causa esse efeito nas mulheres, pode apostar.

— Não sei se vou suportar perdê-la para aquele idiota — falei, com toda a sinceridade.

— Só perde quem não luta, Alex. E já estou vendo, na sua cara, a derrota estampada se continuar igual um imbecil, se lamentando — ela falou, aproximando-se.

— Eu sei. Mas ela está cega...

— Então, está na hora de dar uns óculos de grau para ela. — Ela riu.

— Não faça piadas. Não estou num bom momento.

— Ela está vindo aí...

— Aonde?

— Atrás de você. A poucos met... — Não pude terminar a frase. Margareth se jogou em meus braços, me puxando para ela com firmeza. A filha da puta me deu o maior beijo! A vontade que tive na hora foi de jogá-la

na frente de um caminhão a mais de 100 km/h. Quando soltou seus lábios dos meus, teve a cara de pau de me dizer:

— Agora demos a ela o que pensar. — Ela sorriu.

— Ficou maluca? — disse, enquanto limpava a baba que ela havia deixado em minha boca. Quando olhei para ver onde estava a Vicky, apenas vi um vislumbre de seu *Cinquecento* rosa na estrada. Ela havia ido embora.

— Ah! Não fique tão chocado... Ela deve estar morrendo de raiva nesse momento. — A bruxa sorriu, revelando seus dentes alinhados.

— Mas é claro que deve estar puta da vida! Há cinco minutos eu estava passando a maior cantada nela, e ontem mesmo dizendo que a amava — esbravejei. Aquela desgraçada iria arruinar tudo para mim.

— Não seja tão melodramático, Alex. Você não quer saber se ela gosta de você? Então...

— Então, sua burra! Agora ela vai me odiar e se aproximar do Harry ainda mais. Vai achar que sou um babaca.

— Se ela achar isso, é porque não te merece. Para de se lamentar, cruze!

— Você não entende nada disso. Nem sequer gosta de alguém, e fica aí posando de sabe-tudo — disse, nervoso.

— Alex... quero fazer uma aposta com você. Topa?

— Vá para o inferno! — disse, andando em direção à minha moto.

— E se eu te falar que, ainda hoje, a Vicky vai bater na minha porta pra tirar satisfação do beijo que ela viu? — Sorriu.

— E por que acha que ela iria?

— As mulheres são passionais, Alex. Deveria saber disso.

— E o que isso vai provar?

— Vai provar que a deixou confusa. Se ela não gostar de você, ela não vai se importar.

— E se ela não se importar?

— acredite... Ela vai. Prefiro acreditar que ela não seja tão burra

assim — disse, virando as costas e caminhando para longe de mim.

“Ótimo. Agora ando aceitando conselho da megera magricela. Cheguei ao fundo do poço, mesmo...”, pensei. Subi em minha moto, coloquei meu capacete e fui direto para casa.

Chegando, estacionei em frente de casa. O carro da Vicky estava parado em sua calçada... Será que ela estava chateada? Acreditava que não. Ia fazer Margareth pagar por ter feito aquilo... Ah, se ia.

Entrei em casa, colocando meu capacete e a chave da moto em cima do aparador da sala. Jeffrey, meu pai, estava sentado, bebendo cerveja e comendo batata fritas. Ele era aposentado, então, ficava assim quase o dia todo. Não sei como conseguia.

— Oi, pai.

— E aí, filhão! — ele cumprimentou, com um sorriso.

— Vou tomar um banho. Tive um dia péssimo hoje.

— Ei, filho, não tenho visto você com a Vicky. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Por quê? — fingi naturalidade.

— Nada. Vocês são como o cu e a calça, não se desgrudam. — Ele riu.

— Não aconteceu nada. Vou subir e tomar um banho.

Fui para o meu quarto. Tirei meus sapatos, calças, cueca e camisa e joguei no canto do quarto. Peguei a toalha e fui direto para a ducha. Fiz questão de tomar um banho gelado. Meu corpo estava tenso, mas não queria um banho morno.

Assim que terminei, peguei uma cueca limpa e uma bermuda preta. Passei meu perfume preferido: o perfume que a Vicky me deu no meu aniversário: “Joy”, de Jean Patou. Após alguns minutos, ouvi meu pai gritando na escada:

— Alex, atenda a porta! Estou ao telefone.

Desci as escadas rapidamente e, sem olhar pelo olho mágico, abri a porta na maior inocência. Nem vi quando uma mão me acertou no meio da

cara. Quando voltei ao raciocínio, ela estava ali, bem na minha frente, com olhos vermelhos e cheios de lágrimas.

— Eu odeio você! — gritou, esfregando a palma da mão. Pela dor que estava sentindo em meu rosto, ela ficaria com as mãos inchadas.

Eu fiquei parado bem ali, sem reação nenhuma. Estava tentando raciocinar sobre o que Margareth falou. Se ela tinha ido em minha casa, é porque não foi visitar a Margareth... Ou se foi, matou a infeliz, porque, pela intensidade da fúria com a qual me olhava, eu já estava me sentindo morto. Vicky saiu correndo, sem dizer mais nenhuma palavra. Enquanto meu pai...

— *Uhul!* Eu sempre gostei dela. Depois dessa, quero como minha nora.

— Cale a boca, pai.

— Então... Não aconteceu nada entre vocês, hein?

— Já disse que não — resmunguei.

— Espero que nunca aconteça, então. Porque se, um dia, fizer alguma coisa para essa garota, ela mata você — ele disse, gargalhando. — Mulher de fibra, temperamento forte... Já sou seu fã.

Fiquei ali, parado na porta como um otário. Não sabia se corria atrás dela ou se ia até a casa da Margareth cometer um assassinato. Prefери cometer o assassinato. Peguei meu celular e disquei:

— Maldita! — gritei.

— Oh! Olha só, seja mais educado... — ela disse, do outro lado da linha.

— Você arruinou tudo. Ela veio aqui e me deu o maior tapa na cara. Estava chorando e disse que me odiava. Disse não, gritou! — disse entredentes.

— Que bom!

— Que bom? Você me disse que ela iria aí te confrontar! Não disse que me odiaria para sempre.

— Ai, Alex. Está sendo melodramático outra vez. Ódio é melhor que

indiferença. Aprenda isso. E, se isso afetou tanto ela, acredite: ela ama você. E, nesse exato momento, deve estar se questionando o quão burra está sendo em ficar com o Harry.

— Pode ser. Mas vou matá-la do mesmo jeito. Aguarde-me! — disse, ameaçando-a, e desliguei o telefone.

Só queria que ela estivesse certa. Que Vicky descobrisse que realmente me ama e ficasse comigo para sempre.

Capítulo 11

Vicky

“Quem ele pensa que é? Maldito mentiroso. Se ele acha que vou perdoá-lo por isso, está enganado”, pensei.

Saí da casa do Alex furiosa. Minha vontade era de... de... Ah! Nem sei mais. Maldito! Maldito! E ainda teve a capacidade de dizer que me amava! Só podia ser brincadeira.

Entrei em minha casa ainda chorando de ódio. Alex poderia ter feito tudo, tudo, menos ter ficado com a magricela da Margareth. Ridícula. O que ele viu nela? Fui direto para o meu quarto. Na fúria, puxei o lençol da cama e travesseiro e joguei do outro lado do quarto. Acho que os vizinhos escutaram meus gritos. Não contente, ainda precisava extravasar todo meu ódio: peguei o abajur e lancei contra a parede. Vou dizer que não passou a raiva, mas deu uma boa aliviada.

Decidi, então, fazer algumas compras. Precisava comer. Estava com tanta raiva que minha fome multiplicava. Peguei a chave do carro e corri para o supermercado.

Quando voltei, tive uma dificuldade enorme em carregar as compras. Só de chocolate, havia gastado uma nota preta. Quando meu pai viu o sufoco que estava passando para carregar as sacolas, correu para ajudar.

— Meu Deus, Vitória! Vai alimentar um bando? — perguntou, espantado.

— Sem nenhuma palavra, ok?

Quando entramos, peguei tudo do que precisava e me tranquei em meu quarto.

Após dois filmes e muita comida, alguém bateu na porta.

— Vai embora!

— Vicky! Sou eu, Alex.

— Vai para o inferno! — gritei. Cara de pau! Que ódio.

— Vicky, abra. Deixe-me explicar — ele insistiu, batendo mais forte.

Ele ficou lá, batendo, desesperado. E eu, afogando-me em chocolates. Cada batida dele na porta era como se fosse uma facada no meu coração. Eu queria abrir, mas meu orgulho ferido não deixou. Então, resolvi ignorá-lo. Uma hora, ele teria que ir embora.

Após meia hora, eu o ouvi se afastar da porta.

— É isso que você quer, Vicky? É o que você quer? — ele sussurrou. Sua voz me pareceu triste.

— Vai procurar sua namoradinha, Alex. Me esqueça! — gritei.

Então... ele se foi.

Mas, como o Alex era cabeça-dura, ele passou a semana toda infernizando minha vida.

Uma semana depois...

O dia seguinte seria o grande dia. Aquela semana havia sido muito difícil para mim. Depois de ver meu melhor amigo me trair daquela maneira, meu chão se abriu. Ele sempre me dizia que odiava a magricela, mas estava lá, aos beijos com ela. A vontade que me deu naquele momento foi de arrancar a cabeça deles. Fiquei praticamente a semana todo enclausurada em casa, comendo, chorando e vendo filmes de mulherzinha. Só “P.S.: Eu te Amo” assisti três vezes.

Numa noite, meu pai entrou no meu quarto e ficou horrorizado com a quantidade de comida que havia. É, graças ao meu grande amigo, Alex, cheguei aos 100 quilos. Deveria chamá-lo para comemorar.

Harry me ligou inúmeras vezes. Fiquei surpreendida comigo mesma. Eu o ignorei, e isso só o irritou. No dia anterior ele tinha ido até minha casa e meu pai traíra havia deixado que entrasse em meu quarto e me visse naquele estado. Estava rodeada de chocolates, salgadinhos, batata frita e refrigerante. Minha roupa? Completamente imunda. Não tomava banho há dois dias.

Harry ligou o botão do “foda-se!”, e juro, se ele pudesse me matar naquele instante, acho que teria feito. Ele gritava e falava um monte de palavrões. Recolheu todas as minhas guloseimas e jogou no lixo. Meu pai estava parado na porta do quarto, só observando. O maldito não disse nada.

Ponto para você, “papai”.

Após Harry quase jogar as comidas pela janela, ele foi até meu *closet*, invadindo a minha privacidade. Odiei aquilo. Ele abriu minhas gavetas, escolheu minhas roupas e me arrastou para o banheiro. Sem entender nada, comecei a protestar:

— O que pensa que está fazendo?

— Olha para você, Vitória. Está um lixo! — ele falou sem piedade. Nossa! Ele foi cruel.

— Me deixa, Harry. Não pedi para você vir aqui. Posso me virar sozinha — disse, tentando me desvencilhar de suas mãos fortes. Ele era o cara mais bonito que já vi, mas também o mais chato. Tudo tinha que ser exatamente do jeito que ele queria. Isso já estava me irritando.

— O que aconteceu para você cair nessa deprê? Olha para o seu quarto, Vitória. Está parecendo um chiqueiro!

— Não é da sua conta.

— Como não? — perguntou, irritado. — Estou te ligando há dias e você vem me ignorando...

— Ela brigou com o amigo dela — papai disse. Ótimo. O velho iria estragar tudo.

— Você anda vendo o Alex? — ele perguntou, surpreso.

— Não o vejo há seis dias.

— Ele tem vindo quase todos os dias aqui. — Papai e sua boca grande.

— Você me prometeu que ficaria longe dele...

— Pai, dá para o senhor cair fora do meu quarto?

— Negativo. Não vou deixar um homem estranho no quarto com minha filha e...

— Cai fora, pai! — gritei.

E, então, meu pai olhou para o Harry, com aquela cara de “tô de olho em vocês”, e saiu. Harry ficou lá, me dizendo um monte de baboseiras. Obrigou-me até a tomar um banho. Assim que saí do chuveiro e entrei em meu quarto, Harry estava deitado sobre minha cama e o quarto totalmente arrumado.

— Você arrumou meu quarto inteiro? — perguntei, surpresa.

— Você tem algum problema quanto à organização? Posso arrumar de novo.

— Não, está ótimo. — Eu sorri.

— Olha para você... Está bem melhor assim — ele disse, levantando-se da cama e caminhando em minha direção.

— Eu só estou ansiosa. Só isso.

— Ansiosa?

— Com o baile, Harry... Estou ansiosa.

— Pensei ter ouvido seu pai dizer que era por causa do seu amiguinho. — Ele franziu o cenho.

— Eu e o Alex não temos mais nada a ver. Você tinha razão. Ele é um mentiroso.

— Você tem a mim agora, Vitória — ele sussurrou. — Quero que confie em mim. Eu gosto de você.

— Eu sei, Harry. Você tem sido um bom amigo.

— Não, não tenho.

— Como?

— Acho que já é hora de assumirmos nosso relacionamento. Não acha? — ele perguntou, de forma encantadora. Seus olhos brilhavam.

— Você diz... Dizer a todos que estamos namorando? — Sorri. Era tudo o que eu mais queria, pelo menos alguns dias atrás.

— Sim. Dizer a todos que você é minha — ele disse, se aproximando mais e mais.

— Tudo bem pra você?

— O quê? Pedir sua mão para o seu pai ou...

— Namorar uma gorda, digo.

— Não seja ridícula. Você pode muito bem emagrecer — ele disse, passando as mãos em meu cabelo molhado.

— Você sabe que vão ridicularizar você, não sabe?

— Não vou deixar ninguém magoar você, Vitória. Nem mesmo aquele babaca do...

— Shhh! Não toca no nome dele. Por favor — disse, tapando sua boca com minha mão.

— Tudo bem — ele disse, sorrindo. — Agora, posso beijar minha namorada?

— É claro! — respondi. Harry estava sendo maravilhoso. Seu beijo era doce e suave.

Passamos algum tempo no quarto conversando e mostrei a ele minha coleção de filmes. Harry era um amante de filmes. Ele parecia se divertir com tudo aquilo. Descobrimos até algumas afinidades. Harry tinha um sorriso encantador. Adorava o jeito que sorria e me olhava.

Depois de algumas horas, papai bateu na porta do quarto. Não esperou ser convidado, apenas foi entrando.

— Creio que já é tarde, garoto. Hora de ir para casa.

— Pai? Que falta de educação! — disse, irritada. Meu pai, às vezes, passava do limite.

— Já estava de saída, Sr. Becky — disse Harry, levantando-se rapidamente.

— Vamos, te acompanho até a porta.

Descemos as escadas. Harry ainda trocou algumas palavras com meu pai enquanto seguia até a porta para abri-la. Assim que abri a porta, dei de cara com o maldito filho da puta, lindo, do meu vizinho e amigo de infância: Alex.

— Vicky!

Tentei fechar a porta rapidamente, mas ele foi mais rápido.

— Agora não é um bom momento, Alex.

— Eu preciso falar com você — disse, puxando-me para fora.

— Me larga ou eu grito!

— Para de ser idiota. A gente precisa se acertar.

Alex trajava apenas bermuda e tênis. Aqueles músculos maravilhosos ostentando suas tatuagens exóticas estavam me deixando hipnotizada. Olhei para seus olhos verdes penetrantes e disse, com firmeza:

— Meu namorado não vai gostar de vê-lo aqui. Vá embora! — disse entredentes.

Nesse momento, papai e Harry saíram. No mesmo instante, Harry me abraçou e me deu um beijo. Isso só fez piorar. Alex parece que surtou e partiu para cima dele. Eu comecei a gritar, mas foi papai quem os separou.

— Desgraçado. Fique longe dela! — Alex gritou. Quando olhei, tinha sangue nos lábios.

— Você é quem tem que ficar longe da minha garota! — disse Harry, irritado. Papai ainda o segurava.

— Filho da... — disse Alex, não conseguindo concluir porque papai o cortou. Estava uma fera.

— Parem os dois! Se continuarem a brigar, chamarei a polícia — meu

pai gritou.

— Sr. Becky, esse idiota está brincando com sua filha! — Alex disse.

— Vai para casa, Alex — gritei. — Não quero olhar na sua cara.

— Vai se arrepender, Vicky. Por que é tão teimosa?

— Já chega! Quero os dois fora da minha casa agora!

Depois que papai expulsou os dois, fechou a porta e começou a ladainha:

— O que foi aquilo?

— Aquilo o quê? — Me fingi de desentendida. Papai não entenderia se eu dissesse que Alex descobriu depois de um milhão de anos que me ama (o que era mentira, porque estava se esfregando na magricela) e Harry morria de ciúmes do meu ex-amigo perseguidor. — Olha, pai, eu ainda estou tentando entender, ok? Vê se não amola.

Deixei meu pai no meio da sala, com cara de besta. Ele que tirasse suas próprias conclusões. Eu já estava de saco cheio desse “pega pra capar” e fui para o meu quarto. O dia seguinte seria o grande dia e queria estar totalmente descansada para viver o meu conto de fadas. Então, deitei em minha cama, coloquei o relógio para despertar e dormi.

Fiquei o dia inteiro esperando o Harry me ligar, e nada do meu namorado. Deixei inúmeras mensagens na caixa postal e nada. Harry não me retornou. “Será que ficou chateado por ontem? Espero que não...”, pensei.

Alex

Um dia antes...

— Margareth! Margareth! — eu gritava no pé da janela. Estava me

sentindo aqueles babacas que faziam serenata para a amada... Mas, no meu caso, estava gritando e jogando pedrinhas na sua janela. A que ponto a gente não chega por amor, não é?

Após algumas pedradas depois, a magricela abriu a janela.

— Que merda, Alex. Você já olhou as horas?

— 23h30. Não é tarde. Além do mais, ainda falta meia hora para você virar abóbora. — Gargalhei.

— Idiota! Estou descendo. Espere.

Margareth apareceu na porta de entrada após cinco minutos.

— Fala, ô desespero!

— Eu acabei de sair da casa da Vicky.

— E eu com isso? — Ela revirou os olhos.

— E aí que o maldito do Harry estava lá, saindo de dentro da casa no maior papo com o pai dela — disse irritado. — Você ferrou tudo com aquele plano ridículo do beijo.

— Hum... E daí?

— Vai ter que me ajudar a consertar. Pelo visto, já estão namorando. — Pensar na hipótese daquele desgraçado colocando as mãos nela me deixava cego de raiva.

— Eu? Nem morta — disse, dando meia volta para dentro de sua casa.

— Eu preciso desmascará-lo. Preciso mostrar para ela o verdadeiro Harry.

— Isso será fácil.

— Não me diga — disse, sendo um pouco sarcástico.

— Vá até a casa dele, o encha de porrada e tire tudo dele. Tudo.

— E em que isso vai me ajudar?

— Você conhece gravador, Alex? Seu idiota! Faça-o dizer e grave. Depois, você mostra para gordinha.

— Mas como? Não tenho um gravador.

— Espere, eu tenho. Posso te emprestar — ela disse, e desapareceu

porta adentro.

Depois de uma longa espera, Margareth surgiu com um pequeno gravador em suas mãos, sorrindo.

— Aqui está. Grave tudo. E, antes do baile, mostre a ela.

— Farei exatamente isso. Não vou deixar aquele mané tirar proveito dela.

— Coitada! Vai ficar desiludida, já imaginou?

— Não, não ficará. Vou estar lá para ela. Ela não precisará de mais ninguém além de mim.

— Uhul! Quanto amor, hein! — Ela sorriu.

— Boa noite, Margareth. Obrigado pela ajuda.

— Boa sorte, Alex.

Subi na moto, coloquei o capacete e voei para a casa do Harry. “Ele mal sabe o que lhe aguarda. Quero estar presente quando Vicky me der sinal verde para cortar as bolas daquele desgraçado. Vicky será minha. Apenas minha. Minha para sempre”, pensava enquanto pilotava.

Não demorei muito para chegar até a casa do paspalho. “Hoje ele vai ter o que merece. Ele acha que sou idiota? Vai cair do cavalo”.

Estacionei a moto perto da guarita do condomínio fechado. Aproximei-me do vigia e disse:

— E aí, amigo, beleza? Pode abrir para mim?

— Não dá, cara. Sem autorização, não posso deixar você entrar.

— Vou até a casa do Harry Foster. Sou amigo dele de faculdade.

— Harry? Ele ainda não chegou. Saiu faz algumas horas.

— Tudo bem se eu esperá-lo aqui?

— Problema nenhum.

— Valeu, cara.

Fiquei sentado na moto uns quarenta minutos. Nada daquele infeliz... De repente, meu celular tocou; era a Margareth.

— Fala!

— Nossa, como você é gentil. — Ela riu.

— Sem onda, fala logo — disse, irritado.

— E aí? Já conseguiu o que queria?

— Ainda não. Ele ainda não veio para casa.

— Hum... Ele costuma ficar no bar do Pedro, lá perto da faculdade.

Sempre enche a cara com os amigos.

— Vou até lá. É bem perto daqui.

— Tá. Avise-me quando conseguir.

— Pode deixar. Tchau! — desliguei o telefone. Até que uma briga de bar cairia bem. Muito mais emocionante para acabar com aquele maldito...

Liguei minha *Suzuki 1100* e parti. Estava economizando uma grana para comprar um carro. Iria trocar minha belezura por uma *Santa Fe*. Sempre me via no futuro com a Vicky e nossos filhos loirinhos, de olhos azuis, tocando o terror numa viagem de férias. “O que custa sonhar, não é? Ainda está sendo de graça, que eu saiba”, pensei.

Assim que cheguei ao bar, vi o carro do Harry estacionado do outro lado da rua. Margareth sabia das coisas. Não é que o desgraçado realmente estava ali?

Com passos largos, entrei. Não demorei muito para encontrá-lo. Estava sentado com mais três amigos e duas morenas peitudas; uma delas, no colo dele. Filho da puta!

Aproximei-me, de punhos fechados. Minha intenção não era nada boa. A morte seria pouco para o que pretendia fazer com ele. Cara de pau.

— E aí, Harry? — o cumprimentei, batendo o punho na mesa. Ele me olhou.

— Alex?

— Poderia ligar agora para a sua namorada e dizer onde está. O que acha?

— Vai pro inferno! — ele falou, dando um gole generoso em seu uísque vagabundo.

— Eu vou, mas levarei você comigo — disse, pegando na gola da sua blusa e o puxando.

— Me solta! — Ele cerrou os punhos.

— Está com medo de levar outra surra? — Sorri.

— Se encostar um dedo em mim, sabe que terá três em seu encalço — ele disse, enquanto dava sinal para seus amigos se aproximarem.

— Não quero briga — disse, soltando-o. Nesse momento, liguei o botão do gravador.

— Posso saber o que você quer? Ah! Não... Eu já sei, você quer a gordinha ridícula. Coitado. Ela te abandonou, não foi?

— Não. Você é quem está atrapalhando as coisas. Cai fora da vida dela.

— Não! Ainda quero ver você implorar... ver você sofrer. O que é ridículo, porque não sei o que vê naquela gorda chata.

— Limpa a boca antes de falar dela desse jeito! — gritei.

— Ui! Que medo! O garanhão aí tá apaixonado por uma gordinha! E olha que nem sexy ela é.

— Se não gosta dela, Harry, o que faz com ela? Deixe-a.

— Pra quê? Desde que descobri que é apaixonado por aquela ridícula, eu ando me divertindo muito. Ela me ama, sabia? — Ele zombou. — Em alguma coisa eu sou melhor do que você, viu?

— Não, ela não ama você. Ela pensa que ama. Está cega.

— E... você é o cara certinho e metido a besta que irá salvá-la do poderoso Harry?

— Vê se cresce, Harry. Está usando uma pessoa apenas para me atingir. Por que não resolve suas diferenças comigo?

— Porque se divertir com a gordinha e ver você ficar irritadinho de ciúmes me alegra.

— Não vou deixar que a magoe. Eu mato você antes.

— Sabe... Foi muito divertido quando eu inventei para ela que você

havia espalhado para a faculdade inteira que eu e ela havíamos transado. — Ele gargalhou. — Só na cabeça daquela débil, eu iria transar com ela. Se depender de mim, ela morre virgem. Se é que ainda é virgem. Se seguir os passos da mamãe vagabundinha... — ele zombou.

— Seu desgraçado! — Parti para cima dele. Foi um quebra pau. Joguei a cadeira de madeira nele e ele quase me acertou com a garrafa de uísque.

— Pode arrastá-lo para fora. Dá uma surra nesse desgraçado! Tá muito folgado, vive rondando a mulher dos outros — ele disse, arqueando as sobrancelhas.

Os três homens que estavam com ele me arrastaram para fora do bar. Eu já sabia o que me esperava. Iria ganhar sérios hematomas...

Quando chegamos ao estacionamento, Harry se aproximou e disse:

— Depois que eu levar a sua garota para o baile, quem sabe eu não a leve para minha cama também... Se bem que terei que fazer um esforço enorme para conseguir fazer meu pau levantar. Estou muito, muito feliz por ter conseguido tirar você do sério. Você sempre teve tudo, Alex. Tudo. Nunca me deixou vencer e, ainda por cima, mexeu com minha irmã. Não vou perdoá-lo nunca por ter feito aquilo com ela — Harry se posicionou em minha frente e me deu um soco na boca do estômago. Contorci-me de dor.

— Já disse que naquele ano eu não fiz nada. Quantas vezes vou ter que te dizer? Ela é louca, nunca machuquei a Brithany, nunca!

— Não foi isso que ela me disse. E, sendo assim, prefiro acreditar nela. Você vai sofrer a mesma coisa com a sua amada, Alex. Quem sabe eu até filmo o dia em que foder sua amiga e, então, mando o vídeo para a sua casa. Que tal?

— Desgraçado!

— É. Você também é — disse, virando-me as costas. — Acabem com ele.

Depois de alguns socos e chutes, fui amparado por algumas pessoas do bar. Chamaram uma ambulância, mas eu estava perfeitamente

consciente. Eu ria. Todos os ossos do meu corpo doíam, mas eu estava feliz porque finalmente havia conseguido com que o filho da puta mostrasse sua verdadeira face.

Sim, o maldito me deixou todo quebrado, mas, pelo menos, teria minha Vicky de volta. Só isso já valeu a pena cada osso quebrado...

Capítulo 12

Vicky

Acordei e fui direto tomar um banho. Eu teria um dia de princesa! Precisava estar linda para o Harry. Marquei hora no salão de beleza e iria fazer tudo o que tinha direito. Preparei o meu café da manhã, bem light: torradas com geleia de morango e suco de laranja. Meu pai até se espantou, o que me deixou rindo por horas. Ele sempre me viu comer pelo menos três ovos mexidos com bacon frito. Dá até para entender, não é?

Revolvi fazer uma mudança na minha alimentação. Eu sabia que era difícil emagrecer da noite para o dia, mas iria fazer o possível. Queria que Harry ficasse orgulhoso de mim.

Após o café, peguei minhas coisas e fui para o salão. Iria ser um dia muito divertido. Precisava estar linda para fazer jus ao vestido de Cinderela que Harry me deu. Queria surpreendê-lo...

Assim que cheguei ao salão, folhee algumas revistas. Queria achar um corte de cabelo bem na moda. Até cogitei pintar o cabelo, mas não... Não queria correr o risco de alguma coisa dar errada. Então, optei por um corte em camadas. Como meu cabelo era longo e estava em fios retos, daria uma boa valorizada.

Fiquei durante horas e horas na depilação. Foi a pior coisa que já fiz em toda minha vida. Aquilo doía demais! Como tem mulheres que conseguem fazer isso a toda hora? Nossa! Parece mais uma sessão de tortura.

Assim que acabou a sessão “Torturar a Vicky com cera quente”, fui direto para a massagem e, logo após, para uma maravilhosa limpeza de pele. A hora passou tão rápido que já eram 16h30. A festa iria começar em três horas.

Quando terminou, foi a vez da maquiagem. Jane, a maquiadora, fez um excelente trabalho. Ela disse que, como tinha a pele muito branca, não seria legal carregar na maquiagem. Então, passou uma base, realçou meus olhos com uma sombra preta e delineador preto, *blush* bem clarinho e batom cor-de-rosa. Quando me olhei no espelho, quase não acreditei. O que uma simples maquiagem faz, não é? Adorei o resultado final do corte de cabelo. Ficou lindo.

Depois de tudo finalizado, a próxima tarefa era me vestir e esperar pelo Harry. Ele ficou de me pegar em casa às 19h30. Já estava ficando ansiosa. A fome incontável batia forte, mas estava tentando me controlar.

Quando cheguei em casa, já se passavam das seis e meia da tarde. Corri para o meu quarto e entrei no chuveiro, tomando todo o cuidado para não molhar o cabelo e nem detonar a maquiagem. Embora já estivesse limpa, minha pele estava começando a suar.

Após o banho, abri meu *closet* e peguei a caixa azul. Retirei o vestido com cuidado e coloquei gentilmente em cima da cama. Fiquei olhando para ele por longos minutos... Era realmente belo. Como seria o vestido da Margareth? Só de imaginá-la grudada a festa toda com Alex me embrulhava o estômago.

Afastei meus pensamentos e parti para a ação. Queria estar pronta para quando Harry chegasse... Não gostava de fazer com que me esperassem para nada.

Tive algumas dificuldades para colocá-lo. Era tão delicado... A cor cinza combinava perfeitamente comigo. Assim que me olhei no espelho, fiquei contente com o resultado. As rendas eram lindas e davam um ar

sofisticado. O sapato ficou magnífico, embora estivesse rezando para que não tropeçasse e caísse de cara no chão na hora de pegar o diploma.

Eu estava pronta. Apenas alguns acessórios e mais nada. Coloquei o colar de ouro que o Alex havia me dado no meu aniversário de dezoito anos. Guardava-o com muito carinho. O pingente era uma guitarra. Adorava aquele colar. Coloquei também brincos e uma pulseira com pedrarias.

De repente, o som da campainha me congelou.

Meu Deus! Era o Harry? Mas já?

— Vitória... Você tem visita! — meu pai gritou.

Reuni toda a coragem e saí do meu quarto. Quando cheguei na sala, meu coração parou. Que merda era aquela?

— Alex? O que aconteceu com seu rosto? — perguntei, indo em direção a ele. Estava lindo, como sempre, em seu *smoking* preto e com o cabelo bagunçado, mas o que me chamou atenção foram alguns hematomas em seu rosto.

— Você está magnificamente linda! Como uma princesa! — ele falou, sorrindo.

Aproximei-me dele e toquei em seu rosto, dizendo:

— O que fizeram com você?

— Não quero falar disso, Vicky — ele resmungou. — Vim aqui para te dizer uma coisa.

— Alex, me diga que você e Harry não brigaram outra vez...

— Vicky, quer calar a boca? Pode me escutar alguns minutos? — perguntou, impaciente. O que ele tinha? Estava tão esquisito...

— Fale — respondi, revirando os olhos. — Mas terá que me dizer por que está parecendo o *Chucky*, todo ferrado.

— Eu amo você, Vicky. Quero que seja minha namorada, minha noiva e, futuramente, minha esposa e mãe dos meus filhos.

Morri. Meu coração começou a bater forte. Uma sensação estranha e ao mesmo tempo, angustiante. A pancada no garoto foi forte demais, não

estava falando coisa com coisa...

— Alex, eu...

— Cale a boca, deixe-me terminar — ele me interrompeu. — Sempre ameí você, Vicky. Sempre achei que seríamos nós dois. Apenas nós dois — ele sussurrou, pegando em minhas mãos. — Então, veio aquele idiota do Harry e virou sua cabeça... Ele não ama você do jeito que pensa, ele sequer gosta de você. E eu posso provar. Eu até trouxe...

— Pare! Não comece outra vez, Alex. Eu sei que gosta de mim, que quer me proteger, mas eu não sou boba. O Harry gosta de mim, e você sabe disso. Se você veio aqui para falar dele, perdeu seu tempo.

— Está enganada...

— Por que depois de todo esse tempo, você resolveu se declarar para mim? Não vou te excluir da minha vida, Alex, se é isso que te assusta — falei, puxando minhas mãos.

— Sabe o que me assusta, Vicky? Saber que aquela por quem sou apaixonado não está mais aqui. Aquela mulher doce, inteligente e sensata.

— Eu ainda sou eu, Alex.

— Então, isso me assusta ainda mais... Ou melhor, me magoa ainda mais saber que você prefere viver uma mentira a ficar comigo...

— Está sendo exagerado — disse. Eu o amava. Claro que o amava. Mas meus sentimentos estavam confusos. “Eu gosto do Harry e, agora, gosto do Alex. Meu Deus! Estou perdida”, pensei. Alex era um amigo perfeito; Harry, o homem dos meus sonhos. Mas não entendia o porquê do Alex mexer tanto comigo.

— Eu não fiquei com a Margareth — ele disse.

— Não me interessa saber com quem você ficou ou não — disse, irritada.

— Mas você ficou com ciúmes. Foi até minha casa para socar minha cara! — Ele riu.

— É. Não sei por que fiz aquilo, só me deu vontade... E, quando vi, já

tinha dado na sua cara — disse, rindo.

— Está vendo... Você me ama — disse, envolvendo-me pela cintura. — Olhe nos meus olhos e diga.

— Dizer o quê?

— Que você me ama. Que quer ser minha para sempre...

Fiz exatamente o que me disse: olhei bem no fundo dos seus olhos. E, nesse momento, eu me vi refletida em seus olhos verdes-esmeralda. Senti todo o amor que sentia por mim... mas eu estava confusa. Muito confusa. Não queria que desse errado e perdesse ele para sempre. Uma lágrima começou a rolar e, antes que eu percebesse, Alex me beijou. Um beijo doce, suave e cheio de amor. Sua mão corria pelos meus cabelos e a outra estava fixada em minha cintura. Cada vez mais, ele me apertava contra ele. Senti meu corpo todo amolecer e meu coração bater mais forte, com minha pele toda arrepiada com o toque de suas mãos. O gosto da sua boca... Seu cheiro... perfume... Tudo parecia perfeito. Até a campainha tocar mais uma vez.

Afastei-me bruscamente. Ele ainda me segurava.

— É o Harry. Preciso atender — sussurrei.

— Não, você não precisa — ele disse, passando seu polegar em meus lábios.

— Alex, eu... Eu...

A campainha tocava insistentemente.

— É ele quem você quer? Me fala, Vicky. Por que se for, eu vou deixá-la em paz. Eu prometo.

— Eu estou confusa, Alex.

— Pegue isso — ele disse, tirando um envelope branco pequeno do seu *smoking*.

— O que é? — Olhei com curiosidade.

— É a prova que precisa para se decidir. Mas terá que fazê-lo agora.

— Não tenho tempo para isso agora. Não posso deixar o Harry

plantado me esperando e...

— Então, acabou de fazer sua escolha — disse, com uma voz dolorosa.
— Te vejo no baile. Espero que se divirta.

— Alex, me dê um tempo. Depois do baile podemos conversar, e quem sabe...

— Não, Vicky. O seu momento era exatamente agora. Não terá uma próxima.

— Alex, eu...

— Adeus — ele disse, indo em direção à porta. Assim que abriu, Harry estava lá, igualmente lindo. Meus olhos se encheram de lágrimas ao vê-lo partir, mas, pela cara que Harry fez ao vê-lo, era melhor conversar com ele depois do baile e explicar que eu o amava tanto quanto ele. Por ora, eu iria me divertir.

— O que esse mala estava fazendo aqui? O que é esse envelope em sua mão?

— Ah, nada. Um presente. — Olhei para o envelope e o joguei sobre o sofá da sala, não dando muita importância. — Vamos? — disse, entrelaçando meus braços nos dele.

— Vamos. O vestido ficou legal.

— Obrigada.

— Não respondeu minha pergunta...

— Qual?

— O imbecil... O que estava fazendo aqui?

— Nada. Não veio fazer nada — disse, irritada. — Podemos ir?

— Claro.

Entramos no carro. Harry não fez nem questão de abrir a porta para que pudesse entrar. Definitivamente, ele não era tão cavalheiro. Comecei enxergar algumas diferenças entre ele e o Alex. Era notável a diferença. Alex era doce, másculo, sensível, lindo... É, lindo o Harry também era, mas não era nem um pouco sensível.

Quando chegamos ao baile, a primeira pessoa que veio me cumprimentar foi Margareth. Imensa cara de pau.

— Vejo que não ouviu o CD...

— Que CD? — perguntei, confusa.

— É... Tanto trabalho para nada. Você merece mesmo. Burra! — disse, com sua voz de taquara rachada. “Ai, como odeio essa garota!”, pensei.

— Cai fora, Margareth — disse Harry, irritado.

— Tudo bem. Não está mais aqui quem falou. — Ela sorriu. Estava perfeitamente vestida de diabo, com um vestido vermelho estiloso com uma fenda lateral enorme.

Assim que ela saiu, Harry disse:

— Procure uma mesa para nós. Vou dar uma volta e falar com alguns amigos.

— Tudo bem.

Fiz o que me pediu. Peguei uma mesa bem perto do palco. Eu sabia que a banda do Alex tinha sido contratada para tocar e queria estar bem perto.

Fiquei ali sentada por alguns minutos. Todos estavam bem-vestidos. Os homens, elegantes em seus *smokings* pretos. As mulheres, divinamente lindas. A decoração, magnífica. Na pista de dança, em frente ao palco, havia um globo giratório de luzes coloridas e cortina de fumaça.

Passadas algumas horas, comecei a procurar o Harry, com olhos curiosos, por todo o salão. Onde será que havia se metido? Já estava na mesa há mais de duas horas, sozinha. Já tinha bebido, já tinha cantado, cumprimentado alguns conhecidos... E nada do Harry.

De repente, a banda do Alex entrou no palco. Adorava música ao vivo, principalmente se fosse meu melhor amigo gato quem iria cantar. Assim que ele me viu, sentada de frente para o palco, seus olhos correram pelo salão — talvez estivesse procurando por ele também. Então, quebrou o contato visual, balançando a cabeça negativamente. Estava chateada por

Harry ter me deixado sozinha, mas, por outro lado, contente de vê-lo no palco. À medida que ele testava o som, com sua voz rouca e forte, meu coração acelerava.

Após toda a arrumação no palco, ele começou a cantar. O sorriso em meu rosto se desfez na primeira nota. Eu sabia exatamente o que ele estava fazendo: cantando para mim.

Hey Garota

Ele é tudo o que você queria em um homem?

Você sabe que eu te dei o mundo

Você me teve na palma da sua mão...

E, ao som de “*What Goes Around... Comes Around*”, do Justin Timberlake, ele arruinou minha noite. Senti como se fosse uma despedida. Seu olhar acusatório cravado em mim parecia dizer algo como “sua traidora” ou “não vou te perdoar nunca”. Naquele momento, Harry chegou e se sentou ao meu lado, dizendo:

— Esse cara não desiste, não é? Um mal perdedor — disse, sorrindo.

— Onde estava? — perguntei, irritada. — Me deixou igual a uma idiota aqui, sozinha.

— Estava por aí. Eu avisei que iria ver alguns amigos.

— E por que não me chamou para ir junto, se sabia que iria demorar?

— O que foi? Que bicho te mordeu? — perguntou, irritado.

— Sabe o que é, Harry... É que eu tô de saco cheio já. Você quase não fala comigo, não me apresenta para ninguém como sua namorada e não é nem um pouco agradável.

— Quando você estiver mais calminha, eu volto. Não sou obrigado a escutar desaforos — disse, irritado, levantando-se da cadeira.

— Se você sair da mesa, eu vou embora. Pode dar adeus ao seu par para a dança.

— Escuta aqui... Não gosto que fale comigo nesse tom — gritou.

— Não vai me deixar aqui sozinha... Ah, mas não vai mesmo!

— Quem você pensa que é pra dizer o que eu devo fazer?

— Sua namorada e acompanhante — disse, irritada.

— Enlouqueceu? Já sei... Está com dor de cotovelo porque seu amigo Alex está pegando a Margareth — zombou.

— Não é isso. Você está se comportando de uma maneira diferente.

— Talvez porque você esteja insuportável hoje, já parou para pensar?

Talvez Harry tivesse razão. Estava irritada comigo mesma. Não estava conseguindo ver nada com clareza... Quando olhei no palco, Alex nos observava. Eu olhava para ele, para o Harry, pensava em todos os momentos felizes que tivemos juntos... E todos os momentos difíceis em que estive ao meu lado. E sempre, em quaisquer circunstância, Alex esteve lá para mim. Só para mim...

Harry ainda estava sentado na mesa. Olhando-me com curiosidade, perguntou:

— O que foi?

— Percebi que cometi um erro.

— Que erro? Você bebeu?

Harry, percebendo minha aflição, aproximou-se.

— Desculpe. Não deveria ter deixado você aqui sozinha. Mas é que encontrei o Carlos e ele me disse algumas coisas sobre você...

— Sobre mim?

— É... Mas deixa para lá. Não quero deixá-la chateada. Eu mesmo já dei um jeito no seu amigo quando o deixei todo roxo.

— Espere. Do que está falando?

— Alex foi atrás de mim ontem.

— E?

— Quando eu soube que fez uma aposta com Carlos de que ele te tiraria de mim, fiquei possesso e quebrei a cara dele — disse. Isso fazia

todo o sentido. Alex estava realmente todo machucado.

— Aposta? Que aposta?! — gritei. Não tinha escutado isso, não é?

— Seu amiguinho apostou com Carlos e o Beto que tiraria você fácil de mim. Que você era volúvel, manipulável, superficial e um monte de baboseiras.

— Não acredito! — disse, surpresa. Maldito! Por que faria isso?

— Querida... Sempre te disse que ele não gostava de você. Depois que ele espalhou aquele boato de que eu e você...

— Tá, eu já entendi. Cadê o Carlos e o Beto? Quero ouvir isso da boca deles.

— Não confia em mim? — Havia irritação em sua voz.

— Eu quero ter certeza.

— Tudo bem. Vou chamá-los. — E partiu em busca de seus amigos. Quinze minutos depois, Carlos e Beto estavam sentados à mesa, comigo e Harry. Ambos confirmaram a história, e fiquei extremamente chateada. Daquela vez, Alex tinha ido longe demais. Quando a gente confia numa pessoa a ponto de querer se declarar e aceitar o pedido insano que ela fez há algumas horas e ver que tudo não passava de mentiras e mentiras, a decepção é visível. Ele apenas não queria que eu fosse feliz com Harry. Mas por quê? Isso não tinha sentido nenhum.

— Desculpe, querida. Não queria estragar a amizade de vocês, mas não poderia deixar que a enganasse tanto assim.

— Fez bem em me contar. Obrigada — falei, levantando-me. Olhei para o palco. Alex já não estava mais cantando.

— Aonde vai? — Harry perguntou, segurando meus braços.

— Atrás dele, oras. Onde acha que eu vou? — perguntei, irritada. — Ele vai ter que explicar isso direitinho.

— Não. Você não vai.

— Eu vou. E nem ouse me impedir.

Parti como um cão raivoso à procura dele. Em todos os cantos, havia

gente dançando e se divertindo. Depois de andar quase o salão inteiro, eu o encontrei, no maior papo com a magricela. Os dois riam. Aposto que estavam rindo da minha cara... Desgraçados!

— A piada aí deve estar muito boa. Por que não compartilham comigo? Acho que gostaria de rir um pouco também — disse, irritada. Estava furiosa, em chamas. Harry, Carlos e Beto estavam logo atrás de mim.

— Vicky?

— Surpreso, Alex? Achou que eu não descobriria sua sujeira?

— Ei, garota! Olha como fala com ele — Margareth disse.

— Não quero que chegue perto de mim nunca mais. Enquanto eu estiver viva, não quero nunca mais olhar na sua cara! — gritei e dei as costas para ir embora. As lágrimas começaram a aparecer.

— Vicky, espere — disse, agarrando-me pelos braços.

— Me larga! — gritei, dando-lhe uma bofetada.

Na mesma hora, Margareth me empurrou. Se não fosse Harry para me segurar, teria caído no chão.

— Se tocar mais uma vez nele, sua idiota, eu acabo com você! — gritou. Você não sabe o que ele fez para te salvar desse imbecil aí ao seu lado, posando de bom moço.

— Olha se não é a sua cadela de guarda magricela!

Margareth veio para cima de mim, puxando meus cabelos. Foi o maior barraco. Ninguém se atreveu a nos separar. Nem mesmo Harry, que nos olhava, atento.

— Já chega! — gritou Alex. — Parem! — gritou, puxando Margareth.

— Você é uma idiota. E quer saber? Tô adorando tudo isso. Quero ver você se ferrar quando esse aí te chutar.

— Vamos, querida. Não vale a pena brigar com esses perdedores — falou Harry com indiferença.

— Deveria ter ouvido o CD. Não estaria pagando esse mico e sendo tão injusta com Alex — disse Margareth, rindo. — Não sei o que ele viu em

você, sinceramente.

— Do que está falando? Você é uma despeitada. Só porque Harry não te quis, está aí com dor de cotovelo.

— É. Vai sonhando... Mas preciso te agradecer. Já que deixou o Alex livre, terei o maior prazer em tê-lo só para mim.

— Fica quieta — disse Alex.

— Ele não ama você — falei, rindo.

— Pode ser, mas farei com que te esqueça. Pode ter certeza.

— Vamos, Vitória. — Harry me abraçou. — Não chegue mais perto dela, entendeu?

— Não vou. Na verdade, ela é toda sua. Vocês se merecem — disse Alex, irritado.

— Não dá para ganhar todas, amigo. Lembre-se disso — disse Harry, sorrindo. E, então, saímos.

Harry me levou pra casa após a colação de grau. Não estava muito animada, então, pedi para que me levasse pra casa.

Quando cheguei, fui direto para o meu quarto, tirei aquela roupa toda e me joguei no chuveiro. As lembranças daquele dia ficariam para sempre na minha memória... Eu estava arrasada, machucada, confusa, perdida...

O dia seguinte foi um saco. Parecia que estava de ressaca. Não falei com ninguém e não vi ninguém. Estava sentindo falta da única pessoa que me magoou por todos aqueles dias. Éramos inseparáveis... Aquela briga toda, aquele afastamento... estavam me deixando maluca. Lembrar de tudo o que me disse e saber que tudo era mentira me machucava-me demais.

Dois dias depois...

— Bom dia, filha! — disse papai, com um sorriso amarelo.

— Péssimo dia! — resmunguei, enquanto passava manteiga no meu pão crocante.

— Ainda triste?

— Sim.

— O pai do Alex disse ontem à noite que o filho iria se mudar para Nova Iorque.

— O quê?! — gritei e, sem perceber, esbarrei no meu copo de suco. O líquido caiu todo no chão.

— Nossa! Que reação exagerada é essa? Vocês não brigaram? Eu mesmo te ouvi dizer várias vezes que o odiava com todas as suas forças.

— Não! Ele não pode fazer isso comigo — falei irritada, levantando-me da cadeira e correndo em direção à porta. Corri como louca até sua casa. Quando recuperei o fôlego, apertei a campainha. Quando o pai dele abriu a porta, sussurrei:

— Cadê o Alex?

— Vitória?

— Cadê ele?! — gritei.

— Ele foi embora.

— Como foi embora? Pra onde? Com quem? Ele não me disse nada.

— Ei! Não te devo explicações. Você foi a única que ferrou com tudo isso. Meu filho te amava. E você... você o deixou naquele estado! — ele gritou. — Não chegue perto dele. Enganei-me sobre você, Vitória. Sempre achei que fosse a mulher ideal, mas não... Você nunca estará à altura do meu filho — falou, batendo a porta na minha cara. Mas que ousadia... “E agora? O que eu faço?”, pensei. Coloquei a mão no bolso e tirei meu celular.

— Vamos, Alex, atenda! Merda! Merda! — Direto na caixa postal.

Margareth, com certeza, saberia o paradeiro dele. Liguei para ela na mesma hora.

— Alô!

— Não acredito que teve a coragem de me ligar.

— Ei, espere, por favor! Não desligue.

— Diga — ela disse.

— Sabe para onde o Alex foi?

— Agora está interessada? — Ela riu.

— Por favor!

— Eu sei. Mas quero que você vá para o inferno! — gritou. A filha da puta desligou na minha cara.

Até cogitei ligar para o Harry, mas ele seria a última pessoa que saberia. E, por falar em Harry, ele andava me evitando desde o baile. Não atendia minhas ligações... Até cheguei ir a casa dele, mas disseram que não estava. Porém, não ia pensar nisso agora; precisava achar o Alex.

Voltei para casa. Assim que entrei na sala, papai estava no sofá, olhando curioso para um envelope branco. Meu Deus! O envelope! Esqueci-me completamente dele.

— Onde achou isso, pai?

— Estava aqui no sofá, entre as almofadas — disse. Claro, naquele dia estava com tanta pressa que nem dei atenção...

— Me dê isso — falei, puxando de sua mão o pequeno envelope. Quando abri, havia um CD e uma carta. Quando abri a carta, nela estava, colado com durex, um anel de diamante. Um lindo anel de diamante. Meu pai me olhou e disse:

— Uau! O que é isso?

— Um anel — disse, surpresa. Nele, estava gravado: Vitória e Alex. No final dos nossos nomes, um coração. O anel era sofisticado e delicado. A pedra pequena de diamante brilhava intensamente. Rapidamente peguei a carta, e nela estava escrito:

Vicky,

Eu sei que é muito cedo, geralmente as pessoas começam pelo namoro, depois noivado, mas já esperei tempo demais para ter você comigo. Antes de você se questionar se é isso mesmo que eu quero, saiba que não há ninguém no mundo que seja tão importante em minha vida quanto você. Você é perfeita para mim.

Quer se casar comigo?

Seu Alex.

P.S.: Eu te amo!

Oh, meu Deus! Comecei a chorar descontroladamente e minhas mãos tremiam.

“Ele é louco? Por que estou com a sensação de que ele sabia que eu não iria ler isso naquele dia?”, pensei.

— Pai, me dá o CD — sussurrei.

— Aqui — disse, entregando-me.

— Vamos ver o que tem nele...

Assim que coloquei o CD para tocar, reconheci a voz do Alex, Harry e mais algumas pessoas. Estava muito barulho, então, presumi que estivesse em local público. Ouvi tudo com bastante atenção. Estava chocada. Como pude ser tão burra a ponto de acreditar naquele filho da mãe? Alex tinha todo o motivo de estar me odiando naquele momento. Eu fui péssima com ele: não acreditei em nada do que me disse e ainda defendi o Harry.

Quando terminou, quebrei o CD em vários pedaços. Fui para o meu quarto, chorando. Tentei ligar para o Harry várias vezes. Nada. Sempre caía na caixa postal. Mas se ele estava pensando que iria continuar a me fazer de trouxa, estava enganado. Muito enganado.

Peguei as chaves do carro e saí sem rumo. Parei no bar do Pedro. Harry sempre costumava aparecer lá com os amigos. Eu iria ficar ali, plantada, até que o filho da puta aparecesse.

Perdi a noção de quantos copos de uísque tomei. O garçom se

recusava a me servir e pediu para que fosse para casa. Estava bêbada, completamente bêbada. Eu havia perdido o único cara que me deu valor na vida. E não importava a ele se eu era gordinha, ele nunca tentou fazer com que mudasse. O único que me dizia como era linda, mesmo estando descabelada ou totalmente sem maquiagem e com roupas esfarrapadas. Ele se importava comigo, e eu o decepcionei. Eu era a pior pessoa do mundo. Comecei a chorar assim que me lembrei da música que cantou para mim, do Bruno Mars. Por que eu não percebi? Por que eu não li os sinais?

O garçom veio até mim, trazendo um copo de água com limão. Coitado. Acho que se sentia culpado por eu estar naquele estado. Sei lá...

— Beba isso! — disse ele.

— Não quero. Quero morrer de tanto beber hoje — disse, com a voz enrolada.

— Vai acabar passando mal se continuar a beber desse jeito.

— Que seja. Eu mereço! — resmunguei.

Foi, então, que Harry passou pela porta e se sentou à mesa, com mais três amigos: Carlos, Beto e outro cara que não conhecia. Bando de malditos.

Andei cambaleando em direção a eles. Harry olhou em minha direção. O filho da puta estava lindo: sem camisa, expondo aqueles músculos de deixar qualquer mulher excitada, apenas uma bermuda, cabelo bagunçado e aqueles olhos pretos. Eles não me enganavam mais... Não mais.

— O que está fazendo aqui?

— Eu? Bebendo, não está vendo? — disse, rindo, apontando para o meu copo quase vazio.

— Está bêbada. Vou te levar para casa — disse, levantando de sua cadeira.

— Não. Não sou sua namorada? Vou ficar aqui do seu ladinho.

— Vamos, Vitória!

— Ei, atenção pessoal! — gritei para todos no bar.

— O que está fazendo? Tá louca?

— Nada, amorzinho — sussurrei. — Gente, o garanhão aqui tem algo a dizer, mas ele está com vergonha! — disse, ganhando a atenção de todos no bar.

— Vitória! — resmungou. Ele me segurou pelos braços, tentando me fazer sentar.

— Bom... Se ele não quer falar, eu falo! — gritei para todos.

— O que é isso? Vou levá-la para casa. Ficou louca? Carlos, pegue-a enquanto ligo o carro.

— Não coloque suas mãos em mim! — gritei para seu amigo safado e mentiroso.

— Vitória, olha o vexame. Está me fazendo passar vergonha — disse, irritado.

— Esse cara aqui, gente, é um safado, um mentiroso! — gritei, ainda mais alto.

— Chega, Vitória! — gritou, puxando-me.

— Ei, larga ela! — o garçom disse.

— Cale a boca, cara. Não se mete — Harry disse, irritado.

— Você não me ama, não é, Harry? Fala para todo mundo aqui. Diga em voz alta. Diga o que você realmente acha de mim — falei. As lágrimas já começaram a aparecer.

— Para com isso, Vitória.

— Não pode dizer, não é? Será que é porque não quer que saibam que você transou comigo?

— Está louca? — disse, surpreso. Harry ficou totalmente pálido. Algumas pessoas falavam em voz alta ao nosso redor.

— Não é isso que o Alex saiu espalhando para todo mundo? Ele só se esqueceu de mencionar uma coisa: que você foi a pior foda que já tive. Esqueceu de dizer que seu pau é tão minúsculo que não conseguiu nem me levar ao clímax.

— Cale a boca, sua gorda! — gritou. — Jamais iria para cama com

você — disse, irritado. — Quer saber? Eu inventei tudo isso. Só queria dar uma lição naquele paspalho. Como eu sabia que ele era apaixonado por você, me aproximei apenas para tirá-la dele. E você, burra, caiu direitinho.

— O que foi que eu te fiz, Harry? Por que tanto ódio de mim, a ponto de me expor ao ridículo desse jeito?

— Não tenho nada contra você, sério. Você era apenas um alvo fácil. Se bem que nem tão fácil assim... Beijar você era a parte mais difícil. Tive que me controlar muito para não vomitar depois — disse, rindo.

Ouvir tudo aquilo foi um golpe. Um golpe fatal. Eu realmente estava muito arrependida.

— Eu tenho nojo de você, Harry.

— Eu não estou nem aí para o que você pensa de mim. E quer saber? Vá se ferrar!

— E pensar que eu acreditei em você... Como fui burra! — disse, secando as lágrimas que teimavam em rolar.

— Até que você deu sorte de achar alguém que goste de você. Gorda, chata e, ainda por cima, burra. Vê se me esquece!

Harry mostrou realmente seu lado cruel. Muito cruel.

— Agora entendi porque sempre teve inveja dele... Nunca, Harry, nunca chegará a ser um terço do homem que Alex é. Pode tentar sua vida toda. Mas ele sempre será mais homem do que você — despejei toda a minha raiva. Eu era a única culpada e teria que conviver com isso.

Harry foi embora no mesmo instante junto com os seus capangas, e eu fiquei ainda por mais algumas longas horas, bebendo e chorando desesperadamente. Como não podia mudar o que passou, estava disposta a tudo para trazer o Alex de volta. Tudo.

No dia seguinte, acordei com uma ressaca dos infernos. A primeira

coisa que fiz foi tomar um *Advil*. Assim que tomei um banho para tirar o cheiro da bebida, peguei meu celular e tentei mais uma vez ligar para o Alex. Só caía na caixa postal. “Odeio essa maldita caixa postal. Inferno!”, pensei.

Fiquei tentando por horas; sem sucesso. Não almocei, não jantei. Apenas permaneci ao lado do celular o dia inteiro. Maldição! Por que ele não me atendia? Cheguei a deixar alguns recados desesperados em sua caixa postal, na esperança de que ele ouvisse e me ligasse de volta. Mas nada.

Capítulo 13

Vicky

Os dias foram passando e eu me desesperando, sem notícias dele. Fui diversas vezes falar com o seu pai, mas ele se recusou a me dizer onde estava.

Passaram-se dias, semanas, meses... e nada do Alex. Ele desativou o perfil no *Facebook*, não retornava minhas ligações ou *e-mails*... Ele não queria falar comigo. Não estava me dando sequer a chance de pedir perdão.

Papai ficou seriamente preocupado comigo. Não comia, não dormia direito, apenas chorava. Acho que, naqueles cinco meses que não tive nenhuma notícia dele, eu já tinha emagrecido uns dez quilos.

Decidi seguir em frente. Alex, com seu próprio silêncio, deixou claro que me esqueceu. Eu tentaria fazer o mesmo. Só não sabia se iria conseguir...

Foi então que tomei uma decisão: eu precisava sair daquele cenário para esquecê-lo. Tudo ali me fazia lembrar dele, dos momentos que passamos juntos. Não seria fácil estando ali. Eu tinha apenas uma opção: ir morar com minha tia em Paris. Ela era uma estilista famosa, e eu estava com o diploma quentinho na mão. Mudaria de cenário e também teria um emprego. Quando falei com meu pai o que pretendia fazer, ele me apoiou na hora. Disse que seria bom para mim.

De uma coisa eu tinha certeza: eu iria mudar. Todas as burradas que cometi serviram para alguma coisa. A partir dali, não deixaria homem

nenhum me usar. Eu seria a única a fazer com eles exatamente isso: usá-los e depois fazê-los sofrer. E minha primeira meta era emagrecer.

Alex

Cheguei ao hospital após alguns minutos. Fui atendido por duas enfermeiras, que fizeram alguns curativos e me encaminharam para a radiografia. Felizmente, não tinha nada quebrado. Receitaram apenas algumas pomadas e analgésicos.

Assim que fui liberado, lembrei de que havia chegado lá de ambulância e minha moto acabou ficando no estacionamento do bar. Então, tinha somente duas opções: ir de ônibus ou pedir ajuda. Pela hora, duvidava que meu pai fosse me buscar, e também seria um saco ter que explicar porque estava todo quebrado.

Decidi ligar para Margareth. Tirei o telefone do bolso e o gravador. Estavam intactos. Finalmente iria dar uma lição naquele imbecil.

Margareth atendeu no primeiro toque.

— Alô?

— Oi. Sou eu, Alex.

— Isso são horas de me ligar? Já estava dormindo... O que aconteceu? Conseguiu gravar? Pegou a confissão dele?

— Nossa, calma! Está bem elétrica para quem estava dormindo. — Já estava arrependido de ligar para ela. Às vezes, Margareth me irritava. Está certo que ultimamente ela estava sendo prestativa, mas me dava nos nervos.

— Pode me ajudar? Preciso que venha me buscar no hospital — disse, com cautela.

— Hospital? Meu Deus, Alex! O que você fez? Harry está internado?

Você matou o cara? Você é louco? — ela gritava.

— Margareth! Margareth! — gritei. — Harry está bem. Eu não encostei um dedo nele, ok?

— Graças a Deus! E o que está fazendo aí?

— Você vem ou não?

— Tudo bem, eu vou. Mas e sua moto?

— Margareth, estou na Santa Casa. Não demora, tá? Beijo. — Desliguei. Se ficasse prolongando o assunto com ela, não iria para casa.

Esperei uns vinte minutos. E lá vinha ela, com seu Aston Martin branco de causar inveja. Ela saiu do carro, à minha procura. A garota era chata, mas vamos combinar: ela tinha bom gosto. E não é que a louca foi me buscar de pijama? Ou melhor, uma minúscula camisola preta e, nos pés, salto alto. Mulheres...

Assim que me viu, seus olhos se arregalaram.

— Oh, meu Deus! Você está horrível! — Ela riu enquanto abria a porta do carona e eu lentamente me sentei, da melhor forma possível para não doer minhas costelas.

— É, eu sei — resmunguei. — Pelo menos, consegui isto — disse, sorrindo, mostrando o gravador.

— Ao menos isso, não é? Quero ver agora aquela burra acreditar no Harry.

— Ei, olha como fala dela! — me irritei. — Preciso pegar minha moto no bar do Pedro.

— Ok. E agora? O que vai fazer? — ela perguntou, com curiosidade.

— Vou precisar da sua ajuda amanhã. Sei que é o baile e você tem que se arrumar, mas poderia me fazer um favor?

— Claro.

— Preciso que leve um anel para gravar meu nome e o da Vicky.

— Sério? Anel? — ela perguntou, espantada.

— Eu comprei um anel para ela. Está em casa.

— Vai pedi-la em namoro?

— Em casamento. — Sorri.

— Está louco? Casamento?

— É. Por que estaria louco? — Revirei os olhos.

— Vocês nem... Nunca... Ah, você me entende.

— Nunca. Mas e daí? Não vejo problema nisso. — Que garota evasiva...

— E se você casa com ela e no dia das núpcias vê que não...

— Olha, pode parar. Minha vida sexual não te interessa — bufei.

— Uh! Ok. Você quem sabe — disse, com um sorriso irônico. — Você gosta muito dela, não é?

— Não. Eu a amo. É muito diferente.

— Chegamos... Onde está sua moto?

— Do outro lado. Pode me deixar aqui mesmo — disse, tirando o cinto de segurança. — Margareth, obrigado. Você foi muito legal hoje.

— É. Às vezes, eu consigo ser legal. — Ela sorriu.

— Tchau. A gente se vê amanhã.

— Tchau.

Segui para o outro lado do estacionamento e vi que minha moto ainda estava lá. Destravei-a e peguei o capacete, que havia prendido na lateral da moto. Dei partida e segui para casa. Agora, era hora de enfrentar o senhor Jeffrey Alves...

Meu pai devia estar preocupado. Quando cheguei e estava estacionando a moto na garagem, ele já estava ao meu lado, gritando como louco. Quando tirei o capacete, ele quase surtou.

— Onde estava? Já viu as horas, Alex? O que é isso na sua cara? Andou brigando, moleque?

— Eu não estava brigando. Uns caras vieram para cima de mim. Queriam levar a moto e eu não deixei.

— Ah, conta outra. Aposto que deve ser por causa daquela menina.

— Vicky, pai. O nome dela é Vicky.

— Você anda muito esquisito, Alex. Essa garota não tem sido uma boa influência para você. Só fica aí, suspirando o dia inteiro, nervoso porque ela agora tem um namorado...

— Pai, não enche. Ele não é namorado dela. Está enganando ela, se quer saber — disse entredentes.

— Não. Eu não quero saber! — gritou. — Eu gosto dela, Alex. Sua mãe também gostava. Mas você tem que saber a hora de se retirar. Não quero que se magoe.

— Tá. Boa noite — disse, passando por ele e indo para o meu quarto. Por que será que os pais nunca nos entendem?

Tirei minha camisa e vi no espelho que estava com alguns hematomas e arranhões. Minhas costelas doíam um pouco, mas a dor era suportável. Joguei minhas calças na cama e fui direto para o chuveiro. Precisava de um longo banho para relaxar. Estava exausto e cansado. Dentro de algumas horas, eu iria tê-la só para mim.

Saí do chuveiro e me deitei na cama como estava, com meu corpo ainda molhado. Estava uma noite muito quente. Liguei meu *iPod* e adormeci ao som de *Hurricane*, do Thirty Seconds to Mars.

Logo pela manhã, fui acordado por uma campainha irritante. Meu *smoking* havia acabado de ser entregue. Lembrei que havia combinado com Margareth de levar o anel para ela levar à joalheria. Queria surpreender a Vicky com o pedido de casamento... Será que ela iria gostar? Esperava que sim.

Abri a caixa de joias da mamãe e peguei o anel de diamante. Ela havia me dado e pedido para que eu presenteasse a mulher com quem queria passar o resto dos meus dias. E essa mulher era ela: Vitória Becky.

Saí de casa sem tomar café. Cruzei a rua e fui direto para a casa da

Vicky. Seu pai atendeu e disse que ela havia saído bem cedo para o salão. Voltei para casa. Precisava tirar o cartão de memória do gravador e fazer uma cópia em CD. Só assim poderia entregar para a Vicky, para ela ver o quanto estava sendo enganada por aquele maldito.

Enquanto gravava, a campainha tocou. Depois de alguns minutos, alguém bateu na porta do meu quarto. Era Margareth.

— Oi — disse, sorrindo. — Seu rosto já desinchou, mas ainda está horrível.

— Oi. É, estou passando pomada. Mas seu par aqui está estragado para hoje à noite — gargalhei. Margareth era toda metida. Sei que não seria fácil para ela aparecer comigo com a cara toda machucada.

— Seu pai está zangado. Ele não gosta da Vicky?

— Ele gosta. Só acha que eu mereço alguém que me valorize.

— Ah, nisso eu concordo com ele. — Ela sorriu. Não havia reparado, mas ela estava bonita. Miniblusa branca, short jeans, chinelo Havaianas e totalmente sem maquiagem. Bem casual. Dificilmente iria vê-la nessa versão outra vez. Só a via com roupas de grife e toda maquiada.

— Vim buscar o anel. Preciso deixar para gravar enquanto me arrumo no salão.

Tirei o anel do bolso e disse:

— Cuidado com ele. Era da minha mãe.

— Céus! Isso é diamante? — Ela esbugalhou os olhos.

— É. Vale uma nota preta. Herança de família. Se você perder isso, eu mesmo mato você.

— Essa garota tem muita sorte, e nenhum miolo na cabeça. — Sorriu.

— Espero que ela goste.

— Gostar? Está louco? Se ela não gostar, eu é que vou cometer um assassinato. O anel é lindo, Alex. Lindo.

— Bom... A gravação está quase pronta. Assim que você terminar, me traz o anel e irei falar com ela.

— Combinado. Vou nessa. Qualquer coisa, me liga — ela disse, dando-me um beijo no rosto.

— Nos vemos mais tarde.

Após algumas horas, meu pai apareceu em meu quarto. Eu estava ouvindo o CD. Eu só percebi que estava lá, sentado na minha cama totalmente concentrado, quando disse:

— Pelo visto, conseguiu o que queria.

— Ainda não, mas vou — disse, dando um sorriso.

— Essa menina tem muita sorte de ter você, Alex. Espero que te faça feliz como você merece.

— Eu também tenho sorte em tê-la, pai. Ela é uma mulher incrível. Sempre foi.

— Espero que sim — disse, com a voz trêmula. Meu pai era um pouco duro na questão “amor”. Após a morte da mamãe, ele se fechou e nunca conseguiu seguir em frente.

Depois de algumas horas, liguei para Margareth. Estava demorando demais. Já passava das quatro da tarde e nada do anel. “Será que aquela louca fugiu com ele? Eu mato. Não, claro que ela não faria isso. Não seria louca”, eu pensei.

Resolvi colocar o *smoking*. Era uma coisa muito chata, mas necessária.

Quando o relógio marcou seis da tarde, ouvi um carro estacionar na garagem. Era Margareth. A visão que tive pela janela do meu quarto foi de tirar o fôlego: ela saiu de seu Aston trajando um longo vestido vermelho, com uma fenda lateral enorme. Se ela queria causar com aquele vestido, a danada estava no caminho certo. Homem nenhum resiste a uma mulher vestida de vermelho. Estava linda. Desci as escadas e corri para abrir a porta.

— Oi, Alex. Desculpa, peguei muito trânsito — disse, sorrindo. — Uau! Está um arraso! Se não fosse essa cara toda ralada, estaria perfeito.

— Eu já ia colocar o BOPE atrás de você — disse, fazendo uma cara de

bravo. — Vamos logo, não vai dar tempo de falar com ela desse jeito. Olha a hora!

— Ha-ha-ha! Muito engraçadinho. Aqui é São Paulo, *baby*. BOPE somente no Rio.

— Foi exatamente por isso que você teve sorte. — Sorri. — Cadê o anel? Vai, me dá logo! — disse, desesperado. Estava perdendo tempo demais.

— Está na bolsa. Espere — disse, enquanto vasculhava sua minúscula bolsa da *Prada*.

— Aqui. Veja se está bom.

Peguei o anel. Estava curioso. Quando li “Alex e Vicky”, e no final um coração desenhado, não poderia ter sido mais perfeito. Mamãe ficaria orgulhosa.

— Obrigado, Margareth. — Meus olhos começaram a encher de lágrimas.

— Ah, pelo amor! Não chore agora. Deixe para o momento de impressioná-la — ela disse, com um sorriso torto, revelando seus dentes brancos e alinhados.

— Fiz uma carta para ela. Coloquei o CD dentro do envelope com a carta.

— Legal. Cadê a caixinha do anel? — ela perguntou.

— Caixinha? Que caixinha? — disse, confuso.

— Alex, a caixinha! Você tem um anel de diamante que vale uma fortuna e não comprou uma caixinha? Meu Deus! — ela disse, impaciente.

— Ah, não precisa de caixinha. Ela vai colocá-lo mesmo — disse, abrindo o envelope e a carta.

— O que vai fazer?

— Vou colocar o anel dentro da carta.

— Jura? Que brega! Quando ela abrir, o anel irá cair no chão e quebrar a pedra de diamante.

— Será? — perguntei, confuso. Por via das dúvidas, peguei o durex em cima da estante e coleí o anel contra a carta. Depois, fiz três dobras, para garantir a segurança do diamante.

— Oh, meu Deus! Não creio no que estou vendo! — Margareth quase surtou ao me ver colar o anel com um pedaço de durex.

— Pelo menos está seguro agora.

— Que pobreza! Se um cara me desse um anel assim, eu bateria nele.

— Duvido.

— É. Acho que não — disse, zombando de mim. “Esse senso de humor dela me acaba”, pensei. — Vai, cara, corre lá e pega sua garota. Já está em cima da hora.

— Tá. Deseje-me sorte. Espere aqui... Já venho buscá-la para irmos nós três ao baile.

— Boa sorte!

Quando apertei a campainha, o Sr. Becky atendeu.

— Boa noite, Sr Becky.

— Alex? Pensei que a Vicky iria ao baile com o Harry — disse, me olhando confuso.

— Posso dar uma palavrinha com ela? Só não diga que sou eu, tudo bem?

— Jovens! — disse ele, revirando os olhos. — Vitória... você tem visita! — ele gritou.

Estava plantado perto da porta, tremendo, todo arrumado e com o envelope que iria mudar minha vida na mão. Quando ela apareceu, não pude pensar em mais nada. Estava linda! Ela me olhou, confusa. Veio em minha direção, com o semblante sério.

— Alex? O que aconteceu com seu rosto? — perguntou, espantada.

— Você está magnificamente linda! Como uma princesa! — disse, soltando o ar que mal percebi que segurava.

Ela se aproximou ainda mais e, com sua mão suave, tocou meu rosto machucado.

— O que fizeram com você?

— Não quero falar disso, Vicky. Vim aqui para te dizer uma coisa.

— Alex, me diga que você e Harry não brigaram outra vez...

“Eu, todo machucado aqui, e ela preocupada com esse maldito. Qual o problema dela?”, pensei.

— Vicky, quer calar a boca? Pode me escutar alguns minutos?

— Fale. — Ela revirou os olhos, fazendo pouco caso. — Mas terá que me dizer porque está parecendo o *Chucky*, todo ferrado.

Era agora ou nunca.

— Eu amo você, Vicky. Quero que seja minha namorada, minha noiva e futuramente minha esposa e mãe dos meus filhos.

Meu Deus! Eu disse aquilo mesmo? Olhei para ela... Estava paralisada. Acho que peguei pesado. Foi muita informação.

— Alex, eu...

— Cale a boca, deixe-me terminar — interrompi. Se ela continuasse a falar, o plano iria por água a baixo. — Sempre amei você, Vicky. Sempre achei que seríamos nós dois... Apenas nós dois — sussurrei, tocando suas mãos. — Então, veio aquele idiota do Harry e virou sua cabeça. Ele não ama você do jeito que você pensa, ele sequer gosta de você. E eu posso provar. Eu até trouxe...

— Pare! Não comece outra vez, Alex. Eu sei que gosta de mim, que quer me proteger, mas eu não sou boba. O Harry gosta de mim, e você sabe disso. Se você veio aqui para falar do Harry, perdeu seu tempo.

— Está enganada! — disse entredentes. “Por que ela continua defendendo esse babaca?”, pensei.

— Por que depois de todo esse tempo, você resolveu se declarar para

mim? Não vou te excluir da minha vida, Alex, se é isso que te assusta — disse, puxando minhas mãos.

— Sabe o que me assusta, Vicky? Saber que aquela por quem sou apaixonado não está mais aqui. Aquela mulher doce, inteligente e sensata...

— Eu ainda sou eu, Alex — ela sussurrou. Mas não era ela... A Vicky por quem me apaixonei era inteligente, doce, meiga...

— Então, isso me assusta ainda mais... Ou melhor, me magoa ainda mais. Saber que você prefere viver uma mentira a ficar comigo...

— Está sendo exagerado — disse

— Eu não fiquei com a Margareth — disse. Não sei porque senti a necessidade de explicar a ela que aquele beijo que ela viu não significou nada para mim.

— Não me interessa saber com quem você ficou ou não — disse, irritada.

— Mas você ficou com ciúmes. Foi até minha casa para socar minha cara! — Sorri.

— É. Não sei por que fiz aquilo, só me deu vontade... E, quando vi, já tinha dado na sua cara. — Ela riu também.

— Está vendo... Você me ama. — A abracei pela cintura — Olha nos meus olhos e diz.

— Dizer o quê?

— Que você me ama. Que quer ser minha para sempre — disse. Meu coração foi a mil batidas por segundo.

Ela me olhou por mais tempo do que gostaria. Ela estava confusa? Antes que pudesse ter a chance de pensar, beijei-a. A boca dela era macia e tinha um leve gosto de morango fresco. Meu corpo todo se contraiu. Agarrei sua cintura com uma mão e alisei seus cabelos dourados macios. O perfume dela me inebriava... Senti o corpo dela responder ao meu. Estava toda arrepiada. “Acho que não serei capaz de viver sem ela. Jamais!”, pensei.

A campainha tocou. Não precisava ser um gênio para saber que era o maldito. Ela se afastou rapidamente, mas eu a segurava com firmeza. Não iria escapar sem me responder.

— É o Harry. Preciso atender — ela sussurrou.

— Não, você não precisa. — Maldito! Tinha que chegar bem na hora?

— Alex, eu... Eu...

E o idiota continuava a tocar a campainha. Droga!

— É ele quem você quer? Me fala, Vicky. Porque se for, eu vou deixá-la em paz. Eu prometo.

— Eu estou confusa, Alex.

— Pegue isso — disse, pegando o envelope do bolso. Nele tinha a carta com o anel e o CD.

— O que é? — Olhou com curiosidade.

— É a prova que precisa para se decidir. Mas terá que fazê-lo agora — disse. Ela tinha que ouvir. O mais rápido possível...

— Não tenho tempo para isso agora. Não posso deixar o Harry plantado me esperando e...

— Então, acabou de fazer sua escolha — disse. Que merda! Que garota exasperante. — Te vejo no baile. Espero que se divirta — disse, virando as costas para ela.

— Alex, me dê um tempo. Depois do baile, podemos conversar e quem sabe...

— Não, Vicky. O seu momento era exatamente agora. Não terá uma próxima.

— Alex, eu...

— Adeus. — Fui em direção à porta. Quando abri, dei de cara com o filho da puta maldito. Ele me olhou e fez uma carranca. Que vontade de quebrar aquele desgraçado. Se ela queria viver com aquele otário, ótimo. Não ia ficar me humilhando.

Corri para casa. Com a raiva que estava, certamente mataria um.

Quando passei pela porta, Margareth e meu pai conversavam alegremente. Os sorrisos em suas caras desapareceram quando me viram chorar. É... Chorei igual a um bebê desesperado. Não tenho vergonha em dizer. Sei que não seria menos macho assumindo meus sentimentos.

— Alex! — Margareth correu para me abraçar. — Ela não aceitou o pedido de casamento?

— Casamento?! — meu pai gritou. — Que casamento?

— Agora não, pai — disse, afastando Margareth de meus braços.

— O que foi que ela disse? Ela ouviu o CD?

— Não. Ela sequer abriu o envelope.

— Não brinca! — ela gritou.

— Do que vocês estão falando? Por que ele tá chorando feito uma mariquinha? — meu pai resmungou.

— Ele foi pedir a Vicky em casamento. Parece que ela não aceitou.

— Esse moleque está louco?

— Ei, eu ainda estou aqui! — gritei.

— Cadê o anel de diamante? — ela sussurrou.

— Anel de diamante? Diamante? Você deu um anel de diamante pra ela? Surtou?

— Vocês querem calar a boca! — gritei. — É, eu dei a porra de um anel de diamante para ela. — Eu ri nervosamente. — A idiota nem abriu o envelope. Então, também não viu o anel ainda.

— Eu vou lá socar essa retardada. Como ela pode fazer isso?

— Ela não ouviu o CD. O Harry chegou antes da hora e eles saíram.

— Como? Não mostrou a porra da gravação pra ela, Alex? Meu Deus! Um pior que o outro.

— Não deu tempo, tá legal?! — gritei.

— Você está todo fodido por causa daquela garota e não mostrou o CD pra ela?

— É por causa dela que ele tá assim? — meu pai falou, irritado. O

velho ficou irado. — Não quero mais ver você com ela. Você não tem dignidade, filho?

— Pai, eu a amo...

— Pra tudo nessa vida tem limite, Alex. Até para se humilhar. Se essa garota gosta de você, pode ter certeza de que ela vai cair na real sem você precisar se humilhar.

Margareth estava furiosa e meu pai puto da vida. Olhei no relógio: sete e meia da noite. Eu precisava ir. Minha banda iria tocar em duas horas no baile. Se não fosse pela Margareth, que me ajudou durante todos aqueles dias, eu não colocaria os pés naquela festa. Mas não seria justo com ela... Então, me recompus e disse:

— Vamos. Temos uma festa para ir.

— É. Vamos — ela disse.

Tudo estava sem graça. Completamente sem graça. O pior de tudo foi vê-la ali, sentada sozinha na mesa, e aquele desgraçado se divertindo. Tão linda! Olhei para a banda no palco e disse:

— Quero tocar Justin Timberlake.

— Não está no repertório, Alex. Tem alguns músicos que não sabem as notas — disse Alan, o guitarrista da banda.

— Se virem. Eu quero tocar, e que se foda o repertório!

Eu cantaria diretamente para ela, olhando bem naqueles olhos azuis. Queria que ela sentisse minha alma triste e vazia... Queria que ela soubesse que estava me fazendo sofrer. Só queria que ela soubesse. Antes de cantar, procurei por ela. Estava me olhando. Balancei a cabeça em negativo. Ainda estava sozinha... Se estivesse comigo, seria tão diferente. Jamais ficaria sozinha ou se sentiria sozinha.

Quando comecei a cantar, ela percebeu que cantava para ela. Eu fiz

questão que ela soubesse que estava puto da vida. Ela deveria ter me escutado, mas, em vez disso, preferiu ficar ao lado daquele babaca para ser jogada numa mesa sozinha.

Quando terminei, fui direto encontrar Margareth. Ela estava sentada perto do *barman*, conversando com um cara.

— Estou interrompendo alguma coisa? — disse, num tom agressivo.

— Desculpe. Não sabia que a moça estava acompanhada. — O sujeito quase caiu de sua cadeira. Estava pálido. Margareth começou a rir.

— Ela está. Então, cai fora! — O sujeito, todo desconcertado, saiu de fininho. Então, sentei ao lado dela.

— Nossa, você é mau — ela falou, ainda sorrindo.

— Você não viu nada, querida — disse, rindo.

Margareth e eu ficamos rindo como dois idiotas. Acho até que ela levou numa boa eu ter atrapalhado a paquera dela. Ela era divertida.

— Ainda bem que me salvou. O cara era um idiota. — Riu.

— Sou seu cavaleiro numa armadura reluzente, princesa?

— Nossa, que brega! — Ela gargalhou.

— A piada aí deve estar muito boa. Por que não compartilham comigo? Acho que gostaria de rir um pouco também... — Ouvi uma voz irritada atrás de mim. Quando olhei, Vicky estava com cara de poucos amigos. Ao seu lado, Harry e mais dois caras: os mesmos do bar, na noite anterior.

— Vicky?

— Surpreso, Alex? Achou que eu não descobriria sua sujeira?

“Sujeira? Ela é louca?”, pensei.

— Ei, garota! Olha como fala com ele! — Margareth levantou, gritando.

— Não quero que chegue perto de mim nunca mais. Enquanto eu estiver viva, não quero nunca mais olhar na sua cara! — Vicky gritou e deu as costas para mim. Que maluquice era aquela? O que eu tinha feito?

— Vicky, espere — disse, agarrando-a pelos braços.

— Me larga! — ela gritou e partiu para cima de mim, me dando uma bofetada.

Só vi a hora em que Margareth partiu para cima dela com tudo.

— Se tocar mais uma vez nele, sua idiota, eu acabo com você! — ela gritou. — Você não sabe o que ele fez para te salvar desse imbecil aí ao seu lado, posando de bom moço.

“Ah! Não sabe mesmo. Minhas costelas estão doendo até agora”, pensei.

— Olha se não é a sua cadela de guarda magricela!

“Ótimo. Agora ela foi longe demais...”, pensei.

Não pude conter Margareth. Ela voou para cima da Vicky, arrancando os cabelos dela. Que horror!

— Já chega! — gritei. — Parem! — Puxei Margareth.

Pela raiva da garota, ela poderia matar a Vicky.

— Você é uma idiota. E quer saber? Tô adorando tudo isso. Quero ver você se ferrar quando esse aí te chutar — Margareth destilou seu veneno.

— Vamos, querida. Não vale a pena brigar com esses perdedores — falou Harry. “Que vontade de quebrar a cara daquele sujeitinho metido a besta... O que a Vicky viu nesse cara? Nem acredito que perdi meu tempo tentando fazê-la abrir os olhos”, pensei.

— Deveria ter ouvido o CD. Não estaria pagando esse mico e sendo tão injusta com o Alex — disse Margareth, rindo. — Não sei o que ele viu em você, sinceramente.

— Do que está falando? Você é uma despeitada. Só porque Harry não te quis, está aí com dor de cotovelo...

— É, vai sonhando. Mas preciso te agradecer. Já que deixou o Alex livre, terei o maior prazer em tê-lo só para mim.

— Fica quieta! — Margareth só piorava as coisas.

— Ele não ama você — falei, rindo.

“Novidade! Ainda esfrega na cara”, pensei.

— Pode ser... Mas farei com que te esqueça. Pode ter certeza.

— Vamos, Vitória — o maldito disse, puxando ela. — Não chegue mais perto dela, entendeu?

— Não vou. Na verdade, ela é toda sua. Vocês se merecem — disse, irritado. Se ela queria ficar com aquele mané, então, boa sorte.

— Não dá para ganhar todas, amigo. Lembre-se disso — disse Harry, sorrindo. Se não estivesse todo dolorido, eu juro que quebrava os dentes desse cara.

Eles partiram, deixando-nos sozinhos. Margareth ainda soltava fogo pelo nariz. Garota brava!

— Sem nenhum comentário — disse, elevando meu tom de voz. Já estava de saco cheio de gozação.

Margareth e eu ainda ficamos um bom tempo na festa. Dançamos, e ainda cantei mais algumas músicas. Mas eu não estava legal. Estava deprimido e irritado demais. Não estava sendo uma boa companhia. Não vi a Vicky depois da briga. Esperava que ela tivesse a decência de me explicar que merda foi aquela.

Margareth se prontificou a me levar para casa. Estava sendo uma excelente amiga. Jamais esperava que fosse me defender tanto assim. Nem em sonhos. Naquele dia pude ver um novo lado dela, um lado que me fez enxergar que, às vezes, nós rotulamos as pessoas e nem sempre elas são como nós imaginamos. Às vezes, as pessoas nos surpreendem, o que foi o caso dela.

Quando cheguei em casa, meu pai estava dormindo no sofá. A televisão estava ligada e havia várias garrafas de cerveja espalhadas pelo móvel da sala. “Esse velho não aprende mesmo...”, pensei.

Passei direto e fui para o meu quarto. Tirei meu *smoking* e caí na cama, apenas de cueca. Não tinha forças e nem vontade de tomar um banho. Só queria dormir e esquecer esse dia de cão. E, no dia seguinte,

quem sabe, Vicky caísse na real e aparecesse, dizendo sim ao meu pedido de casamento.

No dia seguinte, fiquei esperando o dia todo por uma ligação dela. Nada. Nada. Nada... Olhei várias vezes pela janela. Nada da Vicky. Ela já deveria ter lido minha carta. Por que não tinha ido me ver?

Fiquei na espera. Quando anoiteceu, só pude imaginar que ela não havia lido ainda. Por isso ainda não tinha me procurado...

O resto da noite fiquei trancado em meu quarto. Roubei algumas garrafas de cerveja do meu pai. Nas minhas contas, havia bebido doze garrafas sozinho. Estava bem alegrinho... O dia seguinte foi a mesma coisa. Acho que nem me lembro se tomei banho naqueles dias... Comer eu sei que não comi. Não saí do meu quarto para nada. Ainda estava sem roupa, com a mesma cueca do dia anterior. Não me lembro de tê-la trocado. Se troquei, também não me lembro. Nossa... Minha cabeça estava girando. Estava mal. Quando a ânsia bateu, corri para o banheiro e vomitei. Estava bêbado... muito bêbado. Eu ria sozinho. Não sabia nem o porquê de estar rindo.

Meu celular tocou. Olhei no visor, na esperança de ser ela. A minha decepção foi visível: era a Margareth.

— Oi, fofinho — ela disse.

— E aí?

— Você está legal?

— Hum-hum... Doze cervejas, sem comer há dois dias... Acho que estou com a mesma cueca do baile e vomitando feito louco. Estou ótimo — disse, rindo.

— Uau! Tá um caco, então. Tô indo aí, relaxa — ela disse e desligou. Não me deu chance nem de protestar.

Capítulo 14

Adeus, Paris!

Vicky

Um ano depois...

Está vendo aquela mulher de sobretudo preto, vestido *Prada* preto com detalhes dourados, salto alto, óculos escuros *Marc Jacobs*, cabelos esvoaçantes e várias malas no carrinho, andando pelo aeroporto? É, aquela era eu: Vitória Becky. Estava voltando para o Brasil. Agora, me perguntem, como eu consegui um manequim 38?

Não. Não foi fácil. Só nos primeiros dois meses, acho que perdi uns dez quilos. E não foi fazendo dietas malucas ou promessas idiotas. Acho que foi de amor. Eu chorava dia e noite pela falta que Alex me fazia... Cheguei a ficar um tempo deprimida. Não saía de casa, não conversava com ninguém. Ouvia todas as músicas que me faziam lembrar dele.

Quando passou a fase pior, eu gostei do resultado. De cem quilos, passei para oitenta. Já havia perdido quase uns dez quilos no Brasil, quando tudo aconteceu e ele me deixou sem nem se despedir.

Com um tempo, a dor se tornou parte da minha vida. Eu havia me acostumado com ela. Cada vez que a dor me consumia, meu desejo de vingança se tornava mais vivo. Eu queria ser diferente. Eu queria me tornar

magra, elegante, inteligente. Eu queria que as pessoas olhassem para mim e me enxergassem, não como a gorda derrotada, frágil e humilhada de quase um ano e meio atrás e nem como a mulher linda e sensual de agora. Queria ser vista através da minha aparência.

Mas não estava conseguindo esse resultado pesando oitenta quilos. Por mais que eu tentasse, eu não estava me sentindo feliz comigo mesma. Foi então que minha tia, Frida, me apresentou um *personal trainer* e me levou a uma consulta ao endocrinologista. Mudei meus hábitos alimentares e comecei a praticar exercícios todos os dias. A princípio, frequentava a academia duas horas por dia. Quando comecei a pegar resistência, aumentei meu tempo de permanência para cinco horas diárias.

Quando cheguei ao resultado esperado, fiz duas pequenas cirurgias: uma miniabdominoplastia e uma para redução das mamas. Quando me olhei no espelho, eu me senti outra mulher. Autoestima elevada. Não tem coisa melhor que ser vista, ser notada. Após minha transformação — parece brincadeira, mas não é —, começou a chover de pretendente. Os homens já me olhavam de uma forma diferente. Mesmo assim, ainda me faltava algo.

Minha tia, nesse período, me contratou como sua assistente. Ela era uma estilista famosa em Paris. Aprendi tudo o que era necessário para ser uma estilista de sucesso. Cheguei a organizar alguns desfiles e participar diretamente de alguns, como modelo.

Ganhei muito prestígio e dinheiro. Comecei a desenhar roupas e *lingeries* para modelos gordinhas. Agora, eu tinha minha própria grife. Eu tinha tudo em Paris: dinheiro, fama, beleza... Só não tinha o que eu mais precisava: Alex. Nada tinha sentido sem ele. Eu me sentia vazia, triste. Minha vida era repleta de holofotes, seguranças e fotógrafos. Mesmo assim, sentia-me a pessoa mais solitária do mundo.

Foi então que decidi voltar e procurá-lo. Pedir perdão por tê-lo magoado e dizer o quanto o amava.

Peguei um táxi fora do aeroporto. O motorista me ajudou com as bagagens e partimos. A viagem até em casa foi tranquila e um pouco tensa. Estava imaginado como seria recebida... Nesse tempo todo longe do meu pai, trocamos poucas palavras. Eu trabalhava muito e vivia sempre ocupada, e ele ainda não sabia o quanto eu havia mudado. “Acho que será um choque para ele”, pensei.

Esse tempo me serviu para meditar bastante... Ver os erros que cometi e tentar consertá-los da melhor forma possível. Me fez refletir bastante também sobre tudo o que aconteceu. Não podia culpar apenas o Harry por ter me enganado. Eu fui uma burra e cega. A verdade estava na minha frente o tempo todo — Alex tentou me mostrar. Eu fui a única que ferrou com tudo. Mas a perda e o trauma de ter sido tão usada de uma forma cruel fizeram com que meu coração se fechasse. Eu não consegui seguir em frente, e isso me atormentava todos os dias.

Após quarenta minutos, enfim estava em casa. Desci do táxi e a primeira coisa que fiz foi olhar para a casa do Alex. “Será que ele ainda mora lá?”, pensava. A casa continuava do mesmo jeitinho. Não havia nenhum carro ou moto na garagem. Parecia deserta. Meu coração começou a bater tão forte que achei que teria um ataque cardíaco.

O motorista me ajudou com as bagagens e, então, andei até a porta e toquei a campainha. Depois de algum tempo, papai abriu a porta.

— Oi, pai — disse, com os olhos cheios de lágrimas. A saudade era enorme.

Ele permaneceu de pé, me olhando por alguns segundos. Seus olhos percorriam cada centímetro do meu corpo. Talvez quisesse saber se o que via era real.

— Filha? Vitória? — ele sussurrou, finalmente.

— Sim. Sou eu. — Abri um enorme sorriso.

— Meu Deus! Nossa! — Ele estava pálido. Tinha as mãos na boca para conter o espanto.

— Não vai me convidar para entrar? Eu vim de tão longe. — Sorri. Papai me deu um abraço tão apertado que eu mal conseguia respirar. Ele me puxou para dentro e fechou a porta silenciosamente. Ainda me olhava, surpreso.

— Você está diferente — ele disse. — Está muito magra. Está doente?

— Não estou doente, pai — respondi, revirando os olhos. — Gostou? — perguntei, dando uma voltinha para que conferisse.

— Continua linda. — Ele abriu um sorriso. — Por que não disse que viria? Veio sozinha? Onde está Frida?

— Ela não veio, pai. Eu vim sozinha. E voltei pra ficar.

— Ficar? Mas, e seu trabalho? Não estava tudo bem lá? — ele perguntou.

— É, estava. Mas estava também morrendo de saudades do meu papaizinho lindo — disse, puxando-o para um abraço.

Ficamos conversando por um longo tempo. Meu pai havia feito algumas melhorias na casa. Perguntei pelo meu carro e ele disse que acabou vendendo. Disse que não tinha muita utilidade para ele, já que era cor-de-rosa. Conversamos tanto que mal vimos a hora passar. Eu estava exausta da viagem. Precisava de um bom banho e algumas horas de sono, mas antes faria uma boa refeição, com o mínimo de calorias possível.

Fui até a cozinha e abri a geladeira. Havia todos os tipos de doces, refrigerantes, cervejas e nenhuma fruta. Nada de legumes, nada de verduras. Eu estava ferrada! Muito ferrada.

— Pai! Não tem fruta na geladeira? Algum iogurte desnatado ou um queijo fresco?

— Está doente? Tem doces que fiz ontem. Os seus preferidos — ele respondeu, confuso. Até parece que iria comer todas aquelas porcarias.

Abdiquei dessa vida. Não mais.

— Acho que terei que ir até o supermercado comprar algumas coisas — resmunguei, fechando a porta da geladeira. De jeito nenhum eu comeria aquilo. Só de olhar, já me sentia gorda outra vez.

— Estou sem carro. Terá que ir de táxi.

— Tudo bem. Amanhã vamos até uma concessionária comprar um.

— Vamos? — ele perguntou.

— É. Nós dois iremos, e nem adianta protestar. Eu já volto. Vou comprar algumas frutas e algo para o jantar.

— Tudo bem. Eu chamo o táxi.

Tirei o casaco e peguei minha bolsa. O táxi estava parado em frente à nossa casa. Entrei no carro, passando o endereço para o motorista. O supermercado era apenas dez minutos de carro.

Assim que chegamos, o motorista perguntou se gostaria que me esperasse. Eu o dispensei. Não sabia quanto tempo ficaria e não gostava de deixar ninguém esperando. Entrei no supermercado, peguei uma cesta e segui direto para o corredor dos cereais. Peguei algumas frutas e iogurtes desnatados, queijo branco, pão integral. Até alface eu peguei. Quem diria. Achei que nunca na minha vida comeria alface depois de ter lido “Perdida”, da Carina Rissi. A partir desse dia, eu comecei a ver a alface de uma forma diferente e, digamos, não muito agradável.

Peguei o resto das coisas que queria e segui para a fila do caixa. A pior coisa que existe é fila de supermercado em final de semana. O povo parece que se multiplica. Fiquei parada na fila. Na gôndola ao lado, havia algumas revistas de moda, fofocas e palavras cruzadas. Quando cheguei perto para pegar uma delas que havia me interessado, eu o vi.

Não sei por quantos segundos ou minutos, mas fiquei paralisada. Alex

estava na fila do caixa, dois após o meu. Quando percebi que estava prendendo a respiração, coloquei a revista de qualquer jeito na gôndola e pensei no que deveria fazer. Não sabia se ria, chorava ou se corria para ele. Estava lindo. Estupidamente lindo, com o cabelo bagunçado que o deixava totalmente sexy. Trajava blusa verde, jeans preto, sapatos e óculos aviador. Meu coração palpitava, estava trêmula. No impulso, larguei a cesta de compras no chão e fui andando em sua direção. Quando dei alguns passos, surgiu do nada uma mulher alta, magra e morena. Estava com um vestido curtíssimo azul. Ela o abraçou e eles se beijaram.

Meu mundo parou naquele instante. Quem era aquela mulher? O que ele fazia com ela?

Minha raiva e decepção eram tanta que minha vontade era de ir até lá, dar na cara dele e arrancar os cabelos dela. Mas eu não tinha esse direito. O que eu esperava? Que ele estivesse esperando por mim? Seria muita pretensão da minha parte.

Quando o desespero bateu e a dor veio ainda mais forte, não pude conter as lágrimas. Saí correndo; queria sair daquele lugar o mais rápido possível. Meus saltos em atrito com o piso me denunciavam. Estava com tanta pressa em sair daquele lugar que mal percebi quando esbarrei em uma mulher. Quando parei para me desculpar, ela me olhou nos olhos. Vi o exato momento em que me reconheceu. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, continuei a correr. Margareth Thompson era a última pessoa que gostaria de ver naquele momento.

Ainda correndo sobre o asfalto do estacionamento, chorando como uma garota mimada, não percebi o maldito buraco em minha frente. A queda foi humilhante. Senti-me como Jennifer Lawrence esparramada nas escadas do *Oscar*. Ainda no chão, senti uma mão forte tocar meu braço.

— Você está bem? Se machucou? — perguntou o homem atrás de mim.

— Estou bem. Não foi nada — respondi, com a voz embargada.

— Não me parece bem, está sangrando — ele disse. — Me deixe te ajudar. — Colocou uma mão por baixo de meus joelhos e a outra em minhas costas, erguendo-me. Aquele homem estava literalmente me carregando no colo. Para não me sentir ainda mais humilhada, permaneci de óculos e cabeça baixa. Apoiei a cabeça em seu peito e segurava em seus braços fortes. Seu cheiro era bom.

— Obrigada — consegui dizer.

— Devo ter um kit de primeiros socorros no carro. Vamos limpar seu joelho, está um pouco ralado.

Aquela voz rouca... Aquele cheiro de colônia, cara... Era bem familiar.

Quando ele me soltou, tive um vislumbre do seu rosto. Definitivamente, esqueçam. Harry seria a última pessoa que gostaria de ver naquele momento. Margareth era diversão para mim. Mas que merda era aquela? Flashback do passado no supermercado? O que faltava por vir?

Fiquei ali, parada, totalmente imóvel. Minha vontade era de avançar nele e socá-lo, despejar toda a minha ira em cima dele. Mas fiquei igual a uma tonta, sem saber o que fazer, assistindo-o procurar a merda da maleta de primeiros socorros.

— Aqui. Achei — ele disse, sorrindo. Abriu a maleta e pegou um vidro com líquido transparente e gaze.

— Eu estou bem. Não precisa se preocupar. Vou embora — sussurrei.

— Negativo. Uma mulher linda como você, assim, machucada, e eu não fazer nada? Que tipo de homem acha que sou? — Ele sorriu torto. Teve uma época que me derreteria apenas com aquele sorriso falso...

— Tudo bem.

Enquanto ele desinfetava os machucados, todo o passado veio em minha mente. Eu não queria lidar com o Harry naquele momento. Não mesmo. Assim que terminou, disse:

— Prontinho. Assim está melhor. — Sorriu. — Prazer, meu nome é Harry. Harry Foster.

— É. Eu conheço você.

— Jura? Acredito que esteja enganada. Não vejo uma mulher linda assim por aqui há tempos. Aposto que não é daqui — disse, todo galanteador.

— Acertou. Cheguei de Paris hoje.

— Paris? Uau! E o que te traz aqui?

— Não sei se gostaria de saber — disse, arqueando minha sobrancelha. Obviamente ele não viu, pois os óculos ficavam sobre ela.

— Aposto que adoraria.

— Vim matar um certo safado que arruinou a minha vida.

— Uh! Não acredito que existem tantos babacas a ponto de fazer uma mulher linda como você ficar tão irritada.

— Não são tantos babacas. Apenas um. — Sorri.

— Me dá o nome do safado. Terei o maior prazer em arrancar as bolas dele — ele disse, se sentindo um Super-Homem.

— Não quer saber o meu nome primeiro? — Sorri maliciosamente.

— Adoraria, princesa.

Então, nesse momento, resolvi começar a colocar meu plano em ação. Eu iria esperar mais um pouquinho, mas como o destino deu um empurrãozinho... resolvi não perder tempo.

— Vitória Becky — disse, tirando os óculos escuros e olhando diretamente em seus olhos.

Ele se retraiu. Ficou totalmente pálido.

— Não é possível — disse, confuso.

— Prazer em te ver, Harry Foster.

Capítulo 15

Alex

Eu precisei ficar longe por um tempo da Vicky. Quis dar a ela o tempo necessário para que ela pensasse em todas as más escolhas que fez e do quanto me magoou. Quando voltei de viagem, depois de meses de sofrimento por não ter uma notícia sequer dela, descobri que havia ido embora para Paris, morar com sua tia Frida, e isso já faz um ano.

O tempo em que fiquei fora, serviu para que eu concluísse alguns cursos e me firmasse ainda mais na banda. Consegui bons contatos e montei minha produtora. Não vou dizer que ainda não penso nela, pois estaria mentindo. É como se ela ainda estivesse aqui, e eu pudesse senti-la em minha alma. Mas ela escolheu mais uma vez me deixar. Então, respeitei sua decisão. Só não a perdoaria por isso. Eu até cheguei a colocar minhas roupas na mala e comprar uma passagem para Paris só para ir buscá-la. Mas fiquei com medo de ser rejeitado mais uma vez.

Margareth foi uma excelente amiga nesse processo todo. Quem diria! Teve que aguentar vários dias o meu mau humor. Acho que sem ela, não teria conseguido seguir em frente. Ficávamos deitados na cama assistindo todos os filmes dos quais Vicky amava. Comecei a beber, acho que para anestesiar meu sofrimento. Ela sempre dizia que eu era masoquista, que eu deveria partir para outra e que Vicky nunca me mereceu. Não a culpo por ter sido tão cega. Talvez eu tivesse culpa quanto a isso, de nunca ter

deixado claro os meus sentimentos.

O tempo foi passando e a cada dia o amor que eu sentia por ela ficava recluso dentro de mim. Usei o trabalho como válvula de escape até que conheci Melissa. Ela não era um terço como a Vicky, mas tinha seus atributos: era uma mulher muito bonita. Só que é difícil ficar com alguém quando não é por amor. Acho que foi por isso que me tornei tão chato e vazio.

E, Harry... Harry andou sumido desde que ela se foi. Pouco tenho ouvido falar dele, a não ser quando meus clientes fechavam contrato com a sua produtora ao invés da minha. Sim, até nisso, Harry conseguiu me invejar. Como se não bastasse arrancar a mulher da minha vida, ele também fazia questão de minar o meu trabalho.

— Vamos logo, Alex! — Margareth gritava, desesperada. Coloquei minha camiseta branca e meu Ray Ban e peguei as chaves do carro. Desci as escadas e lá estavam elas: Margareth, andando de um lado para o outro, gastando o chão da sala, e Melissa, sentada com um vestido azul totalmente curto. Se estivesse sem roupa, chamaria menos atenção...

— Meu Deus! Parece uma noiva se arrumando — ela bufou, sem paciência.

— Vamos. Estou pronto.

Melissa ainda continuava sentada no sofá tranquilamente.

— Ô, mocreia... Você vem ou não? — Margareth falou, olhando para ela. Aquelas duas brigavam todo santo dia. Estava ficando sem paciência.

— Querido... fala para essa daí que só saio daqui quando me pedir desculpas — disse, chateada. Margareth pegava pesado com ela.

— Melissa, deixa de onda, vai. Vamos. Estamos atrasados. Temos que

comprar as bebidas ainda hoje. A festa é daqui a dois dias — falei, tentando convencê-la a não fazer charminho. Ela era uma garota mimada demais.

— Eu não vou à festa dela. Nem morta — resmungou.

— Ótimo. Não irá fazer nenhuma falta.

— Margareth! Dá um tempo você também. Eu estou indo. Tchau pra quem fica — falei, já de saco cheio.

Quando liguei o carro, as duas apareceram. Entraram nele sem dizer uma palavra. Graças a Deus! Fizemos o caminho todo em silêncio. Assim que estacionei o carro, Margareth me passou o cartão de crédito e me pediu para que comprasse tudo.

— Você não vai entrar? — perguntei, confuso.

— Não. Vá com sua *girlfriend* — disse revirando os olhos.

Melissa e eu entramos no supermercado. Precisávamos comprar todas as bebidas e pedir para que entregassem na casa de shows onde seria a festa de aniversário de Margareth. Iria ser uma festa de arromba. Margareth contratou um lugar irado. E, claro, a minha banda para tocar em sua festa. Agora, não era apenas vocalista de uma banda de rock. Eu era produtor musical. Estava ganhando muito dinheiro.

— Essa sua amiga me odeia — Melissa desabafou.

— Ela não te odeia. Vocês é que não se entendem. Não se permitem conhecer uma à outra... — disse, caminhando para o corredor das bebidas.

— Ela que sempre me alfineta — resmungou.

— E você dá corda — disse, irritado. — Ela é minha amiga. Se não puder conviver com isso, então...

— Tá. Tudo bem — ela disse, olhando em meus olhos. — Vou buscar alguma coisa para comer. Estou faminta.

— Vai lá. Vou pegar tudo... Encontre-me na fila. Preciso ir até a produtora ainda para pegar algumas coisas.

Enquanto Melissa dava voltas no supermercado, o que não era nenhuma novidade, eu peguei tudo o que precisávamos: uísques, cervejas,

vodcas... Tudo o que precisava para nos manter bem alegres na festa. Não costumava beber, mas, naquele período de um ano, eu bebia quase todos os finais de semanas e nos shows também.

Fui direto para a fila do caixa. O carrinho estava lotado. Isso porque, no dia anterior, Margareth comprou o triplo do que eu estava levando. Como ela era exagerada, me fez comprar mais. O lema era: Antes sobrar do que faltar. É... Tive que concordar com ela.

Depois de quase meia hora naquela fila gigantesca, chegou Melissa, toda alegre, me abraçando e me beijando.

— Amor, olha o que achei — disse sorrindo. Ela estava segurando um copo de creme de amendoim. — Podemos comer com pão, o que acha?

— Eu não como creme de amendoim desde que... — parei, pensativo. Vicky era a única quem comia aquela porcaria no pão e ainda passava geleia de morango. Eu detestava, mas adorava vê-la comer. Ela fazia questão que comesse com ela em nossos piqueniques na infância. Todas as vezes que íamos fazer as compras com nossos pais, ela colocava uns copos daqueles no carrinho. A lembrança dela me deixou triste. Como será que ela estava?

— O que foi? Não gosta?

— Odeio — disse, irritado. — Deixe isso aí. Isso engorda — concluí.

— E daí? Não tenho problema quanto a isso. — Ela sorriu.

Quando chegou nossa vez, Margareth surgiu como um fantasma. Estava pálida. Olhava-me de um jeito...

— O que foi? Parece que viu um fantasma. — Melissa sorriu.

— Eu ia dizer exatamente isso — disse olhando para ela, ainda atônita.

— Nada. Eu... Eu... estava com calor dentro do carro. Só isso. Acho que minha pressão abaixou — ela disse, ainda esquisita. “Aí tem coisa”, pensei.

— Você está estranha — persisti.

— Compraram tudo? — perguntou, desviando do assunto. — Temos

que ir embora, Alex. Ainda preciso fechar com a segurança. Meu pai contratou uma empresa e eu tenho que ir até lá escolher os homens que farão a segurança da festa.

— Tudo bem. Antes, preciso passar na produtora. Esqueci alguns relatórios.

— Sem problema.

Assim que paguei, fomos direto para o carro. Pedi para que entregassem tudo no endereço que havia dado. Margareth estava tão esquisita que seus olhos percorreram todo o estacionamento, de uma forma assustadora. Parecia que procurava por algo ou por alguém. Depois de conferir todo o local, ela entrou no carro.

— Achou o que procurava? — perguntei, curioso. Ela não estava no seu estado normal.

— Não estava procurando nada. — Pelo retrovisor, pude ver como suas mãos mexiam nervosamente. Ela balançava as pernas, como uma espécie de tique nervoso.

Nosso trajeto foi curto e rápido até a produtora. Deixei as duas no carro e entrei na empresa. Peguei os papéis de cima da minha mesa e saí. Quando entrei no carro, um silêncio assustador. Nenhuma reclamação, nenhuma briga... Definitivamente estava acontecendo algo. Toda vez que eu deixava as duas a sós, era uma briga do cão. E, agora, nada?

Dei partida e saí do estacionamento. Se elas estavam bem, quem seria eu para julgar, não é? “Até que enfim um pouco de paz”, pensei.

— Já sabe o que vai querer de presente? — perguntei à Margareth.

— Não precisa me dar nada. — Ela sorriu. — Você já é o suficiente para mim.

— Boba. Eu quero te dar um presente.

— Se ela não quer, por que insiste? — bufou Melissa. Estava demorando...

— Porque ele me ama, fofinha.

— Ah, cale a boca! — Melissa gritou.

Enquanto as duas iniciavam uma guerra particular, procurei um CD e coloquei para tocar.

— Por que vai colocar música, se já estamos chegando? — Melissa perguntou, irritada. Tinha que ter saco para aguentá-la às vezes, parecia criança e era extremamente pegajosa.

— Porque não quero ficar escutando merda — disse, irritado. Quando a música rolou, aumentei para o volume máximo. Escutar *Numb*, de Linkin Park, a minha banda preferida, em volume baixo, era para os fracos.

Quando chegamos à minha rua, foi meio que automático. Olhei em direção à casa da Vicky e fiquei petrificado. Assim que passei por sua casa, eu a vi. Estava saindo de dentro de um carro parado em sua porta. “Será que estou imaginando coisas?”, pensei.

Continuei dirigindo, mas meus olhos ficaram fixos nela. Pisquei várias vezes, achando que estava tendo uma alucinação. Estava de vestido preto... Não devia ser ela. Ela não usava vestidos. Aquela imagem ainda continuava ali, torturando-me. Não poderia ser ela... Como? Como? Ela estava tão... tão... tão... magra.

“Não é ela. Não é ela”, meu subconsciente gritava.

Mas, para o meu desespero, era exatamente ela: a mulher que me assombrava todas as noites. A mulher por quem passei noites e noites chorando. A mulher que me causou insônia, que destruiu todos os meus sonhos lindos, que me destruiu para o amor. Ela. Somente ela... A mulher que eu ainda amava em silêncio. Ela estava como sempre, linda. Seus cabelos dourados brilhantes eram inconfundíveis. A minha vontade era de correr até ela e beijá-la, beijar aqueles lábios macios. Sentir aquele perfume suave da sua pele. Arrancar a verdade do porquê ter me deixado por tanto tempo... Tocar cada centímetro de seu corpo para saber se era real.

Real. A realidade me bateu quando tudo veio em minha mente. Ela foi embora. Foi ela que me deixou e nunca me amou do jeito que a amei... E

minha raiva só aumentou quando vi que estava acompanhada pelo maldito, desgraçado, filho da puta do Harry Foster. Ele saiu do carro e caminhava em direção a ela.

Soquei o volante de ódio. “Esse cara estava sempre se intrometendo no meu caminho”, pensei.

Sempre. Estacionei o carro e saí batendo a porta com toda força. “Desde quando ela está aqui? Por que não a vi antes? Por que ela foi procurar aquele maldito?”, pensava. Entrei em casa. Margareth e Melissa entraram atrás. Margareth se aproximou e disse:

— Você também a viu, não é? Me diz que não estou louca e que aquela garota magérrima era a Vicky.

— E o Harry — disse, furioso. — Como ela pode fazer isso?

— Alex, acalme-se! Nem sabemos há quanto tempo ela está aqui — ela disse, me consolando.

— Deve ser há muito tempo. Ela mal pôde esperar para ir correndo atrás daquele filho da puta...

— Ela não gosta dele.

— Como não? Sempre foi ele, Margareth. E, agora, por que acha que ele está lá? — perguntei, mesmo sabendo a resposta. Ele era um filho da puta mulherengo. Sempre quis me destruir e, agora, estava outra vez rondando minha garota.

— Não coloque minhocas na cabeça, Alex. Nem pense nisso. Você ouviu o que o pai dela disse. Ela estava em Paris e o Harry nunca saiu daqui.

Isso era verdade. O maldito nunca havia saído dali. Após a partida da Vicky, Harry tinha se tornado quase transparente. E, agora, voltava para me assombrar outra vez.

— Ei! Eu estou aqui, boiando, sem entender nada. O que está pegando? — Melissa perguntou, curiosa, e sentou-se no sofá, ligando a televisão.

— Não é para entender mesmo — Margareth falou com sarcasmo.

— Podem me dizer quem é essa tal de Vicky?

— Querida, ela é o seu pior pesadelo — Margareth disse, com seu sorriso maquiavélico.

— Margareth, chega!

— Ui! Disse alguma mentira?

— Vai pra sua casa. Não tinha que contratar os seguranças?

— Está me expulsando?

— Só quero ficar sozinho. Leve a Melissa para casa. Não estou em condições — disse atordoado.

— Não vou embora, Alex. Nós ficamos de...

— Vá com ela, Melissa. Agora! — gritei. — Quero ficar sozinho.

Margareth e ela me olharam, assustadas. Talvez minha reação as tivesse surpreendido. Eu era um cara tranquilo... mas estava confuso e perdido, com a cabeça a mil por horas. Por que ela tinha que voltar? Por quê? Eu já estava me acostumando àquela vida sem ela. Estava seguindo em frente, como me pediram. Estava trabalhando, cantando, fazendo sucesso e até namorando a Melissa para esquecê-la. Melissa não era o amor da minha vida, mas me ajudou bastante naqueles quatro meses juntos. E ela voltou e desalinhou meu mundo...

Fui direto para o quarto. Há muito tempo já havia arrancado tudo o que me fazia lembrar dela. Suas fotos que enfeitavam a parede do meu quarto deram lugar a outras fotos. Era só eu e Melissa, nada de Vicky.

Eu não sabia o que iria fazer com ela tão perto outra vez. Não sabia se seria forte o bastante para mantê-la afastada. Não a queria mais em minha vida. Nunca mais. A única coisa que eu sabia era que não iria perdoá-la por ter me feito sofrer tanto. Não iria perdoá-la. Não...

Vicky

— Você está tão... tão diferente. — Harry me olhava abismado.

— Você não mudou nada... Bom, preciso ir embora.

— Eu te levo — ele se prontificou. Mas nem morta eu andaria no carro ao lado daquele idiota novamente.

— Não. Eu pego um táxi.

— Você está machucada. Como vai andar assim, desse jeito?

— Eu ralei os joelhos, Harry, não amputei as pernas.

— Olha, eu sei que sou um idiota. Fui um babaca com você, mas não tem sentido não aceitar que eu a leve para casa.

— Pra mim, faz todo o sentido. Ainda sou a mesma garota burra, chata e insuportável que você tinha nojo de beijar. Continuo a mesma, apenas numa versão mais magra. — Sorri.

— Ainda irritada com isso? Foi há tanto tempo... — Ele se aproximou.

— Se me tocar outra vez, juro que te mato.

— Tudo bem — disse, levantando as mãos em sinal de rendição.

— Ainda continua um idiota...

— É... Mas posso te levar em casa? Posso ser um idiota, mas ainda posso mudar isso.

— Não, Harry. Não pode mudar isso. — *Babaca!*

— Tá legal — disse, puxando meus braços e me colocando contra o carro. Estava tão próximo que consegui sentir seu hálito fresco de menta.

— Está com medo de mim, Vitória? — Ele deu um sorriso torto.

— Se fizer isso de novo, tenha em mente que posso chutar suas bolas!

— Suas mãos estavam em meus pulsos. — Agora, me solte.

— Só se entrar no carro.

— Nem morta!

— Não te quero morta, querida. Pode entrar. Prometo que não vou tocar em você.

Harry sabia ser bem persuasivo. Que cara insistente! Seria melhor

aceitar sua carona do que começar uma discussão no estacionamento. Alex poderia aparecer a qualquer momento, e não era daquele jeito que gostaria que me visse.

— Tudo bem. Mantenha-se longe. Se conseguir, pouparei sua vida.

— Adorei essa sua versão mais brava também — ele sussurrou no meu ouvido.

Após alguns minutos, estávamos em casa. Fizemos o trajeto todo em um silêncio constrangedor.

— Pronto. Está em casa sã e salva. — Harry sorriu.

— Não pense que, só porque aceitei sua carona, seremos amigos — disse, num tom irônico, mantendo-me afastada.

— Não pensei nisso nem por um momento. — Ele sorriu, revelando aquele charme todo particular. — Pelo menos, não como amigos — concluiu.

— Eu ainda te odeio, Harry!

— Ódio é melhor que indiferença. Estou satisfeito com isso, por enquanto.

— Adeus! — disse, desejando aos céus que nunca mais cruzasse com aquele babaca outra vez.

— Te vejo por aí — disse, aproximando-se. Ele me deu um leve beijo no rosto. Ainda tinha o mesmo cheiro. Chegou ao carro, virou, e disse: — Eu não sei se já te disse isso, mas você está realmente linda. — E, então, partiu.

“É, babaca. Você me disse isso uma vez. Eu acreditei... Eu era burra! Não vou cair nessa outra vez”, pensei.

Suguei todo o ar para os meus pulmões. Nossa, foi um dia exaustivo. A imagem daquela magricela agarrada com o Alex não me saía da memória.

Será que ele se casou? Não é possível. Não mesmo. Aquela ideia me apavorava. E se ele estivesse casado e com filhos? Eu não sei se suportaria...

A tentação era enorme. Eu queria correr e bater na porta dele. Alguém deveria estar em casa, talvez ele tivesse chegado. Havia um carro estava

parado em frente à sua casa. A mulher dele estaria com ele?

“Não. Não posso bater na porta dele depois de tanto tempo. O que iria dizer? ‘Oi, eu sou o fantasma do seu Natal passado?’”, pensei.

Eu precisava traçar um plano, rondar sobre a vida que estava levando... Se estava casado ou não. E só uma pessoa poderia me ajudar — apenas uma. E estava rezando para que não estivesse enganada...

Entrei em casa. Papai estava preparando o jantar. O cheiro estava tão bom.

Conversamos durante algum tempo e jantamos. Tive que inventar uma estória estúpida e inacreditável para dizer o porquê de não ter comprado nada no mercado. Se ele acreditou, eu não sei, mas ficou com uma pulguinha atrás da orelha.

Quando terminamos, fui para o quarto. Antes de qualquer coisa, precisava de um bom banho e algumas horas de sono. Só assim, com a cabeça tranquila e funcionando perfeitamente, eu poderia pensar em algo. E a primeira coisa que faria pela manhã era procurar pela Margareth. Só esperava que ela não chutasse meu traseiro.

Acordei bem cedo. Aquele fuso horário estava me matando. Levantei e tomei um bom banho. Estava totalmente descansada. Abri minhas malas, à procura de algo para vestir. Precisava urgentemente desfazê-las. Optei por um vestidinho básico creme *Armani* e *scarpin pink*, da *Fendi*. Coloquei alguns acessórios, escovei os cabelos e fiz uma leve maquiagem *nude*.

Decidi sair sem tomar café. Ainda precisava ir ao mercado. Não havia nada para comer naquela casa, exceto doces e porcarias altamente calóricas. Assim que o táxi chegou, pedi para que me levasse a uma concessionária de veículos. Precisava comprar um carro urgente.

Chegando lá, meus olhos brilharam para uma Mercedes classe A,

prata, exposta na loja. Era aquela que iria levar, sem dúvida. A triste notícia era que só me entregariam em uma semana. Então, tive que improvisar e ir até uma locadora de veículos.

Cheguei à locadora, aluguei o carro e parti para a casa da Margareth. Não podia perder um minuto sequer.

Dirigi por quase uma hora. O trânsito de São Paulo me matava. Naquelas horas, tinha saudades de Paris.

Quando cheguei ao bairro de Perdizes, entrei em seu condomínio de luxo. A garota morava bem. Passei pela guarita e segui em frente. Estacionei o carro em frente à sua casa e caminhei até sua porta. Contei mentalmente até três e toquei a campainha.

Uma garotinha de mais ou menos uns dez anos me atendeu, sorrindo.

— Oi — ela disse.

— Olá. Margareth está em casa?

— Tá sim. Entra — disse, puxando-me para dentro. A garota, bem-vestida e de cabelos curtos, pegou o celular do bolso de sua saia e discou. Pra quem será que ela estava ligando?

— Tia Margareth... tem uma moça aqui na sala te esperando. Ela parece com a Barbie. — Ela sorriu para mim. Barbie? Sério? A garota sorriu novamente e desligou o telefone.

— Ela já vem. Gostei dos seus sapatos, parecem com os da minha boneca.

— Obrigada — disse, envergonhada.

A garota pediu para que eu me sentasse, mas estava tão nervosa que preferi ficar de pé mesmo. A casa era encantadora: luxuosa e bem *clean*, nada parecida com Margareth, que era toda espalhafatosa. Sempre fiquei imaginando sofás de oncinha, cortinas de bolinhas, tapetes felpudos... Mas não, a decoração era realmente bela.

Após algum tempo admirando tudo aquilo, Margareth apareceu, descendo as escadas com um vestido roxo colado, cinto verde e um salto de

mais ou menos uns 15 cm. Aquela era a Margareth que eu conhecia, não mudou nadinha.

— Vicky? — sussurrou, surpresa.

— Oi, Margareth.

— Nossa! Olha pra você! Está tão diferente... — Ela sorriu.

— É — disse, um pouco sem graça. Não fazia ideia do que falar.

— Vamos conversar em meu quarto — disse, subindo as escadas.

Ótimo. Se ela fosse me matar, certamente me jogaria pela janela.

Entrei em seu quarto e ela travou a porta atrás de mim.

— Sente-se.

— Ah, não. Estou bem.

— Era você ontem no supermercado, não era?

— Ah... Sim.

— O que você quer?

— Olha, Margareth, eu sei que...

— Não — ela interrompeu. Pela cara, estava pronta para me estrangular. — Você não sabe, Vicky. Você nem faz ideia.

— Eu...

— Sabe quanto tempo o Alex ficou aqui, exatamente aí, atrás de você, deitado na minha cama, chorando e se lamentando por você? Não. Não vem me dizer que faz ideia, porque você não faz.

— Não é verdade. Eu sofri tanto quanto ele... Eu fui atrás e ele tinha ido embora — disse, triste.

— Você queria o quê? Que você batesse na porta dele e ele ficasse contente em te ver?

— Eu fui lá pedir para que me perdoasse. Ele não me deu essa chance — disse com os olhos marejados.

— E quais foram as chances que você deu a ele? — ela perguntou, irritada.

— Olha... eu vim aqui para conversar com você. Eu o vi ontem, e só

não fui até ele porque estava acompanhado.

— Melissa... Aquela garota é um saco — disse, sentando-se na cama.

— É a mulher dele? — perguntei, cautelosa.

— Mulher? Está louca... Só por cima do meu cadáver ele se casaria com aquela fingida. São apenas namorados.

Eu sorria por dentro. Se ele não estava casado, significava que eu teria uma grande chance de reconquistá-lo.

— Quando chegou ao Brasil?

— Ontem. Não avisei meu pai. Quis fazer uma surpresa. — Sorri.

— E que surpresa! Olha pra você. Como conseguiu ficar tão magra?

— Ih! É uma longa história e dolorosa — gargalhei. Margareth me olhava admirada.

— Espere, meu celular. — Ela apontou, pedindo que me silenciasse.

Margareth ficou muda. Deu um salto da cama, assustada.

— Você disse para ele que a tia estava com visita? — ela perguntou ao telefone. — Oh, graças a Deus! Pede para ele subir, mas não diga que a Barbie está aqui — disse, sorrindo.

“Ótimo. Agora, virei a Barbie. Só me faltava essa!”, pensei.

Quando ela desligou, me olhou assustada, dizendo:

— É o Alex.

— O quê?! — Gelei.

— Ele não pode ver você aqui... Vai ter que se esconder. Rápido! — Margareth me puxou, me enfiou dentro do seu *closet* gigantesco e fechou a porta.

Alguém batia na porta dela. Era ele.... Ai, meu Deus! Meu coração batia forte... tão forte e tão alto, que fiquei com medo de ser descoberta.

Margareth abriu a porta. Estava visivelmente nervosa.

— Nossa! Por que demorou tanto? — ele disse, com sua voz rouca e forte.

Estava maravilhosamente lindo: sem camisa, expondo seus músculos

definidos e suas tatuagens, e apenas de bermuda branca.

— Estava sem roupa. Não seria muito educado de minha parte atendê-lo apenas de toalha.

— Preciso da sua ajuda — disse Alex, deitando na cama dela.

— Virei a fada madrinha dos corações desesperados hoje?

— Eu hein... O que deu em você? — ele resmungou.

— Desembucha.

— Eu não sei o que fazer.

— Então, não faça. Já está tudo certo com a banda para a festa?

“Festa? Do que eles estão falando?”, pensei.

— Está sim. Vamos arrasar na sua festa, pode ficar sossegada.

Ouvi um som tocando. Alex tirou o celular do bolso e atendeu.

— Já estou indo... Não. Já estou indo, já disse. Eu também.

Com quem ele estava falando? Com aquela magricela horrorosa? “Eu também”? Ele estava dizendo que amava? Ai, que ódio! Estava impotente vendo ele através das pequenas frestas do *closet*.

— Era a magricela? — Margareth fez uma careta. Pelo visto, ela também não ia com a cara da fulana.

— É. Esta está no carro.

— Você a trouxe até aqui? — perguntou, furiosa.

— Isso porque ela queria entrar. Eu que não deixei.

— Olha. Vou te falar, viu... Tenho vontade de pegar essa magrela e esganá-la.

— Para de onda. Vocês se adoram. — Ele gargalhou.

— Tchau, Alex. À noite, a gente se fala. Tira aquela garota do meu quintal, senão sou capaz de cometer um ato violento.

— Tchau, bravinha. Te ligo mais tarde — disse ele, saindo pela porta.

Margareth correu até mim para abrir o *closet* e me ajudou a sair, dizendo:

— Conte comigo para acabar com aquela megera.

— Vocês não são amigas? — perguntei, surpresa.

— Amigas? Aquela mulher é uma cobra. Interesseira... Só está com ele pelo dinheiro. Mas o Alex, tonto como sempre, não vê.

— Ele não gosta dela?

— Ele ama você, Vicky. Ele ficou tão puto quando te viu com o Harry ontem que pensei que iria bater lá na sua casa e te matar.

— Espera... Ele me viu? Ontem?

— Com o Harry.

— Eu não estava com o Harry. Quer dizer, estava e não estava. Eu o encontrei no estacionamento do supermercado. Acabei caindo, me ralei toda e, sem saber, ele que acabou me ajudando.

— Uau! Que mundinho pequeno!

— Nem me fale.

— Escuta... Eu só vou ajudar você com o Alex porque sei que é você quem ele ama. Só não me faça me arrepender disso. Se magoá-lo outra vez, eu mesma te mato.

— Eu não vou — disse.

— É bom mesmo. Agora, quanto ao Harry, se livra dele, ou será muito difícil o Alex te perdoar outra vez.

— Eu não gosto do Harry. Mas, pelas coisas que ele me disse ontem, acho que não vai se afastar de mim assim tão fácil.

— É... Então, teremos que matar dois coelhos com uma cajadada só. — Ela gargalhou.

— Por onde começamos? — perguntei, ansiosa.

— Hoje à noite o Alex vai cantar no Aquarius. Acho que tenho mais alguma entrada VIP aqui comigo, espere — disse, procurando algo em sua bolsa. — Aqui está. Em hipótese nenhuma diga que me viu ou que dei isso para você.

— Tudo bem. E o que eu faço depois? — sussurrei.

— Aí é com você, querida. Use a imaginação e agarre seu homem. —

Ela sorriu.

— Ouvi vocês comentando sobre a festa...

— Será meu aniversário daqui dois dias. Faça tudo para parecer amigável amanhã, então, terei uma boa desculpa para convidá-la também.

— Está certo. Obrigada, Margareth.

— Não me agradeça, Vicky. Ainda não.

— Bom... Preciso resolver algumas coisas. Fiquei de alugar um espaço para o meu ateliê — disse, despedindo-me. Não queria mais tomar o tempo dela e certamente não correria o risco de esbarrar com Alex.

— Vai lá. E, Vicky... não se esqueça... Mantenha o Harry longe, ou não serei capaz de ajudá-la.

— Pode deixar.

Saí com um fio de esperança. Se a mulher fosse tão importante para ele, não teria ficado tão chateado ao me ver com o Harry. “Ele ainda me ama? Agora tenho que tentar recuperar a confiança dele... E, desta vez, eu não irei falhar”, pensava...

Capítulo 16

Vicky

Assim que saí da casa da Margareth, decidi procurar algum lugar para comer. Entrei no carro e dirigi a caminho do Shopping Morumbi. Após um pouco mais de meia hora, estava no estacionamento.

Andei por algumas horas. Não resisti e tive que entrar na loja *Sephora*. Eu me tornei uma viciada em maquiagens. Fiz algumas comprinhas básicas.

Logo após, entrei na livraria para comprar um livro que estava louca para ler: “Os Sete”, de André Vianco. Sempre fui fascinada por histórias de vampiros. Deixei Alex doido uma vez para que comprasse o box de “Diários de um Vampiro”. Ele odiava, pois eu vivia suspirando pelos irmãos Salvatore.

Quando cheguei à praça de alimentação, comprei um *smoothie* de morango com banana do famoso *McDonald's*. Fiquei sentada tomando meu *smoothie* e lendo minhas mensagens no meu *iPhone*. Mande mensagens para a Frida. Já estava sentindo saudades.

De repente, alguém por trás colocou as mãos sobre meus olhos, tapando-os. Tomei um tremendo susto. Ok. Era brincadeira de adivinha? Eu era péssima nisso.

— Quem quer que seja, pode parar, porque não vou acertar mesmo — disse, sorrindo. Toquei nas mãos da pessoa e pude perceber que eram mãos de homem. Meu coração começou a bater na possibilidade de ser o Alex. Mas, para minha surpresa e infelicidade, Harry estava bem ali, na

minha frente.

— Oi, princesa — disse, com um sorriso torto. Harry estava de jeans e camisa polo rosa, com os botões abertos até o meio de seu tórax e as mangas dobradas até seu antebraço forte. Seu cabelo estava despenteado, e a barba por fazer. É... estava realmente comestível, se eu já não soubesse do gosto mofado.

— Você aqui? Anda me perseguindo? — perguntei.

— E por que faria? Estava de passagem e resolvi comprar algumas coisas.

— Bom... Geralmente, eu diria “que prazer em vê-lo”, mas você sabe que seria mentira. — Sorri.

— Para mim está sendo um prazer. — Ele sorriu maliciosamente. — Está ainda mais linda do que ontem — disse, enquanto se sentava à mesa.

— Eu não o convidei para que se juntasse a mim — disse, com voz firme. “Esse cara é maluco ou tem mal de Alzheimer? Será que ele se esqueceu de como foi cruel comigo?”, pensei.

— Eu sei. Não esperaria por isso — disse, na cara de pau. — Olha, Vitória, eu sei que fui um idiota. Mas isso é passado — disse, todo charmoso. — Podemos ser amigos?

Será que ele esperava que eu caísse nessa outra vez?

— Harry, quero deixar uma coisa bem clara! Fique longe de mim. Bem longe. — sussurrei.

— Não vai me dar nenhuma chance para me redimir? — disse, fazendo beicinho.

— Nem meia. De você, Harry, quero distância — disse, levantando-me para sair dali o mais rápido possível.

— Vitória, espere!

Comecei a andar para longe dele. Sem dúvida, ele era o cara mais irritante da face da Terra.

— Me deixe, Harry — disse, irritada.

— Espere! — Ele puxou meu braço e me segurou forte, fazendo-me encará-lo.

— Me solta, Harry. — Tentei me livrar de seu aperto. Era impossível; ele me segurava com firmeza.

— Nós precisamos conversar. Me dê a chance de provar a você que eu não sou mais aquele cara de antes — ele disse, olhando em meus olhos. Se eu não soubesse tudo o que ele havia aprontado, eu poderia até cair naquela mentira outra vez. Mas eu estava vacinada contra Harry.

— Nem em sonho. É muita cara de pau sua. Faz um favor pra mim: vá se catar! — gritei.

Ainda andando, chegamos ao estacionamento. “Esse cara não desiste mesmo”, pensei.

— Vitória! Por favor, me ouça! — dizia, exasperado.

— Me deixe, Harry.

Chegando ao carro, destravei a porta. Assim que abri, ele me puxou, batendo a porta do carro violentamente e me imprensando com seu corpo contra a porta. Olhei para ele querendo matá-lo. Mas que diabos ele pensava que estava fazendo?

— Você vai me escutar, e é agora! — ele disse descontrolado, porque isso era visível em seu rosto. Suas mãos firmes em meus punhos estavam começando a me machucar.

— Está me machucando, Harry.

— Eu só quero que me escute. Apenas isso.

— Não quero ouvir mentiras vindas de você.

— Eu sei que fui um idiota, o que eu fiz foi errado... Eu sei. Eu sei que te magoei. Mas eu gostava de você. Quando disse tudo aquilo no bar, eu estava mentindo. Eu estava confuso e não queria assumir o que estava sentindo por você.

— Pode parando por aí. Só está piorando as coisas — disse, irritada.
— Agora, me solta ou vou começar a gritar.

— Vai me dar uma chance de provar a você a verdade? — disse, olhando em meus olhos. “Céus... não me faça perder a cabeça”, pensei.

— Você teve sua chance. Problema seu se não soube usá-la.

— Vai dizer que não sente falta dos meus beijos? — Sorriu maliciosamente. Que jogo ele estava fazendo?

— Olha... Se você está pensando em atingir o Alex comigo outra vez, está perdendo seu tempo. Ele tem uma namorada, sabia?

— É. Eu sei — disse, soltando meus punhos.

— Sério, Harry. Me deixa em paz.

— Uma segunda chance, Vitória. Apenas isso.

— Por que eu lhe daria? Eu não tive uma segunda chance, Harry.

— É por causa dele, não é? Você gosta dele?

— Não seja ridículo — sussurrei.

— Eu posso me ajoelhar aqui e pedir perdão, se você quiser.

— Eu quero... que... você vá para o inferno. E que, de preferência, não volte para me atazanar.

Ele voltou a cercar. Segurando meus punhos acima de minha cabeça com apenas uma de suas mãos e com a outra em minha cintura, disse sussurrando em meu ouvido:

— Eu vou fazê-la mudar de ideia quanto a isso. E você vai gostar quando estiver em meus braços sendo amada da maneira que uma mulher como você deveria. Bem lentamente... — Suas mãos subiram devagar, parando em meus seios. Ele me mordiscava levemente, roçando sua língua quente em meu pescoço. Perverso idiota... Para a minha glória, dei uma joelhada entre suas pernas, atingindo-o bem naquele local proibido. Ele me soltou na mesma hora, contorcendo-se de dor.

— Se me tocar assim de novo, eu mato você! — gritei. Longe dele, abri a porta do carro, entrei e travei as portas. Cretino... ainda achava que tinha alguma chance.

Saí o mais depressa possível. Se eu ficasse mais alguns minutos

olhando para a cara daquele idiota, iria vomitar. Como podia ser tão falso?

No caminho, meu celular tocou. Quando olhei no visor, vi um número restrito. Quem seria? Ninguém tinha meu número novo a não ser papai. Atendi no mesmo instante.

— Alô?

— Até que enfim atendeu esse telefone — uma voz feminina soou irritada do outro lado da linha.

— Margareth? — perguntei, surpresa.

— Sim, sou eu. Pensou que era a Oprah Winfrey? — disse, ironicamente.

— Como conseguiu meu número?

— Onde está? Por que esse barulho todo?

— Margareth, estou no trânsito. Não posso falar agora.

— Então, encosta essa merda. É importante! — gritou.

— Ok. Espere! — disse, dirigindo-me para o acostamento. O que poderia ser tão importante para aquela louca estar tão desesperada? — Pronto. Pode falar.

— É o Alex.

— Alex? O que aconteceu com ele? O que foi? Ele está bem? Margareth?

— Ele está ótimo — disse, deixando-me aliviada. Por um segundo, pensei que tivesse acontecido algo ruim com ele. Meu coração ficou apertado.

— Ele me ligou agora há pouco. Disse que estava indo comprar um anel de noivado para a Melissa.

— Noivado? Como? Eles não estão namorando há quatro meses?

— Sim, mas o Alex está louco. Acho que está fazendo isso por sua causa. Desde que te viu, ele está esquisito.

— Esquisito como?

— Ele está meio perturbado, digamos... está tenso, nervoso e

pensativo demais.

— E isso é bom ou ruim?

— Isso é péssimo, Vitória! Muito péssimo. Ele ainda ama você. Está se sentindo inseguro, e com isso, quer apagar você da memória com aquela esquisita da Melissa.

— O que vamos fazer?

— Não sei. Precisamos arrumar um jeito de tirar a magricela do caminho.

— Olha, acabei de ter uma discussão com o Harry. Não estou em condições de pensar agora.

— Harry? Eu não te disse para ficar longe dele? Você é surda?! — ela gritou.

— Eu estava no shopping. Ele apareceu e ficou me perseguindo. Até me agarrou, se quer saber. Que ódio!

— Livre-se dele, Vitória, ou suas chances com Alex passarão de “nenhuma” para “nunca mais”.

— Estou tentando.

— Espero que sim, senão não poderei fazer nada por você. Vou pensar em algo... Assim que tiver um plano, eu te ligo — disse, desligando o telefone.

De jeito nenhum eu deixaria uma lambisgoia magricela roubar o Alex de mim. Não mesmo. Não iria morrer na praia depois de ter nadado tanto pra chegar até ali. Se Margareth estava disposta a me ajudar, eu faria o que fosse preciso para recuperar o amor dele. O que fosse preciso...

O resto do dia fiquei em meu quarto. Desfiz as malas e organizei todas as minhas coisas. Quando coloquei minha caixinha de joias em cima do armário, algo bloqueava a passagem. Quando peguei, era o álbum de fotos

antigas. Estava totalmente empoeirado. Passei as mãos levemente sobre ele para tirar a poeira fina. Na primeira foto que vi, fiquei surpresa. Era minha mãe. Linda e jovem, e muito parecida comigo. Fiquei olhando para ela e imaginando como seria minha vida se ainda estivesse conosco. Nas fotos seguintes, papai e eu num parque de diversões. Em muitas das fotos, estava Alex. Eu tinha oito anos na época; Alex, dez anos. Foi logo quando nos conhecemos. Lembrava perfeitamente de como havia implorado para que seu pai o deixasse ir conosco no parque.

Na outra foto, ele segurava um coração de pelúcia. Ele gastou todas as fichas que tinha para conseguir esse coração no jogo de tiro ao alvo. Quando conseguiu, veio todo feliz, dando-o de presente para mim. Eu ainda tinha o coração de pelúcia. Em quase todas as fotos, ele estava lá, sorrindo, abraçando-me. Éramos inseparáveis. Eu nunca imaginei que seria tão apaixonada por ele. Sempre pensava nele com uma garota magra e linda, como as modelos de passarela. Ele merecia alguém melhor que uma simples garota gorda e solitária.

Eu não me sentia boa o bastante para ninguém, nem mesmo para ele. E, mesmo assim, ele me viu. Enxergou-me como eu realmente era. Ele até chegou a namorar algumas garotas na adolescência, mas elas morriam de ciúmes de mim. Os namoros dele nunca duravam, até que chegou um tempo em que ele desistiu de ficar com as garotas.

Fechei o álbum de fotos, colocando-o no lugar. Tentei afastar as lembranças. Precisava organizar as ideias, encontrar um jeito de trazê-lo de volta. Um jeito de me perdoar... Precisava tirar aquela mulher do nosso caminho.

Eu jogaria duro se fosse preciso. Eu só precisava de um tempo a sós com ele, nada mais.

Acordei ao som de batidas e gritos. Alguém estava quase derrubando a porta do meu quarto.

Levantei-me, ainda sonolenta. O relógio marcava dez da manhã.

— Maldição — sussurrei, caminhando em direção à porta. Quando abri, Margareth entrou como um foguete, tagarelando como louca. Nem preciso dizer que não entendi absolutamente nada do que dizia.

— Margareth? O que faz aqui tão cedo?

— Garota, o mundo está caindo na sua cabeça e você aí, dormindo?

— Ainda é cedo — resmunguei, esfregando o rosto.

— Qual a parte do “temos que acabar com a megera magricela” você não entendeu? Não quer o Alex de volta?

— Quero, claro!

— Então, se mexa! — disse, irritada.

Ela passou por mim, empurrando-me, e abriu meu *closet*. Vasculhou minhas roupas e pegou um vestido curto verde da *Gucci* e uma sandália dourada da *Prada*.

— Adorei essa sua nova versão. Meu Deus! São lindos esses modelitos — disse maravilhada. — Anda. Vá tomar um banho — concluiu, jogando as roupas na cama.

— Para onde vamos?

— Entrar em ação. — Sorriu diabolicamente. Eu sabia o que significava aquele sorriso maléfico. Ela me intimidara muito no passado com aquele mesmo sorriso. Já estava com medo só de pensar.

— E o Alex?

— Esqueça o Alex. Agora, estamos indo conhecer o inimigo... Ou melhor, inimiga. Para você saber como lidar com ela, terá que conhecê-la, intimidá-la, deixar a megera morrendo de ciúmes de você.

— Isso não é legal, Margareth. Não sei se consigo fazer isso — sussurrei.

— Ótimo, foi o que pensei. Continua sendo uma perdedora.

— Não sou, não — disse, irritada.

— Então me mostra o contrário, Vicky. Mostra que não é mais aquela garota boba e ingênua que caiu na lábia do Harry. Não faça eu me arrepender de estar te ajudando — disse, empurrando-me para dentro do banheiro. — Ande logo. Não temos tempo a perder.

Entrei no chuveiro e fiquei pensando sobre o plano maluco da Maga. “Essa garota realmente é louca. Totalmente louca. O pior... Acho que estou começando a gostar dela. É mesmo o fim do mundo. Eu e Margareth, amigas e unidas num plano diabólico...”, pensei. Eu ri só de imaginar.

Quando saí do banheiro, Margareth estava falando ao telefone.

— Estarei lá em uma hora. Tchau — disse, encerrando a ligação.

— Estava falando com quem? — perguntei, curiosa.

— Com o nosso alvo — disse, sorrindo. — Vamos almoçar no shopping. O plano é o seguinte: eu e Melissa estaremos almoçando juntas e você aparece do nada. Eu vou fingir que estou surpresa e você dá uma de má e apaixonada pelo Alex — disse, tão séria que quase acreditei. — Ah! Ignore-a. Finja indiferença. Não se abale diante ela.

— Uau! Você é uma garota má! — gargalhei.

— Se acha que sou má, espere até conhecê-la — disse, arqueando as sobrancelhas.

— Para você estar querendo ver a caveira dela, aposto que deve ser uma vaca. — Nós duas rimos tanto que perdemos o fôlego.

Coloquei a roupa que ela separou para mim. Enquanto isso, Margareth pegou o secador de cabelo e algumas maquiagens. Peguei alguns acessórios, brincos, colar e um bracelete com pedrarias. Estava fazendo o estilo perua. Margareth aprovou tudo e disse que estava parecendo uma estrela de Hollywood.

Pegamos nossas bolsas e saímos.

Entramos em seu carro. No caminho, ela me passou todas as instruções para deixar Melissa irritada. Quando estava tudo acertado, ela

ligou o som e cantamos juntas, ao som de Vanessa Carlton, “A Thousand Miles”. Foi então que percebi um lado novo na Margareth: uma esperança de que certamente seríamos boas amigas.

Quando chegamos, nos separamos. Margareth seguiu para a praça de alimentação e eu segui andando pelo shopping, fazendo algumas compras para disfarçar e rezando para que daquela vez Harry não aparecesse na sua versão “quero te foder com roupa e tudo”. Que ódio daquele imbecil!

Depois de meia hora, já era tempo de entrar em ação. Dei um longo suspiro e reuni toda coragem que tinha. Andando em direção à praça, logo avistei Margareth e a dita-cuja. Estava com o cabelo preso no alto da cabeça — cabelos compridos e pretos, que caíam por cima de seu decote provocante.

— Aonde Alex achou essa perua? — sussurrei para mim mesma. Continuei andando. O *toc toc* dos meus saltos ecoava no piso frio. Quando cheguei perto o suficiente, dei o melhor de mim.

— Ora, se não é Margareth Thompson! — disse, fingindo surpresa.

— Vitória? Vitória Becky? — Margareth disse, pasma. A garota era uma excelente atriz.

— Posso me sentar? — perguntei, já puxando a cadeira e me sentando.

— O que faz aqui? Quando chegou?

— Há dois dias...

— Alex já viu você? Já falou com ele?

— Ainda não.

— É... Quem é essa? Não vai me apresentar? — disse Melissa, confusa.

— Essa é a Vicky, o grande amor da vida do Alex. Lembra quando disse que ela era o seu pior pesadelo? Então... — disse, com sorriso irônico. Margareth realmente sabia ser cruel. — Vicky, essa é Melissa, a namorada do Alex. — Margareth sorriu.

— Alex já teve gosto melhor para mulheres — disse, medindo-a da

cabeça aos pés. Ela me olhou furiosa, mas não disse uma só palavra.

— Por onde andou todo esse tempo? Está magnífica! — Margareth falou.

— Paris. Estive trabalhando muito.

— E o que te fez voltar? Se estivesse em Paris, não sairia de lá por nada desse mundo. Quer beber alguma coisa? Eu e Melissa estávamos almoçando.

— Não, obrigada. Não quero atrapalhar.

— Mas me conta... Por que resolveu voltar? — Margareth insistiu. Melissa apenas ouvia. Pude perceber que estava incomodada.

— Você deve imaginar por que voltei. Você, mais do que ninguém, sabe. — Sorri ironicamente. Melissa se contraiu em sua cadeira.

— Não vai conseguir, Vicky. Ele está em outra, como pode ver — disse, olhando para Melissa.

— Claro que vou. É só pagar para ver. Bom, vou indo. Manda um beijo para o Alex por mim. Diga que logo logo nos encontraremos outra vez — disse, levantando-me da cadeira e seguindo para longe delas. Eu podia sentir os olhos de Melissa por trás de mim, me fuzilando.

Após algum tempo, como combinado, nos encontramos no estacionamento. Margareth surgiu com um sorriso no rosto. Pela cara de felicidade, conseguimos deixar a magricela irritada.

— E então? Como foi? — perguntei, curiosa.

— Você foi ótima. Mas fiquei intrigada.

— Com o quê?

— Assim que saiu, ela se levantou e fez uma ligação. Parecia nervosa e irritada... mas não era com Alex que estava falando.

— Não? Tem certeza?

— Sim. Eu disquei o número dele enquanto ela falava... Ele atendeu. Estava no ensaio para o show de hoje à noite.

— Estranho... Bom, mas ela me pareceu intimidada.

— Não tanto quanto deveria. Isso me assusta. Se fosse eu, mataria você ali mesmo para eliminar a concorrência — disse, rindo. — E ela agiu de uma forma esquisita.

— Deve ser coisa da sua cabeça. E agora? Qual o próximo passo?

— Você vai ter que falar com o Alex hoje no show.

— Mas como?

— Eu dou um jeito nela. Fique tranquila.

— Eu não sei qual será a reação dele, Margareth.

— A pior possível. Ele amava você, você quebrou o coração dele e depois se mandou para Paris.

— Não foi bem assim. Eu fui atrás dele, mas ele tinha viajado. E ainda mentiu pra mim... Aquele pai dele idiota me disse na época que havia ido embora. Então, ele me deixou primeiro.

— Você queria o quê? Que ele corresse para você sabendo que estava sofrendo porque o Harry te deu um pé na bunda?

— Não é verdade — disse, irritada.

— Eu fiquei dois dias em casa me corroendo, pensando o que estava fazendo com Harry, se era do Alex que eu gostava... Aí, quando tomei coragem para ir atrás dele, ele havia ido embora. Eu nem tinha visto a gravação do Harry. Só queria dizer para ele que eu o amava... Que era ele que eu queria ficar o resto da minha vida. Aí, quando ele realmente viajou, eu fiquei aqui, sofrendo, sem saber se voltava um dia... Eu só queria fugir para algum lugar que não me fizesse lembrar dele a cada segundo. Mas, mesmo longe, nunca deixei de amá-lo. Por isso voltei, porque eu não posso ser feliz sem ele.

— Vocês são iguais. Ele ainda sofre por você. Eu já estou até arrependida de ter feito a cabeça dele para seguir em frente... Se eu

soubesse que ele arrumaria essa fulana, jamais teria colocado essa ideia na sua cabeça.

— Ele gosta dela?

— Nem um pouco — disse, sorrindo. — Está com sorte... Mas preciso te dizer que ele não é o mesmo. Depois de você, ele mudou muito. Ele começou a beber, está chato e não sorri com frequência. Ficou um pouco amargo. Para ele, só existe trabalho e trabalho.

— Vou trazê-lo de volta à vida. Pode deixar.

— Se você magoá-lo outra vez, Vicky, eu mato você. Você não tem ideia do que ele passou pra ficar com você... Do que ele sofreu depois de você. Não mesmo. E não quero vê-lo daquele jeito outra vez.

— Eu não vou.

— Ótimo. Agora, vamos. Você precisa estar linda para o show de hoje à noite. Quero só ver a cara do Alex quando te ver...

Quando chegou a noite, estava em cólicas. Comecei a suar e tremer. Não sabia o que esperar daquele reencontro. Margareth já havia me ligado mil vezes; estava mais nervosa do que eu. Assim que finalizei a maquiagem, dei uma conferida no visual. Escolhi um vestido de paetês preto bem curto e com as costas abertas. Nos pés, salto alto preto. Fiz um coque no alto da cabeça e deixei alguns fios soltos, com a maquiagem bem carregada nos olhos para que desse um contraste legal com o azul dos meus olhos. Um batom cor de boca... No pescoço, o velho colar com pingente de guitarra que Alex me deu.

Estava pronta. Perfeita. Passei pela sala e papai estava sonolento no sofá. Dei um beijo em sua testa e disse para que não me esperasse acordado. Peguei minha bolsa, as chaves do carro e saí.

Dirigi o trajeto todo pensativa. Esperava que Alex não fosse

indiferente ao me ver. Eu não suportaria...

Quando cheguei ao Aquarius, a fila de entrada estava enorme. Na frente da casa de show, um pôster gigante da banda de rock do Alex. Reconheci alguns caras, que ainda eram os mesmos.

Passei pela segurança. Um cara moreno, com quase dois metros de altura e puro músculos, me olhou.

— Aqui só entra convidado VIP — disse, barrando-me.

— Oh, me desculpe — disse, retirando a entrada VIP que Margareth havia me dado.

O segurança liberou minha entrada. Logo na porta, recebi um cartão para consumação. Guardei-o em minha bolsa minúscula. O som dentro da boate estava altíssimo. Margareth havia falado que várias bandas de rock iriam se apresentar, e que Alex não cantaria a noite toda. Então, precisava esperar a melhor oportunidade para cercá-lo.

Fui para a pista e dancei por algum tempo. Há tempos não entrava em um show tão animado. Quando cansei, me dirigi às mesas da área VIP e me sentei. Consegui ver a Margareth. Estava um pouco distante... e ao seu lado, a bruxa magricela. Assim que Margareth me viu, abriu um sorriso contido. Ela fez um sinal para que a encontrasse do outro lado da área.

Andei tranquilamente entre as pessoas pulando e gritando ao som de Pitty. Quando cheguei até Margareth, ela me puxou.

— Você demorou demais. Aonde estava? — perguntou, irritada.

— Estava criando coragem. Não é fácil estar aqui depois de tanto tempo.

— Alex já cantou. A banda dele foi a primeira.

— Sério? — perguntei, um pouco decepcionada.

— Da próxima vez, chegue na hora combinada. Que saco! — disse, exasperada.

— Desculpe. Peguei trânsito, também.

— Vá para o bar. Vou dar um jeito de fazer o Alex comprar algumas

bebidas, aí você encurrala ele.

— Tá — disse, não muito convincente.

Fui direto para o bar e me sentei em uma das cadeiras vazias. Pedi um *Cosmopolitan* para o barman. Ele fez alguns malabares com as garrafas, o que me deixou encantada. Tomei o primeiro copo em um só gole. Bati a taça no balcão e pedi mais uma dose. Se vendesse uma dose de coragem, certamente compraria várias dela. Bebi mais umas três doses e pedi a quinta.

Passado meia hora, desisti de esperar. Era loucura ficar ali, parada feito uma idiota. Quando me levantei, desequilibrei em meus saltos e me choquei com uma mulher de vestido colado branco, derramando todo o conteúdo da minha taça em cima dela. Ao lado da mulher, um homem me olhava fixamente. Alex...

— Olha para onde anda, sua cadela! — ela gritou. Assim que me reconheceu, disse com raiva:

— Você fez de propósito, não foi? Olha só, arruinou meu vestido! — gritou, em meio à música alta.

— Nossaaaaa! Que estrago! — Margareth apareceu do nada e olhou para mim com espanto. — Vamos, Melissa, precisa se limpar — ela disse, dando-me uma piscadela.

Quando se foram, Alex me puxou pelos braços, andando rapidamente para uma área reservada. Não dizia uma palavra. Saímos batendo e esbarrando nas pessoas em nossa volta. Ele abriu uma porta através da área VIP que supus ser a passagem até o camarim. Eu estava certa. Assim que ele entrou pela porta, empurrou-me para dentro e a travou. Fiquei ali, de pé, parada, olhando para seus lindos olhos verdes. Ele estava lindo, o mesmo de sempre. Não mudou nada. Nada. Ele me olhava, sem dizer nada. Aquela falta de diálogo estava me deixando louca. Estava usando camiseta preta e jeans claro. Ainda usava o cabelo bagunçado... Ele se aproximava lentamente, olhando-me nos olhos. Conforme se aproximava calado, eu

dava alguns passos para trás, até que fui bloqueada por uma parede fria.

— O que está fazendo aqui, Vicky? — finalmente perguntou. As palavras não queriam sair de minha boca. Meu coração palpitava, eu tremia. Ele continuava se aproximando. — Me responda. — Eu continuei sem saber o que dizer. — Responda, Vicky. O que faz aqui?

— E-e-eu... — Estava impossibilitada de falar. Minha voz não saía e meu nervosismo tomou conta de mim.

— Está aqui para me atormentar? — ele disse, tão próximo. Pude sentir seu hálito. Estava hipnotizada por seu cheiro, sua voz, sua beleza... Alex me imprensou contra a parede, sem me tocar. Suas duas mãos estavam contra a parede e seu corpo bem próximo ao meu. Minha cabeça ficava em linha reta contra seu peito forte. Ele tinha que abaixar levemente a cabeça para que seus olhos pudessem ver os meus.

— Vamos, Vicky. Me diga porque voltou. Por que não ficou onde estava? Por que não me deixou seguir sem você? — A dor em sua voz era visível. Ele ainda me amava. Havia esperança para nós?

— Estou aqui por você, Alex. Porque ainda te amo — disse, com a voz embargada. Finalmente, não pude conter meus sentimentos. Deixei que as lágrimas rolassem em silêncio, vagorosamente. Alex trouxe suas mãos até meus cabelos, soltando-os lentamente. Quando estavam totalmente soltos, ele sussurrou:

— Você continua linda. — Ainda com seu olhar preso no meu, tocou meu rosto suavemente. Passou seu polegar em meus lábios e secou minhas lágrimas inseguras. Seu olhar parou em meu colar com o pingente de guitarra. — Eu penso em você todos os dias, Vicky. Parece uma maldição. Você não sai da minha cabeça.

— Alex, eu...

— *Shhh...* — Ele colocou o polegar sobre meus lábios para que me calasse. Meu corpo todo estremeceu. Seus lábios se aproximaram ainda mais, até que tocaram os meus suavemente. Quando senti o contato, abri

minha boca lentamente para saboreá-lo. Na medida em que me beijava, o ritmo acelerava. Seu beijo ficou ardente, possessivo. Coloquei minhas mãos ao redor de seu pescoço, puxando-o mais para perto. Quando nossos corpos estavam totalmente colados, pude sentir toda sua excitação, a urgência e a ternura com que me tocava. Eu estava totalmente sem fôlego quando ele quebrou o beijo e me olhou de forma triste.

— Eu não posso fazer isso, Vicky — disse, atordoado. — Não posso simplesmente esquecer tudo — concluiu, se distanciando de mim. Sua voz era um misto de confusão e dor. — Eu tenho alguém agora. Não estou sozinho.

— Nós podemos, Alex — disse, andando em direção a ele.

— Pare. Quero que saia daqui.

— Alex, eu...

— Saia! — gritou. Sem saber o que fazer, passei por ele rapidamente, saindo da sala entre lágrimas. Ele me amava. Era real. Mas estava machucado demais para me perdoar naquele momento. Eu precisava dar o tempo necessário para que ele pudesse ver com clareza, para que percebesse que eu estava falando a verdade.

Segui para a área VIP, ainda chorando silenciosamente. Precisava ir para casa para chorar toda a minha miséria, mas, como os céus andavam conspirando contra mim, Harry apareceu bem na minha frente.

— Vitória? O que houve? Está bem?

— Cai fora, Harry. Me deixe em paz! — gritei. Não queria lidar com ele. Era por causa daquele maldito que eu estava naquela infelicidade profunda. Definitivamente, ele era um encosto.

— Não vou deixar você sair daqui assim, desse jeito — disse, enlaçando-me com seus braços contra a minha vontade. E, naquele momento, naquele maldito momento, Alex passou por nós e nos observou, calado. Eu queria a morte.

— Me solta, Harry. Tire suas mãos de cima de mim! — gritava,

chorando insistentemente. Em vão; ele era muito forte.

— Não chegue perto dela, seu idiota! — Alex disse, partindo para cima dele.

Não fiquei para saber quem levou a melhor. Aproveitei o momento para fugir. Estava muito cansada de toda aquela reprise maldita. Por que ele simplesmente não desaparecia? Ele queria acabar comigo pela segunda vez? Desgraçado!

Quando estava na porta da boate, Margareth veio ao meu encontro.

— Vicky, espere!

— Me deixe você também!

— O que aconteceu? Espere! Não pode dirigir assim... Precisa se acalmar.

— Ele me ama, Margareth. Mas não quis me perdoar. Aí, chega aquele maldito encosto e me cerca. Ele anda me perseguindo. Todos os lugares em que vou, ele sempre está. Não pode ser apenas coincidência.

— Você acha que ele está te seguindo? Mas com que intuito?

— Não sei. Mas vindo dele, boa coisa não é.

— A Melissa acabou separando a briga. Ela está furiosa com você. Ela e o Alex estavam aos berros...

— Quero que ela vá para o inferno. Eu vou lutar por ele, Margareth. Nem que eu tenha que passar com um trator em cima dela e do Harry — disse, nervosa.

— É assim que se fala. Agora senti firmeza! — Ela sorriu, tentando levantar meu astral.

— Vamos, te levo em casa.

— Mas e seu carro?

— Eu peço para o motorista me buscar. Eu vim com o Alex.

— Obrigada. Não sei se conseguiria sem sua ajuda — disse, abraçando-a.

— Você é legal, Vicky. Alex sempre disse isso, mas agora eu sei.

Amanhã será minha festa. Quero que você vá e pegue ele de jeito. — Sorriu.

— E como vou fazer isso? Como? Depois de tudo isso, ele deve estar me odiando ainda mais.

— O que você fez com o anel de diamante? — perguntou, curiosa.

— Está guardado. Por quê?

— Use-o na festa. Tenho certeza que fará com que amoleça o coração dele. Você tem que ficar em cima, presente em todos os lugares que ele estiver.

— Você acha?

— Será como um tiro no coração dele. — Sorriu maliciosamente.

— Margareth... o que eu faria sem você? — disse, rindo.

Sáímos da boate. Margareth me levou para casa e, depois, ligou para seu motorista para ir buscá-la. Quando foi embora, fui para meu quarto, tomei um bom banho e coloquei minha camisola. Estava faminta, precisava comer algo. Peguei um pote de sorvete de creme e uma colher. Abri a porta da sala, sentei-me na mureta no jardim e lá fiquei, comendo e lembrando sobre o beijo. “Nossa! O que foi aquilo?”, pensava.

Depois de alguns momentos, Alex apareceu em sua Range Rover preta. Estava sozinho. Ele permaneceu por algum minuto ali, pensativo, até que saiu e entrou em sua casa, fechando a porta atrás de si.

Alex

Meu coração quase saiu pela boca quando me deparei com ela naquele instante. Meu único impulso foi de arrastá-la para longe e arrancar a verdade dela. Eu não via mais ninguém na minha frente. Eu precisava saber, eu queria saber. Será que algum dia ela me amou?

Mas eu fui fraco. Não consegui. Só queria olhar para ela... Ela me

hipnotizava, entorpecia-me como uma droga. Linda. Quando olhei em seus olhos, pude ver que estava lutando contra algum sentimento. Estava assustada. Eu perguntei o que estava fazendo ali, o porquê de ter voltado para me atormentar. Mas ela nada dizia; apenas me olhava com aqueles lindos olhos azuis.

Quando não consegui me manter afastado, aproximei-me dela. Imprensei-a contra a parede. Eu gostava de ver como aqueles cabelos loiros dourados caíam por cima de seus ombros. Então, o soltei. O cheiro era tão inebriante que me descontrolei. Eu tinha necessidade de beijá-la, senti-la.

Eu me perdi em seus beijos. Mas eu acordei. E o sonho em que estava não era real... Ela teria voltado por mim? Ela dizia a verdade? Ela me amava?

Quando a expulsei, senti um aperto no peito. Eu a queria tanto... Tanto. Então, fui atrás dela, apenas para me magoar ainda mais.

Saí da boate após dar o que aquele filho da puta merecia. A imagem dela sendo agarrada por ele me consumia. Aquele babaca a tocando em lugares em que eu havia acabado de tocar. Eu vi tudo vermelho naquele momento. Aquele cara não iria desistir nunca? Eu teria matado Harry se não fosse Melissa para nos separar. Estava com tanto ódio que a deixei lá, defendendo aquele babaca — depois de fazer uma cena ridícula de ciúmes. Eu não estava com cabeça para aturar chiliques de mulherzinha... Já havia tido merda o suficiente batendo em minha cara naquele dia. Quando olhei em minha volta, Vicky não estava mais lá. Então, também parti.

Quando cheguei em casa, tudo estava num silêncio mortal, com a rua deserta e escura. O que ela queria comigo? Por que voltou depois de tanto tempo? Essas perguntas sem respostas martirizavam meus pensamentos. Estava tão linda... O cheiro dela ainda estava em mim, na minha mente, na

minha pele. Seu gosto ainda estava em minha boca. Eu estava ficando louco. No momento em que a beijei, só pensava em tocá-la em cada centímetro de seu corpo, beijá-la em todos lugares... Sua pele macia, sua boca... Saí de dentro do carro.

Estava pirando. Precisava parar de pensar nela, esquecê-la. Eu faria o meu melhor para mantê-la longe de mim. Bem longe. Ela seria a minha morte.

Capítulo 17

Vicky

Logo pela manhã, meu pai me acordou, dizendo que iria viajar. Disse que precisava de ares novos e pensar um pouco na vida. Fiquei contente por ele. Esperava realmente que encontrasse uma mulher para que pudesse seguir em frente. Desde a traição da mamãe, ele passou a não confiar mais no amor e dedicou sua vida inteiramente a mim. E eu já estava bem crescadinha, já sabia me virar sozinha. Quando se despediu, disse em tom autoritário:

— Juízo. Nada de homens em casa. Volto daqui a uma semana — falou. Como se eu tivesse uma fila de homens aos meus pés...

Dei um beijo nele e me despedi. Seria bom aquele tempo em casa sozinha. Estava tão ansiosa pela festa da Margareth que não conseguia me controlar. Depois do pote de sorvete da madrugada, abri uma caixa de bombons e levei para o quarto — mas não antes de pegar uma garrafa de *Coca-Cola* e um saco de batatas fritas. A bagunça ainda estava em meu quarto: as embalagens dos chocolates caídas pelo chão, a garrafa de refrigerante e o saco vazio de batata.

Quando ouvi o som da campainha, corri para atender. “Será que papai esqueceu algo?”, pensei. Quando abri, surgiu uma Margareth totalmente descontrolada.

— Você não atende a merda do celular?

— Bom dia pra você também, Margareth — disse, com ironia,

fechando a porta e indo em direção ao meu quarto.

— Nossa! Você está um lixo — disse, olhando-me de cima a baixo. — Você e o Alex estiveram juntos no mesmo lugar? É porque parece que passou um caminhão em cima de vocês — concluiu, irritada.

— Você o viu hoje? — perguntei, com curiosidade.

— É, eu o vi. Está péssimo. O quarto dele cheirava a uísque barato. Deve ter ficado a noite toda se embebedando. E, pelo visto, vocês são iguaizinhos. Ele bebe e você come. Mas que merda é essa? — disse, apontando para a sujeira em meu carpete. — Está querendo voltar para os cem quilos? Está louca?

— Eu estava chateada, ansiosa.

— Da próxima vez, bate com a cabeça na parede. Não coma porcaria — bufou.

— Está tudo pronto para a festa? — perguntei, mudando de assunto.

— Sim, está. Vim ver como estavam depois do barraco de ontem... Sabia que o Alex deixou a megera lá no clube sozinha?

— Eu vi quando chegou. Estava sozinho, mesmo.

— Ele me disse que deu a maior surra no Harry. Você abalou geral, hein — disse, sorrindo.

— Esse Harry parece um encosto. Já estou cheia dele — disse, irritada.

— Melissa está lá com o Alex agora. Garota insuportável.

— O que ela está fazendo lá?

— Está tentando se reconciliar com ele. Pelo visto, ontem ela ficou mortinha de ciúmes de você. E, quando ele partiu para cima do Harry, ela acabou brigando com ele. Por isso, ele a deixou lá.

— Como sabe de tudo isso? — perguntei, curiosa. — Você estava comigo. — Sorri.

— Eu ouvi parte da discussão agora há pouco. Quando entrei no quarto dele, eles estavam discutindo.

— Vaca! — resmunguei.

— Foi exatamente o que eu disse quando olhei para ela — Margareth disse, sentando em minha cama.

— Como vamos fazer para tirá-la do caminho? E o Harry? Ele não vai estar na festa, não é? — perguntei, intrigada. A última coisa que gostaria de ver era o Harry na festa, atrapalhando meus planos.

— Está louca? Já dei até a foto dele para os seguranças. Ordens expressas para ser barrado. Se resistir, será espancado também! — Gargalhou.

— Ótimo. — Sorri.

— Quero você linda, está me ouvindo? Trate de tomar um banho e correr para eliminar esses quilos aí que ganhou comendo todos esses chocolates. Quero você linda, magra e poderosa na festa.

— Ui! Vou tentar. Não sei se vou conseguir olhar para o Alex com aquela cara de fuinha.

— Eu vou dar um jeito nela, não se preocupe. Ela vai sair da minha festa soltando fogo pelas ventas — disse, com aquele olhar diabólico que só ela sabia fazer.

— O que sugere que eu vista para a festa?

— Algo bem curto, provocante e sensual. Tem aí? — Ela sorriu.

— Claro que não! — disse, espantada. — Não sou esse tipo de mulher, Margareth.

— *Hello!* Não mandei você ir pelada, *mademoiselle!* Vá comprar um vestido e arrase. Um vestido sensual... Nada de parecer igual freira, entendeu?

— Ok, *mademoiselle!* — Rimos em uníssono. Margareth era muito divertida. Em meio a toda aquela confusão, ainda me arrancava gargalhadas.

— Tenho que ir. Não se esqueça do anel — disse, enquanto me abraçava.

— Não vou esquecer.

Resolvi seguir a dica da Margareth. Achava que estava completamente certa: precisava impactar, colocar algo sensual. Algo que chamasse atenção, que deixasse Alex louco quando colocasse seus olhos verdes em mim. E eu sabia exatamente como...

Tomei um bom banho, me troquei e corri para fazer compras. Precisava encontrar o vestido perfeito.

Alex

Após toda a discussão com Melissa, decidi ir trabalhar. Precisava fechar um contrato milionário com uma das maiores bandas de rock. Se conseguisse aquele contrato, estava feito. Ao menos trabalhando, manteria minha mente ocupada até a festa.

Peguei a toalha e fui para o chuveiro. Olhei para ela e disse:

— Vou tomar um banho para ir até a produtora. Se quiser uma carona, eu te levo até em casa.

— Tudo bem — disse, deitada em minha cama.

Liguei o chuveiro e deixei a água morna cair em meu corpo. Com os olhos fechados, ela veio em minha mente, vestida de preto e com seus lindos cabelos soltos. Seu cheiro adocicado, sua pele macia, sua boca... Ah! Aquela boca deliciosa... O que estava acontecendo comigo? Tinha vontade de tocá-la, de estar com ela, de torná-la minha... Só minha.

— Acorda, Alex — sussurrei para mim mesmo. Terminei meu banho, tentando mantê-la longe de meus pensamentos. Enrolado apenas com a toalha em volta da cintura, saí do quarto.

— O que é isso? — perguntei, surpreso, ao ver Melissa totalmente nua em minha cama. Ela se levantou lentamente e veio em minha direção.

— Quero você, Alex. Agora — disse, aproximando-se e puxando a toalha em volta de mim. Começou a tocar meu corpo minuciosamente.

— Melissa, agora não — disse, tentando afastá-la.

— Por que não? Não gosta do que vê? Não quer me tocar? Me sentir? — disse, deixando leves beijos em meu peito.

— Para, Melissa — disse, irritado.

Ela me puxou, empurrando-me para a cama e dizendo:

— Você está muito tenso, querido. Vou fazer você relaxar.

Eu estava totalmente aéreo, mas tentei corresponder às suas investidas. A princípio, achei que pudesse dar certo, que aquele sentimento pudesse ir embora e que não me assombrasse mais, que o cheiro dela se dissipasse... Foi impossível. Impossível não sentir. Todas as vezes que a tocava, era na Vicky que pensava. As coisas só pioraram quando a vi, com aqueles olhos azuis me olhando e seus cabelos loiros em cima de mim. Meu primeiro instinto foi empurrá-la. Quando recobrei a consciência, Melissa estava parada, olhando-me, confusa e furiosa.

— Não posso fazer isso — disse, levantando-me da cama.

— É ela, não é? É por causa daquela loira idiota? — Melissa estava alterada. Enquanto resmungava, coloquei minha roupa.

— Pare de ser ridícula — disse, colocando minha calça.

— Aonde pensa que vai?! — gritou.

— Vou trabalhar, já disse — falei, irritado.

— Não vai embora e me deixar aqui assim, desse jeito! — ela gritava, furiosa.

— Escuta: eu não estou afim. Tenho que sair.

— Não, você não vai! — ela continuava a gritar.

— Olha, Melissa, eu estou extremamente irritado. Estou cheio de problemas. Ajudaria muito se você calasse a boca.

— Não acredito que está falando assim comigo por causa dela — sussurrou, com os olhos lacrimejantes. “Ótimo. Só me faltava essa”, pensei.

— Mel, eu preciso ir. Te vejo mais tarde. Se quiser ficar aqui, quando chegar, te levo para casa. Eu não demoro — disse, num tom mais suave. Não queria fazê-la chorar. Não era justo com ela por eu estar tão confuso.

— Eu vou com você. Espere, por favor.

— Estarei no carro — disse e saí pela porta.

Quando chegamos à produtora, deixei Melissa na recepção. Ela fez questão de me acompanhar. Está certo que ela era uma mulher linda, mas já estava me sufocando indo a todos os lugares comigo; não me deixava por um minuto sequer.

Entrei em minha sala, passando por Betty, minha secretária.

— Senhor Riccieri, o empresário da banda ligou três vezes hoje. Pediu para que entrasse em contato urgente.

— Está bem, Betty. Ligue para ele e me passe a ligação. Estarei ocupado. Não deixe ninguém entrar em minha sala.

— Sim, senhor.

Minha sala estava um terror. Pilhas e mais pilhas de contratos a serem analisados. Há três meses, quase havia desistido da produtora ao perder um contrato muito lucrativo. Depois de algumas semanas, fiquei sabendo que Harry conseguiu fechar o contrato com a banda que estava negociando. Aquele cara, sempre no meu encalço, parecia uma praga.

Depois de falar com George sobre o novo contrato, decidi organizar minha mesa e mantê-lo no cofre. Havia muito dinheiro envolvido. Quando abri a gaveta, a caixinha do anel de noivado que comprei para Melissa estava lá. Peguei-a e abri. Passei alguns segundos olhando para o anel... Lembrei de quando peguei o anel que fora da minha mãe para dar a Vicky. Acreditava que ela seria a única mulher em minha vida, que nos casaríamos, teríamos filhos... que viveríamos felizes. Era tão simples. Por que ela teve que complicar tudo?

De repente, Melissa entrou em minha sala. Não tive tempo de esconder o anel. Então, ela olhou para ele e sorriu, dizendo:

— Alex! É para mim? — disse, alegre, com um imenso sorriso no rosto.

— Eu iria te dar ontem, mas acabei não tendo tempo — disse, a contragosto. Não era ela quem eu queria. Não como minha esposa e mãe dos meus filhos. Mas, quem sabe, com o tempo ela pudesse ser realmente tudo aquilo que precisava.

— É lindo! — disse, dando-me um beijo.

— Melissa, preciso trabalhar agora.

— Posso te ajudar, se quiser.

— Só estou organizando algumas papeladas. Quando terminar, vamos almoçar. O que acha?

— Acho ótimo. Vamos comemorar? — disse, olhando-me com seus imensos olhos pretos.

— Vamos. — Sorri.

— Desculpe, senhor Riccieri. Ronald pediu para que o encontrasse na sala dele nesse momento. — Betty irrompeu na sala.

— Obrigado, Betty. Pode ir.

— Querido, não quero te atrapalhar. Pode ir, te espero aqui, sentada.

— Volto num instante — disse, saindo.

Fui até a sala do Ronald, no terceiro andar. Ronald era meu diretor financeiro e empresário da minha banda. Desde que começamos a cantar profissionalmente, era ele quem cuidava da nossa agenda de shows. Conversamos durante uns vinte minutos. Ele havia marcado um show em Santos, para nos apresentarmos numa casa de shows do litoral. O cachê era bom, então, fechamos o contrato.

Quando voltei para minha sala, abri a porta e peguei Melissa vasculhando minha mesa.

— O que está fazendo? — perguntei, furioso. Odiava que mexessem nas minhas coisas.

— Na-nada — disse, assustada. — Estava procurando uma caneta.

Meu irmão ligou e precisava anotar um recado, senão, acabaria esquecendo — disse, não conseguindo esconder o nervosismo.

— Me espere na outra sala, Melissa. Preciso dar alguns telefonemas — disse, sentando-me em minha cadeira.

— Claro — disse, saindo pela porta.

Assim que ela saiu, continuei arrumando a papelada. Depois de uma hora, estava tudo terminado. Saí do escritório e a encontrei no maior papo com a Betty.

— Vamos, Melissa. Já está tarde, precisamos almoçar.

— Vamos — disse, sorrindo. — Nos falamos outra hora, Betty — disse, despedindo-se de minha secretária. Eu nem imaginava que eram amigas.

— Não sabia que conhecia a Betty — falei, intrigado.

— Não nos conhecemos, apenas estávamos tendo uma conversa de mulheres — ela disse, sorrindo.

— Certo... Devia estar um tédio, então. — Sorri, abraçando-a. — Onde quer almoçar?

— Em qualquer lugar para mim está bom.

— Um japonês?

— Parece ótimo para mim — disse, concordando com minha escolha.

No percurso até o restaurante, Margareth me ligou, desesperada.

— Alex, preciso de sua ajuda! — disse, afoita.

— Estou indo almoçar com a Melissa. O que quer?

— A segurança... Os caras desistiram na última hora e agora estamos sem seguranças, Alex. O que eu faço?! — perguntou, descontrolada.

— Espere... tenho um amigo que talvez possa ajudar. Anota o número dele.

— Pode falar — disse. Passei o número de um amigo antigo. Roger era um velho conhecido da época da faculdade. No ano anterior, fiquei sabendo que havia entrado no ramo de segurança privada. — Fale com ele,

Margareth. Roger é um cara, gente fina. Diga que fui eu que o indiquei.

— Obrigada, Alex. Vê se não se atrasa, ok? — disse, desligando.

— Problemas? — Melissa perguntou, curiosa.

— Nada de mais. Margareth, que está toda desesperada com a segurança...

— O que houve?

— Parece que a empresa contratada deu pra trás. Ela queria saber se conhecia alguém que fizesse esse tipo de serviço.

— Que pena... Espero que consiga. A falta de segurança pode arruinar a festa dela — disse.

Quando chegamos ao restaurante, pedimos o almoço e comemos tranquilamente. A hora passava... e estava quase na hora dos preparativos para a festa. Margareth havia contratado minha banda para tocar. Fez questão de pagar e eu de não cobrá-la. Era meu presente de aniversário. Também havia comprado um colar que havia paquerado numa joalheria quando fomos ao cinema na semana anterior. Margareth adorava joia e andar na moda. Não era à toa que era uma excelente estilista. Desde que havia concluído a faculdade de Moda, ela vinha desenhando calçados — os mais variados modelos. Dizia que o calçado para uma mulher era mais importante do que um homem. Eu ria só de pensar nessa idiotice.

Após o almoço, deixei Melissa em sua casa e segui para a minha. Precisava organizar algumas coisas e passar na casa do pessoal da banda para ensaiar um pouco, afinal, tudo deveria estar perfeito naquela noite.

Vicky

Já estava anoitecendo. Margareth havia me ligado, histérica, pelo menos umas dez vezes. Gritava ao telefone coisas do tipo “não esqueça o

anel”, “não venha vestida de freira”, “quero você arrasando o coração dele”... Estava me deixando totalmente nervosa e em cólicas. Ela ficaria surpresa ao me ver... Tinha comprado nada mais que um belo vestido vermelho, curtíssimo, de renda e cetim, com costas abertas e a parte frontal valorizando bem meus seios médios. Optei por usar meus cabelos soltos. Coloquei um colar e brincos com pedras de rubi, com uma sandália dourada de pedrarias da *Prada* e, no dedo direito, o famoso anel de diamantes.

Fiz uma maquiagem leve. Valorizei meus olhos com sombra preta e passei um batom cor de boca para contrastar com os olhos. Depois passei o perfume que Alex amava: *Lady Million*, de Paco Rabanne.

Estava pronta para arrasar. Peguei minha *clutch* dourada *Louis Vuitton* e me mandei.

Pouco depois de quarenta minutos, cheguei ao bairro do Morumbi. A festa era numa mansão gigantesca. Margareth sabia como dar uma festa com estilo.

— Uau! — disse, surpresa, ao me deparar na entrada. O caminho até a mansão era composto por flores e luminárias em velas, todas acesas, causando uma iluminação maravilhosa. No chão, havia um tapete vermelho. Devia ter custado uma fortuna. Assim que entrei fui avistada por ela, que veio correndo ao meu encontro.

— Até que enfim você chegou — disse, abrindo um sorriso. Margareth estava magnífica com seu vestido curto e justíssimo amarelo, cabelos presos e uma maquiagem de dar inveja. Estava linda.

— Nossa... Está tudo tão lindo — disse, maravilhada. — Você está linda!

— Você está linda também, Vicky. Abusou um pouco do comprimento do vestido, mas está fabulosa — disse, sorrindo.

— Acha que está curto demais? — perguntei, intrigada.

— Eu não, mas conheço uma pessoa que vai odiar — disse, gargalhando.

— Ah, não tem graça, sua boba. Você disse que era para deixar ele louco. Então...

— Louco, eu disse. Não possesso.

— Até parece...

— Espere só até um homem lindo te tirar para dançar. Vou ter que segurá-lo, pois do jeito que ele anda estressadinho, vai matar todos os caras que se aproximarem de você.

— Ele tem a Melissa. Não vai nem se importar comigo — resmunguei.

— Vamos ver se não tenho razão. Espere e verá. — Ela riu. — Vamos, vou lhe mostrar sua mesa.

Margareth me levou até em frente ao palco. Era uma vista privilegiada. Dali, conseguiria ver o Alex tocar e também todos na pista de dança. Quando me mostrou a mesa, perguntei, intrigada:

— A mesa é para oito pessoas, Margareth — bufei.

— Sim. Eu sei fazer conta, fofinha. Aqui ficará você, Melissa, Alex, eu, Roger e Lucas.

— Quem é Roger e Lucas? Eu conheço?

— Não. Roger é um cara que Alex colocou no meu caminho. É dono da empresa de segurança que contratei. E o Lucas você vai conhecer logo mais — disse, com olhar malicioso.

— Margareth Thompson, o que a senhorita está aprontando?

— Já ouviu aquele ditado... “Quem não dá assistência, abre a concorrência”?

— Eu não estou gostando nada disso — disse, intrigada. Margareth estava planejando algo, certamente.

— Vamos dar ao Alex um motivo para se decidir. Aposto que ele não vai gostar nadinha ao ver vários homens babando por você.

— Esqueça. Não vou fazer esse joguinho.

— Não precisa. Eles farão. Sem eu mandar, é claro. — Sorriu diabolicamente. — Bom, sinta-se à vontade. Vou receber alguns amigos —

concluiu, distanciando-se da mesa. Minhas mãos suavam. Estava começando a ter cólicas intestinais. “Ai, meu Deus... vou ter um treco!”, pensei.

A decoração da festa estava impecável. O palco era enorme e, na pista de dança, os globos de luzes coloridas giravam lentamente. O ambiente iluminado apenas por candelabros nas mesas deixava um ar sofisticado. Após algum tempo, um homem muito bonito e elegante se aproximou da mesa. Olhando-me minuciosamente, ele era um pedaço de mal caminho: alto, moreno, forte e olhos azuis. Seu rosto levemente quadrado e uma barba cerrada o deixavam totalmente sexy em seu terno cinza claro. Estava com uma camisa branca com três botões abertos. Nada de gravata. Engoli em seco.

Ele me olhava de uma forma que me sentia despida apenas com seu olhar. Estremeci. Em seguida, se aproximou, dizendo:

— Você deve ser a Vitória. Acertei? — disse, com um sorriso torto revelando dentes perfeitos e branquíssimos.

— Sim. Me conhece? — perguntei, curiosa. Jamais havia visto aquele homem. Se tivesse, certamente me lembraria.

— Não. Margareth me falou sobre você — disse, puxando a cadeira ao meu lado. “Eu vou matá-la”, pensei. — Desculpe minha indelicadeza... Lucas. Lucas Farrell — disse, estendendo-me a mão. Quando a toquei, Lucas a puxou para um beijo casto. Um beijo que me causou arrepios.

— É um prazer. — Sorri timidamente.

— Está gostando da festa? — perguntou, com sua voz forte e rouca.

— Acabei de chegar. Ainda não vi muita coisa. — Dei de ombros.

— Sério? — Ele sorriu. — Eu também, mas já vi o suficiente para saber que vou me divertir bastante — disse, com seu olhar fixo nos meus, deixando-me desconcertada. Aquele homem estava flertando comigo? Eu ia matar a Margareth. Que cilada!

— Bebe alguma coisa? — perguntei, quebrando a tensão.

— Claro — disse. — O que deseja?

— Um uísque duplo. — Sério? Eu disse aquilo mesmo? Céus!

— Não acha muito forte para uma dama como você? Que tal um *Dry Martini*? — Sorriu.

— Certo. — Sorri de volta.

— Volto em um minuto — disse, retirando-se. Por mim, não precisava voltar nunca mais. Ô perdição... Não precisava de um segundo Harry para me atrapalhar bem naquele momento.

Após alguns minutos, Lucas estava de volta com duas taças: meu *Dry Martini* e sua bebida, que não consegui identificar.

— Você dança? — disse, entregando-me a bebida.

— Ah, não. Sou uma péssima dançarina. — Sorri.

— Uma pena. Se quiser, posso ensiná-la.

— Muita gentileza, mas fica para outra ocasião.

Naquele instante, Margareth apareceu, acompanhada de Melissa.

— O que ela faz aqui? — Melissa me olhava, furiosa.

— Ela é minha convidada, Melissa. Trate-a bem — Margareth fez questão de dizer.

Lucas nos olhou sem entender muita coisa. Cumprimentou Melissa e Margareth.

— Vejo que já se conheceram — Margareth falou ironicamente, dando-me uma piscadela. Filha da mãe! O que estava armando?

— Roger deve estar chegando — disse Lucas para ela.

— Falta pouco. Acabei de falar com ele ao telefone. Está instruindo os rapazes lá fora.

— Onde está Alex? — perguntou Margareth à Melissa.

— Está com a banda. Vão entrar no palco daqui alguns minutos — Melissa disse, irritada. Acho que minha presença a incomodava... Óbvio.

— Bom, fiquem à vontade. Volto logo — disse, deixando-nos a sós. Maravilha. Eu, a bruxa, e o deus grego na mesa, sozinhos. “A noite

promete”, pensei.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, apenas prestigiando o som. O DJ rolava o som de David Guetta e os convidados pulavam na pista de dança. Estavam se divertindo. Melissa estava com uma cara emburrada. Achava que estava abafando com seu vestido verde quase transparente. Eu e Lucas conversávamos, ignorando-a completamente. Ao que pareceu, ele também não tinha gostado muito dela.

Após uma longa conversa agradável com aquele deus grego, Margareth finalmente apareceu para se juntar a nós. O silêncio tomou conta do lugar, enquanto os homens subiam ao palco para organizar as aparelhagens.

— O show vai começar! — disse, batendo palmas, toda eufórica. Melissa se ajeitava em sua cadeira e Lucas se atentou ao palco, finalmente quebrando o contato visual comigo. Pude respirar aliviada.

Depois de alguns segundos, Alex e sua banda surgiram ao palco ao som de “*With Arms Wide Open*”, do Creed. Sua linda voz me causou arrepios por todo o corpo. Lucas insistentemente me tirou para dançar. Margareth fez um sinal em aprovação. “Ela está doida?”, me perguntei em pensamento.

Dançamos ao som de Creed, bem juntinhos. Quando a música acabou, voltamos a nos sentar. Melissa, com um sorriso triunfante no rosto, disse:

— Vejo que se deu bem.

— Vá se catar! — disse Margareth para ela, irritada.

Após alguns minutos, surgiu um alemão. “Oh, meu Deus! De onde saíram tantos homens maravilhosos?”, pensei. Quando ele se apresentou como Roger, olhei para Margareth. Ah, que menina danada...

— Esse aí é o tal Roger? — Cutuquei-a.

— Sim. Um gato, não é? — disse, com um sorriso no rosto.

— Hum-hum... E eu aqui, achando que era um velho barrigudo e usava óculos fundo de garrafa. — Contive um riso.

— E por que achou isso?

— Você disse que ele era o dono da empresa de seguranças.

— E só por isso o cara tem que ser um canhão? Aff! Morri aqui com suas descrições desnecessárias e totalmente maldosas. — Sorriu.

— De feio o cara não tem nada. Olha só para ele... Que braços fortes! E aqueles olhos verdes? Céus!

— Ei, quer morrer? Olha o Alex ali — disse, irritada.

— Só estou dizendo — disse, arqueando a sobancelha.

— Ele me convidou para sair — disse Margareth, radiante.

— Já não era sem tempo... Precisa de um homem na sua vida, mesmo. — Nós rimos juntas. Lucas e Roger nos olhavam, curiosos, enquanto Melissa não parava de mandar mensagens em seu celular.

Passamos o tempo todo ali, bebendo, conversando e cantando. Margareth me apresentou alguns amigos. Acabei por reconhecer alguns colegas de faculdade. Ficaram abismados ao me ver tão magra; algumas pediram até a receita da dieta que estava fazendo.

Quando o show terminou, a banda musical entrou para continuar a alegrar a festa. Alex saiu do palco, seguindo diretamente para a nossa mesa. Quando estava próximo o bastante, puxou Margareth num canto para uma conversa. Não precisava ser um gênio para saber que falava sobre mim. Seus olhos fixos e furiosos no meu o delatavam. Senti-me como uma intrusa. Por fim, Alex pegou algo com Margareth e saiu.

— Uau! Alex é um cabeça-dura — Margareth disse.

— Onde ele foi?

— Tomar um banho. Disse que estava todo suado e foi colocar uma roupa adequada.

— Cadê a Melissa? — disse, olhando na direção em que ela estava sentada.

— Não faço ideia. Espero que tropece e quebre a cara no caminho. — Ela riu.

— Lucas, o que achou da minha amiga Vitória? — Margareth

perguntou, puxando assunto e me colocando em linha de tiro.

— Magnífica, linda e inteligente. — Ele sorriu com todo o seu charme, dando um gole em sua bebida. Fiquei desconcertada.

— Roger, algum problema? — Margareth olhou intrigada para Roger. Ele falava ao rádio com alguém.

— Não é nada. Está tudo sob controle. Se me der licença... — disse, ausentando-se. Margareth fez uma cara de decepção.

— Bom... Vamos dançar, gente. A festa é para isso. Nos divertir! — gritou animada, puxando-me para a pista. Lucas nos acompanhou.

Na pista, Margareth gritou para o DJ:

— Toca o terror, DJ. Uhul!

E quando rolou a música:

*...Party rock is in the house tonight
Everybody just have a good time
And we gonna make you lose your mind
Everybody just have a good time...*

Todos dançaram como loucos ao som de *Party Rock*, do LFMAO. A agitação foi total, com todos pulando, gritando e fazendo passinho. Rimos e nos divertimos como malucos. Quando a música acabou, não tinha fôlego para mais nada. Fui amparada por Lucas, que me levou até a piscina para tomar um ar fresco.

A vista era magnífica: havia velas flutuantes na piscina e pétalas de rosas vermelhas ao redor. Bem a cara da Margareth mesmo.

— Está curtindo a festa? — Lucas perguntou.

— Sim. Está ótima — disse, sorrindo.

— O que você faz? Em que trabalha? — perguntou, sendo evasivo demais.

— Moda. Trabalho com moda. Sou estilista — respondi. — E você? —

perguntei, apenas para ser simpática. A verdade é que eu não estava nem aí para o que fazia.

— Sou empresário. Tenho uma empresa de Telecomunicações — respondeu, satisfeito.

— Um CEO? Estou surpresa. Tão jovem...

— Quase. — Ele riu. — Eu chego lá um dia — respondeu, modestamente.

— Vamos voltar? Já estou bem melhor. Preciso de uma bebida — disse, querendo fugir dali. Não era sábio ficar por muito tempo ao lado daquele homem sozinho.

— Sim. Vamos — disse, colocando sua mão em minhas costas e me guiando para dentro do salão. O contato de sua mão em minha pele me deixou incomodada.

Quando chegamos à mesa, Alex estava sentado ao lado de Melissa e Margareth, colada em Roger. Sorri.

Alex manteve toda a sua atenção às mãos de Lucas possessivamente em minhas costas. Um rubor apareceu em meu rosto. Conforme conversávamos, Alex ficava apenas observando. Sua cara de “largue-a ou eu te mato” não passou despercebida por Lucas, que o olhava intrigado. Estava lindo, apenas de jeans, blazer preto e camisa branca, além do maldito cabelo bagunçado, que me deixava louca...

— Vou buscar uma bebida para nós — disse baixinho.

— O garçom pode fazer isso. É para isso que eles servem — Alex disse, enciumado.

— Alex! — Margareth chamou sua atenção.

— Falei alguma mentira? — disse, nervoso. Acho que ele não estava levando as coisas muito bem.

— Mas já que está aí, todo caridoso, traga-me um uísque duplo, por favor — disse, com ironia.

— Você não vai beber. Não em minha festa — disse Margareth.

— Pare de ser careta, querida.

Naquele instante, Melissa se levantou da mesa para atender ao celular.

— Me deem licença — disse, ausentando-se.

Lucas saiu para buscar nossas bebidas enquanto Alex me fulminava com o olhar. Ele ficou extremamente irritado quando percebeu que estava usando o anel de diamantes.

— Vamos até ali comigo, Roger. Preciso te mostrar algumas coisas — Margareth levantou, puxando o coitado. Eu sabia o que ela estava fazendo: deixando-me sozinha na cova do leão. — Voltamos logo — concluiu, saindo apressadamente.

— Vejo que arrumou um admirador — Alex falou, fuzilando Lucas com o olhar.

Fiquei calada. Não disse nenhuma palavra e fiz o meu melhor para ignorá-lo. Isso só o irritou ainda mais. Ele se levantou rapidamente e sentou ao meu lado, dizendo:

— Foi a Margareth, não é? Ela odeia a Melissa, então, acha que pode fazer com que eu perdoe você e que fiquemos juntos — ele disse, irritado.

— Não seja ridículo — disse, trêmula. Estar tão perto dele me deixava sem chão.

— E por qual outro motivo estaria aqui? Vocês nunca foram amigas. Engraçado de repente você estar no show ontem e, agora, na festa dela.

— Fui convidada — sussurrei.

— Obviamente. Senão, não estaria aqui.

— O que você quer? — perguntei, irritada.

— Eu te fiz essa mesma pergunta ontem, Vicky. Se você acha que vou te perdoar, está enganada — disse, friamente.

— Então, por que se importa? — perguntei, mostrando indiferença.

— Quem disse que me importo?

— Por que não vai atrás da sua namorada? Pelo visto, ela deve estar

se divertindo sem você. — Sorri.

Naquele momento, Lucas apareceu com nossas bebidas. Gentilmente, ele estendeu o copo com uísque para Alex e dividiu seu *Cosmopolitan* comigo. “Engole essa, Alex”, pensei. Melissa apareceu ao lado de Margareth e Roger. Os três se sentaram. Conversamos por algum tempo.

Quando o DJ começou a tocar “Stay”, da Rihanna, Lucas se levantou, pegando em minha mão e disse:

— Dança comigo?

— Ela não sabe dançar — Alex disse, irritado.

— Será um prazer — disse, sorrindo, somente para deixá-lo ainda mais irritado.

Deixamos a mesa e andamos até o meio da pista de dança. Lucas, com sua voz máscula e forte, disse ao meu ouvido em meio à música alta:

— Parece que deixamos alguém irritado.

— Não se preocupe com ele — disse, sorrindo. — É apenas um velho amigo.

— Não pareceu. Aquele cara tem sentimentos por você — disse olhando em meus olhos. — E, o que me parece, você também.

— É uma longa história. Já não importa mais — disse, tentando disfarçar o nervosismo.

Após a dança, voltamos aos nossos lugares. Alex continuava bebendo. Melissa estava com cara de quem comeu e não gostou e Margareth, pasmem, estava na pista, dançando com o maravilhoso e magnífico alemão. Sortuda! Quando também se juntaram a nós, Margareth começou a alfinetar Melissa. As duas tiveram uma pequena discussão, na qual em nenhum momento Alex a defendeu. Parece que estava mais preocupado em encher a cara.

A tensão entre ela e Melissa piorou depois que Margareth subiu ao palco, agradecendo pela presença dos convidados que foram prestigiar seus vinte e três anos, e cantou em homenagem ao Alex, que havia ajudado

a organizar a festa. A cara da Melissa ouvindo Margareth cantar “Girlfriend”, da Avril Lavigne, para o Alex, foi impagável. Até que ela cantou bem.

Aos poucos, todos foram se levantando de suas cadeiras. Eu aproveitei aquele momento para retocar a maquiagem. Levantei-me e fui à procura de um toalete.

Alex

Eu estava tentando o meu melhor para não perder o controle e quebrar a cara daquele babaca. Como ela podia se dar ao desfrute daquele jeito? O cara estava praticamente despindo ela só com olhares maliciosos. Maldição! Por que ela estava vestida daquele jeito? Vê-la tão perto e não poder tocá-la estava me deixando louco. Não estava ajudando em nada ver aquele babaca agarrado a ela, dançando tão colado que pareciam apenas um. Minha vontade era de correr até eles e arrancá-la dos braços dele.

Fiquei na mesa, sozinho. Melissa sumiu falando na porra do celular. Ótimo. Estava ali, jogado às traças, somente com meu bom e velho companheiro: o copo de uísque. Todos dançavam em minha volta. Casais felizes se pegando, se beijando... Até a Margareth desencalhou com o Roger. E eu ali, só observando.

Quando ela surgiu de volta, com seu andar sofisticado e balançando aqueles lindos cabelos dourados, eu me perdi. Não poderia viver sem ela. Eu não queria viver sem ela. Assim que se sentou, olhou fixo em meus olhos. Será que ela sentia aquela mesma conexão? Aquele sentimento tão forte que chegava a doer por dentro?

Ficamos sentados, calados. Ela continuou com sua bebida e eu com a minha. Margareth apareceu, animada, e me puxou da cadeira, dizendo:

— Vamos, tire ela para dançar.

Margareth foi até Vicky e também a puxou rapidamente. Segurando nossas mãos, Margareth nos guiou até o meio da pista e gritou para o DJ:

— DJ, solta o som aí para os casais apaixonados!

— Maluca! — gritei.

— Agora é com vocês — ela sussurrou.

Vicky na mesma hora se desvencilhou das mãos dela e tentou fugir, mas fui mais rápido e a segurei em meus braços. Quando estava totalmente presa a mim, ela disse, irritada:

— Eu não sei dançar. Não foi o que disse agora há pouco?

Envolvi-a em meus braços ainda mais apertado. Seu cheiro percorria minha mente, deixando-me louco. Quando a música (*I've Had*) *The Time Of My Life* disparou, nós dois rimos juntos. Era a nossa música preferida desde criança. Vicky me fazia assistir *Dirty Dancing* todos os finais de semana.

— Isso é ridículo. — Ela riu.

— O quê? A música ou você achar que eu não posso ser o seu Patrick Swayze? — Nós dois rimos.

— Os dois são ridículos. Contou a ela? Contou sobre nosso filme à Margareth? — perguntou, surpresa.

— Não precisei. Quando você foi embora, todos os finais de semana eu assistia ao nosso filme. Margareth chegou a dizer que me internaria caso continuasse a assisti-lo — disse, lembrando-me dos momentos em que sofri com a falta dela.

Dançávamos e ríamos ao mesmo tempo. Eu girava seu corpo na pista em minha volta. Nos embalamos no ritmo da canção.

— Você está linda — sussurrei ao seu ouvido.

— Você também não está nada mal...

— Não quero que chegue perto daquele babaca outra vez — disse possessivo. Só de imaginar ele tocando sua pele macia e sentindo seu cheiro levemente doce e suave, ficava tremendo de raiva.

— Você não tem o que querer, Alex. Eu não sou sua — disse, ríspida.
— Você me disse ontem que não estava sozinho. Pois bem, eu estou. —
Sorriu, irônica.

— Melissa não quer dizer nada para mim. Nada! Eu amo você, Vicky.
Você sabe disso. E você é minha.

— Não sou, não.

— Sério? Por que está com o anel que te dei?

— Combinava com o vestido. — Ela deu de ombros.

— Eu ainda quero você.

— Então me prove, Alex. Porque eu voltei por você, mas não parece
muito satisfeito em me ver — disse, olhando em meus olhos. Como ela
podia achar que eu era indiferente a ela? Será que não percebia que eu
estava caído de amor?

Quando me aproximei para beijá-la, sentir sua boca, seus lábios
macios, Melissa apareceu para acabar com o momento.

— Acho que está dançando com o homem errado, querida — disse,
empurrando-a para longe. — Fique longe do meu noivo, entendeu? —
bufou.

— Noivo?

— É. Noivo! — gritou, mostrando a aliança em seu dedo.

“Mas que droga! Esqueci completamente. Maldita hora que fui
comprar essa porcaria”, pensei.

— Vicky, espere — disse, empurrando Melissa para trás. Ela me olhou
indiferente. — Eu posso explicar.

— Ah, claro que sim. Você estudou na mesma escola que o Harry. Eu
me lembro muito bem. — Uma lágrima rolou em seu rosto quando ela me
olhou furiosamente.

— Não me compare com aquele babaca — disse, irritado. Eu não era
como ele. Nunca. Jamais faria com ela o que ele fez.

— Alex, deixe-a — Melissa disse, puxando meu braço.

— Me larga, Melissa.

— Vai lá com a sua namoradinha. Ou melhor, sua futura esposa. Olhando bem, vocês até que combinam — ela disse, com a voz embargada, e saiu rapidamente. Olhei para Melissa e minha vontade era de dar um chega pra lá nela. Que mulher irritante.

— O que pensa que está fazendo? Quer me humilhar diante de todos?
— ela esbravejou.

— Me deixa.

— Escuta aqui... Se pensa que vai me deixar por causa daquela loira aguada, está muito enganado. Você é um idiota. Não enxerga, mesmo. Agora pouco aquela fingida estava aos beijos com aquele cara de ontem.

— O quê? — Parei bruscamente e olhei para ela. Eu tinha ouvido bem?

— Isso mesmo que você ouviu.

— Está louca... Onde viu isso? Impossível. Ele nem está aqui na festa — gritei, extremamente fora de mim.

— Está sim. Eu vi os dois juntos. Se não acredita, por que não vá atrás dela? Eles devem estar rindo da sua cara de babaca nesse instante! — gritou. Melissa vomitou toda sua ira e saiu em passos largos. “Maldição! Será que... Não! Não! Não! Ela não teria coragem de fazer isso comigo”, pensei.

Procurei a Margareth, desesperado. Olhava em meio aos convidados... Nada. Quando me deparei com Roger, estava aos berros no rádio.

— Seus incompetentes! Amanhã, estarão todos na rua. Não conseguem seguir uma simples ordem? Peguem-no. Quero esse cara fora daqui... — concluiu.

— O que houve? Viu a Margareth?

— Ela está atrás da moça loira. Parece que um cara chamado Harry passou pela segurança e ela está furiosa. Está querendo a minha cabeça.

— Você tem certeza? Filho da puta!

Percorri por todo o salão. A cada mulher de vermelho, eu chegava perto para ver se era a Vicky. Se ela estivesse com ele, eu acabaria com os dois. Mas como, se ela ficou todo o tempo ao lado daquele babaca babando por ela? A não ser que... ela tinha ido ao banheiro. O banheiro, claro. Maldita fingida. Aquela noite seria o fim para aquele filho da puta.

Vicky

Como ele podia ser tão falso? Dizia que me amava e pediu aquela vigarista peituda em casamento. Não ia deixá-lo fazer comigo o que aquele desgraçado fez. Não mesmo.

Segui para o banheiro. Minha maquiagem devia estar horrível. Queria ir embora dali, sair daquele lugar o mais rápido possível. Entrei correndo no banheiro, encostando a porta atrás de mim. Eu soluçava. Olhei no espelho: maquiagem borrada e olhos vermelhos. Estava um horror. Liguei a torneira e joguei água fria em meu rosto. Meus cabelos colaram em minha testa úmida. Ao pegar a toalha para secar as mãos, quase tive um infarto. Harry surgiu de dentro de uma das portas e me imprensou contra a parede, tapando minha boca.

— Não grite — ele sussurrou em meu ouvido.

Quando tirou as mãos da minha boca, gritei:

— Desgraçado! O que faz aqui? — Parti pra cima dele, dando socos.

— Vitória, pare! — gritou. — Não quero te machucar — concluiu, segurando meus braços.

— O que você quer? Não está contente em ter arruinado minha vida? Seu desgraçado! Eu te odeio! — gritei, me debatendo.

— Eu amo você, Vitória. Eu quero você.

— Mentiroso... Vocês são dois mentirosos! — gritei entre soluços.

Meu coração estava despedaçado.

Harry me pegou pela cintura e me sentou na pedra gelada de mármore da pia, bloqueando-me com seu corpo.

— Vitória, olhe para mim — disse, colando seu corpo no meu, puxando-me para um abraço. Passou a mão em meus cabelos, em meu rosto e secou minhas lágrimas, dizendo: — Eu sei que fui um idiota, mas eu estou arrependido. De verdade — sussurrou.

— Por que, Harry? Por que você simplesmente não some e para de me atormentar? — disse, ainda chorando.

— Porque eu descobri, Vitória, a mulher incrível que você é. Eu fui um idiota em ter feito tudo aquilo com você. Hoje, eu vejo isso.

— Está dizendo isso só porque não sou mais aquela gorda de antes. Estou aceitável para você só agora?

— Eu confesso que tinha vergonha, mas eu gostava de você. Depois que tudo terminou, eu vi o quão cruel e burro eu fui. E, hoje, eu só quero reparar isso. Porque a verdade é que eu sempre gostei de você...

— Eu não acredito em você — sussurrei, mais calma.

Harry se aproveitou da minha fraqueza naquele momento e me beijou. Suas mãos deslizavam em minhas pernas. Quando sua mão alcançou meu rosto, eu dei por mim e vi a besteira que estava fazendo. Empurrei-o para longe, mas foi tarde demais. Assim que o soltei, percebi que tínhamos uma plateia.

Alex, Margareth e Melissa nos olhavam; já Melissa estava com um sorriso na cara. Minha vontade era de socá-la. Margareth olhava para Harry com nojo, e Alex... só tinha olhos para mim. Em seus olhos, pude ver a dor que sentia naquele exato momento.

— Eu falei que essa vadia estava com esse aí — Melissa gritou.

Alex veio em minha direção, totalmente descontrolado. Antes que pudesse chegar até mim, Harry o bloqueou, dizendo:

— Se encostar um dedo nela, eu acabo com você, palhaço.

Ele não seria capaz de bater. Jamais. Alex não teria coragem. Ele não era do tipo que batia em mulher. Fiquei surpresa ao ver que Alex recuou, sem tocar um dedo sequer em Harry, que me protegia da sua fúria.

— Eu não sou você, Harry, que joga sujo. Você se acha tão esperto, não é? Eu sei que está armando alguma coisa contra mim... Mas quando eu te pegar, reze, pois não vou deixar nenhum osso do seu corpo inteiro — Alex disse, irritado.

— Eu não sei como ele entrou aqui, Margareth, eu juro — disse, desesperada.

— Você não sabe, querida, mas eu sei como esse vigarista entrou aqui. Acho que ele não contava com o fator surpresa: temos câmeras no corredor do banheiro, Harry, e por toda casa. Vamos ver o que o senhor andou aprontando. — Margareth sorriu diabolicamente. Naquele exato momento, Melissa empalideceu. Acho que Margareth também notou seu desconforto, pois fez questão de puxá-la de volta quando tentou sair de fininho.

Segundos depois, Roger surgiu. Disse algo no ouvido do Alex e ele olhou furioso para Melissa. O que estava acontecendo?

— Tire esse infeliz daqui — Alex ordenou, irritado. — Com você eu me entendo depois — disse, apontando para mim. Alex saiu do banheiro, arrastando Melissa com ele. Margareth, com um sorriso triunfante, disse para Harry:

— Eu sabia que você não estava sozinho nisso. Idiota.

— Não sei do que está falando. — Ele se fez de desentendido.

— Diz aí, Harry, você está transando com ela? O que ela te ofereceu, hein?

— O que está pegando? — disse, saltando de cima da pedra fria.

— O que está pegando é que esse safado aí teve a ajuda da Melissa para entrar na festa.

— O quê? — disse, surpresa.

— E o que isso prova? Nada — Harry disse, vindo em minha direção.

— Sai de perto de mim, Harry — disse apavorada.

— Olha, aquela garota só me ajudou a entrar. Eu disse a ela que queria falar com você, que eu queria te ver. Foi só isso. Eu nem a conheço — disse na maior cara de pau. — Poderia ter sido qualquer outra pessoa.

— Coincidência demais, não, Harry? Primeiro, encontra a Vicky no supermercado onde Melissa estava... Depois, passa a persegui-la em todos os lugares, inclusive nos lugares onde Alex e Melissa também estavam. E agora aqui? Na minha festa? Muito estranho, não acha? Você que teve a ideia da cena do banheiro ou foi ela? Não, porque só uma mulher desesperada e um cara sem caráter fariam uma coisa dessas... Para o seu azar, eu não sou o Alex. Eu não sou tão idiota a ponto de achar que a Vicky estaria no banheiro tirando a roupa pra você — disse num tom assustador.

— Isso é verdade? — perguntei, abismada, olhando para ele com nojo.

— Claro que não! — disse, indignado. — Ela está louca.

— Eu, louca? — Sorriu. — Vamos, Vicky. Respirar o mesmo ar que certas pessoas me deixa doente.

— Espere — disse, soltando a mão da Margareth e plantando a mão na cara dele. — Cretino!

Sáímos, deixando-o com Roger. Esperava que Roger lhe desse uma bela surra.

Passamos pelo meio do salão. Alex e Melissa não estavam por ali. Margareth me guiou até a mesa e pediu para que Lucas tomasse conta de mim. Em meio a toda aquela confusão, até me esqueci que ele existia. Ficamos ali, sentados, num silêncio mortal. Alguns minutos depois, Alex surgiu, ainda furioso. Ele se aproximou de mim e me puxou pelos braços, dizendo:

— Vamos para casa. Temos muito que conversar.

— Tire suas mãos dela — Lucas levantou, peitando Alex de frente.

— Cale a sua boca. O assunto aqui é entre mim e ela — disse, empurrando-o.

— Tudo bem, Lucas. Desculpe. Avise a Margareth que fui embora com Alex — disse sem graça.

Alex segurava meus braços com firmeza. Passou por todos bruscamente, praticamente me arrastando para fora. Quando chegamos ao estacionamento, abriu a porta da sua Range Rover e me empurrou para dentro, dizendo:

— Agora, vamos acertar nossas contas.

Capítulo 18

Alex

— O que pensa que estava fazendo com aquele babaca de terno, todo se achando Steve Jobs? — perguntei, furioso. Minha vontade era de partir a cara daquele sujeito. Que petulante!

— Ele estava apenas me fazendo companhia.

— Ah, sim! Como o Harry, passando a mão em você no banheiro? Ou você dando uns amassos nele?

— Não acredito que você vai cair nessa!

— Estou dizendo o que vi, Vicky. Estava com aquele babaca entre suas pernas.

— Eu não preciso ficar aqui ouvindo essa merda — falei, tirando o cinto de segurança para sair do carro. Puxei-a de volta e arranquei, cantando pneu. Ela não iria escapar, não mesmo.

Fizemos o caminho todo calados. Minha irritação ficou pior quando olhei para aquele vestido minúsculo que usava. Maldição! O que ela pretendia? Ser atacada? Quando estávamos próximo de casa, ela disse:

— Você pediu aquela baranga em casamento?

— Não! — disse, inconformado. E não havia pedido, mesmo. Nem morto eu casaria com aquela chata perseguidora.

— E por que ela tinha um anel? — disse, furiosa.

— Porque ela é intrometida — falei, irritado.

— Você a ama?

Quando parei o carro em frente à minha casa, olhei em seus olhos e disse:

— Você sabe que não, Vicky. Sabe que sempre amei você. Você foi a única que estragou tudo.

— Não é verdade — sussurrou. — Você me deixou primeiro. Fiquei aqui quase cinco meses esperando por você. E você, onde esteve por todos aqueles meses? Foi para me castigar? Para me punir?

— Eu, Vicky? Eu estive no inferno. Eu saí daqui para que você pudesse pensar. Não queria que me procurasse por causa dele. Era dele que você gostava. Não era de mim — disse com o coração apertado, lembrando-se de toda minha miséria longe dela.

— Eu achei que era dele que eu gostava, Alex. Mas descobri que não, que sempre foi você.

— E quando descobriu? Quando ele te chutou pra longe? Quando eu mostrei a verdade a você sobre quem era seu querido Harry encantado?

— Você nunca havia dado sinais de que estava apaixonado por mim. O que queria que eu fizesse? Sempre fomos amigos, Alex. Amigos. — Uma lágrima rolou em seu rosto.

— Eu sempre te amei, mas você sempre foi tonta. Sempre suspirou por aquele idiota — disse, irritado. — E, quando eu voltei de viagem, você não estava mais aqui. Havia simplesmente sumido. Depois de tudo que havia dito a você... Depois de ter lhe pedido em casamento, você se foi. Eu morri mil mortes. Não imagina o quanto eu sofri por você.

— E você acha que eu não, que estava fazendo turismo em Paris? Eu fui pra lá para poder te esquecer. Achei que tinha me abandonado, que nunca iria me perdoar. Então, tentei começar uma nova vida sem você, mas não deu certo. Por isso voltei — disse, sincera, olhando em meus olhos.

— E o Harry?

— Não tem Harry, Alex. Não mais — ela sussurrou.

— E o que ele fazia na sua casa? Por que foi atrás dele? Eu vi vocês

dois juntos.

— Ele apenas me deu uma carona. Eu fui ao supermercado naquele dia e, quando cheguei lá, vi você com aquela morena peituda — disse, furiosa. — Aí, quando saí, acabei caindo e, por incrível que pareça, o Harry surgiu do além para me ajudar.

— Esse cara... sempre me perseguindo. Maldito!

— O que ele tem contra você, Alex? — ela perguntou, curiosa, me deixando desconfortável.

— Não sei.

— Sabe sim. Alguma coisa deve ter acontecido para ele te odiar tanto — ela disse, confusa.

— Inveja gratuita.

— Não. Isso não é inveja. Não mesmo.

— Você não entenderia se eu dissesse.

— Por que não tenta? — Ela me olhou, esperando por respostas que eu sabia que não poderia dar.

— Eu não quero você perto dele outra vez. Está me ouvindo? Eu não vou perdoar você, Vicky, se eu te pegar com aquele babaca. E em hipótese nenhuma deixe ele te tocar outra vez — disse com firmeza. Eu não sabia do que seria capaz se ele tocasse nela de novo. — E isso vale para o riquinho de terno também.

— E você e a Melissa?

— O que tem eu e ela?

— Terminaram? Porque aquela safada armou com o Harry para me ferrar... — disse, esbravejando, e saiu do carro, batendo a porta com força.

— Nós não terminamos. Ainda. Eu preciso ter certeza de que ela estava me falando a verdade.

— O quê? Ainda está noivo daquela vaca?

— Ela não teve culpa. Harry a induziu, assim como fez com você.

— Não acredito que estou ouvindo isso. — Ela se irritou. — Está aqui,

na minha frente, me dizendo com quem eu posso ou não estar, e você defendendo aquela megera fingida?! — gritou.

— Eu não podia terminar assim do nada, Vicky. Ela me jurou que não o conhecia. Eu vi a filmagem e só mostrou realmente ela falando com ele na porta. Depois disso, ele entrou e ficou lá, na espreita, à sua espera.

— Agora vai dizer que eu o mandei para lá? — disse, indignada.

— Eu não disse isso. Mas você estava lá com ele se oferecendo toda! — gritei frustrado.

— Se está tão empenhado em acreditar que eu não presto e que aquela megera magricela horrorosa é a madre Teresa de Calcutá, case-se com ela e seja muito infeliz! — gritou, atirando o anel de diamantes na minha cara. Maldita! Ela se virou e correu para sua casa. Agachei-me para pegar o anel e o coloquei no bolso da calça.

— Merda! — disse, correndo atrás dela. Ela andava em passos largos. Antes que pudesse fechar a porta na minha cara, coloquei os pés para bloqueá-la.

— Saia, Alex! — gritou, ainda furiosa. Quando consegui passar pela porta, fechei, dando um chute, e a tranquei. Ela correu para o quarto. Segurei-a pela cintura e ela se debatia em meus braços violentamente. Quando estávamos no quarto, soltei-a devagar e fechei a porta atrás de nós.

— Eu ainda não terminei com você, Vicky.

— Não tenho mais nada para falar com você. Vá embora!

— Quem disse que você irá dizer alguma coisa? Eu serei o único a falar agora. — Puxei-a, imprensando seu corpo contra a parede gelada. Ela me olhou assustada, com aqueles olhos azuis magníficos.

— Eu te amo, Vicky. Quantas vezes preciso dizer isso? Sempre foi você. Desde que foi embora, minha vida se tornou um inferno de tão vazia.

— Não foi o que pareceu. A Melissa te consolou direitinho.

— Eu nunca gostei dela. Eu estava tentando te tirar da minha mente, mas foi impossível te tirar daqui — disse, pegando sua mão e colocando

sobre meu peito. — Eu quero você para ser minha. Eu não vou deixar ninguém te tirar de mim outra vez. Ninguém.

— Eu também amo você, Alex — sussurrou. — Eu sofri o pão que o diabo amassou por ter sido tão burra e cega, por não ter acreditado em você, por ter ficado tanto tempo longe, achando que jamais me perdoaria... — ela concluiu, com a voz embargada. Quando tocou meu rosto com suas mãos delicadas, fechei meus olhos. Seu toque, seu cheiro... Eu estava completamente perdido. Beijamos-nos ardentemente. A urgência em que sentia ao tocá-la era gritante. Sua boca macia, seus beijos molhados e sua pele cheirosa me deixavam louco.

— Eu quero ser sua — sussurrou em meu ouvido. Tudo o que mais queria era tê-la em meus braços. Amá-la, reivindicá-la... Deixei vários beijos suaves por seu pescoço. Conforme traçava o caminho até sua orelha com minha língua para mordiscá-la, ela ofegava. Eu estava num nível máximo de excitação.

Agachei lentamente em sua frente. Percorrendo o caminho com as mãos por suas pernas macias, toquei a barra do seu minúsculo vestido vermelho — que quase causou um infarto em vários homens — e o tirei lentamente até que passasse por sua cabeça, descartando-o no chão no mesmo instante. A visão dela sendo cobiçada por aquele babaca de terno quase me levou a cometer um homicídio. Assim que olhei para ela, precisei de toda concentração para não perder o controle: ela usava apenas uma maldita e minúscula calcinha de renda vermelha. Extremamente quente.

Meus olhos pararam em seus seios rosados e delicados. Ela mantinha os olhos fechados. Afastei uma mecha de cabelo que pairava em um de seus seios porque não queria nada bloqueando aquela visão extremamente excitante.

Não pude evitar. Eu queria senti-los, saber como era seu gosto em minha boca... Eu comecei a ficar excitado. E, depois daquela visão tentadora, me senti ainda mais duro quando um tremor de excitação

passou pelo meu corpo. Ela deu um leve gemido, que me deixou ainda mais louco. Sua respiração ficava cada vez mais pesada. Com suas mãos pequenas e delicadas, ela abriu descoordenadamente os botões de minha camisa e, em seguida, percorreu meu peito e meu abdômen definido meticulosamente. Terminei de tirar a camisa, enquanto ela agarrou a braguilha do meu jeans. Bloqueei suas mãos, sussurrando em seu ouvido:

— Vamos com calma, linda. Hoje eu quero amá-la lentamente.

Peguei-a em meus braços, depositando seu corpo sobre a cama. Parei alguns instantes para olhá-la. Tão linda, tão perfeita, tão doce... Ela me olhava com ternura e desejo.

Percorri o caminho até o som que havia em cima do aparador. Por cima de sua coleção, avistei o CD da banda Thirty Seconds To Mars. Não pensei duas vezes e coloquei *Hurricane* para tocar.

Quando olhei para ela, estava linda, estendida seminua na cama. Apaguei a luz do quarto e acendi apenas uma luminária que havia em seu criado-mudo. A luz fraca deu a iluminação perfeita para o momento. Tirei os sapatos e me desvencilhei de minhas calças, ficando apenas com minha *boxer* branca. Aproximei-me lentamente. Vicky me olhou tímida e chamou por mim, num sussurro sensual:

— Alex...

— *Shh!* Não farei nada se não quiser — disse, afundando meu corpo no dela.

— Não é isso — disse, constrangida. — Eu nunca estive com um homem antes — ela concluiu. Eu já desconfiava que fosse inexperiente, mas a confirmação de que ela nunca havia se entregado a nenhum homem me deixou ainda mais louco, totalmente descontrolado.

— Fico feliz em ser o primeiro. — Sorri, beijando sua têmpora com ternura. — E o último. Primeiro e último, Vicky — concluí, possessivo.

Beijamo-nos loucamente. Ter seu corpo sob o meu, tão quente e macio, me deixava desesperado por mais. Eu precisava manter o controle

para não machucá-la. Beijando seu corpo suavemente, fui traçando linhas com leves mordidas e descendo devagar até que fui bloqueado por aquele pedaço minúsculo de renda vermelha. Eu estava louco para provar o que havia por baixo dela.

Excitado, não contive a vontade e beijei por cima daquele minúsculo tecido, dando uma leve mordida. Num impulso descontrolado, abocanhei a calcinha com os dentes, puxando lentamente até seus joelhos e, com as mãos, a descartei para longe. Ela agora estava totalmente nua, entregue a mim para fazer o que eu quisesse.

Segui mordendo de leve suas coxas até chegar entre suas pernas. Ela soltou um gemido de excitação. Mergulhei em sua umidade, separando os lábios sensíveis e passando a língua vagorosamente. Ela estava totalmente molhada. Arqueava os quadris, pedindo silenciosamente por mais. Eu afundava minha língua em sua entrada, alternando entre leves sucções e lambidas. Ela gemia.

Continuei com minhas investidas até sentir seus espasmos violentos. Ela gemia e ofegava conforme minha língua ritmava de forma suave. Seu gosto era diferente. Nunca havia provado nada assim antes. Ela era perfeita, perfeita para mim.

Coloquei meu dedo em seu sexo, bem devagar. Era tão apertada que estava com medo de machucá-la. Quando empurrei um segundo dedo ainda com minha boca, trabalhando a todo vapor, ela chamou por mim:

— Alex... Oh, céus! Por favor, não pare!

— Vem, linda. Vem para mim — disse, enquanto soprava contra sua pele úmida.

Eu me perdi em sua excitação. Meu membro ficava cada vez mais duro. Ele doía e latejava, até que ela soltou um gemido alto e agarrou em meus braços com força, gritando meu nome. Sua respiração foi ficando lenta. Quando olhei em seus olhos molhados, disse beijando-a com carinho:

— Você é tão linda!

Ela me enlaçou com seus braços, apertando-me contra seu corpo.

— Foi incrível. — Ela sorriu, ainda sem fôlego.

— Isso foi só o começo, meu amor. Eu quero explorar cada centímetro desse seu corpo — disse, lambendo seu pescoço e mordiscando bem de leve. Levantei-me e me desvencilhei de minha *boxer* branca, para meu alívio. Deitei sobre ela e levei suas mãos acima da cabeça, pedindo para que não se mexesse. Enquanto ela as mantinha no alto, procurei por seus seios. Seus seios enrijecidos de prazer estavam me alucinando.

Suguei um deles, enquanto minha mão trabalhava no outro. Quando não pude mais manter o controle sobre mim mesmo, procurei com cuidado por sua entrada com meu membro duro. Aos poucos, fui entrando com cuidado, bem devagar, até estar totalmente dentro. A sensação de estar dentro dela bem fundo era incrível. Ela deu um forte gemido, que me paralisou no mesmo instante.

— Machuquei você? — perguntei, preocupado, passando a mão por seu rosto e beijando sua boca gostosa.

— Não... Só... por favor, não pare. Eu preciso de você, Alex — sussurrou, arqueando os quadris para me sentir ainda mais. Delícia.

Naquele momento, lembrei-me de que estávamos completamente desprotegidos. Eu nunca havia feito sexo inseguro com ninguém. Parei bruscamente e perguntei a ela:

— Querida, você está usando algum controle de natalidade?

— O quê? — perguntou, confusa.

— Remédios, Vicky. Está tomando algum para evitar?

— Sim, estou. Estou segura.

Dito isso, continuei, aliviado. Eu não queria filhos, ainda mais naquele momento em que mal tínhamos começado nosso relacionamento.

Quando comecei com minhas estocadas leves, ela gemeu intensamente. Eu entrava com dificuldade em seu sexo apertado. Seus quadris continuavam se movendo de forma incessante. Eu empurrava lento

enquanto a beijava. Queria sentir todo o seu prazer, ouvir todos os seus gemidos.

— Você é muito gostosa, linda... Tão apertada — grunhi em seu ouvido.

Vicky passava as unhas em minhas costas, gemia e gritava de prazer. Nossos corpos, agora suados, molhados pelo prazer, colavam um no outro. Quando senti que não demoraria a ir outra vez, comecei a empurrar mais duro. Com estocadas firmes e ritmadas, eu me perdi.

— Goze para mim, querida.

Continuei com minhas investidas. Quando seu corpo começou a convulsionar, pedi para que olhasse para mim. Queria olhar para seus lindos olhos azuis enquanto vinha para mim. E, assim, gozamos juntos, com nossos corpos colados pelo suor e ofegando pelo prazer intenso que tínhamos proporcionado um ao outro.

— Eu te amo, Vicky — disse, caindo sobre ela.

— Eu também te amo, Alex.

Depois daquele momento inesquecível, deitamos um ao lado do outro e caímos num sono profundo. Eu estava feliz, realizado. Ela era, sem dúvida, a mulher da minha vida. Ela seria a minha morte.

Vicky

Acordei toda dolorida da noite anterior. Olhei no relógio: oito da manhã. Ao meu lado, Alex dormia em silêncio, de bruços, aninhado ao travesseiro. Pude ter uma bela visão de seu bumbum magnífico. Tão lindo... Peguei o lençol e joguei por cima de seu corpo nu. Nossas roupas descartadas no chão e a pequena mancha vermelha no lençol branco reverberaram em minha mente. Eu agora não era mais virgem. Levantei

com cuidado para não acordá-lo e segui em direção ao banheiro. Precisava de um longo banho.

Quando abri o chuveiro e a água atingiu minha pele ainda sensível, fechei os olhos e tudo veio em minha mente. Ele foi perfeito. Céus! Que homem quente. Em toda minha vida, jamais imaginei que minha primeira noite seria com meu amigo de infância, que estaríamos apaixonados. Quando abri os olhos, Alex me olhava com um sorriso no rosto. Totalmente nu, cabelo bagunçado... Foi se aproximando de mim devagar e me abraçou, dando um beijo em meu pescoço e depois em minha boca.

— Bom dia, linda — sussurrou.

— Bom dia.

Meus olhos vagavam por seu corpo esculpido. As tatuagens exóticas incorporadas ao seu torso e em seu braço forte me deixavam louca de desejo. Aproximei-me dele, acariciando seu tórax forte. Queria beijá-lo e tocá-lo em todos os lugares. Seu membro estava duro... Sem pensar, ajoelhei-me diante dele e o levei à minha boca.

— Vicky, não... — ele gemeu, baixinho.

Eu nunca havia feito aquilo, mas havia assistido a filmes o suficiente para saber como fazia. E fiz de forma que o deixei totalmente louco. Só parei quando ele veio para mim, com espasmos e ofegante.

Quando me levantou, me abraçou apertado, dizendo que havia sido perfeita.

Terminamos nosso banho rindo e lembrando de como nos divertíamos juntos. Eu já estava com minha pele enrugada. Dei um beijo nele e saí do chuveiro.

— Me espere na cama. Já estou saindo também — disse com sua voz rouca.

Enrolei-me na toalha e saí. Quando estava trocando os lençóis, meu celular tocou em cima do criado-mudo: Margareth. Atendi rapidamente.

— Margareth? — “Mas por que diabos ela está me ligando tão cedo?”,

pensei.

— Vicky! — gritou ao telefone. — Meu Deus! Eu não consegui dormir a noite toda.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, preocupada.

— Aconteceu... Eu e Roger saímos após a festa. Ele me levou para a casa dele, e adivinha? Nós dormimos juntos — disse, emendando palavras em outras rapidamente num descontrole total. Pura euforia.

— Uau! — disse, surpresa.

Naquele momento, Alex apareceu no quarto, fazendo careta e perguntando baixinho quem era ao telefone. Quando disse que era a Maga, ele correu e tirou o telefone da minha mão. Assim que colocou no ouvido para falar com ela, ele ficou tenso. Ouvia, calado e irritado, sentado ao meu lado. “Céus! O que essa maluca deve estar falando?”, pensei.

— Opa... Opa... Opa... — Alex falou. — Guarde os detalhes sórdidos só para você, ok? Está louca? Ligando a essa hora? Ninguém quer saber da sua vida sexual, Margareth — disse, enfurecido.

— Devolva-me o telefone — disse baixinho, enquanto ele fazia sinal de que “nem morto”.

— Escuta... Eu sei que está no sétimo céu com seu homem de aço, mas, na boa, Margareth, eu e Vicky estávamos no meio do nosso *quarto round* — disse sorrindo e piscando para mim. “Ai, que vergonha! Não acredito que ele disse isso”, pensei, envergonhada. — Chame seu *Superman* para jantar conosco hoje à noite, naquele restaurante árabe... Ok. Me liga confirmando. Agora, vai dormir, Margareth. Beijos — disse, desligando o telefone.

— Por que fez isso? — disse, repreendendo-o por sua falta de educação.

— O que foi? Estava gostando de ouvir o desempenho do homem de aço da Margareth?

— Não seja ridículo. Nem tive tempo de ouvir nada. Você veio e praticamente voou em cima do telefone.

— Claro... Puta que pariu! Estou aqui com você só pra mim depois de tanto tempo e você perde tempo atendendo ao telefone? — Sorriu maliciosamente.

— Seu bobo. Está com ciúmes da Margareth? — perguntei, fazendo cócegas nele.

— Mas é claro que não. Mas, agora, vou ter que ficar de olho naquele cara. Depois do que a Margareth revelou, tenho até medo — disse, gargalhando. “O que será que aquela maluca disse? Oh, meu pai!”, pensei.

Alex me empurrou para a cama e deitou em cima de mim, me beijando e passando suas mãos firmes por todo meu corpo, fazendo-me entrar em combustão. Em pouco tempo, estávamos embalados um ao outro, gemendo e suspirando, nos perdendo no mais incrível prazer. “Hoje o dia promete”, pensei...

Capítulo 19

Harry

— Vamos... Atenda esse telefone! Merda!

Outra vez, caixa postal. Já estava começando a ficar irritado. Estava tentando ligar há horas para aquela burra da Melissa. Maldita! Se ela me entregasse, iria fazer picadinho com aquela cara horrorosa dela. Não sabia fazer nada direito, era uma incompetente. Mas se ela pensava que iria se esconder de mim, estava enganada.

Depois de horas até chegar ao barraco — ficava mais ou menos onde Judas perdeu as meias, porque as botas sabe-se Deus onde foi parar — onde aquela infeliz se escondia, bati em sua porta soltando fogo pelo nariz. A maldita me atendeu toda descabelada e ainda com remela nos olhos. Filha da puta! “Como consegue dormir depois de todo aquele fuzuê de ontem?”, pensei.

— Harry? O que faz aqui? — disse com a cara mais lavada do mundo. “Essa é boa. Vou ter que desenhar pra ela? Será que a maldita ficha da garota não caiu? Uma anta, mesmo”, pensei.

— O que você falou de mim para o Alex ontem? Anda, desembucha! — falei, empurrando-a para dentro.

— Ei, não falei nada. Calminha aí!

— Se você abrir essa maldita boca, Melissa, eu arranco seus dentes. Está entendido? — disse, furioso.

— Olha aqui, Harry, eu estou morrendo de sono. E fique tranquilo,

não disse nada sobre seus planos sórdidos para ele.

— Acho bom mesmo — disse, sentando-me em seu sofá de má qualidade. — Com a grana que te paguei, poderia ter comprado um sofá melhor. — Torci o nariz. Era repugnante o modo em que vivia. Nada de luxo e, ainda por cima, morava num barraco de dar medo.

— Escuta, não acha que está exagerando? Logo, ele vai perceber o que está planejando — ela disse, abrindo a geladeira e pegando uma jarra de suco. Fiquei até com medo de perguntar do que era feito aquilo; pela aparência, já estava enjoado. Esqueci de mencionar que no barraco só havia três cômodos: cozinha, quarto e banheiro. Que horror... Sentia-me sufocado naquele cubículo.

— Acho que você está perdendo o foco. Eu te paguei para destruir a vida daquele babaca, não para brincar de casinha — falei, aproximando-me dela.

— Ele é um cara difícil. — Deu de ombros. — E apaixonado por outra — concluiu.

— Sua anta! Era para fazê-lo se apaixonar por você! — gritei.

— É, mas eu não contava que aquela retardada voltaria para arruinar nossos planos, Harry. Acho que nem você contava com isso, não é mesmo? — disse, arqueando aquelas sobrancelhas delineadas.

— Não. Achei que nunca mais iria vê-la — grunhi.

— Pois bem... Ele nunca deixou de amá-la. Como queria que eu competisse com isso? Nem me desejar o cara desejava. Um babaca.

— Você que não soube fazer seu papel direito. Uma imprestável.

— Escuta aqui...

— Escuta aqui o quê?! — gritei. — Você vai continuar na cola dele, que se dane! Quero aqueles contratos até o final do mês — disse, com as mãos apertando seu pescoço. Minha vontade era de enforcá-la ali mesmo.

— Me larga, Harry! — disse, com dificuldade. Quando a soltei, ela disse amedrontada: — Ele acreditou em mim quando falei que não havia

feito por mal. Disse que nós não nos conhecíamos, mas não sei se ele ainda irá continuar comigo.

— Faça o que tiver de ser feito. Quero você vigiando ele.

— Aquela maldita loira... Eu vou acabar com ela — disse, frustrada.

— Se você tocar num fio de cabelo dela, Melissa, você pode dar adeus a essa sua vidinha medíocre, porque sua próxima morada será debaixo da terra... Tipo, a sete palmos, entendeu? — disse, jogando-a com toda minha força em cima do sofá duro e imundo.

— Você gosta dela? Meu Deus, Harry! Você gosta dela? — perguntou com aqueles olhos curiosos.

— Não te interessa. Só fique longe dela — avisei. — Com ela eu me entendo.

— Você a ama? — perguntou, surpresa. — Desde quando? Desde quando era gorda ou começou agora? É porque, pelo que eu sei, você morreria de vergonha de ter alguém como ela era ao seu lado. Agora que está magra e bonita, está atrás dela, não é? — disse, desenfreada.

— Como sabe que ela era gorda? Não seja ridícula. Fique longe dela. Apenas isso — disse, irritado.

— O Alex é um cara bom, Harry. E, pelo que eu sei dessa história, aquela mulher te odeia — disse, rindo.

— E, pelo que eu sei, Melissa, se você não fizer o seu trabalho direitinho, o Alex irá te descobrir e ligar você a mim. E, quando isso acontecer, pode ter certeza que ele não será tão bonzinho como imagina, priminha.

— Eu vou fazer o que combinamos, Harry. Mas não por você. Estou fazendo isso pela Brithany. Apenas por ela. Você nunca teve consideração pela minha família.

— Me mantenha informado pelos seus progressos — disse, dirigindo-me até a porta. — E, Melissa, seja rápida. Não tenho tempo a perder — concluí, irritado, saindo pela porta.

Quando contratei minha prima para acabar com aquele maldito, achei que ela seria capaz. Babaca. Tanto trabalho para aquele infeliz estragar tudo. “Por que ela teve que voltar agora? Por quê? Passei esses dias todos com a imagem dela ao chão, toda frágil... Pegando ela no colo, cuidando de seus ferimentos... Ela está tão linda! Tão diferente. Estou ficando maluco...”, pensei.

“E aquele beijo de ontem? Eu sei que ela gostou também. Eu senti. Se não fosse aquele maldito ter aparecido antes do tempo, eu teria a tomado ali mesmo. Teria sido minha. Tudo culpa da Melissa, que não soube cumprir o plano direito. Isso que dá trabalhar com família. Eu dei muito dinheiro para aquela sonsa, e ela torrou com o quê? Aposto que com vestidos e sapatos. Nem uma casa decente conseguiu alugar. Estou vendo que terei que entrar em ação também. Eu fiz uma promessa para minha irmã... Enquanto ela vivesse, eu transformaria a vida daquele safado num inferno e tomaria tudo que ele mais amasse na vida. E, nesse momento, vou começar por ela. Ela já foi minha uma vez... Eu faria de tudo para reconquistá-la. Tudo!”, continuei a pensar.

Vicky

Já se passavam das sete da noite. Arrumada para o jantar com Margareth e Roger, esperei por Alex em casa, assistindo meu seriado favorito. Meu dia tinha sido intenso e muito prazeroso. Por toda manhã, Alex e eu tínhamos ficado na cama. Amamo-nos, conversamos e assistimos a um filme. Ele apenas se levantou para preparar o meu café da manhã e voltou a se deitar ao meu lado. Nossa, estava totalmente exausta.

Não que não quisesse ficar ao lado dele, mas, quando ele finalmente decidiu ir para casa, suspirei aliviada. Acho que não aguentaria outra noite

seguida àquela. Estava toda dolorida. Resolvi passar um pouco de maquiagem. Sabia que Alex não gostava muito, mas, desde que havia aprendido a maravilha que é o mundo *makeup*, não conseguia mais ficar sem.

Peguei minha paleta de sombras que havia comprado em Paris e comecei. Uma maquiagem *nude*, leve e marcante. Após algum tempo, a campainha tocou. Andando a passos largos em meus saltos *Fendi*, abri a porta. A visão não foi o que eu esperava.

— Melissa?

— Posso entrar? — perguntou impaciente e foi entrando.

— Como não? Já entrou... — disse, sendo um pouco áspera. O que aquele projeto de baranga malvestida estava fazendo em minha casa? Que atrevimento!

— Eu quero que se afaste do meu noivo — ela falou, empinando o nariz.

— E eu quero que vá à merda! — rebati, ainda com a porta aberta. — Saia da minha casa. Agora! — gritei.

A víbora, vestida de preto, se aproximou de mim e disse:

— Ele não gosta de você. É a mim que ele ama. Você é apenas um passado do qual ele rapidinho irá se cansar. — Sorriu, diabólica.

— Não foi o que ele disse — resmunguei.

— Não? — disse, irônica. — Aposto que ele também não disse o quanto fica excitado ao transar comigo... Que, quando ele goza, é por mim que chama.

— Não seja ridícula. Não vou cair nesses joguinhos. Agora, vá se catar — disse, abrindo a porta e a empurrando para fora. Vaca! Após fechar a porta, percebi o quão nervosa estava. Totalmente trêmula e ávida de ódio, peguei minha bolsa e saí. Toquei a campainha e Jeffrey, o pai de Alex, abriu a porta. Passei como um canhão por ele, subindo a escada, furiosa.

Entrei num rompante em seu quarto, já gritando como louca:

— Se você não se livrar daquela vadia, eu nunca mais olho na sua cara!

Alex me olhou confuso e atordoado. Ainda de cueca, colocava suas roupas calmamente.

— Vicky? O que foi? — perguntou, carrancudo.

Quando parei para olhar aquele maldito quarto, vi as fotos da baranga estampadas como peças decorativas por todo o maldito lugar. Sem pensar, peguei os quadros e joguei um por um com toda a força no chão. O barulho de vidro se estilhaçando chamou a atenção do pai dele, que apareceu irado na porta do quarto, gritando como louco.

— Mas que merda é essa, Alex? Por que essa louca está destruindo a casa?

— Pai, agora não — disse, empurrando seu pai para fora e trancando a porta do quarto. Alex veio até mim e me abraçou, dizendo: — Amor, pare com isso...

Eu gritava descontroladamente e rasgava as fotos da megera com violência.

— O que está fazendo, Vicky? Querida, acalme-se! — dizia, tentando me acalmar.

Quando terminei o meu show de histeria, olhei para ele e disse:

— Assim está bem melhor.

Ele me olhava surpreso, com cautela.

— O que foi? Vai me contar? Vai conversar comigo?

Eu comecei a chorar.

— Aquela infeliz teve a petulância de aparecer na minha casa e dizer um monte de desaforos — disse entre lágrimas.

— Vicky... Meu amor... Me perdoe. Não sabia que ela seria capaz de procurá-la — disse enquanto secava minhas lágrimas e me dava um beijo doce. — Ela esteve aqui e terminamos.

— Você terminou com ela? — sussurrei.

— Sim, querida. Somos somente eu e você agora. — Sorriu.

— Ela me deixou nervosa.

— Eu sei. Agora, me prometa que vai se acalmar e não vai continuar quebrando a casa inteira.

— Eu estava apenas redecorando seu quarto. — Sorriu.

— É — disse, enquanto olhava em meio ao caos. — Ficou bem melhor... — Sorriu. — Agora, preciso acabar de me trocar. Margareth deve estar louca nos esperando.

— Tá — disse mais calma.

Enquanto Alex colocava seu jeans claro e sua camisa preta, fui até o banheiro retocar a maquiagem. Quando saí, já estava pronto. Seu cabelo despenteado e seu perfume amadeirado me deixaram louca. Andei até ele e o beijei apaixonadamente.

Alex me jogou na cama. Com seu corpo em cima do meu, passou a mão lentamente em minhas pernas até que tocou minha calcinha. Num sussurro, disse:

— O que eu falei sobre vestidos curtos?

— Não é curto. — Sorri.

— Desse jeito, meu amor, me deixará louco.

— Acho que essa é a intenção — disse, beijando sua boca suavemente.

— É melhor irmos. Se eu ficar mais um minuto aqui, tocando você, eu não vou conseguir me controlar.

Eu conseguia sentir seu membro duro por debaixo de seu jeans.

— Vamos. Não quero encontrar uma Margareth irritada. — Sorri.

— Tudo bem... Mas, quando chegarmos, vamos continuar daqui de onde paramos — disse, mordendo meu pescoço de leve. — Adorei esse vestido. Está linda.

Alex me ajudou a levantar e pegou minha bolsa. Descemos a escada e seu pai gritou do sofá:

— Depois eu quero ter uma conversa com você, Alex — disse, irritado.

— Essa garota não pode entrar na minha casa e fazer dela o que quiser!

— Chega, pai. Não me espere, não vou dormir em casa — falou e então saímos.

Após quase uma hora dirigindo pelas ruas de São Paulo, chegamos ao nosso destino: um restaurante árabe bem badalado na Zona Norte. Entramos de mãos dadas. Na porta do restaurante, fomos recepcionados por um rapaz elegante. Alex trocou algumas palavras com ele, que nos levou até a mesa reservada.

Margareth e Roger estavam sentados e rindo como loucos. Céus! O cara realmente era tentador. Garota sortuda! Quando chegamos à mesa, Margareth alfinetou:

— Nossa! Que demora, hein? Já estávamos pensando em pedir o jantar.

— Tivemos alguns problemas para resolver — Alex disse, cumprimentando Roger com a mão. — E aí, cara, tudo bem?

— Tudo — Roger respondeu. — Vitória... Tudo bem? Está radiante. — Sorriu, olhando-me de cima a baixo. Alex me puxou para ele, num gesto possessivo.

— E então, quais as novidades? — Margareth perguntou, curiosa. — Os pombinhos aí se acertaram?

— Mais do que isso. — Alex deu um sorriso torto.

— Vitória, já veio nesse restaurante antes? — Roger perguntou.

— Não. Na verdade, não curto comidas exóticas — disse, um pouco sem graça.

— Dessa aqui, linda, você vai gostar. Pode apostar — Alex falou.

Enquanto conversavam, fiquei apreciando a magia do lugar. Os rapazes pediram cordeiro libanês, arroz marroquino e falafel. Margareth

pediu charuto de folhas de uva. Credo... tudo aquilo me deixou com o estômago embrulhado só de ver. A única coisa que encarei foi o cordeiro, que realmente estava divino.

Roger surpreendeu a todos ao pedir uma garrafa de vinho branco francês *Romanée-Conti* para acompanhar o jantar. O vinho era uma nota preta. “Que diacho de segurança é esse que toma vinho francês? E eu aqui, uma reles mortal, tomando *Coca-Cola* minha vida inteira. Esse cara tem estilo. Deu para perceber pelo terno caríssimo grafite da *Armani* que usava...”, pensei. Olhando-o tão de perto e na claridade, ele era ainda mais bonito, com olhos intensos quase da cor dos meus. Sua estrutura óssea e seus músculos e afins eram de deixar qualquer mulher babando. Menos eu, claro!

Quando quebrei o olhar, percebi que Alex me observava.

— Algum problema com a comida, meu amor? — perguntou, desconfortável.

— Nenhuma. Está ótima — disse, desviando de seu olhar acusatório. Dei um longo gole em meu vinho extremamente saboroso e disse: — Me deem licença, vou ao toalete.

— Hum... — Margareth acenou com a boca cheia. — Espere, vou com você — concluiu.

— Está tudo bem? — Alex me olhou, desconfiado.

— Sim. Volto logo.

Margareth e eu nos afastamos.

— Menina, o que foi aquilo? — ela perguntou, curiosa.

— Aquilo o quê?

— É impressão minha ou Alex está morto de ciúmes de você?

— Percebi também — disse, confusa. — Mas isso, Margareth, é culpa sua — concluí, entrando apressadamente no banheiro.

— Minha? — ela sussurrou, confusa. — O que eu fiz dessa vez?

— O que você falou para o Alex no telefone? — Estava morta de

curiosidade. O que quer que tenha dito, ele pareceu não gostar muito.

— Ai... nem me fale. Por que deu o telefone a ele?

— Não dei. Ele praticamente voou no telefone e arrancou com tudo de mim.

— Droga! — disse com o rosto ruborizado. — Eu achei que era você. Precisava desabafar. Então, liguei. Não achei que ele estivesse com você na sua casa.

— Passamos a noite juntos. — Sorri, lembrando dos momentos prazerosos. — Agora, fale. O que disse naquela hora?

— O Roger é tudo, amiga — disse com seus olhos brilhando. Pelo visto, estava gamada pelo deus de olhos verdes meio azulados. — Ainda não consegui definir.

— Como assim, “tudo”?

— Ele não é um cara normal como os outros, se é que me entende. — Ela sorriu.

— Não, não entendo — disse, sincera. Há poucas horas eu não sabia nem o que era um orgasmo, como poderia entender?

— Digamos que ele curte certas coisas não convencionais.

— Hã? Que coisas? — Agora estava realmente curiosa.

— Fomos para a casa dele no final da festa. Rolou uma química forte entre a gente. Ele foi tão perfeito, tão gentil. E ao mesmo tempo tão cruel... — disse, suspirando. Não estava entendendo merda nenhuma.

— Tá. E daí?

— Ele é uma máquina, amiga. Me amarrou na cama, me vendou, usou alguns brinquedinhos e até me açoitou na cama. Tudo isso com meus olhos vendados. Nossa! Eu fiquei alucinada!

— O quê? Ele bateu em você? — perguntei, horrorizada. — Mas que tipo de homem bate numa mulher na cama? E você, Margareth, como permitiu isso? Está louca?

— Não, ele não me bateu da forma que está pensando. Foi consensual

e muito, muito sensual... Não dá para explicar. — Ela sorriu, ainda suspirando. — Ele veio dominando, me fez subir nas alturas... Nunca havia sentido isso com nenhum outro cara.

— Margareth! Estou chocada. Agora sei por que o Alex ficou tão horrorizado.

— Alex é tradicional. Ele não entende muito dessas coisas.

— Ainda bem. Não sei se gostaria de ser espancada enquanto estou tendo um orgasmo.

— Devia experimentar. É muito alucinante.

— Nem morta — disse em tom de reprovação. — Mas, e aí? Estão namorando?

— Não sei. Vamos ver até onde isso vai dar, mas ele me pediu exclusividade enquanto estivermos saindo juntos.

— Exclusividade? Olha, fique esperta com esse cara. Existe cada maluco por aí. — Eu ri imaginando todas as barbaridades que Margareth havia acabado de revelar.

— Fique tranquila. Sei o que estou fazendo — disse, sorrindo.

— Tome cuidado. Esses caras que praticam essas coisas... Como é mesmo o nome?

— BDSM — ela disse.

— É, isso aí. Eles sempre costumam ter passados sombrios ou histórias de abuso sexual. São perturbados.

— Não fala besteira, Vicky. Anda lendo muito livros. BDSM é um estilo de vida, não uma doença.

— Bom. Só acho. — Sorri. — Vamos voltar. Se demorarmos mais, é capaz do Alex aparecer aqui no banheiro. — Nós rimos juntas.

— É verdade. Ele é muito ciumento. — Margareth riu.

Ao voltarmos, foi exatamente como previa, mas Roger parecia mais nervoso que Alex.

— Por que a demora? — Roger perguntou para Margareth.

— Estávamos no banheiro, querido. Vai querer saber o que fizemos lá agora? — ela disse, irônica.

— Eu tenho até medo só de imaginar — Alex disse, irritado, olhando-me furiosamente. A tensão se instalou por alguns minutos, mas logo se dissipou quando a música de *Daylight*, do Maroon 5, tocou.

Roger tirou Margareth para dançar e Alex disse ao meu ouvido, baixinho:

— Margareth te disse o que me contou no telefone, não é?

— Sim.

— Não espere que eu faça o mesmo.

— Não esperaria isso. Não mesmo. — Sorri.

— Dança comigo, minha linda?

— E por que não? Pedindo com esse jeitinho... — Sorri.

Pegou minha mão e me puxou para a pista de dança. Poucos casais dançavam. O lugar era magnífico: música ambiente e decoração afrodisíaca. Velas e flores compunham a decoração em todas as mesas.

Roger conduzia Margareth com maestria pela pista. Lindo, sexy, com preferências sexuais esquisitas e um belo dançarino. O cara era perfeito, mas meu Alex era tudo o que eu precisava. Não tinha olhos para mais ninguém.

— Eu adoro seu cheiro. Me deixa louco — disse, beijando meu pescoço e causando arrepios por toda minha pele.

— Alex, estamos em público. Pare com isso.

— Não estou fazendo nada, meu amor. — Sorriu. — Você é quem faz. Já estou louco de vontade de ir para casa para tê-la só para mim em minha cama — sussurrou, levando sua mão em meu traseiro e o apertando de leve.

— Alex, pare! — sussurrei, constrangida.

— Quer que eu pare? Mesmo?

— Todos estão olhando. — Ruborizei.

— Ninguém se atreveria a colocar os olhos em você. Eu mataria. — Sorriu.

— Bobo.

— Eu quero você só pra mim. Todinha.

— Eu já sou sua. Toda sua — disse, beijando sua boca com urgência. — Não precisa se preocupar com isso.

— Ainda não, meu amor. Ainda não é minha. Só vou sossegar quando estiver na minha cama e, ao amanhecer, eu puder chamá-la de Sra. Ricciari — disse, tocando meus cabelos. — Ainda não respondeu ao meu pedido de casamento... — Sorriu, olhando em meus olhos.

— Quer que eu seja mais explícita do que usar o anel? — disse, apontando para a grande pedra de diamantes.

— Sim. Quero a resposta, Vicky. A resposta que sempre sonhei em ouvir.

— Sim.

— Sim, o quê? — Ele olhou em meus olhos.

— Eu quero me casar com você. — Sorri e ele me beijou ardentemente. — Quero acordar todas as manhãs ao seu lado, dizendo o quanto eu amo você.

— Eu também te amo, meu amor. Muito. Eu vou fazer de você a mulher mais feliz do mundo. Eu prometo.

Capítulo 20

Vicky

Pela manhã, fui acordada aos beijos. Alex trouxe uma bandeja de café da manhã que alimentaria no mínimo umas cinco pessoas.

— Você quem preparou tudo isso? — perguntei, surpresa, olhando para a jarra de suco de acerola com laranja, torradas, geleia de morango, queijo fresco e, claro, meu pote de creme de amendoim. Geralmente, homens não gostam de colocar os pés na cozinha. Alex não era diferente. Pelo menos, era o que eu achava.

— Sim — respondeu com um sorriso no rosto. — Precisa se alimentar. Reparei que quase não comeu ontem no jantar.

— Preciso manter a dieta. — Dei de ombros.

— Entendo, mas isso não quer dizer que precisa sumir. Olha só para você... Está muito magra.

— Alex... não começa. Sabe que não quero voltar a ser aquela gorda ridícula de antes.

— Não vou deixar de amá-la se caso voltasse a ser a minha fofinha delícia — ele disse, dando-me um beijo suave.

— Não vai comer?

— Não. Vou ficar aqui, te admirando, me perguntando como pode ser tão linda, tão perfeita. — Sorriu.

— Bobo. — Sorri. — O que vai fazer hoje? — perguntei, dando uma mordida generosa em minha torrada lambuzada de geleia.

— Preciso trabalhar. Tenho algumas coisas para fazer na produtora. Daqui a alguns dias farei um show no litoral — disse, levantando-se da cama e colocando sua calça.

— Show no litoral? Parece divertido. — Sorri. — Vai me levar também? Diz que sim... — falei, fazendo beicinho.

— Claro que irei levá-la. Para onde eu for, meu amor, quero você ao meu lado.

Nesse momento, Alex afastou a bandeja e pairou com seu corpo pesado em cima do meu. Afastou meus cabelos e beijou meu pescoço, dando leves mordidas e traçando a rota até a minha clavícula com sua língua.

— Assim fica difícil sair do seu lado. — Sua voz rouca em meus ouvidos causaram arrepios por toda minha pele.

— Então não vá. Fique aqui comigo — sussurrei.

— Não posso, querida. Por mais que você seja uma tentação... preciso fechar alguns contratos importantes.

— Vamos almoçar juntos, então? — disse, levantando-me enrolada no lençol.

— Também não vai dar. Tenho um almoço marcado com o empresário da banda, justamente para definir o show que iremos fazer na semana que vem. — Sua voz soou triste. — Mas podemos sair hoje à noite. Que tal um cinema?

— Parece ótimo. Eu vou tomar um banho e sair um pouco. Preciso me distrair, senão ficarei louca.

— Por que não chama a Margareth para ir com você? Ela adora não fazer nada. — Ele riu.

— Por que homem tem mania de achar que nós mulheres não fazemos nada? — Fingi estar chateada. — Na verdade, vou correr um pouco e depois vou procurar alguma loja para alugar.

— Alugar? O que está aprontando? — perguntou, confuso.

— Preciso trabalhar. Vou montar meu ateliê. Estava pensando em alugar algo aqui por perto.

— Mas nós vamos nos casar, Vicky — disse com o cenho franzido.

— E?

— Você não vai precisar trabalhar — concluiu.

— Para de ser machista, Alex. Está parecendo o meu pai. Eu não abro mão de trabalhar, mesmo estando casada. E, se não estiver contente, então nós...

— Pare. Já entendi — disse, puxando-me para ele. — Não quero que fique irritada. Apenas pensei que gostaria de se dedicar a mim e aos nossos filhos — ele disse, com cautela.

— Nem casamos e já pensa em filhos? Deve estar louco. Ainda somos muito jovens.

— Eu quero ter uns três filhos, já vou logo adiantando.

— Você é impossível. — Sorri, beijando-o loucamente.

— Agora, preciso ir — disse, olhando no relógio. — Te ligo mais tarde — disse, me soltando. Assim que terminou de colocar sua camisa, me beijou e saiu.

Tomei meu banho e me arrumei para uma corrida. Coloquei um short preto e top branco e, nos pés, tênis. Amarrei o cabelo no alto e coloquei meus óculos escuros. Peguei o carro e fui para o parque Ibirapuera.

Assim que cheguei, deixei o carro no estacionamento e peguei meu *iPod* e meu fone de ouvido. Sempre corria ouvindo música. Dava-me mais ânimo. Passei pelo portão cinco e comecei minha corrida na pista de Cooper. Várias pessoas corriam, outras apenas caminhavam. Tinha também alguns casais deitados na grama se beijando e outros lendo. Idosos, jovens, crianças de patins... A vista era uma maravilha.

Terminei meu percurso ao som de *Ironie*, da Alanis Morissette. Exausta, levei as mãos aos joelhos, agora flexionados. Tentei recuperar o fôlego que estava me faltando. Precisava urgentemente de água.

Voltei para o estacionamento. Precisava ir para casa tomar um bom banho e ir atrás de algum lugar para alugar. Não estava mais aguentando ficar sem trabalhar. Ainda estava recebendo os lucros da minha grife em Paris que lancei com minha tia Frida, mas não era o suficiente. Quando cheguei próximo ao meu carro alugado, meu coração disparou ao ver Harry sentado no capô, de braços cruzados, me olhando como se eu fosse sua presa... Todo despreocupado, sem camisa, exibindo aquele abdômen perfeito, vestindo apenas uma bermuda preta, e o cabelo... completamente bagunçado. Suspirei.

— O que faz aqui?

— Por coincidência, estava passando e vi você — ele disse, com seu sorriso perfeito.

— Coincidências vindas de você, Harry? — Olhei em descrença. — Acho que não — concluí, irritada, contornando e passando por detrás do carro. Assim que coloquei a mão na maçaneta, ele me bloqueou.

— Aonde vai com tanta pressa? — perguntou, me olhando nos olhos, bloqueando-me contra a porta do carro com seu corpo pesado.

— Harry, isso já está ficando chato. Pare de me perseguir — disse, irritada.

— Não estou a perseguindo. Apenas quero que você diga, olhando nos meus olhos, que você não se importou com aquele beijo na festa — sussurrou no meu ouvido.

— Não me importei — disse, rudemente.

— Eu acho que você se importou. E... tenho certeza de que ficou excitada quando passei as mãos em suas pernas — disse, tão perto dos meus lábios que dava para sentir seu hálito fresco. Fiquei paralisada. — Você costumava gostar quando nos beijávamos.

— E você costumava vomitar — disse, furiosa. — Me deixe em paz, Harry. Ou serei obrigada a dizer para o Alex...

— Então é sobre ele, não é? Está com ele? Está dormindo com ele? — perguntou, irritado.

— Não te interessa. Agora, me largue ou vou gritar.

— Não. Você não vai gritar! — disse, partindo para cima de mim e colando sua boca na minha. Meu instinto foi um só: empurrei-o com toda a força e dei na cara dele. Quando me olhou, seus olhos estavam escuros. Havia outro Harry lá, um Harry possessivo e descontrolado. Senti medo. Ele se aproximou rapidamente, esfregando o rosto onde agora estava a marca de minha mão. Retraí-me e fechei os olhos. Ele iria me bater?

Antes que eu pudesse processar qualquer coisa, ouvi gemidos e alguém me abraçando, com um rosto colado em um peito enorme e as mãos em meus cabelos. Uma voz rouca e sexy disse no meu ouvido:

— Você está bem?

Quando fui afastada gentilmente, pude ver quem me segurava: Lucas.

Ele me olhou preocupado com seus lindos olhos azul penetrantes e varreu todo o meu corpo, à procura de sei lá o que... Talvez marcas?

— Sim, estou — consegui dizer.

Harry estava caído, com as mãos no nariz. Estava encharcado de sangue.

— Venha. Vou te tirar daqui — Lucas disse, todo carinhoso, agora me segurando pelas mãos. Eu não disse nem sim e nem não, estava entorpecida por sua beleza máscula. Na claridade, ele era ainda mais bonito do que me lembrava. De terno escuro, camisa branca e gravata cinza, aquele deus grego exalava um aroma afrodisíaco. Um sorriso lindo, rosto barbeado e cabelos bem cortados... extremamente sexy. Que perdição!

Caminhamos até o seu *Bentley* preto estacionado logo à frente. Ele abriu gentilmente a porta do carro e se sentou ao meu lado. Só naquele momento que percebi que havia outro homem no carro: o motorista.

— Sandro, direto para casa — ele deu as ordens.

— Sim, Sr. Farrell. — O motorista nos olhava pelo retrovisor.

“Casa? Que casa? Ele nem tem meu endereço. E meu carro? Oh, Jesus, e meu carro?”, pensei. Esqueci completamente.

— Aonde vamos? — sussurrei.

— Vou levá-la para minha casa. Está machucada? — perguntou, olhando-me nos olhos.

— Meu carro... Deixei no estacionamento — sussurrei.

— Vitória, você não está em condições de dirigir. Está tremendo e também muito nervosa.

Sério? Estava tremendo?

— Não posso deixar meu carro lá. Ele é alugado, não posso simplesmente abandoná-lo — disse, entrando em pânico.

— Espere... Qual o nome da locadora de veículos?

— Vila Rica. Por quê? — perguntei, confusa.

Lucas tirou o celular do bolso e discou.

— Paulo, preciso que vá até o Vila Rica. Peça uma chave reserva de um *Ford Fusion* preto alugado em nome de Vitória... — Ele parou, olhando-me. Como ele sabia que aquele era meu carro? Céus! Outro perseguidor?

— Becky — sussurrei, assustada. “Esse cara é louco? Nunca vão dar as chaves do carro para um completo desconhecido”, pensei.

— Vitória Becky. Assim que conseguir, leve-o para a casa dela. O endereço certamente está na ficha cadastral... Faça isso o mais rápido. O carro está estacionado em frente ao parque Ibirapuera, onde sempre estaciono. — E desligou. Eu olhei para ele, ainda perplexa.

— Pronto. Está resolvido. — Ele sorriu. — Almoça comigo?

— São onze e meia da manhã. — *Jesus! Quem almoça a essa hora?*

— Até chegarmos, será a hora perfeita. — Sorriu. — Quem era aquele cara? Seu namorado?

— Não. É uma longa história — sussurrei, olhando o trânsito de São

Paulo.

— Então, sem namorados?

— Eu tenho um. — Sorri timidamente.

— Homem de sorte — disse, passando as mãos pelos cabelos. — Era o cara da festa, que estava acompanhado?

— Olha, Lucas, eu agradeço você ter me salvado daquele predador sexual, mas não quero ficar aqui contando detalhes da minha vida particular para um cara que nem conheço direito.

— Me desculpa — disse, sem jeito.

Nossa, eu não acreditava na bagunça que tinha virado minha vida. O que estava fazendo naquele carro luxuoso com um cara que mal conhecia? Extremamente sexy, só para constar. Anos atrás, quando era gorda, ninguém se importava. Agora, tinha dois perseguidores e um namorado ciumento.

Fizemos o trajeto todo sem mais palavras. Assim que chegamos à casa de Lucas, me surpreendi com a beleza do lugar: uma mansão de luxo de três andares. Meu queixo foi até o pé e voltou: o jardim magnífico, uma fonte com uma estátua de bronze e muitas, muitas flores e árvores compunham a paisagem bela do lugar. O cheiro agradável de jasmim tocou todos os meus sentidos. Tudo era realmente extraordinário.

— Vamos... Quero que passe a me conhecer. Assim, não irá mais me chamar de estranho. — Ele revirou os olhos.

— Uau! Você tem um belo lugar. — Sorri, ainda maravilhada.

— Não moro sozinho. Meus pais e minha irmã mais nova moram comigo, fora meus dois filhos.

— Você é casado? Achei que fosse...

— Sou solteiro. Meus filhos são dois filhotes de *Akita*. — Ele gargalhou.

— Cachorros? — Sorri.

— Adoro animais.

— Olha como estou... — Apontei para as minhas roupas horrorosas de corrida. — Ainda estou de tênis, para piorar. — Sorri.

— Isso só mostra como é ainda mais linda, mesmo toda bagunçada. — Nós sorrimos.

Lucas me mostrou toda sua casa. Era ainda mais extraordinária por dentro. Móveis clássicos e decoração *clean*, nada de poluição visual. O ambiente dava uma sensação de tranquilidade. Conheci seu pai, Rubens, e sua mãe, Melinda. Os dois eram uns amores de pessoas. Trataram-me como se já me conhecessem há anos, o que foi mega estranho. Logo após, conheci seus dois filhos, Max e Shawn, dois filhotes de Akita extremamente fofos. Depois do almoço excelente, Lucas me levou para conhecer a parte de trás da casa, com uma piscina enorme e, logo mais à frente, um pequeno campo de golfe.

— Me surpreende não ter uma namorada.

— Terminei um relacionamento há pouco tempo. Não deu certo. — Ele deu de ombros. Caminhamos pela extensão do campo, jogando conversa fora.

— Por que não deu certo? — perguntei, curiosa. Algum defeito aquele homem tinha que ter.

— Ela não era a mulher certa para mim. Tínhamos objetivos diferentes.

— Ela aceitou numa boa?

— Ela que terminou. — Sorriu. — Mas e você?

— Eu?

— Sim. Você e seu namorado. Na festa, ele não estava com outra?

— É uma longa história.

— Você está cheia de histórias longas. — Ele gargalhou.

— Longas e tristes. Mas, hoje, acho que está tudo certo. Até agora.

— Você gosta dele? — perguntou, curioso.

— Mais do que isso. Eu o amo.

Lucas parou por um instante e apenas me olhou. Sorriu e continuou a andar.

— Gosta de ler? — perguntou, mudando de assunto.

— Se eu gosto? Ler é minha vida.

— Então, venha. Acho que vai gostar de conhecer minha biblioteca.

De mãos dadas, Lucas me levou até o terceiro andar da casa. Subimos as escadas de mármore e saímos direto na biblioteca. Ao lado, havia uma sala de TV enorme e incrível. Imaginei-me ali, sentada, assistindo a filmes de terror, coladinha com ele. É isso mesmo. Eu não era de ferro. Ele me causava uma onda de eletricidade pelo corpo inteiro.

A biblioteca era enorme. Muitos livros interessantes compunham a enorme estante de madeira rústica. O lugar era incrível. As janelas inteiriças revelando toda paisagem magnífica de seu jardim deixavam o ambiente ainda mais lindo.

Passamos a tarde inteira conversando e rindo. Lucas não era apenas um cara lindo e sexy, também era inteligente e romântico, além do quesito “milionário”, que também compunha seu currículo. Que mulher não se apaixonaria por um homem daqueles?

Ao entardecer, me despedi de sua família com a promessa de que apareceria mais vezes. Lucas dispensou o motorista e me levou para casa.

— Obrigada pela tarde maravilhosa. — Sorri.

— Eu que agradeço. Adorei passar um tempo com você e conhecê-la melhor — disse, dando um beijo em meu rosto.

— Tchau — disse, saindo e batendo a porta do carona.

— Quando quiser, podemos sair mais vezes.

— Não sei... Acho melhor não. — Sorri, debruçada na porta do carro.

— Prometo que vou me comportar. — Sorriu, revelando seus dentes brancos.

— Não tenho dúvidas disso. É um cavalheiro — disse, rindo. — Tenho que ir. Obrigada por me ajudar.

E, então, ele se foi. Entrei em casa e esqueci completamente de que havia marcado de ir ao cinema com Alex. Quando peguei meu celular, havia quinze chamadas perdidas. Dez de Alex e cinco de Margareth. Resolvi ignorar. Corri para o quarto e tomei um longo banho. Peguei minha roupa e me troquei rapidamente, colocando um vestido verde e salto preto. Passei uma leve maquiagem e deixei meus cabelos soltos. Alex detestava meu cabelo preso. Assim que terminei de me produzir, a campainha tocou.

Corri para abrir a porta. Era Alex, do outro lado, todo arrumado e furioso. Passou por mim como um foguete.

— Onde estava a tarde inteira? Estou te ligando há horas — perguntou nervoso.

— E-e-eu estava na rua... Acabei esquecendo o celular. Por que a raiva toda?

— Eu não trabalhei a parte da tarde para ficar com você? Aí, eu volto para casa e você não está. Engraçado é que seu carro estava aqui. — Me olhou, ainda furioso. — Onde estava?

Puta que pariu. O carro. Tinha esquecido que o cara iria levar o carro. Não podia contar que estava com o Lucas, ele me mataria.

— Estou terminando de me arrumar, Alex. Ligou para a Margareth? Ela vai ao cinema?

— Não. Ela e o Roger têm outros planos para hoje. Aqueles dois não se desgrudam mais. — Sorriu, mais relaxado.

— Termino em um minuto — disse, voltando para o quarto. Estava tremendo e com o coração apertado por ter mentido para ele, mas Alex não entenderia se eu dissesse. “Não foi nada demais, então, não preciso me preocupar. Eu não fiz nada. Eu não fiz nada”, pensei e continuei repetindo, como se fosse um mantra. Como se isso fosse me acalmar de alguma forma... Assim que terminei, Alex me esperava na sala, assistindo seu seriado favorito.

— Vamos?

— Você está linda! — disse, olhando-me de cima a baixo.

— Você está um arraso, também.

Alex sempre me deixava louca com seu cabelo bagunçado. De jeans e camisa preta, ele me deixava sem ar. Lentamente, veio em minha direção e me beijou apaixonadamente, com sua mão em minhas pernas, vagando lentamente até que parou em cima de meu sexo.

— Vou te proibir de usar vestido quando sair comigo — sussurrou em meu ouvido. — Não sei se posso me controlar ao seu lado, vestida assim.

— Vamos nos atrasar — disse, ofegante. Já estava sentindo minhas terminações nervosas abaladas.

— Senti sua falta hoje. — Sua voz rouca era como música para meus ouvidos. Suas mãos me tocando e seus beijos quentes me deixavam fora de mim.

— Eu também senti sua falta — disse, beijando sua boca e entrelaçando meus braços em volta de seu pescoço.

— Passei a tarde toda pensando em você nua... nos meus braços.

— Se continuar a dizer essas coisas, acho que não sairemos mais da cama. — Sorri.

— Parece bom para mim — disse, com a voz abafada com minha boca colada na dele.

— É sério... Vamos?

— Vamos.

Nossa noite foi perfeita. Alex me levou para assistir “Jogos Vorazes - Em Chamas”. Adorávamos os livros, claro que não podíamos deixar passar essa. Assistimos ao filme, abraçadinhos, comendo pipoca e tomando refrigerante. Abri uma exceção para a *Coca-Cola*, de tanto Alex insistir, mas já estava muito arrependida só de pensar nas calorias extras que ganhei.

Longe de mim, gordurinhas!

Rimos, nos divertimos, saímos para jantar num restaurante japonês e, depois, voltamos para casa. Ele já estava começando a ficar mal-acostumado: queria dormir em casa outra vez. Queria só ver depois que meu pai chegasse...

Após um longo banho, Alex deitou ao meu lado na cama, totalmente nu. Aquilo mexia comigo. Vê-lo desnudo, só para mim, todo meu, para fazer o que eu quisesse, estava me levando à loucura. Deitei em cima dele apenas de calcinha. Quando coloquei minha boca na dele, ele abriu, sugando minha língua. Suas mãos alisavam minha pele levemente e ele a apertava na medida em que eu mordida seus lábios.

— Eu quero você — sussurrei em seu ouvido. Ele soltou um gemido de satisfação e me girou, fazendo com que ficasse por baixo dele. Olhando em meus olhos, disse num sussurro sensual:

— Você me tem, meu amor. O que vai fazer comigo? — perguntou, enquanto passava as mãos entre minhas pernas. Gemi. Não conseguia raciocinar com ele tão perto.

— Eu quero você, agora — sussurrei entre seus lábios.

— Como você quer? — perguntou, enquanto tirava minha calcinha devagar.

— Por favor... Faça amor comigo — disse entre gemidos e sussurros. Ele me beijou e traçou uma linha com sua língua úmida do meu pescoço até meu sexo molhado. Gemi mais alto quando senti o contato de sua boca na minha pele.

— Tão linda... — grunhiu. Com sua língua, ele massageou meu clitóris lentamente. Eu arqueava os quadris... Ele me deixava louca toda vez que fazia aquilo.

— Quero que venha para mim assim...

— Não pare... Oh! Por favor... Não pare.

Ele apenas prolongou minha excitação. Sua língua percorria todo meu

sexo e, quando senti seus dedos entrando lentamente, gemi forte. Eu estava indo... Era mais forte do que eu.

— Isso, querida. Vem pra mim assim — sussurrou, massageando meu clitóris com seu polegar e com sua língua trabalhando de forma ritmada. Então, não resisti. Gozei loucamente, gritando por ele. Ele me completava, me alucinava, me deixava louca de prazer. O homem que sempre iria amar com todas as minhas forças, me olhou e sorriu, divertido.

— Você é ainda mais linda quando goza — disse, afastando uma mecha de cabelo e colocando atrás da orelha. Seus lábios procuraram os meus e suas mãos agora estavam em meus seios.

— Quero estar dentro de você, meu amor — sussurrou. — Quero entrar forte e duro. Quero ouvir você gritar, ouvir você chamar por mim enquanto estiver dentro de você.

Quando ele forçou minha entrada com seu membro duro, fiquei em alerta.

— Alex, espere — sussurrei.

— O que foi? Machuquei você?

— Não, é que...

— O que foi, Vicky? Se você não quiser, tudo bem, pode falar.

— Não é isso. Claro que quero você, é que precisamos falar sobre isso — disse tímida.

— Sobre o quê? Não estou entendendo — disse, confuso.

— Prevenção, Alex. Não estamos usando preservativos. Acho que devemos fazer isso de uma forma mais segura.

— Você havia me dito que estava tomando remédio — ele disse, irritado.

— Eu estou. Mas é que os remédios não são cem por cento confiáveis.

— Se é tão importante para você... — ele disse, distanciando-se. Pegou sua calça, tirou a carteira do bolso e abriu. Retirou o pequeno embrulho de dentro e voltou.

— Pronto. Aqui está. — Ele sorriu. — Vai ficar mais tranquila agora?

— Vou.

— Mas, em alguma hora, querida, vamos ter que parar de usar isso. Porque eu quero ter pelo menos uns cinco filhos — ele disse, balançando o pacote. Logo em seguida, rasgou o envelope, retirando o conteúdo e deslizou em seu membro.

— Não sei se aguento cinco filhos. Isso parece demais. — Sorri.

— Não está em negociação. Cinco filhos e não se fala mais nisso. — Ele sorriu divertido. — Quero todos com esses seus cabelos dourados e lindos como você — concluiu, beijando minha boca.

— Eu amo você, Alex.

— Eu te amo muito mais.

E, assim, fizemos amor a noite toda. Enlouquecidamente, apaixonadamente, com nossos corpos ofegantes e entrelaçados, suspirando de prazer.

Ao amanhecer, Alex não estava ao meu lado na cama. Ouvi a campainha tocar. “Deve ter ido atender”, pensei. Levantei rapidamente e peguei uma toalha. Precisava de um banho, estava horrível. Quando olhei no espelho, meu cabelo estava uma bagunça. Liguei o chuveiro e deixei a água cair sobre meu corpo. Estava tão feliz... Como pude perder tanto tempo? Como não enxerguei o amor bem ao meu lado? Agora que o tinha, não iria deixar que me escapasse outra vez.

Quando terminei o banho, enrolei-me na toalha e saí. Alex estava na cama apenas de cueca preta, sentado ao lado de um lindo buquê de flores vermelhas. Meu coração parou. Meus olhos encheram-se de lágrimas. Ele era o homem da minha vida...

— São para mim? — Um sorriso radiante apontou em minha face.

— Só para você. — Seu tom de voz estava diferente.

— São lindas, meu amor. — Sorri pegando as flores em minha mão.

— Não, não, não. — Ele me parou. — Ainda tem um cartão — disse, de forma impassível. — Não vai querer que eu leia para você?

— Claro. — Ele me olhava diferente agora. Não parecia muito feliz.

Então, ele começou a ler o bilhete.

Linda Vitória,

Nunca pensei que uma mulher tão linda seria a combinação perfeita entre inteligência e diversão.

Você tornou minha tarde muito mais agradável.

Lucas.

— Você vai me contar a verdade agora? — Ele me olhou com seus olhos verdes friamente. Amassou o cartão e jogou as flores em cima de mim. Ele estava furioso, decepcionado, magoado. E eu estava perdida.

Capítulo 21

Alex

Vicky ainda me olhava como se não estivesse entendendo nada. Com a cara mais lavada do mundo, ainda me olhava como se eu fosse um bicho de sete cabeças.

— Alex... Eu posso explicar — ela conseguiu dizer, com a voz trêmula.

— Evidente que sim. Por isso ainda estou aqui — ela disse. Minha vontade era de sair dali e nunca mais olhar para ela.

— Eu ia te contar — sussurrou. Mesmo com toda raiva que sentia naquele momento, era impossível não admirá-la. Linda, apenas enrolada numa toalha branca.

— E por que não contou? Por que não me falou quando te perguntei onde estava a tarde inteira ontem? — perguntei, irritado. Ela começou a chorar. Droga...

— Você chegou nervoso e, se eu tivesse contado naquela hora, você iria entender tudo errado — disse, secando as lágrimas, que não paravam de rolar.

— E você acha que eu vou entender agora? Eu falei, Vicky. A única coisa que eu não posso perdoar é traição. E você me traiu! — gritei, descontrolado. Só de imaginar outro homem a tocando, eu perdia o controle.

— Não aconteceu nada, eu juro. — Sua voz soou desesperada. — Eu fui correr no parque. Quando voltei para o carro, o Harry estava lá e

acabou...

— Harry? O que o Harry tem isso? Sempre Harry, não? Sempre aquele filho da puta! — gritei ainda mais alto, e isso a assustou.

— Ele me atacou, tá legal?! — ela gritou. — Ele me atacou, eu bati nele e aí o Lucas apareceu. Foi isso.

— E qual foi a parte da tarde agradável? Ser *atacada* pelo Harry? — enfatizei. — Eu acho que perdi alguma coisa, Vicky, porque essa estória me parece um pouco absurda.

— Eu fiquei nervosa na hora e ele apenas me ajudou. Não estava em condições de dirigir, então, ele me levou para a casa dele — ela disse, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— O quê? Você foi para casa de um sujeito que mal conhece?! — gritei, possesso de ódio. — Por que não me ligou, porra?! — Estava totalmente descontrolado. Minha vontade era de pegar aquele sujeito e matá-lo.

— Ele só me ajudou. Na hora, não achei que estive fazendo mal — ela disse, entre soluços. — Ele se ofereceu para trazer meu carro de volta e passamos a tarde na casa dele. Não estávamos sozinhos, havia muita gente lá. Não fizemos nada. Apenas conversamos, só isso. Eu juro.

— Aí ele te levou para conhecer a cama dele também? — perguntei, em tom de ironia. Filho da puta, maldita... “Como pode fazer isso?”, pensei.

— Você está me ofendendo. — Ela elevou o tom de voz. Estava claramente irritada, com os olhos vermelhos e ainda segurando a toalha em volta do corpo.

— Eu sabia que tinha acontecido alguma coisa com vocês na festa — disse irritado. Andava como louco de um lado para outro do quarto, passando as mãos pelos cabelos. Já estava suando frio.

— Não aconteceu nada. Nem na festa e nem ontem. Eu disse para ele que tinha um namorado. Não dei qualquer entrada para que pudesse entender que pudesse ser diferente.

— Então, você disse a ele que tinha um namorado? — Palhaçada. — Estou até mais tranquilo agora. Um mísero namoradinho de merda que, quando a mulher precisa, é outro quem consola.

— Não seja ridículo! — ela gritou.

— Deveria ter chamado a mim, Vicky. Meu Deus! Qual foi a parte do “estamos juntos” que você não entendeu? Se tiver qualquer problema, é a mim quem deve chamar. Deveria ter recusado qualquer convite daquele babaca! — gritei. — Mas não, deve ter ficado hipnotizada porque o cara é um garanhão...

— Está sendo infantil agora.

— Ok. Sou infantil, inseguro, ciumento e extremamente possessivo. Mas não seria desse jeito se você não fizesse tanta merda! — gritei, encarando-a. Já estava de saco cheio de Harry, de problemas, e agora me vinha mais um infeliz para me derrubar. Puta que pariu!

— Você pediu para que falasse a verdade. A verdade é essa. Não aconteceu nada. Passei a tarde com ele, apenas como amigos. Assim como você e a Margareth.

— Não compara os dois, Vicky. A Margareth nunca quis se enfiar na minha cama. E eu muito menos.

Peguei minhas roupas e comecei a me vestir.

— Onde você está indo? — ela perguntou.

— Vou trabalhar. Preciso trabalhar. — Eu ainda estava muito irritado.

— Você vai sair assim, sem falar comigo?

— Já conversamos, Vicky.

— Alex... Por favor, acredite em mim. Eu amo você — disse, aproximando-se de mim e me abraçando. Peguei nos braços dela e a empurrei para longe. Naquele momento, não consegui pensar em mais nada.

— Agora não, Vicky. Preciso pensar.

Ela me olhou com os olhos vermelhos, mas não disse mais nada.

Peguei minha carteira, as chaves do carro e fui embora.

Quando cheguei à produtora, Betty veio em minha direção, falando sobre a reunião e os contratos da nova banda. Entrei em minha sala, ainda furioso. Não acreditava que aquilo podia estar acontecendo comigo, logo agora que estávamos tão bem. Agora, tinha mais um infeliz para me preocupar. Maldição!

Tentei não pensar nela. A raiva já estava me consumindo. Eu apenas queria esquecer que aquilo tinha acontecido. Eu queria acreditar que não havia acontecido nada entre eles, mas estava difícil.

Passei o dia assinando papéis e atendendo às ligações de empresários musicais. Estava tudo acertado para o show na próxima semana. Marquei com o pessoal da banda para ensaiarmos.

— Sr. Riccieri, ligação na linha dois — Betty soou no telefone.

— Quem é, Betty? Estou ocupado.

— Harry Foster.

“Filho da puta, maldito, desgraçado. Como ousa? Vou acabar com esse infeliz”, pensei.

— Eu atendo — eu disse. — O que você quer, seu filho da puta?

— *Alex! Como vai?*

— Eu vou matar você, seu desgraçado. Fique longe dela, entendeu?

— *Ora, ora... Vejo que já sabe do incidente de ontem. Fiquei intrigado. Ela precisa de guarda-costas agora, Alex? Ou ela cansou de você?* — O desgraçado ria do outro lado da linha. Meu sangue ferveu.

— Eu juro, Harry... Se chegar perto dela mais uma vez, eu arranco a sua cabeça — alertei.

— *Está certo. Mas não é sobre ela que quero falar, apesar de que adoraria passar o dia enumerando as qualidades da minha garota. Como a*

boca dela é suave... Sua pele...

— Eu vou matar você, seu filho da puta! — gritei, cerrando os punhos e batendo violentamente na mesa.

— *Bom, voltando ao assunto... Eu acabei de fechar um contrato grande com uma das maiores bandas de rock. Eles até me disseram que estavam negociando com você. Mas você sabe, não é? Eles preferiram a mim* — disse, gargalhando. *Do que esse maldito estava falando?*

— Você não cansa, Harry? Vai ser sempre assim, você vivendo na minha sombra?

— *É. Eu avisei a você que seria assim, que eu iria acabar com você. Ainda estou sendo legal em te avisar... Deveria agradecer.*

— Agradecer? Nem homem o bastante para me peitar você é. Precisa ligar para dizer que me passou a perna? Está com medo que eu quebre a sua cara pela milésima vez?

— *Hummm... Não. Só espero que não fique chateado. Eu sabia que esse contrato era importante para você. Espero que não se importe em ir à falência.*

— Eu vou pegar você, Harry. E quando esse dia chegar... é melhor que esteja preparado para ir pro inferno! — Se eu achava que meu dia estava uma merda, Harry Foster conseguiu deixar ainda pior. “Maldito! Como ele conseguiu?”, pensei.

— Betty, ligue para o Ronald e me passe a ligação.

— Sim, senhor.

Enquanto esperava pela ligação de Ronald, resolvi ligar para Margareth. Agora eu realmente precisava soltar toda a minha fúria, e eu sabia exatamente em quem.

— *Alex!* — ela gritou, surpresa.

— Oi, Margareth. Preciso de um favor.

— *Até dois, meu amor. Diga.*

— Me passe o endereço daquele seu amigo, o Lucas.

— *Lucas? Por quê?*

— Só me dê o endereço dele — disse, irritado. Não queria ter que explicar nada àquela altura. Já estava vendo tudo vermelho.

— *Só tenho o da empresa dele.*

— Pode ser.

Anotei o endereço do maldito. Estava possesso com aqueles filhos da puta me atrasando a vida.

— *O que vai fazer lá?*

— Obrigado, Margareth — disse, desligando, sem dar chances a ela de dizer mais nada. Saí da minha sala e disse à Betty: — Estou de saída. Falo com o Ronald mais tarde.

— Sim, senhor.

Fiz todo o percurso até o endereço que Margareth havia me passado praguejando a existência daqueles dois. Primeiro, eu iria me acertar com aquele engomadinho metido a besta. Depois, eu iria cavar a cova daquele filho da puta do Harry.

Chegando ao local, perguntei para um rapaz que estava na entrada o andar e a sala do maldito. Peguei o elevador e fui até o terceiro andar. Assim que entrei na recepção, uma moça elegante, de terno escuro, me atendeu.

— Posso ajudá-lo, senhor?

— Estou aqui para ver o Sr. Lucas — disse, segurando minha irritação.

— Tem horário marcado? — Ela me olhou indiferente.

— Não. Mas serei breve.

— O Sr. Farrell não atende fora de sua agenda. Desculpe-me.

— Ele está?

— Sim, senhor.

— Ótimo — disse passando como um raio por cima da infeliz. Marcar hora para quebrar a cara dele? Ah... Acho que não.

Abri a porta com tudo. O playboy folgado estava sentado em sua mesa enorme, de terno, parecendo um magnata de Wall Street. Não sei o que me deu. Parti pra cima do infeliz, puxando ele pelo colarinho, e coleí o desgraçado na janela enorme de vidro.

— Mas o que é isso? — Ele me olhou, assustado.

— Eu vim aqui te dar um aviso: fique longe da minha mulher. Da próxima vez que enviar qualquer coisa para a casa dela ou sequer pensar em chegar perto dela outra vez, eu voltarei aqui. E, cara, é melhor encomendar um caixão, porque, se eu precisar voltar, você só sairá morto. — Despejei toda minha raiva e caí fora. O infeliz ficou lá, todo se achando, arrumando a gravata amassada. Babaca. Saí, batendo a porta. Agora, era a hora de achar um jeito de me livrar do Harry.

Voltei para a produtora. Numa reunião com Ronald, descobri que o desgraçado havia feito um contrato bem semelhante ao meu. Então era isso? Ele queria acabar comigo pegando todos os meus clientes? Fez uma proposta trinta por cento mais em conta e eu que me lasquei?

— Já pensou na possibilidade de alguém estar passando essas informações para ele? — Ronald perguntou, impassível.

— Sem chance. Não há ninguém. Eu mantive esse contrato no cofre o tempo todo.

— Quem redigiu o contrato?

— Quem? Minha secretária, claro! — bufei. — Ela é de total confiança.

— Se está dizendo... Então, o Harry simplesmente tem uma bola de cristal. Ele se projeta em todos os lugares em que está, rouba todos os seus contratos... Isso está ficando esquisito, Alex. Tome cuidado com esse cara.

— Ele é um idiota inofensivo. Só quer me atrasar.

— Não é o que parece. Ele está querendo é te destruir.

— Ele quer vingança. Aquele idiota não me deixa em paz por uma coisa que aconteceu há quase três anos.

— Então, amigo, seja lá o que tenha feito para esse cara, é melhor ficar esperto. Muito esperto — ele disse, em tom de alerta.

Harry era um sujeito otário, mas não era nenhum louco psicopata. Se quisesse me matar, já teria feito. Ele queria era me ver por baixo, ser melhor do que eu, ter o que eu tinha... Ou melhor, tirar tudo o que eu tinha. Mas se ele pensa que eu iria facilitar as coisas para ele, estava muito enganado.

O resto da tarde passou rápido. Terminei meu trabalho e fui para casa. Precisava pensar, descansar de toda a merda daquele dia. Quando cheguei, Margareth estava me esperando em meu quarto.

— O que faz aqui? — perguntei, surpreso.

Ela me olhou de uma forma estranha e sussurrou:

— Você é louco? Foi até o Lucas ameaçá-lo?

— Ah! O maricas reclamou pra você, foi?

— Alex, o cara é podre de rico. Milionário. Ele acaba com você em dois tempos.

— E eu acabo com ele se chegar perto da Vicky outra vez!

— Não acha que está exagerando, não? Eu falei com a Vicky. Ela me disse que não aconteceu nada, Alex. Precisa confiar nela.

— Confiar? Ela mentiu pra mim, Margareth. Mentiu.

— Ela omitiu, Alex.

— Para mim, é a mesma coisa — disse, irritado.

— Ela só ficou com medo da sua reação. Não estou dizendo que ela está certa. Ela errou, mas dá um desconto. Vocês se amam e logo irão se casar.

— Não sei se ela está tão certa disso.

— Ela ama você. Ela está mal por ter escondido a verdade. Passou o dia inteiro chorando e nem comeu ainda.

— Estava com ela?

— Sim. Depois que você me pediu o endereço do Lucas, achei tudo tão estranho que liguei para ela.

— Eu não posso agora. Hoje foi um dia de cão e eu ainda estou nervoso. Não quero magoá-la.

— Ela me disse que está sendo perseguida pelo Harry.

— Ela me falou.

— Isso está estranho, Alex. Harry parece obcecado por ela. Tome cuidado — disse, preocupada.

— Ele quer a mim. Acha que, perturbando ela, ele me deixa irritado.

— Não acho isso. Acho que ele está estranho desde que ela voltou.

— Esse infeliz roubou outro cliente meu hoje. Minha vontade é de matá-lo.

— Eu queria saber o que há de tão grave entre vocês. Isso não é normal.

— Só há um monte de mentiras, e ele não enxerga isso — disse, furioso. Já estava cansado de ser perseguido por conta daquela maluca da irmã dele. Família de merda, desequilibrada... Maldita hora que me envolvi com ela.

— O que fez para ele? — ela perguntou, olhando em meus olhos.

— Não fiz nada. Vamos mudar de assunto.

— Tudo bem. Mas se liga, Alex. Alguma hora isso vai dar merda — disse. — Estou indo. Roger está me esperando na casa dele. Vamos sair.

— O negócio está sério, então? — Sorri.

— É. Ele me pediu em namoro. Agora estamos oficialmente namorando! — disse, saltando da cama, toda alegre.

— Sejam felizes, então.

— E você também, cabeça-dura. Não deixe um ciúme bobo tirá-la de você. Vai por mim. Confie mais em você — disse, dando-me um abraço apertado.

— Só preciso me acalmar um pouco. Meu dia foi uma merda!

— Vamos marcar de sair no final de semana? Roger quer ir para a praia. Acho que seria legal.

— Vamos ver.

— Tá. E vai lá ver como ela está. Não a deixe sozinha. — Sorriu, saindo pela porta.

Com toda a mente maluca e confusa da Margareth, até que ela entendia um pouco das coisas. Eu já estava ficando maluco sem a Vicky, mas eu precisava ser duro com ela. Ela mentiu, e eu não suportava mentiras. Eu precisava de um tempo sozinho, e ela também. Resolvi ficar em casa. Não ia procurá-la. Ela também não me ligou nenhuma vez. Nada de voz desesperada ao telefone me pedindo perdão dizendo que me amava. Aquela mulher me deixava exasperado.

Tirei minha roupa e fui tomar um banho. Mais relaxado, peguei meu violão e fiquei tocando. Meu pai apareceu em meu quarto e, mesmo sem eu falar nada, ele já sabia que estava sofrendo por ela.

— Ela está te dando trabalho, não é?

— Vou tirar isso de letra.

Meu pai ficou ali comigo por várias horas. Conversamos, cantamos juntos e até arriscamos compor algumas canções juntos. Logo depois, adormeci.

Acordei com uma voz estridente bem lá no fundo. Parecia que havia água nos meus ouvidos abafando a voz que cantava. O som alto de guitarra me despertou. Quem era o maluco cantando aquela hora? Pelo que sabia, era o único músico do bairro. Quando afastei as cortinas e olhei para fora, meu sangue ferveu: Harry, numa tentativa desesperada de chamar a atenção da minha garota com uma serenata ridícula. Já se formava até uma

pequena multidão o acompanhando como um coral ao som de *Yellow*, do Coldplay.

Comecei a me vestir, desesperado. Coloquei a roupa tão rápido que não percebi a camiseta do avesso. “Foda-se, vou assim mesmo!”, pensei. Desci as escadas como um jato. Antes que pudesse chegar até a porta, fui bloqueado pelas mãos enormes do meu pai, que gritou, furioso:

— Você não vai lá!

— Me solta, pai. Vou dar a ele o que merece. Filho da puta! — gritei, tentando me desvencilhar dele.

— Alex! Se for, vai piorar as coisas. É isso que ele quer. Ter um motivo para acabar com você.

— Acredite em mim, ele já tem esse motivo. O que ele quer é ela, e eu já estou de saco cheio de ele sempre estar em meu encalço.

— Ela sabe se virar, filho. Pare de protegê-la achando que é uma criança. Você sempre fez isso. Está na hora de deixá-la resolver seus próprios problemas.

— Ele... Ele quer tirá-la de mim outra vez! — gritei, frustrado.

— Ninguém pode pegar o que não lhe pertence, filho. Se ela é sua, se te ama como diz, ele pode fazer de tudo que ela sempre vai estar aqui por você, não por ele.

Quando meu pai me soltou, voltei furioso para o quarto. Fiquei apenas observando aquele show pela janela, amaldiçoando a existência dele e desejando uma morte bem lenta e dolorosa para o desgraçado. Foi quando a porta se abriu e Vicky saiu, descontrolada. O que ela estava fazendo na frente da casa de camisola? “É louca? Ah! Vou matá-la!”, pensei.

Ela disse algumas coisas que, claro, não deu para ouvir merda nenhuma. Estava já entrando em colapso nervoso. Então, ela entrou e logo em seguida voltou, carregando um balde. “Mas o que é isso?”, pensei. Ela jogou toda a água que havia naquele pequeno balde na cara do filho da puta. Instantaneamente, ele parou de cantar. Estava todo molhado e

envergonhado em meio à pequena multidão, que agora ria da sua cara de idiota.

— Se ferrou, babaca — sussurrei para mim mesmo, rindo de sua desgraça. Aquela era a minha garota!

Feito isso, ela se virou e entrou, batendo a porta e deixando o filho da puta plantando em frente à sua casa. Só por isso, já havia ganhado o meu dia. Fiquei na janela, sorrindo como um bobo apaixonado, dizendo para mim mesmo:

— Ela me ama!

Vicky

Eu estava fervendo de raiva. “Mas que droga! Quando esse cara vai desistir de mim? Que palhaço! Acha que vou cair aos seus pés só por causa de uma merda de serenata ridícula? Louco perseguidor...”, pensava. Segui para o quarto. Abri meu *closet* e escolhi uma roupa casual. Precisava encontrar algum ponto para alugar e começar a trabalhar. Minha cabeça já estava pirando. Antes que pudesse me trocar, meu celular tocou.

— Alô.

— *Você pode vir até aqui falar comigo?* — Era a voz do infeliz do Harry.

— Vá à merda! Se ficar me perseguindo, Harry, vou registrar uma queixa contra você na delegacia! — gritei, desligando na sua cara. “Esse cara me tira do sério”, pensei.

Agora mais calma, voltei a me trocar. Coloquei uma minissaia preta e uma blusa de seda azul-marinho; um salto preto e nada de maquiagem a não ser um batom rosa. Escovei os cabelos e pronto. Estava perfeita. Peguei o carro e segui, sem rumo. Não fazia ideia de onde começar. Entrei em

algumas imobiliárias, alguns pavilhões comerciais... Nada. Não achei nada que me agradasse.

Olhei no celular: nenhuma chamada dele. Alex não me ligou nenhuma vez e nem me procurou. Já estava começando a ficar apreensiva. Eu estava sentindo falta dele. Céus! Como sentia a falta dele... Resolvi colocar meu orgulho de lado e procurá-lo. Eu estava errada, devia ter contado. Mas ele precisava me perdoar, precisava confiar em mim.

Peguei o cartão dele na bolsa e registrei o endereço no GPS. Eu não queria ligar, queria vê-lo. Eu precisava vê-lo, tocá-lo, beijá-lo. Eu não conseguia mais respirar sem ele, não conseguia pensar sem ele. Então, eu iria surpreendê-lo e fazer com que me perdoasse a todo custo.

Assim que cheguei à produtora, fui até a recepção e perguntei para a recepcionista:

— Onde fica a sala do Sr. Alex Riccieri?

— A senhora... quem é?

— A mulher dele — me irritei. Mas que moça curiosa!

— Vou acompanhá-la, Sra. Riccieri — disse ela, levando-me até o elevador.

Assim que chegamos, ela falou, apontando para a secretária que estava na sala, sentada em sua cadeira, ao telefone.

— Aquela é a Betty, a secretária do Sr. Riccieri. Ela irá atendê-la.

— Obrigada.

Sentei-me em um sofá, à espera de que a criatura largasse o telefone e parasse de rir igual a uma hiena. Pelo visto, ainda não havia me notado ali, fulminando-a com um olhar. Aquela garota não trabalhava?

Cinco minutos se passaram e nada. Comecei a ficar irritada com aquela garota. Onde estava o Alex que não via aquilo? Depois de mais alguns minutos, uma porta se abriu e Alex saiu. A visão dele me olhando surpreso me fez rir. Estava lindo, como sempre: jeans preto e uma camisa azul-claro com as mangas dobradas, que o deixava todo charmoso. Sem

contar o seu cabelo despenteado e uma pequena barba por fazer. Eu ainda morreria por aquele homem.

— Vicky? — Ele me olhou, surpreso. — O que faz aí sentada? — perguntou, confuso.

— Esperando sua secretária me atender. Parece que o papo está tão bom, que já está há mais de dez minutos pendurada na linha — disse, sem paciência.

— Betty — ele a chamou. Ela não estava nem aí. — Betty! — gritou. Ela o olhou, assustada.

— Sim, Sr. Riccieri!

— O que minha mulher faz aqui sentada? Por que não me avisou? — Ele ficou uma fera.

— Desculpe, senhor, eu não percebi. Estava em uma ligação com um cliente — ela balbuciou, trêmula.

— Não me passe nenhuma ligação. E, Betty, a Vitória tem passagem livre à minha sala. Entendeu?

— Sim, senhor. Desculpe-me.

Alex colocou suas mãos em minhas costas e me conduziu até a sua sala. Fechou a porta e veio em minha direção.

— Poderia ter me ligado — ele disse, olhando em meus olhos.

— Eu estava passando e queria ver você — sussurrei. — Espero que não se importe. Se estiver atrapalhando, eu posso ir embora.

Ele caminhou até mim e, abraçando-me, disse:

— Você nunca me atrapalha. — Espantou uma mecha do meu cabelo, colocando-a atrás de minha orelha.

— Ainda está bravo comigo?

— Ainda estou bravo com você. Muito bravo. — Ele sorriu. — Mas você foi perdoada hoje de manhã.

— Hoje de manhã? — Olhei confuso para ele, que me olhava divertido.

— Depois daquele banho no Harry...

— Você viu aquilo? — perguntei, apavorada. Ai, meu Deus!

— Vi. Só não fui até lá porque meu pai me segurou. Eu ia matar aquele safado. Eu também vi que saiu de camisola na rua.

— Eu já estou ficando assustada, Alex. Dirigi hoje olhando para todos os lugares com a sensação de que estava sendo perseguida.

— Eu sei. Vou dar um jeito nisso — ele falou. — Vicky... só te peço uma coisa. — Ele me olhava nos olhos, acariciando meu rosto. — Jamais minta novamente ou esconda algo de mim outra vez. Não quero mais brigar com você.

— Não aconteceu nada. Eu amo você. Não quero te perder — disse, soando um pouco desesperada.

— Eu também te amo... Mas sem mais mentiras, tudo bem?

— Sem mais mentiras — eu repliquei.

Alex me segurou ainda mais forte contra seu peito. Sussurrou mais um “eu te amo” e me beijou. Senti sua boca na minha, suas mãos percorrerem todo o meu corpo. Eu estava completamente perdida de amor por ele. Não conseguia mais ficar um minuto sequer sem ele por perto. Eu o queria muito, só para mim. Por toda a eternidade.

— Já almoçou? — ele perguntou, afastando-se.

— Não.

— Você tem que se alimentar direito, Vicky. Margareth me disse que ontem você não comeu nada.

— Ela é uma fofqueira.

— Vou te levar para almoçar. Mas, antes, preciso fazer uma ligação.

— Posso esperar lá fora se quiser — disse, não querendo invadir sua privacidade.

— Pode ficar. Será breve.

Sentei em sua cadeira enquanto ele discava em seu celular.

— Roger — ele falou. — E aí, cara, tudo bem?

O que será que ele queria com o Roger?

— Cara, preciso de seus serviços. Quero contratar um segurança para a Vicky — ele falou. Segurança? Mas que diabos ele pensava que estava fazendo?

— Preciso disso pra ontem. Ok. Eu passo aí mais tarde.

Quando desligou, ele percebeu que não gostei nadinha.

— Sem discussão.

— Alex, eu não quero ninguém atrás de mim 24 horas. Não sou nenhuma criança — disse, furiosa.

— Vai andar com um segurança. Ele pode até dirigir pra você.

— Ótimo. Fiquei inválida agora! — gritei, furiosa.

— Eu não vou deixar aquele safado chegar perto de você, Vicky. Você mesma acabou de dizer que está assustada — disse, autoritário.

— Não é assim que resolve as coisas, Alex. Não desse jeito. Não quero homem nenhum no meu pé, nem a porra de um segurança. Está me entendendo?

— Eu não posso estar do seu lado sempre te protegendo, Vicky. Não vou aguentar se ele fizer algum mal a você.

— Ele não vai. Ele só está tentando fazer com que eu o perdoe, achando que tem alguma chance. Ele não é louco.

— Já decidi. Vai ficar com segurança, sim. Quando estiver comigo, ele será dispensado.

— Droga, Alex! Está exagerando! — gritei, saindo em direção à porta.

— Vicky! Espere! — Ele correu e bloqueou a porta. — Pelo menos por um tempo. Por favor.

— Não.

— Vicky!

— Eu disse não.

— Vai ser assim, então? — ele perguntou, chateado.

— Não quero ter que viver com alguém colado em mim. E minha

privacidade, onde fica? Não conta? — Estava irritada.

— Tudo bem, então. Você venceu. — Ele ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Jura?

— Não é o que você quer?

— Sim...

— Então, vai ter que me prometer que, se notar alguma coisa estranha ou se ele te perseguir, vai ligar para mim direto. Não importa a hora. Quero ser o primeiro a saber, Vicky. O primeiro.

— Tudo bem. Eu posso fazer isso. — Sorri.

— Você é uma mulher difícil. — Sorriu, mais tranquilo.

— Mas eu amo você.

— Eu também. É por isso que eu me preocupo — disse, abraçando-me. — Não vou deixar ele chegar perto de você. — E, com um beijo, ele pôs um fim em nossa discussão insana.

— Podemos almoçar agora?

— Claro, meu amor. Depois, tenho uma surpresa para você.

— Surpresa? Hum, adoro surpresa... O que é?

— Vou te levar para conhecer a nossa futura casa. — Ele deu um sorrisinho torto.

— Como assim, “nossa casa”?

— Ué! Pensou que nós casaríamos e moraríamos com nossos pais? — Ele gargalhou, divertido. — A nossa casa, Vicky. Onde vamos morar daqui a um tempo. Assim que seu pai voltar, vou dar entrada na papelada. E, se der tudo certo, nos casamos daqui a um mês.

— Tão rápido? — perguntei, assustada.

— Mudou de ideia?

— Não. É que achei que essas coisas levavam tempo para acontecer.

— Essas coisas levam o tempo que quisermos, querida. Mas eu preciso de você ao meu lado. Minha, só minha... O quanto antes, porque eu

não consigo mais ficar longe de você.

— Só estamos cinco casas separados, seu exagerado. — Sorri, fazendo cócegas nas costelas dele.

— Pra mim, é como se você estivesse em outro planeta. Quero você na minha cama, te chamar de minha esposa, te amar e te fazer feliz todos os dias — disse, dando-me vários beijos.

— Tá... Vamos conhecer nossa casa, então.

Capítulo 22

Alex

Quando saímos do restaurante, encontramos Margareth e Roger. Desde que ela o conheceu, eles não se desgrudavam mais. Assim que nos viram, vieram em nossa direção.

— E aí, cara, tudo bem? — Roger disse, cumprimentando-me com a mão.

— Tudo bem — respondi. Cumprimentei Margareth e Vicky a puxou de lado rapidamente. Mulheres! Adoram uma fofoca.

— E aí, Alex, o que aconteceu? Por que precisa de segurança? — Ele me olhou, intrigado.

— Se lembra do Harry? O cara da festa...

— Sim. O que tem ele?

— Está perseguindo a Vicky em todos os lugares. Há dois dias ele a encurralou e, por sorte, o amigo da Margareth apareceu e colocou o safado pra correr.

— Fiquei sabendo. O Lucas, não é? Ele é um cara legal.

— Eu também sou um cara legal quando não mexem com a minha mulher.

— Bom... Se precisar, posso te apresentar ao Dilan. Ele é policial reformado. O cara é ruim, viu? Se esse Harry chegar perto da Vicky, pode ter certeza de que ele passará a andar de muletas. — Ele gargalhou.

— Preciso só convencer a cabeça-dura da Vicky. Ela quase me matou

quando disse que iria contratar um segurança para ela.

— Sei bem como é. A Margareth também não é nada fácil.

— Ouvi o meu nome? — ela perguntou.

— Estamos falando que vocês, mulheres, são muito difíceis de convencer — Roger falou, dando um beijo nela.

— Onde está indo? — Margareth perguntou.

— Vou levar a Vicky para conhecer nossa casa.

— Uau! Vicky, você vai amar. A casa é linda.

— Você conhece? — Vicky pareceu surpresa.

— Claro. Fui com o Alex no dia em que comprou.

— Estou fazendo algumas reformas. Está quase pronta — falei.

— Roger, vamos? Estou morrendo de fome — Margareth disse, fazendo beicinho e passando a mão na barriga.

— Vamos — respondeu, olhando para ela. — Alex, depois a gente termina esse assunto. Me liga amanhã.

— Tudo bem. Eu passo lá na sua empresa.

Vicky se despediu de Margareth e seguimos para o carro. Seguimos o caminho todo fazendo planos para o futuro. Vicky fez questão de dizer que, quando tivéssemos nossos filhos, ela não iria deixá-los com nenhuma babá. Eu entendi sua vontade de cuidar de nossos filhos, afinal, Vicky nunca teve sua mãe por perto. Por mais que o pai dela não lhe deixasse faltar nada, eu sentia que ela queria ter uma mãe. Quando estávamos próximos ao nosso destino, eu comecei a ficar inseguro. Não sabia se ela iria gostar da casa. Estava torcendo que sim, pois ela havia me custado uma fortuna e, quando a comprei, pensei exatamente nela. Só nela.

Assim que passamos pela guarita do condomínio fechado, Vicky ficou tensa.

— Está tudo bem?

— Sim, claro — ela disse, com insegurança.

— O que foi, Vicky? Eu te conheço. Está escondendo alguma coisa —

falei, intrigado.

— É aqui que vamos morar? Nesse condomínio?

— Sim, por quê?

— Acho que não vai gostar se eu falar. — Ela me olhou com medo.

— Fale — disse, agora irritado.

— O Lucas mora aqui também — ela sussurrou.

“Putá que pariu. Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece”, pensei. Fechei os olhos e contei até dez mentalmente. Ela não tinha como saber, óbvio. Comprei aquela casa há seis meses. Eu nem sabia se um dia eu a veria outra vez na minha vida.

— Tudo bem — respondi. — Vamos conhecer nossa casa sem falar nesse sujeito.

— Me desculpe — ela sussurrou, sem graça. — Só não queria que você descobrisse depois e achasse que estava te escondendo algo.

— Eu sei, querida — disse, puxando-a para um beijo.

Nossa casa era a última do condomínio. Ao todo, havia cinco mansões no lugar. Assim que Vicky olhou para a casa, seus olhos brilharam em antecipação.

— Alex! É linda — ela murmurou, com um belo sorriso que ia de orelha a orelha.

— Que bom que gostou. Espere só para ver por dentro. — Sorri. — Ainda está em reforma, mas faltam apenas alguns detalhes e pintura. Ficará pronta antes de casarmos.

— É muito grande. Vou me perder aí dentro. — Ela sorriu, divertida.

— Vamos entrar, futura Sra. Riccieri — disse, pegando-a no colo e indo até a porta de entrada. Abri a porta e olhei para ela. Uma expressão de felicidade e contentamento passou pelo seu rosto. Ela suspirava e ria como uma criança.

— É lindo!

— Falta encomendar os móveis, mas eu quero que você esteja

presente quando acontecer.

— Eu irei decorar a casa? — ela perguntou, em descrença.

— E por que não, amor? Quero que fique como você sempre sonhou.

— Não sei se sou capaz...

— Claro que é. Confio plenamente em seu bom gosto. — Sorri. — Mas nada de sofá de oncinha, zebra ou qualquer bicho que seja. — Gargalhei.

— Já cortou o meu barato. — Ela sorriu e me deu um abraço apertado.

A sala era enorme. No teto, havia uma sanca de gesso com vitrais desenhados em jato de areia. Janelas que pegavam no chão até o teto, mostrando a bela vista da piscina gigantesca. A cozinha era imensamente maior. Havia uma ilha no meio e os armários eram todos embutidos. O piso de porcelanato caríssimo dava um ar sofisticado. Vicky ficou ali, e imaginou cozinhando para nós numa tarde de domingo... Eu, claro, prometi ajudá-la, mesmo sem saber fazer muita coisa.

Antes de irmos ao segundo andar para mostrar os quartos, Vicky fez questão de pedir para conhecer a piscina. Ficamos um tempo por lá conversando e logo mostrei também a quadra de tênis e basquete que havia do outro lado.

Finalmente, subimos para o segundo andar. Comecei pelo quarto de hóspedes. Havia quatro quartos. Vicky amou todos eles. Depois, mostrei o cômodo no qual seria o meu escritório e, ao lado, a biblioteca. Nós adorávamos ler. Claro que não poderia faltar uma biblioteca em casa, até mesmo porque queria que meus filhos crescessem sabendo o quanto é bom se perder em meio aos mundos paralelos dos livros.

Vicky se atentou para um cômodo que estava trancado. Eu disse para ela que não tinha as chaves, mas era mentira. Estava montando o ateliê dela ali, um escritório em que ela pudesse criar e trabalhar enquanto não estivesse na loja em que queria montar. Achava que iria adorar. Depois disso, entramos em outro cômodo.

Vicky arregalou os olhos e disse:

— Esse é o nosso quarto?

— Sim. Gostou?

— Meu Deus, é lindo... e enorme. — Ela sorriu.

O quarto realmente era enorme. Todos os quartos tinham pisos de madeira e suíte, mas o nosso, em especial, tinha atrás de uma parede de vidro fumê, uma enorme banheira de hidromassagem. Outro cômodo de paredes de vidro e davam de frente para onde seria nossa cama.

— Quero te observar todos os dias de manhã quando entrar no banho. Vou ficar deitado em nossa cama só olhando para você — sussurrei no seu ouvido.

— Saiba que farei o mesmo — ela disse, beijando-me. — Eu amei a casa. É tudo tão lindo.

— Que bom que gostou. Na próxima semana, podemos começar a comprar os móveis. O que acha?

— Perfeito.

— Precisamos também reservar a igreja para casarmos.

— Igreja? Não. Não quero me casar na igreja, Alex — ela disse, com voz firme, e eu sabia que não teria como discutir sobre isso. Vicky era muito teimosa.

— E o que você quer? Porque, Vicky, eu não abro mão de receber a bênção. Você sabe que isso é muito importante para mim.

— Podemos nos casar aqui no jardim, de manhã. — Ela sorriu, tentando me persuadir.

— Quem é que casa de manhã, querida? Está louca?

— Edward e Bella se casaram de manhã — ela disse, fazendo beicinho.

— Nem vem, Vicky. Para com essa história de *Crepúsculo*, hein?

— Ah! Por favor... Sempre sonhei em ter um casamento assim — disse, me abraçando e dando vários beijinhos.

— Daqui a pouco vai me dizer que quer aquela música horrível

tocando enquanto entra.

— E por que não? — Sorriu divertida.

— Porque eu não sou o Edward e, mesmo você sendo tão bela, acho que não dá pra aguentar aquela música tocando enquanto você estiver caminhando até mim.

— Dispensamos a música, então. Mas quero o casamento de manhã, igual ao deles.

— Se você prometer que não irá aparecer nenhum lobo para te roubar de mim... — Sorri, enciumado.

— Sem lobos. — Ela me beijou apaixonadamente.

— E nada de nomes esquisitos em nossos filhos.

— Nisso estamos de acordo. Nada de nomes bizarros. — Ela sorriu, divertida.

— Vamos? Preciso passar na produtora antes de irmos para casa. E você precisa pegar seu carro.

— Vamos.

Quando chegamos à produtora, Betty balbuciou algo, assustada, mas não dei a mínima. Quando eu e Vicky entramos, Melissa estava sentada em minha mesa. Tinha as pernas cruzadas e uma saia curtíssima. De onde estava, conseguia ver perfeitamente sua calcinha branca.

— O que ela faz aqui? — Vicky disse, furiosa.

— Oi, querido. Vim ver você — Melissa sussurrou.

— O que faz aqui, Melissa? Cai fora! — Era só o que me faltava... Vicky passou por mim direto e foi até ela. Pegou em seus braços e arrastou-a para fora da mesa.

— Saia já daqui! — Vicky gritou.

— Brava essa sua namoradinha, hein? — Melissa disse, com ironia.

— O que você quer, Melissa? Não temos mais nada para falar um com o outro.

— Preciso falar com você em *particular* — ela enfatizou.

— Mas não mesmo! — Vicky retrucou.

— Ela é minha mulher, Melissa. Não temos segredos um com o outro. O que tiver de falar, pode falar na presença dela.

— Eu quero você de volta — Melissa disse, sem rodeios.

— Ela é louca?! — Vicky gritou.

— Nós íamos nos casar, Alex. Aí, chegou essa aí e estragou tudo. Você estava feliz comigo... Eu fiz você se levantar quando ela te deixou. O que o fez mudar de ideia? Você até comprou uma casa para nós...

— Você comprou aquela casa para ela? Aquela casa, Alex?! — gritou, chateada.

— Claro que não! Eu nunca disse a ela que queria me casar. Ela está inventando — disse, desesperado. “Mas que porra... Agora até a Melissa vai querer me derrubar?”, pensei.

— Eu vou embora — Vicky disse. Quando a olhei nos olhos, estava claramente chateada.

— Não, você não vai — disse, agarrando-a pelos braços. — A única que tem que ir, Vicky, é ela. Não você.

— Homens são todos iguais. Prometem céus e terra e, quando arrumam outro rabo de saia, as loucas somos nós — Melissa disse, com ironia.

— Saia daqui, Melissa, ou eu não respondo por mim — alertei.

— Eu vou. Mas não pense que vou desistir de você, lindinho — ela disse, saindo pela porta.

Vicky me soltou e deu um longo suspiro.

— Eu não tenho culpa que essa louca veio aqui.

— Eu sei. Vou embora. Nos vemos à noite, em casa — ela disse, também saindo pela porta e me deixando sozinho. “Putaquepariu! Preciso

de um banho de sal grosso”, pensei.

Depois de toda aquela tensão, de toda aquela merda, eu não consegui me concentrar em mais nada.

Peguei as chaves do carro e também fui embora.

Vicky

“Mulher insuportável. Quem ela pensa que é? Se ela acha que vai chegar perto dele, está enganada. Eu arranco os olhos dessa vagabunda”, pensei.

Cheguei em casa e fui direto para o banho. Alex havia me ligado três vezes. Não estava com cabeça para falar com ele naquele momento. Assim que saí do banho, liguei para Margareth.

— Margareth...

— Vicky! Tudo bem?

— Não muito. Você sabe onde a Melissa mora? — perguntei.

— Sei sim, por quê?

— Eu quero ir até lá.

— Negativo. Alex não vai gostar nada, Vicky. E também porque onde ela mora é barra pesada.

— Eu quero ir até lá, Margareth. Ela foi atrás do Alex hoje, toda se insinuando. Eu quero matar aquela vaca.

— Vicky, sinto muito. Não quero depois o Alex agarrando em minha garganta, me estrangulando porque eu te disse onde encontrá-la.

— Por favor, Margareth...

— Ai, droga, Vicky! Como você é teimosa... Tudo bem. Mas eu irei junto.

— Está certo. Estou indo aí. Beijos. — E desliguei.

Assim que cheguei à casa da Margareth, ela estava me esperando do lado de fora, toda arrumada.

— Vamos em seu carro — ela disse. — Não quero ser roubada na favela.

— Ela mora na favela? — perguntei, espantada.

— E das piores.

— Aonde o Alex achou essa mulher?

— Num show que fez. Ela passou o show todo dando em cima dele.

— Vamos logo. Se o Roger descobre que fui até lá, ele me mata. E o Alex também te mata.

— Eles não precisam saber.

— Essas mentiras ainda vão te causar problemas, Vicky. Sabe que o Alex odeia.

— Será rápido.

Seguimos para a casa da Melissa. Assim que entramos no bairro onde morava, a tensão se instalou em mim. O lugar era horrível. Acho até que vi alguns homens armados. Havia alguns jovens usando drogas e alguns bêbados caídos ao chão.

— Alex vinha aqui?

— Ele sempre a trazia em casa. Dizia que não era seguro ela sair sozinha.

— Esse lugar é o fim do mundo...

De repente, o celular da Margareth tocou. Pela sua reação, era o Roger.

— Roger — ela sussurrou. — Não estou em casa. Eu estou com a Vicky... Estamos no shopping, querido, daqui a pouco vamos para casa — disse, desligando. — Você me deve uma — ela disse, nervosa.

— Estamos chegando?

— Sim. Vire na próxima esquerda. É ali, naquela casa de portão cinza.

— Nossa! Que barraco — disse, olhando ao redor. Naquele momento, reconheci o carro parado um pouco à frente de sua porta. Era a BMW do Harry. Margareth pareceu tão surpresa quanto eu.

— O que o Harry está fazendo aqui? — Margareth disse, espantada.

— Não faço ideia. Vamos ter que descobrir.

— Não, Vicky. Vamos embora.

— Agora é que eu não vou mesmo — disse, saindo do carro e batendo a porta. — Vai ficar aí? — perguntei.

— Vou. Me dê um minuto.

Deixei Margareth no carro, morrendo de medo. “Harry é um babaca e Melissa uma vadia. Quem sabe eles não estejam tendo um caso? Mas, agora, eu os peguei no pulo. Quero ver como irão se safar dessa...”, pensei.

Bati com força na porta de madeira toda surrada. O local fedia a esgoto. Após alguns segundos, a porta se abriu. Melissa me olhou surpresa e rapidamente tentou fechar a porta, mas eu fui mais rápida.

— O que faz em minha casa? — ela disse, num misto de confusão e surpresa. Ainda estava vestida do mesmo jeito. Eu nem perdi meu tempo falando, fui logo dando na cara dela.

— Fique longe dele, vadia! — gritei. Meus olhos, em chamas pela fúria, a deixaram assustada.

Naquele momento, Harry apareceu, dizendo:

— O que está acontecendo aqui? — Mas, assim que me viu, ele gelou.
— Vitória?

— Então é você, Harry? Anda dormindo com essa esquisita?

— Não. Não é nada disso — disse, espantado.

— Conta logo pra ela, Harry — Melissa falou.

— Cale a boca, Melissa! — ele gritou.

— É assim que você estava conseguindo os contratos do Alex?

Colocando sua amante para dormir com ele? Você me dá nojo, Harry.

— Eu não tenho nada a ver com ela, Vitória. Eu amo você. Você sabe disso.

— Não seja ridículo. O que você tem contra o Alex? O que ele te fez para você odiá-lo tanto?

— É, conta para ela, Harry.

— Cale a boca, Melissa — Harry gritou, indo na direção dela.

— Conta para ela... Você sabe que ela não vai deixá-la ficar com o Alex mesmo — Melissa sussurrou.

— Ela quem? De quem vocês estão falando? — perguntei, sem entender nada. Também, vindo daqueles dois, tudo era muito confuso.

— Melissa e eu somos primos — Harry disse, pausadamente. Minha cabeça deu um imenso nó.

— Alex não sabe disso?

— Não.

— Vocês são dois malucos psicopatas — disse, assustada. — O que vocês querem?

— Você não entende, Vitória.

— Eu vou embora. Vocês me dão nojo.

— Espere! Eu não sou um cara ruim, só estou tentando fazer justiça.

— Fazer justiça? Você soa como um maluco, Harry. Deveria procurar tratamento — disse, indo em direção a Melissa — E você, sua cadela... fique longe dele, ou eu volto aqui e acabo com você.

Naquele momento, Margareth entrou e nos olhou, espantada. Ela olhou de Melissa para Harry, sem piscar. E, quando voltou a si, partiu para cima do Harry, gritando como uma louca.

— Seu safado, desgraçado! O que faz com essa vadia?! — Ela gritava.

Ela o atingiu no rosto várias vezes. Quando ele a segurou pelo pescoço, bloqueando o ar em seus pulmões, eu me desesperei e comecei a gritar:

— Pare, Harry! Vai matá-la! — disse, partindo para cima dele com fúria. Na tentativa de me bloquear, ele a soltou e me empurrou com toda a sua força. Não consegui manter o equilíbrio e caí, batendo com a cabeça na mesinha de centro. Quando ele percebeu o que fez, correu para me ajudar.

Levei as mãos na cabeça e senti algo molhado. Quando olhei em minhas mãos, havia muito sangue. Minha cabeça começou a doer.

— Vitória! Vitória! Olhe para mim. — Ouvi a voz do Harry bem lá no fundo. Logo após, não vi e nem ouvi mais nada.

Alex

A Vitória queria me enlouquecer. Maldição... O que ela tinha que fazer indo atrás da Melissa? Estava puto, furioso, dirigia como louco pela estrada.

— Vá devagar, Alex — Roger disse.

— Por que a Margareth tinha que levá-la?

— Ela não tem culpa, cara. Disse que a Vicky insistiu. Só me ligou porque ficou com medo após ver o carro do Harry parado lá. Eu pedi para ela entrar para ver se estava tudo bem.

— Até agora eu não entendo o que Harry faz lá. Não sabia que eles se conheciam — disse, intrigado. — Será que o Harry anda perseguindo a Melissa também?

— Pode ser. Se você disse que o sujeito é obcecado por você, pode ser que sim.

— Vou registrar uma queixa desse cara.

— Droga! Margareth que não liga... — Roger disse, furioso, olhando para a tela do seu celular. Ele estava tão furioso quanto eu. Aquelas duas estavam perdidas...

— Estamos próximos.

Assim que chegamos, descemos do carro rapidamente e invadimos a casa. Não esperamos ser convidados. A visão que tive assim que entrei me tirou completamente o chão. Roger rapidamente abraçou Margareth, que chorava descontroladamente. Melissa me olhava, assustada. Logo na minha frente, havia uma mancha de sangue no carpete branco da pequena sala. Olhei à procura da Vicky e Harry, silenciosamente. Foi então que Margareth conseguiu falar:

— Harry levou a Vicky para o hospital. Me desculpa, Alex, por favor. Me desculpa. — Ela ainda chorava.

Parti com toda fúria para cima de Melissa, gritando:

— O que vocês fizeram com ela? Anda, me fale! — Peguei em seus braços, sacudindo-a violentamente. Roger veio até a mim e me segurou.

— Eu não fiz nada. O Harry bateu nela e ela acabou caindo e batendo com a cabeça — disse, desesperada. — Estava desacordada.

“Filho da puta. Eu vou acabar com aquele desgraçado”, pensei.

— Para qual hospital ele a levou?! — disse, gritando, completamente fora de mim.

— Para a Santa Casa.

Corri rapidamente para o carro. Precisava vê-la. Céus! Se algo acontecesse com ela, eu morreria — mas antes eu mataria aquele desgraçado. Roger e Margareth entraram no carro da Vicky e também seguiram para o hospital. Meu coração estava apertado. As lágrimas começaram a aparecer, sem cerimônia. Eu fiz o percurso todo rezando para que nada tivesse acontecido com ela. Nada.

Quando cheguei ao hospital, entrei correndo pela emergência. Deixei todos os médicos e enfermeiras loucas com meu desespero. Queria notícias dela, saber se estava bem. Só me pediram para esperar e me acalmar, como

se isso fosse possível.

Roger e Margareth chegaram apreensivos e sentaram ao meu lado, na espera de alguma notícia.

Alguns minutos depois, um médico apareceu e chamou pelo meu nome.

— Sr. Alex Riccieri?

— Sim, sou eu. — Levantei rapidamente.

— O senhor é parente da paciente Vitória Becky?

— Sou o noivo dela.

— E o acompanhante, Harry Foster, quem é?

— Ah! O desgraçado deu o nome dele?

— Perdão? — O médico olhou confuso.

— Como ela está? Esta bem? Está viva?

— Sim, ela está bem. Chegou desacordada, mas já está consciente. Teve apenas um corte na cabeça onde foi suturado. Ela precisa ficar algumas horas em observação.

— Posso vê-la?

— Sim, claro — o médico disse, levando-me até o quarto onde estava. Saí, deixando Roger e Margareth sentados.

Quando entrei no quarto, ela parecia abatida. Havia sangue em sua blusa e seus olhos estavam vermelhos. Assim que me viu, ela disse chorando:

— Me desculpe, eu não sabia que ele estava lá...

— *Shhh*, querida. Fica calma. Eu estou aqui. Ele não vai te machucar mais — sussurrei, abraçando-a e dando um beijo em sua testa. Havia um pequeno curativo acima de sua nuca.

— Ele estava enforcando a Margareth, eu só tentei ajudá-la.

— Eu sei, amor. Não precisa falar nada. Vou levá-la para casa e cuidar de você. Depois a gente conversa sobre isso.

— Me desculpa — ela tornou a repetir.

— Eu te amo tanto. Fiquei tão preocupado. Só não faça mais isso, tá legal?

— Eu também te amo.

Ficamos no hospital mais algumas horas. Margareth e Roger entraram para vê-la e logo foram para casa. Quando ela recebeu alta, fiz questão de levá-la até a Delegacia da Mulher para que pudesse registrar uma queixa contra ele. Aquilo não poderia mais ficar daquele jeito. Ele estava se tornando um sujeito perigoso.

Quando chegamos em casa, não quis incomodá-la com perguntas. Eu queria algumas respostas sobre o porquê do Harry estar lá, mas não era o momento. Ela precisava descansar, e eu ficaria velando o seu sono a noite inteira, agradecendo a Deus por nada mais grave ter acontecido a ela.

Ajudei-a tomar um banho e, logo após, levei-a para a cama.

— Estou sem roupa, Alex — sussurrou.

— Não precisa de roupa para dormir comigo, meu amor — sussurrei em seu ouvido. — Se ficar com frio, eu esquento você.

— Olha lá, hein. Não estou impossibilitada. — Ela sorriu, divertida. — Ainda posso te atacar na madrugada.

— Você vai dormir e descansar. Quero você boa amanhã para que possamos conversar.

— Sobre o quê? — ela perguntou, intrigada.

— Amanhã, Vicky. Amanhã nós conversamos.

— Agora, Alex. Quero saber agora. — Ela fez beicinho.

— Você é dura na queda. — Sorri.

— Literalmente. — Ela gargalhou.

— Eu já contratei um segurança para você. E não vamos discutir mais sobre isso.

— Tudo bem... — Ela ficou incomodada, mas não questionou.

Desliguei as luzes e me deitei sem roupa ao lado dela. Abraçados, adormecemos.

Acordei assustado assim que Vicky me empurrou com tudo da cama. Na porta do quarto, o Sr. Becky gritava, furioso:

— Que pouca vergonha é essa?

— Pai? O que faz aqui? — Vicky gaguejou, procurando um lençol para se cobrir. A minha sorte é que havia caído do outro lado da cama.

— Essa ainda é minha casa. O que acha que está fazendo aqui? — Ele me olhou soltando fogo pelo nariz. Ele ia me matar.

— Sr. Becky, eu posso explicar — disse, ainda sentado ao chão para não revelar minha ereção matinal.

— Vou dar cinco minutos para que vocês coloquem suas roupas. Estou esperando os dois na sala — furioso, fechou a porta, desaparecendo para o meu completo alívio.

— Alex, estamos fritos. — Vicky me olhava assustada, e eu apenas ri. Ela ficava ainda mais linda assustada.

— Acho que agora é a hora de pedir sua mão em casamento — disse, levantando da cama e procurando minhas roupas.

— Você nem vai precisar pedir. Meu pai vai fazer você se casar comigo. Pode ter certeza. — Ela riu.

— Então vamos. Temos uma fera para amansar — disse, beijando-a.

Capítulo 23

Vicky

Colocamos nossas roupas rapidamente. Fui até o banheiro, escovei os dentes e dei uma arrumada nos cabelos desgrehados. Mesmo pela manhã, Alex conseguia me arrancar suspiros. Apenas de cueca, ele veio ao meu lado, beijou-me delicadamente e sussurrou um “eu te amo”. Ele fazia isso todas as manhãs. Ao seu lado, sempre me sentia protegida. Abraçou-me forte e me virou com cuidado para poder ver meu curativo.

— Assim que amansarmos a fera, lhe darei um bom banho e trocarei seu curativo. — Ele sorriu.

— Se ainda estivermos *vivos*... — enfatizei. Certamente papai nos mataria. Estava morrendo de vergonha de ter sido pega nua na cama com meu melhor amigo, pelo menos era assim que o papai via Alex.

Agora totalmente vestidos, saímos do quarto de mãos dadas e que fosse o que Deus quisesse. Só esperava não ser tão constrangedor.

Quando aparecemos na sala, uma mulher alta, morena e muito bem-vestida sorriu para nós. “Mas quem é essa fulana?”, pensei.

— Bom dia! — disse a mulher refinada de olhos claros, passando seu olhar predador pelo corpo do meu namorado.

— Desculpa, quem é você? — perguntei, irritada. Aquela mulher ia ficar babando nos músculos do meu homem?

Alex notou os olhos da mulher em seu peito nu e ficou um pouco constrangido. Abraçou-me possessivamente, como se quisesse mostrar a

ela que me pertencia.

— Gostei das tatuagens — a mulher disse, com os olhos pregados em seu corpo. Ok, aquilo já estava ficando estranho.

Depois de alguns minutos, papai entrou na sala, ainda furioso. Olhou para a mulher bem-vestida e disse:

— Vitória, esta é Laura. Minha namorada — ele disse, ainda sério.

— Namorada? — perguntei, com espanto. Agora ele tinha me chocado.

— Sim. Eu e Laura nos conhecemos em Florianópolis. Passamos praticamente todo o tempo juntos... E, então, aqui estamos — ele disse, como se não soasse estranho levar uma mulher estranha para conhecer sua filha num momento mais do que estranho. “Ai, estou confusa agora. Será que bati forte com a cabeça?”, pensei.

— Laura, querida... Se puder me esperar no quarto. Preciso ter uma conversa com minha filha em particular — ele disse, dando um beijo nela. Eca!

Alex só observava. Até ontem, papai era um cara solitário que vivia bebendo com o Jeffrey. Seria difícil de acostumar a vê-lo com uma mulher.

Assim que a Laura saiu, papai voltou a colocar aquela cara de “eu vou matar os dois”. Olhou com uma expressão séria para o Alex.

— Estou decepcionado com você — disse, sentando no sofá e cruzando seus braços enormes. Reparando nele com mais calma agora, estava mudado. Estava com uma carinha mais feliz. Bem cuidado, barbeado... Até o papai passou de brega para o cara mais arrumado do mundo. Sério... Ele até parecia um irmão mais velho, e não meu pai.

— Sr. Becky... eu gostaria de dizer que... — Alex começou a falar, mas papai não era mole.

— Escute, Alex. Eu confiava plenamente em você. Sempre soube que era apaixonado por minha filha, mas isso não lhe dá o direito de desrespeitá-la em minha própria casa.

— Eu amo a sua filha. E quero me casar com ela — Alex disse, com firmeza.

— Não posso conceder a mão da minha filha a você sem antes perguntar a ela se é isso que quer. — Papai piscou para mim, com um sorriso. Ele não estava bravo?

— É isso que eu quero, pai. Nós nos amamos e queremos nos casar daqui a um mês — disse, apertando a mão de Alex.

Ele me puxou mais para perto dele e disse:

— Peço desculpas por ter nos visto daquela forma, Sr. Becky. Mas acontece que eu não consigo mais ficar longe da sua filha.

— Bom... Sendo assim, só não posso concordar que continue a dormir aqui. Essa é uma casa de família, ainda mais agora que Laura passará a frequentar a casa.

— Você gosta dela, pai? — perguntei, preocupada. Não queria ver meu paizinho se magoar de novo. “Se essa mulher sequer pensar em magoar meu pai, eu arranco aquelas pernas compridas dela”, pensei.

— Sim. Eu gosto, filha — papai disse, com um brilho nos olhos que há tempos não aparecia.

— Sr. Becky, precisamos conversar sobre a Vicky — Alex disse, com um tom de preocupação. Eu já sabia que vinha chumbo grosso.

— Aconteceu algo?

— Ontem, por pouco, o Harry não matou sua filha.

Nossa! Como Alex era exagerado.

— Não foi bem assim, Alex. Ele me empurrou. Não quis me machucar.

— Vai ficar defendendo aquele babaca? Porque se for, Vicky, eu vou sair por aquela porta e não volto mais. — Ele ficou enfurecido.

— Ei! Calma aí. O que está pegando? — Papai exigiu explicações.

— Esse Harry está perseguindo a Vicky em todos os lugares. E, ontem, ele bateu nela. Ela caiu, bateu com a cabeça e levou cinco pontos.

— Eu vou matar esse filho da puta! — papai gritou, fora de si.

Levantou do sofá e pegou as chaves do carro.

— Pai! O que vai fazer? Eu já registrei uma queixa na delegacia. Não precisa ir atrás dele — disse, apavorada.

— Eu vou matar aquele desgraçado. Sempre detestei aquele cara, desde quando fez toda aquela palhaçada com você.

— Sr. Becky, vai por mim. Ele não vale a pena. — Alex tentou acalmá-lo. — Eu contratei um segurança particular para a Vicky. Se ele chegar perto dela, eu mesmo mato o infeliz.

— Não quero segurança Alex. Já te disse.

— Não discuta, Vicky. Eu acho que deveria sim aceitar a segurança 24 horas — papai disse, furioso. Até ele?

Quando olhei para Alex, ele estava tenso olhando para seu celular. Parecia que lia algo que o deixou perturbado.

— Está decidido. Já liguei para o Roger. Vamos à tarde conhecer o Dilan, e ele começa hoje mesmo — Alex disse, colocando um ponto-final na discussão. Eu tive que concordar, mas iria tornar o trabalho daquele sujeito um martírio até ele implorar para cair fora.

Depois dos ânimos acalmados, papai nos liberou e pediu para que não dormíssemos mais juntos até o casamento, pelo menos ali em casa. Papai era do tipo antigo, aqueles que se casam com mulheres virgens e ficam com ela até que a morte os separe. Sua infelicidade foi que mamãe não era tão certinha assim. Na primeira oportunidade, ela caiu fora com outro. Acho que ela não levava a sério essa coisa de “um amor para toda a vida”. No caso dela, tinha de ser vários.

Deixamos papai no maior love com a Laura-pernas-de-saracura. A mulher era bonita, tenho que reconhecer. Não quis ser indelicada em perguntar sua idade, mas acho que devia ter uns quarenta. Fomos para o quarto e Alex fez o prometido. Deu-me um banho e trocou meu curativo. Depois, saímos.

Alex passou na casa dele para trocar de roupa e, então, seguimos para

a produtora. No caminho, revelei a ele que Melissa e Harry eram primos. Ele teve um acesso de raiva tão grande que fiquei imensamente assustada. Ele passou a desconfiar de que Harry infiltrou Melissa na sua vida para que roubasse os contratos da produtora. Pedi para que ele não fosse vê-la. Não queria meu namorado naquele lugar horrível atrás daquela sonsa.

Quando chegamos à produtora, Ronald, seu sócio, entregou-lhe o contrato do show no litoral.

— Aqui está. O show é na sexta.

— Obrigado, Ronald — ele disse, enquanto assinava o contrato. — Tudo isso é o cachê? — Alex perguntou, perplexo, juntando as sobrancelhas.

— Sim. A casa de show lotou e eles querem que façamos o show no sábado também. Todos os convites foram vendidos. A banda Red Roses está fazendo o maior sucesso. — Ele sorriu.

— Uau! — Alex sorriu, olhando para mim.

Pela feição daqueles dois, devia ser uma grana preta.

— Aqui. Está tudo assinado. Amanhã à noite partimos?

— Sim. O resto do pessoal já está lá. Foram hoje. Disseram que queriam aproveitar a praia.

— Vou amanhã, à noite. Aí, fico apenas dois dias. No sábado, à noite, volto após o show — Alex disse, preocupado.

— Não pode dirigir na madrugada, Alex. Estará cansado, é perigoso — Ronald franziu o cenho.

— Eu posso dirigir por ele — disse, intrometendo-me.

Alex olhou para mim, enfurecido, e disse:

— Você não vai.

— Como não? Você disse que me levaria. — Olhei para ele, chateada.

— Isso foi antes de você ter a cabeça rachada. Não vou levar você num show com pontos na cabeça, Vicky.

— Eu não acredito nisso. Não tem nada a ver. Estou em perfeitas

condições.

— Não vou levá-la. Não quero discutir isso agora. — Ele me olhou em reprovação.

Ronald nos olhou, sem graça, reuniu a papelada e se despediu.

— Eu quero ir — choraminguei.

— Deveria ter pensado nisso *antes* de se colocar em risco — ele enfatizou.

— Por favor... — implorei.

— Não. — Ele foi duro. Seu celular começou a tocar e ele fez um sinal para que não o interrompesse. Cruzei os braços e bufei como uma criança mimada.

— Roger... Sim, cara... Estamos indo. Obrigado — disse, desligando.

— Aconteceu algo?

— Roger está nos esperando. Vamos. A partir de hoje, você só sai com o segurança. — Ele me olhou nos olhos. — Estamos entendidos?

— Ok.

Saímos da produtora para a empresa do Roger. Era relativamente perto. Quando entramos, fiquei de queixo caído com o lugar. Pisos de porcelanato e janelas de vidro compunham a recepção com uma recepcionista magra, alta e loira, bem uniformizada e totalmente simpática. Ofereceu-nos café e bolachas. Sentamos no sofá de couro enorme e preto. Assim que fomos anunciados, entramos, escoltados pela recepcionista.

A sala do Roger era magnífica. Não sabia que o ramo de segurança dava tanto dinheiro. O lugar era amplo e diferente da recepção: a mobília era rústica e aconchegante. Na parede havia vários certificados e fotos de quando era da Polícia Civil. Alex havia me dito que se aposentou após um tiro no ombro.

— Alex... — Roger o cumprimentou com a mão. — Dilan está a caminho. Está preso no trânsito.

— Sem problemas. Temos tempo. — Ele sorriu, olhando para mim.

— Vitória... Tudo bem?

— Estou bem. E Margareth? Faz tempo que não a vejo — disse, tentando ser simpática.

— Ela está bem.

De repente, ficou um silêncio constrangedor na sala, mas logo foi substituído por uma batida na porta.

— Entre — Roger disse, imponente.

— Roger, cara... Desculpa o atraso — o sujeito disse, ofegando. Parecia que havia corrido uma maratona de São Silvestre. Quando finalmente prestei atenção no cara, meu coração gelou. Ah, não!

— Alex, esse é o Dilan — Roger disse com um sorriso, e Alex pareceu não ter gostado muito.

— Tudo bem? — Alex apertou a mão do sujeito.

Dilan era realmente um homem muito, mas muito bonito. Alto, branco, cabelos castanho-claros espetados, olhos azuis, um rosto levemente quadrado e um corpo que... pelo amor de Deus! Acho que fiquei olhando para ele por mais tempo do que deveria, pois senti quando Alex me puxou num gesto possessivo, e fez uma carranca.

— Bom, Dilan. Esse é o Alex. Ele está nos contratando para fazer a segurança de sua namorada.

— Esposa — Alex o corrigiu.

— Desculpe... Esposa — Roger fez questão de salientar.

— Ela está sob algum tipo de ameaça? — Dilan me olhou com seus lindos olhos azuis.

— Tudo o que se mover perto dela, configure como uma ameaça — Alex disse.

Roger pareceu um pouco desconfortável. Em nenhum momento, Dilan deixou ser intimidado pelo meu namorado extra-mega-hiper possessivo.

— Ele exagera um pouco às vezes. Por mim, não tem nenhuma necessidade que fique plantado ao meu lado, me seguindo como se eu fosse

uma celebridade de Hollywood.

— Não. Eu não exagero — Alex acentuou. — Minha mulher está sendo perseguida por um maluco lunático, Harry Foster, que quase a matou ontem. Registramos uma queixa e não quero que deixe esse sujeito chegar perto dela.

— Vou precisar de fotos — Dilan falou calmamente, com sua voz sexy.

— Tem mais uma coisa... Há duas mulheres que também quero que fiquem longe dela — Alex disse, numa carranca. “Duas mulheres? Que mulheres são essas?”, pensei.

— Pode me passar os nomes?

— Melissa Parker e Brithany Foster, respectivamente prima e irmã do Harry Foster — ele sussurrou. Mas por que diabos ele queria que ficasse longe da Brithany?

— Brithany? Por quê? — perguntei, olhando confusa.

— Não discuta, Vicky. Não quero você perto daquela família de merda.

— Mas a Brithany nem mora no Brasil...

— Por precaução. Dilan, você ficará responsável pela Vitória por tempo indeterminado. Tudo que precisar ou acontecer, terá que ser reportado a mim. Somente a mim. Vitória não está autorizada a sair sozinha para nenhum lugar. Entendido? — Alex disse, autoritário.

— Sim.

Após conversarem e fecharem o contrato, Alex conversou um pouco mais com Roger. Marcamos de sair quando voltasse de viagem. Alex queria ir para Ilha Bela. Animei-me em saber que, enfim, iria sair um pouco de São Paulo.

Fizemos o percurso de volta pra casa em silêncio. Alex dirigia atento, e eu estava pensando em mil maneiras de me livrar do brutamente maravilhoso que ficaria na sola do meu pé. Muitas mulheres se julgariam sortudas no meu lugar, mas eu prezava por minha liberdade.

— Não vai me levar mesmo com você para o litoral?

— Não — ele respondeu, áspero. — Não quero ter que me preocupar com você, Vicky. E não dê confiança para o Dilan. Ele é seu empregado, trate-o como tal.

— Eu não pedi por isso.

— Só lembre-se de que eu não tolero mentiras. Então, veja bem o que vai aprontar nesses dias.

Fiquei chateada com seu tom. Alex estava me tratando como se eu fosse uma criança irresponsável, fazendo uma tempestade em copo d'água. Ele me deixou em casa, sem falar mais nada, e seguiu para a sua. Fiquei na porta de casa, apenas observando-o entrar. “Eu hein... Cada coisa. O que será que deu nele?”, pensei.

Entrei em casa querendo tomar um bom banho e relaxar um pouco. Não havia ninguém. Uma nota no aparador da sala me chamou atenção. Peguei o papel e li:

Vicky, estou com a Laura. Não volto para casa hoje.

Beijos, papai.

P.S.: Nada de safadeza em casa. Estou de olho em vocês. O.O

Fiquei rindo com seu bilhete por alguns instantes. Papai era uma figura. Embora soubesse que estava contente, ainda estava preocupada por aquela tal de Laura ter entrado na vida dele repentinamente. Não era ciúme de filha, só não queria que meu pai se machucasse outra vez.

Depois de um bom banho, preparei uma refeição bem light: arroz integral, salada e peixe. Fiquei olhando momentaneamente para o meu prato, lembrando da época em que comia duas bistecas, lasanha, bacon e frituras — isso sem dizer dos refrigerantes. Uma época que não sentia nenhuma saudade. Peguei meu prato e me sentei de frente à TV. Coloquei no meu seriado favorito. Fiquei horas assistindo *The Walking Dead*. Eu sempre fui uma grande fã da Michonne.

Enquanto assistia aos episódios, meu celular tocou. Corri para atender. Era uma mensagem do Dilan:

A que horas devo buscá-la? O Sr. Riccieri me comunicou que deverá retirar seu carro na concessionária amanhã.

Mas que petulante. Não poderia ter me ligado? Digitei uma mensagem e apertei “enviar”.

Esteja em minha casa, às 7h.

“Vamos ver se ele aguenta por muito tempo”, pensei.

Senhorita... 7 da manhã? A concessionária abre às 10h.

Digitei outra um pouco grossa. Enviei sorrindo. Ponto para mim.

E eu com isso? Quero você aqui às 7h em ponto. Está sendo pago para isso.

O celular apitou com a mensagem de resposta do brutamonte.

Sim, senhorita. Chegarei no horário combinado.

À noite, Alex me ligou dizendo que não estava se sentindo muito bem. Perguntou-me se Dilan havia entrado em contato e eu disse que sim. Ficamos conversando pelo telefone por alguns instantes, mas logo desligamos. Alex precisava acordar cedo, e eu também.

Quando deu meia-noite, já estava com os olhos pregados. Fui direto para o quarto, coloquei minha camisola e deitei na minha cama enorme

sem meu amor. Era estranho dormir sem ele ao meu lado. Já estava totalmente dependente dele, do seu corpo, da sua voz sussurrando em meu ouvido palavras quentes e do calor em volta de meu corpo. Adormeci pensando nele.

Fui acordada ao som de “Up in The Air” em meu telefone. Era a música preferida do Alex. Quando olhei no visor, número desconhecido. Olhei no relógio: oito horas da manhã. Resolvi atender.

— Alô — disse, ainda sonolenta.

— Senhorita Becky? — uma voz masculina soou na linha.

— Sim — disse, bocejando.

— Sou eu, Dilan. Estou em frente à sua casa desde as sete da manhã — ele disse, irritado.

— Ainda faltam duas horas para abrir a concessionária, Dilan — disse sonolenta. — Eu estava dormindo.

— A senhorita me pediu que viesse às sete.

— Obrigado por ser pontual — ironizei. — Estarei aí fora daqui a uma hora e meia.

— Uma hora e meia? — Ele pareceu nervoso e surpreso ao mesmo tempo. “Yes! Quem sabe ele me ache uma vaca maluca e desista de me seguir como se fosse minha sombra”, pensei.

— Sim. Está aí pela minha segurança... Lembra? — Sorri. — E vê se não dorme em pé. Alguém pode aparecer na minha porta com uma bomba, sei lá. Nunca se sabe — disse. Desliguei em seguida. Coitado. Eu sei que fui má.

Levantei e fui direto para o banho. Coloquei um vestido creme curto e uma sandália marrom. Deixei os cabelos soltos e procurei por meus óculos de sol da *Michael Kors*.

Depois de uns quarenta minutos, alguém bateu na porta, soando meio desesperado. Apostava que era o imbecil do segurança.

Peguei minha bolsa e abri a porta. Mal deu tempo de registrar e Alex passou me arrastando para dentro, furioso.

— O que pensa que está fazendo?! — ele gritou.

— Bom dia pra você também. — Sorri.

— Dilan foi até em casa para reclamar que está brincando com ele.

— Como ele é petulante. — Fiquei abismada pela coragem daquele imbecil. — Eu havia marcado um horário com ele e acabei dormindo mais do que devia. Foi só isso. Estamos indo buscar meu carro e devolver o *Fusion* para a locadora.

— Vicky... — Ele suspirou pesadamente. — Não crie problemas, entendeu? Não quero que saia de perto dele.

— Tudo bem. Já entendi.

— E tem outra coisa... Quero que tire o vestido. — Ele me olhou sério. Seu olhar me fez arrepiar da cabeça aos pés.

— Não vou tirar o vestido. Pare de ser ciumento.

— Não quero que outros homens fiquem olhando para você.

— Pois terá de conviver com isso, querido. Não vou tirar o vestido.

Alex me puxou para ele com uma força animal. Jogou-me no sofá e caiu com seu corpo em cima do meu. Seu cheiro de perfume caro combinado com sua loção de barba me deixou alucinada. Estava apenas de jeans e camisa azul. Mesmo simples, ele parecia perfeito.

Suas mãos em minhas pernas subiam lentamente enquanto ele me beijava com paixão. Assim que atingiu meu sexo já úmido, disse:

— Você é uma mulher difícil, Vicky. Mas vai aprender a me obedecer.

— Obedecer? Você soa como um homem das cavernas, querido. — Sorri.

— Para você ver o estado em que me deixa... — ele sussurrou em meu ouvido. Eu já podia sentir seu membro duro roçando minha barriga. Ele me

deu suaves beijos no pescoço. Olhando em meus olhos, disse:

— Senti sua falta na cama.

— Eu também — disse, beijando-o.

— Vá. Dilan está te esperando — disse, levantando-me do sofá. — Eu te amo, meu amor.

— Eu também te amo.

Quando saímos, Dilan estava com cara de poucos amigos. Alex deu algumas instruções a ele e saiu. O brutamonte estava todo elegante, de camisa branca bem alinhada e calça jeans escura. Seu cheiro não passou despercebido. Assim que abriu a porta do carona para mim, olhei em seus olhos e disse:

— Não pense que esse trabalho será fácil para você.

Ele fechou minha porta, deu a volta e sentou, batendo a sua com força. Ligou o carro e, olhando firme em meus olhos, disse:

— Já lidei com todo tipo de mulher, dona, e você me parece muito inofensiva.

“Inofensiva? Ele que vá achando que vai controlar meus passos”, pensei.

— Se quer saber, eu posso ser o seu pior pesadelo. — Sorri com ironia.

— Essa eu pago pra ver. — O babaca rebateu com um sorriso cínico, revelando seus dentes brilhantes e perfeitos.

Eu ia para o show no litoral, mesmo sem Alex saber. Eu não iria deixar meu homem perto de milhares de mulheres. Só precisava me livrar daquela mula ambulante perseguidora chamada Dilan.

Capítulo 24

Vicky

Chegamos à concessionária. Peguei meu carro, enquanto Dilan levava o outro de volta para a locadora. Ele fez questão de me lembrar que ligaria para o Alex caso não o esperasse. Minha sorte era que a locadora ficava a uns sete quarteirões da loja. Então, não precisei esperá-lo por muito tempo. Passei a tarde no shopping fazendo compras e fazendo o coitado de carregador. Até que ele levou numa boa. Não reclamou, não abriu a boca para nada. Parecia uma estátua ambulante.

Quando terminamos, pedi para voltar para casa. Assim que chegamos ao estacionamento, eu reconheci uma mulher que estava saindo de um Audi preto. Era ela. Sim, claro. Era ela. A irmã do Harry. Assim que ela saiu do carro, seus olhos encontraram os meus. Imediatamente, ela veio em minha direção. Dilan guardava as compras no porta-malas, alheio a tudo ao redor.

Quando Brithany estava bem próxima de mim, disse, com espanto:

— Vitória Becky?

— Brithany! — sussurrei. Ela não havia mudado nada, ainda estava muito bonita. Assim que me abraçou e pegou em minhas mãos, notei marcas em seus pulsos. Ela percebeu que eu olhava e tentou disfarçar.

— Você está diferente. Está linda!

— Você também. — Assim que terminei de falar, senti uma mão me puxando.

Dilan tinha suas mãos fortes em meus braços e, afastando-me lentamente, disse:

— Precisamos ir.

— Não sabia que estava no Brasil.

— Cheguei há pouco tempo — ela disse, sorrindo. Algo em seu olhar me chamou atenção. Ela tinha um olhar frio e distante. Será que Alex sabia que ela estava no Brasil, por isso a incluiu na lista de perseguidores? Imagina... Que ridículo! Alex já está ficando paranoico. O que aquela garota poderia fazer contra mim?

— Senhorita Becky, temos que ir, ou vou ter que ligar para seu marido — ele falou, irritado.

— Alex é meu namorado, Dilan. Não se preocupe com ele. Está exagerando. Brithany é uma velha conhecida da época da faculdade.

— Alex? Alex Riccieri? — Ela soou confusa.

— Sim. Se lembra dele?

— Como não? Vocês viviam grudados um no outro... — Ela sorriu.

— Preciso ir. Foi bom rever você — disse, sincera.

— Até mais.

Entrei no carro com um Dilan furioso. Ele olhou para mim e disse:

— Ela está na lista das pessoas que não devem chegar até você. Então, da próxima vez que isso acontecer e você não me obedecer, saiba que te pegarei à força e te arrastarei sem dó. Roger não gosta de serviço mal feito, e eu muito menos. Estou te protegendo e preciso da sua ajuda para que isso funcione.

— Escute, Dilan. Você me parece um cara legal. Acontece que meu namorado está meio paranoico. Você olhou para ela? Ela tem um metro e meio e é magérrima. Que mal aquela mulher poderia fazer para mim?

— As aparências enganam. Já vi muita coisa nessa vida. Não vou contar sobre isso, mas quero que me prometa que vai cooperar com meu trabalho.

— Tudo bem — disse, apenas para deixá-lo mais tranquilo.

Dilan me levou para casa e deixei que ficasse com meu carro. Assim, ele teria certeza de que eu não sairia de casa. Poderia colocar meu plano de viajar sem que ele percebesse. Quando tudo pareceu calmo, Alex apareceu em casa e se despediu de mim. Ficamos conversando e logo ele saiu. Estava até de camisola, para que ele tivesse certeza de que ficaria dormindo a noite toda.

Quando se foi, corri para me trocar. Fiz um rabo de cavalo para esconder meu curativo e peguei minha bolsa, dinheiro e cartões. Peguei um ônibus e um metrô e fui direto para a rodoviária do Jabaquara. Se eu tivesse sucesso, chegaria antes do show começar.

Desci a serra em menos de uma hora. Desci na rodoviária de Santos e peguei um táxi até o Centro de Convenções. Eu iria surpreendê-lo, e esperava que ele não ficasse tão bravo comigo. Ele tinha que saber que estava sendo paranoico e aquilo não era bom para o nosso relacionamento. Eu queria mostrar a ele que nada aconteceria e que ninguém estaria atrás de mim com uma serra elétrica gigantesca.

Segui até a bilheteria e comprei o ingresso. Entrei e havia muitas pessoas. Eu estava de calça jeans, salto e uma blusa de seda branca. Fui até o bar e comprei um suco. A banda ainda não havia entrado, mas o povo já estava com a adrenalina a mil ao som de Nirvana.

Quando a banda foi anunciada, meu coração foi a mil. Estava rezando para que o Alex não me notasse em meio à multidão. Ele estava lindo... Totalmente sexy, de calça jeans preta e camisa também preta, com uma caveira estampada. Meu. Homem. Lindo. E. Sexy.

A primeira música que cantou foi de sua composição. Tocou também outras, das bandas Linkin Park, Avenged Sevenfold, Thirty Seconds e Red Hot Chili Peppers. Alex era perfeito e sua voz também. A multidão enlouquecida, gritava fervorosamente. Algumas mulheres ao meu lado gritavam seu nome, seguido de várias coisas obscenas. Tentei não ficar

enciumada, mas não deu certo.

Minha cabeça começou a doer. Ela latejava. Senti algumas pontadas e, preocupada, segui para o bar. Pedi uma água para o barman, que me olhou com curiosidade. Tirei meu remédio da bolsa e o engoli com um pouco de água.

— O que faz aqui? — Uma voz rouca e irritada soou em meus ouvidos. Num sobressalto, olhei para trás.

— Roger? — sussurrei.

— Onde está o Dilan? O que faz aqui? — ele perguntou, com uma carranca.

— Roger, não conte para o Alex que me viu aqui. Eu vim fazer uma surpresa para ele.

— Uma surpresa que certamente ele irá odiar. Meu Deus, Vitória. Você fez curso com a Margareth? Vocês duas querem nos matar, não é possível! — O que Margareth tinha a ver com aquilo?

— Onde ela está? — Olhei ao redor, procurando-a.

— Ela veio para cá escondida também. Brigamos e ela acabou indo embora.

— Por que não a trouxe?

— Porque estou trabalhando. Faço a segurança da banda — ele disse, furioso. — Acho que vocês não entendem uma simples ordem, não é?

— Desculpe. Não queria ficar longe dele — disse com a voz falhando. Minha cabeça começou a doer ainda mais. Levei a mão até a nuca e pressionei o ferimento.

— Está se sentindo bem? — Ele me olhou, preocupado.

— Não. Acho que minha cabeça vai explodir. — Sorri.

Roger tirou o celular do bolso e discou.

— Dilan! — ele gritou, furioso. — Quero saber o que a mulher do Alex faz aqui no litoral, sendo que deveria estar em casa, segura... Amanhã passe em meu escritório.

— Ele não teve culpa — disse, constrangida.

— Se prepare, Alex ficará uma fera.

— Eu vou embora. Não conte para ele, por favor — disse, levantando-me da cadeira. Naquele momento, minha cabeça deu um giro de 360 graus e eu não vi mais nada.

Alex

Enquanto estava no palco cantando, vi uma movimentação perto do bar. Quando olhei mais atento, Roger segurava uma mulher no colo e passava rapidamente entre a multidão. Segui com os olhos até que desaparecesse pela porta do camarim. “Essas mulheres costumam beber demais e dar esse show”, pensei.

Cantei mais umas três músicas. Após isso, encerramos o show. Estava exausto e só pensava em ligar para a Vicky. Ouvir a voz dela me acalmava. Eu estava perdido sem aquela mulher.

O resto do pessoal seguiu para o camarim enquanto eu guardava meus equipamentos. Quando acabei, caminhei também até o camarim. Assim que entrei pela porta, uma pequena movimentação havia em torno de uma mulher deitada no sofá grande preto de couro. Quando Roger me olhou, ele disse:

— Fique calmo. Ela já foi vista pela equipe médica.

Meu coração gelou. Por que ele estaria dizendo isso se não...? Corri até o sofá e a vi. Minha vontade era de acordá-la a tapas. Fiquei desesperado e enfurecido. “Maldição! Essa mulher vai acabar me causando uma parada cardíaca”, pensei.

— O que aconteceu? O que ela faz aqui? Onde está o Dilan? — Enchi o coitado do Roger de perguntas desesperadas.

— Dilan está a caminho. Ela saiu sem que ele a visse. Ela disse que só queria fazer uma surpresa para você.

— E por que ela está... Era ela quem havia desmaiado no bar? — Agora eu estava em choque.

— Antes de desmaiar, ela disse que estava com muita dor de cabeça. Talvez o som alto tenha a prejudicado de alguma forma.

— Eu não acredito nisso.

— Se quer saber, Margareth também deu uma de louca e apareceu aqui. — Ele me olhou, complacente. — Não seja tão duro com ela.

— Podem nos deixar a sós? — disse, olhando a todos em nossa volta. Rapidamente, todos seguiram seu rumo.

Cheguei mais perto dela e passei a mão em seu rosto, em seu curativo. Havia pequena manchas de sangue. Quando ela iria perceber que estava sendo infantil?

Depois de alguns minutos, ela começou a se mexer, dizendo coisas incoerentes. Quando abriu os olhos e me viu ali ao seu lado, ela se desesperou.

— Alex? Eu... Eu...

— Posso saber o que faz aqui, Vicky?! — Estava totalmente enfurecido.

— Eu só queria estar com você — disse, com lágrimas nos olhos.

— Você deveria estar em casa descansando. Esse foi o motivo pelo qual eu não quis que viesse. Você tem um corte na cabeça que deve ser levado a sério, Vicky — disse em tom de reprovação.

— Me desculpe — ela sussurrou.

— Está se sentindo bem? — Olhei em seus olhos. Passei meus braços por debaixo dela, pegando-a no colo. Ela se agarrou em meu pescoço e o beijou.

— Vamos, vou te levar para o hotel. Está tomando seus remédios?

— Eu tomei faz algum tempo.

— Amanhã vamos ter uma conversa sobre isso. Agora, quero que descanse.

Quando saímos da casa de show, meu carro estava estacionado na parte de trás. Roger estava conversando com Dilan. Assim que percebeu nossa presença, Dilan correu para me ajudar. Ele abriu a porta de trás da *Rover*. Coloquei ela com cuidado, dei um beijo em sua testa e fechei a porta. Olhei para Dilan querendo enforcá-lo, mas sabia que seria irracional. Afinal, Vicky era osso duro de roer.

— Posso saber o que ela faz aqui?

— Eu não sabia que ela tinha saído de casa. Eu fiquei com o carro dela, então, imaginei que não fosse sair.

— Espere... Se você está com o carro dela, como ela chegou até aqui? — perguntei, espantado. Estava até com medo de saber o que aquela maluca havia aprontado.

— Deve ter vindo de táxi, senhor — ele respondeu, sem graça.

— Tudo bem, Roger vai te hospedar no hotel. Amanhã teremos uma conversa séria. Nós três. — Olhei para ele e destilei toda a minha fúria.

— Sim, senhor. Boa noite.

Entrei no carro e, assim que olhei no banco de trás, Vicky dormia como um anjo. Como ficar nervoso olhando uma mulher tão linda assim? E minha. Só minha.

Assim que chegamos ao hotel, carreguei-a no colo até a suíte. Depositei-a com cuidado sobre a cama e a cobri com lençol. Tirei minha roupa e peguei uma toalha. Precisava de um bom banho para tirar o cheiro de suor do corpo. Liguei a banheira e, quando ela estava totalmente cheia, me submergi naquela água morna e relaxante. Fiquei ali, pensativo, por algum tempo.

Quando o sono começou a bater, saí da banheira enrolado na toalha. Entrei no quarto, procurando por minha *boxer* branca. Apaguei as luzes e me deitei ao lado dela. Puxei-a contra o meu corpo e a abracei. Estava puto

da vida por ela ter me desobedecido, mas feliz por dormir ao seu lado. Eu já não conseguia mais viver sem aquela mulher. Estava completamente caído de amor por ela. Completamente.

Quando acordei, Vicky não estava na cama. Levantei ainda sonolento e fui até o banheiro. Nada dela. Caminhei até a sala de estar... Nada. Quando fui até a varanda, ela estava lá, linda, maravilhosa, sentada na cadeira com as pernas cruzadas, vestindo apenas uma camisa minha azul-claro. Estava tomando seu café da manhã calmamente.

Aproximei-me e, assim que ela percebeu minha presença, ficou rígida.

— Bom dia — ela sussurrou.

— Bom dia — disse, dando um beijo em sua boca macia.

— Alex, eu... — ela começou a falar, e eu sabia no que iria dar.

— Agora não, Vicky. Vou tomar meu café e, mais tarde, quando Dilan estiver aqui, nós conversamos.

Ela me olhou como se eu tivesse duas cabeças.

— Eu não quero ter que resolver meus problemas na frente de um desconhecido — ela bufou.

— A errada aqui, querida, é você. Simplesmente desobedeceu a uma ordem, e eu estou puto com você. Não pense que, só porque estou calmo, não tenho vontade de te dar umas boas palmadas, que é o que você merece.

— Eu estou bem, Alex. E, olha, você anda muito paranoico. Acredita que ontem encontrei com a Brithany? — Ao ouvir a menção daquele nome, eu congelei. — Fiquei na maior saia justa com aquele brutamonte me puxando e dizendo o que eu deveria ou não fazer.

Levantei da cadeira desesperado, passando a mão pelos cabelos. Não consegui me controlar. Perdi totalmente o controle e bati com tudo na mesa, gritando:

— Eu disse, Vicky, para você ficar longe dela! — Ela me olhou, aterrorizada. — O que foi que ela te disse? — perguntei.

— Ela não me disse nada. O que ela tinha pra dizer? — ela sussurrou, assustada.

— Que merda, Vicky! Não quero você perto dela... Em nenhum momento. Está ouvindo?

— Mas o que ela tem? Alex... o que você está me escondendo?

— Eu não estou escondendo nada. Ela é louca. Até esses dias, estava internada numa clínica psiquiátrica — disse, desesperado.

— Louca? — Ela riu. — Ela me parecia bem normal, até lembrou seu nome.

— Não estou achando graça nisso, Vitória. Nenhuma graça. Brithany tem problema de transtorno de personalidade. É louca e perigosa. Tentou suicídio por várias vezes.

— Eu não me lembro dela ser psicomaníaca na época da faculdade — ela disse, revirando os olhos. Estava debochando de mim? — Ela era esquisita, mas bem inofensiva. E eu me lembro que ela era apaixonada por você.

— Não. Não era. Quero você longe dela.

— Escuta aqui, Alex. — Ela elevou seu tom de voz, levantando-se da cadeira e partindo em minha direção. — Eu não sou nenhuma criança mimada desprotegida. Eu sei me virar. Se ela é louca ou não, quem decide com quem eu vou falar sou eu. Eu sou dona da minha própria vida! — ela gritava, enfurecida.

— Não sabe do que está falando!

— Ótimo. Se não pode respeitar minhas decisões, Alex, ficamos por aqui.

— Está brincando, não é?

— Não. Não estou. Ou você tira a merda do segurança do meu pé, ou, eu juro, eu caio fora.

Naquele momento, eu vi vermelho. Como ela podia ser tão infantil e acabar com nosso relacionamento por causa daquilo? Saí da varanda, deixando-a lá, plantada sozinha. Precisava me acalmar e pensar num jeito de não deixar aquela maluca chegar perto da Vicky. Coloquei minhas roupas, escovei os dentes e saí, batendo a porta.

Fui até a suíte do Roger e, assim que abriu a porta, Dilan também estava com ele.

Conversamos sobre o ocorrido e acabei dispensando seus serviços. Se era isso que Vicky queria, tudo bem. Eu faria de tudo para ela não me deixar. Pode ser realmente que estivesse paranoico e que nem Harry e nem Brithany fariam nada para nos separar... Se Harry quisesse usar o passado para destruir meu relacionamento com a Vicky, ele já teria feito.

— Alex, você tem certeza? — Roger perguntou, inseguro. — Depois do que você nos contou, essa mulher pode cometer mais alguma loucura, não acha?

— Acho que não. Talvez tenha me precipitado... Brithany não entra em contato comigo desde o último incidente. Vicky tinha acabado de ir para Paris. Depois disso, nunca mais me ligou. Ela apenas me mandou uma mensagem que estava de volta na quinta-feira de manhã. E, quanto ao Harry, ele fica no meu pé porque acha que eu tenho culpa do que aconteceu com ela.

— Bom... Fique atento. Qualquer problema, é só avisar — Dilan disse, apertando minha mão. — Roger tem meu telefone. Quando precisar, estarei à disposição.

— Obrigado.

Quando voltei para a suíte, Vicky estava deitada na cama apenas de calcinha e sutiã. Ela estava querendo me matar? Assistia ao meu seriado favorito.

— Está mais calma agora? Será que podemos conversar? — Ela assentiu com a cabeça, mas não disse uma palavra. Sentei ao seu lado.

— Dilan está dispensado. Não fará mais a sua segurança — falei, a contragosto. Se ela estava se sentindo incomodada, então seria do jeito dela.

— Ele não teve culpa — ela sussurrou.

— Eu sei que não. Não foi por esse motivo que o dispensei.

— Não entendi agora. — Ela me olhou, confusa.

— Acho que você tem razão sobre eu estar meio paranoico. — Sorri.

— Sêrio?

— Bom... Só quero que me prometa que não será imprudente e que vai tomar cuidado — disse, abraçando-a.

— Eu vou — ela disse, com um sorriso no rosto que me fez estremecer.

— Eu amo você, querida. Quero que esteja segura, só isso.

— Eu também te amo.

— Eu preciso de você. Céus! Como eu preciso de você... — falei, beijando seu pescoço. Lentamente, comecei a despi-la. Eu precisava estar dentro dela, sentir seu corpo, seu cheiro.

— Não está mais bravo comigo, está? — Ela me olhou com aqueles olhos azuis, fazendo-me derreter e esquecer toda minha raiva.

— Não. — Sorri. — Agora, me beije. Estou louco de vontade de entrar em você... Forte e duro.

Vicky não fez cerimônia. Foi logo arrancando minha roupa e se jogou em cima de mim. Seu cheiro levemente adocicado me causava ondas de prazer. Eu poderia ficar fazendo amor com ela para sempre, sem nenhuma pausa. Ela era tudo que eu sempre quis... E não iria deixar que escapasse outra vez. Nunca. Sem ela, eu morreria.

Já estava anoitecendo. Em três horas iríamos fazer o segundo show.

Eu e Vicky passamos a tarde na praia e eu a levei para visitar o aquário da cidade. Ela amou cada minuto do nosso passeio. Almoçamos num restaurante chique e pedimos lagosta. Vicky fez questão de escolher o prato. Na saída do restaurante, ela cismou de passar na livraria. Como eu a proibi de aparecer no show outra vez, ela pediu para que comprasse um livro para poder ficar lendo enquanto estava fora. Pagamos o livro e voltamos para o hotel.

Quando deu minha hora, despedi-me e prometi que a acordaria caso estivesse dormindo. Depois de quase duas horas de show, eu estava exausto e querendo minha cama. Cheguei ao hotel e Vicky ainda estava acordada.

— Já chegou? Nossa, foi rápido — ela disse, animada.

— Pelo jeito, o livro é bom. Ainda está acordada a essa hora... — disse, surpreso. O relógio marcava uma e meia da manhã.

— É muito bom! — Ela sorriu.

— Sobre o que é?

— Sobre um cara lindo e elegante, cheio da grana e que adora sexo. — Ela gargalhou.

— Mas que danada, hein? — disse, sorrindo. — Eu criei um monstro? Deixe-me ver o que anda lendo — falei, puxando o livro de sua mão. Quando olhei o nome, disse com o cenho franzido:

— *Peça-me o que Quiser?* Esse é o nome do livro?

— É. — Ela sorriu.

— Posso pedir o que eu quiser, então? — disse, com ironia.

— Pode.

— Vamos fugir para Las Vegas e nos casar numa capelinha qualquer amanhã?

Ela jogou a cabeça para trás e começou a gargalhar.

— Bem típico de você, Alex.

— Se quiser, posso pedir outra coisa também.

— O quê?

— Prometa que nunca irá me deixar? — Puxei-a contra meu peito e puxei seu cabelo para que seu rosto ficasse voltado para o meu. Com minha outra mão, toquei sua umidade. Ela gemeu e por alguns instantes se perdeu ao meu toque.

— Promete?

— Prometo — disse, num sussurro.

Capítulo 25

Vicky

Três semanas depois...

— Oh, meu Deus, Margareth! Eu não consigo entrar no vestido! — gritei, apavorada.

— Acalme-se, Vicky. Só faltam mais alguns botões e... — Margareth suspirou, tentando fechar os botões do meu vestido com muito sacrifício.

— Não pode ser... Semana passada, o vestido havia ficado perfeito — disse, confusa.

— Acho que você deu uma engordadinha. — Ela sorriu. O quê? Eu? Gorda outra vez? Nem morta!

— Fecha essa merda, Margareth. Já estou entrando em pânico. O casamento é daqui a cinco dias — disse, desesperada.

— Eu falei para você parar de comer aquelas porcarias. — Ela me olhou em reprovação. — É claro que ia acabar acontecendo isso. Está comendo igual a uma desesperada.

— Estou ansiosa pelo casamento.

— Tá, mas tenta pegar leve. Se não, no dia do casamento terá que entrar pelada. — Ela ria.

Ficamos na loja para a última prova do vestido de noiva. Eu já estava sem as unhas. Nossa casa estava pronta, e Alex havia passado a semana inteira mobiliando tudo.

Minha tia Frida chegaria de Paris no dia seguinte. Mal podia acreditar que ela iria ao meu casamento. A pedido do Alex, a cerimônia seria simples. Ele achou melhor fazermos uma cerimônia discreta para não correr o risco de Harry atrapalhar. Eu concordei, claro. Também não queria o Harry estragando meu casamento. Foram convidados apenas alguns amigos íntimos e familiares. Mesmo assim, estava tão nervosa que, nas últimas duas semanas, só conseguia comer. Comer desesperadamente. Margareth tinha razão... Se continuasse naquele ritmo, era bem capaz de não entrar em meu próprio vestido. Até meus seios estavam ficando maiores. Quem gostou foi o Alex, disse que estava linda e que preferia que eu ganhasse um pouco mais de peso. Quase bati nele quando disse isso.

— Alex já disse aonde vocês irão passar a lua de mel? — Margareth perguntou, curiosa.

— Não. Ele está fazendo um mistério danado. Disse que só contará quando estivermos no aeroporto — disse, rindo. Alex era uma figura. Ficava feliz em ser totalmente apaixonada por ele, tinha um coração de ouro. Romântico, talentoso e meu melhor amigo. Não conseguia mais viver sem ele, nem por um segundo.

— Uhul! Só espero que ele não a leve para o Polo Norte — disse, gargalhando.

— Ele não seria louco — gargalhei também.

— Ufa! Prontinho — Margareth bufou, terminando de abotoar os fechos do vestido. — Está linda! Alex vai cair para trás quando te ver.

— Não quero que ele sofra um enfarto. Quero ele bem vivo para ficar ao meu lado para o resto da vida — disse, suspirando, olhando meu reflexo no espelho.

— Ai, quanto amor. Chega até ser meloso. — Ela riu.

— E você e o Roger?

— O que tem nós? — perguntou, com a sobrancelha arqueada.

— Quando sai o casório?

— Nunca. — Ela revirou os olhos. — Roger é muito ciumento. Não sei se quero isso para mim.

— Achei que o amasse.

— Eu o amo, mas, às vezes, ele me sufoca. Muito controlador.

— Olha quem fala. — Sorri. — Você também não é nada fácil.

— É verdade. — Ela riu.

— Vamos embora? Ainda preciso fazer a prova do bolo — disse, apontando o vestido para Margareth me ajudar a tirá-lo. Ele era lindo, mas bem singelo. A cerimônia seria de manhã, então, optei por um modelo bem simples. Nada espalhafatoso.

Assim que tirei o vestido, Margareth e eu seguimos para a confeitaria. Alex fez questão de encomendar o bolo com uma velha amiga dele, Alana. Disse que era a melhor confeitaria da cidade. Entramos na confeitaria e fizemos a prova, ou melhor, Margareth fez a prova. Ela não me deixou provar nenhum pedacinho. Ficou resmungando que, se eu continuasse a comer, já sabia no que iria dar.

Quando terminamos, seguimos para a produtora. Alex havia combinado comigo às seis da tarde para irmos ao cinema. Acabei terminando antes do esperado, então, resolvi surpreendê-lo. Margareth me deixou na porta e, então, nos despedimos.

Assim que passei pela porta de entrada, fiquei surpresa ao ver quem estava na minha frente: Brithany. Ela me olhou confusa e veio em minha direção. Estava vestida com uma saia curtíssima preta e uma blusa de cetim amarela. Magra e linda.

— Vitória? — Ela me olhou de cima a baixo.

— Brithany? O que faz aqui? — Olhei para ela, confusa.

— Oh, nada! Vim matar as saudades do Alex. Você sabe... Como antigamente. — Ela abriu um sorriso.

— Vocês conversaram? — perguntei, sem saber o que pensar. “Mas que porra é essa de antigamente? Alex me disse que ela era louca, para que

não chegasse perto dela. Agora, a vejo saindo do escritório dele, sorrindo, toda linda, dizendo que veio matar as saudades? Quem é mais louco aqui?”, pensei.

— Claro. Alex continua lindo... Incrível como os anos não passam para ele — ela disse, suspirando.

— Parece que o tempo está sendo generoso com você também — disse com a pulga atrás da orelha. — Bom, preciso ir.

— Vamos marcar qualquer dia desses para sair. — Ela sorriu.

— É, vamos sim — disse, virando as costas e entrando. Eu não sabia por que, mas estava com a sensação de que ela estava me escondendo alguma coisa. Assim que passei por Betty, ela me deu um sorriso e eu entrei na sala dele, sem bater. Não havia ninguém. Voltei para a recepção e perguntei:

— Betty, onde está o Alex?

— Está na sala, senhora. Ele não saiu daí desde que recebeu uma cliente.

— Cliente? A mulher que acabou de sair? Uma morena? — perguntei, intrigada.

— Sim. Eles ficaram numa reunião por quase duas horas. Ele deve estar no banheiro.

— Obrigada, Betty — disse, entrando de novo na sala e fechando a porta. “Duas horas? O que tanto eles falavam por duas horas?”, pensei.

Sentei no sofá grande de couro e esperei impacientemente por ele. A porta do banheiro estava fechada, então, presumi que estivesse lá dentro. No canto do sofá, algo refletia. Levantei e me aproximei. Quando vi, era um brinco. Peguei em minha mão e observei. Não era meu... Só poderia ser... Como aquele brinco foi parar no sofá?

Naquele momento, Alex saiu do banheiro. Estava vestido com uma camisa azul e jeans.

— Vicky? — Estava surpreso. — Já são seis horas?

— O que a irmã do Harry estava fazendo aqui? — perguntei, tentando manter a calma. Eu sabia que na faculdade Brithany era apaixonada por ele. Houve até rumores de que ficaram juntos, mas Alex nunca confirmou, disse que foi apenas um beijo.

— Não veio fazer nada. — Ele respondeu, nervoso.

— As pessoas fazem nada durante duas horas?

— O que tem duas horas? — Soou confuso. — Vai dizer que está com ciúmes? — perguntou, vindo em minha direção. Deu-me um leve beijo e, naquele momento, senti um cheiro de perfume feminino nele. Era o mesmo perfume que senti em Brithany quando passou por mim.

— O que ela veio fazer aqui? — perguntei mais uma vez, só que sem muita paciência.

— Amor, não quero falar dela. Ela veio aqui só encher o saco — disse, levantando-me do sofá e me abraçando. Naquele momento, percebi que o colarinho de sua camisa estava molhado. Quando olhei mais atenta, vi que estava um pouco manchada de vermelho. Mas que merda era aquela? Batom? Ele andou se esfregando naquela magricela?

Afastei-me abruptamente dele. Ele não seria capaz de fazer aquilo comigo... Seria?

— O que é isso na sua camisa? — Olhei para ele, furiosa. Alex não disse nada. Apenas me olhou meio assustado. — Vai me dizer o que ela veio fazer aqui ou vou ter que descobrir sozinha? E porque assim aproveito e devolvo o brinco que sua amante esqueceu em seu sofá.

— Não é o que está pensando. — Ele tentou se explicar.

— E essa mancha de batom que você tentou, sem sucesso, esconder, é o quê? Miragem minha? — Meus olhos começaram a lacrimejar.

— Amor, escuta... Ela veio aqui apenas para me ver. Ela é extremamente louca, acha que temos algo e que eu gosto dela — ele falou, não dizendo coisa com coisa. Tentei manter a calma, mas foi impossível.

— E qual foi o momento em que a boca dela foi parar no seu pescoço?!

— gritei.

— Vicky, não é nada disso que está pensando. Ela veio para cima de mim, mas não aconteceu nada. Eu a coloquei para fora no mesmo instante — ele disse, nervoso.

— Duas horas? Você levou duas horas para expulsar ela daqui?

— Que duas horas, está maluca?

— A expulsou quando? Quando terminou de foder ela no seu sofá? Deve ter sido uma foda e tanto, porque a vadia até perdeu o brinco!

— Ela não ficou aqui mais do que vinte minutos, Vicky. E eu não fiz nada com ela, nem sei de brinco nenhum. Como pode pensar que... — Não deixei que terminasse a frase. Peguei minha bolsa e saí correndo da sala dele. Alex veio atrás de mim, dizendo várias coisas, tentando se explicar, mas eu não estava nem aí para ele.

— Vicky! Vicky! — ele gritava. Eu andei mais rápido até o elevador.

— Vicky, vamos conversar. Para de besteira! Sabe que eu seria incapaz de traí-la — ele disse, puxando-me contra ele. As lágrimas começaram a cair, e eu me amaldiçoei por isso. Não queria dar o gostinho para que ele visse o quanto estava sofrendo.

— É por que eu estou ficando gorda de novo, não é?

— O quê? — Ele riu.

— É por isso, não é? Estou ficando gorda, então, quer me trocar por ela — disse, chorando.

— Amor, pare de ser boba. Eu amo você, esqueceu? Não importa se está magra ou gorda, que seja. Eu amo você, Vicky.

— Você está me traindo com ela? — perguntei, ainda furiosa, secando minhas lágrimas teimosas.

— Claro que não. Jamais. Vamos para minha sala, você está nervosa — ele disse, abraçando-me.

— Quero ir para casa — resmunguei.

— Não! Vamos conversar. Nós precisamos conversar — ele disse,

beijando-me.

Seguimos de volta para a sua sala, mas, antes de entrar, ele olhou para Betty e disse:

— Peça para que o Ronald venha até a minha sala.

— Sim, senhor — ela disse, séria.

Quando Alex fechou a porta, ele me abraçou e disse:

— Eu não tenho nada com a Brithany, Vicky. Nada. Você sempre soube o quanto ela me perseguia na faculdade, ela só está tentando fazer a mesma coisa — disse, segurando meu rosto.

— E o batom? — perguntei, desconfiada.

— Não vou mentir para você. Ela tentou me beijar e eu não deixei. Acho que, em algum momento tentando afastá-la de mim, acabou manchando a camisa. Eu tentei tirar a mancha no banheiro porque sabia que, se você visse, iria interpretar de forma errada — disse. Havia sinceridade em sua voz. Eu o conhecia tempo o suficiente para saber quando estava mentindo. Alex sempre foi transparente comigo. Nunca mentiu para mim ou sequer me decepcionou. E se Brithany realmente tinha ido buscar o que era meu, era melhor eu abrir o olho. Não iria facilitar para aquela ridícula.

Naquele momento, alguém bateu na porta. Alex pediu para que entrasse.

— Alex? Mandou me chamar? — Ronald entrou sem cerimônia.

— Fala para a Vicky onde estávamos até meia hora atrás — ele falou, sorrindo.

— Você disse que era surpresa... Agora estou confuso. — Ronald também sorriu.

— Acontece que os planos mudaram. Pode falar para ela, porque se eu falar ela não vai acreditar. — Os dois riam juntos, e eu não estava entendendo merda nenhuma.

— Acho que seria melhor se a levássemos até lá. Os homens ainda

estão trabalhando — Ronald falou. “Me levar aonde? Ai, meu Deus. Agora estou curiosa...”, pensei.

— Então, vamos. — Alex pegou em minha mão e Ronald nos acompanhou.

Quando passamos pela recepção, Alex disse a Betty para fechar a produtora, pois ele não voltaria mais.

— Aonde vamos? — perguntei, curiosa.

— Você vai ver — disse, sorrindo.

Reconheci o caminho: Alex estava seguindo para a nossa casa. O que será que ele estava aprontando? Quando chegamos, passamos pelo portão e ele estacionou o carro ao lado do Sedan do Ronald. Havia uma pequena movimentação no jardim. Para falar a verdade, estava tudo uma zona. Quando nos aproximamos, um dos homens veio em nossa direção e disse:

— Ei, chefe, já voltou? Achei que havia dito que só voltaria amanhã.

— Vim trazer minha noiva para ver como está ficando tudo — Alex disse, sorrindo. Puxou-me para ele e disse, beijando-me: — Espero que goste.

Quando nos aproximamos do jardim nos fundos, uma grande estrutura de vidro estava sendo erguida. O jardim estava diferente. Algumas cadeiras de ferro ainda estavam embaladas no local. Meu Deus! Alex estava organizando pessoalmente o altar do nosso casamento? Desde quando?

Quando olhei onde seria o altar, reconheci o grande arco revestido de flores e cascatas de flores penduradas na estrutura de vidro enorme. O caminho até ao altar estava coberto com saco preto. Fiquei atônita. Alex estava replicando o cenário do casamento de Edward e Bella? Até árvores estavam no jardim... Como ele conseguiu árvores? Meus olhos começaram a encher de lágrimas. Olhei para o Alex, e ele apenas me observava.

— Você mandou fazer tudo isso? — disse, olhando para o pessoal que trabalhava carregando coisas para todos os lados.

— Você disse que queria um casamento igual ao da Bella. Então... — Ele sorriu.

— Alex, é lindo! E... muito maluco. — Ri. — Você é louco.

— Sou louco por você, amor. Extremamente louco e apaixonado — disse, pegando-me no colo e me beijando com paixão.

— Eu te amo — sussurrei.

— Eu também amo você, amor — disse, carinhosamente. — Agora, pare de colocar minhocas na cabeça. Estava o dia inteiro aqui com o Ronald, ajudando o pessoal. Quando cheguei ao escritório, ela já estava lá e, depois de uns vinte minutos, você chegou. Não aconteceu nada. Eu juro.

— Eu confio em você — disse, sincera.

— Que bom. Ainda vai se casar comigo, não é? — Ele me olhava divertido.

— Eu seria louca se não casasse. — Ri, passando os braços em volta do seu pescoço. — Aonde entra o Ronald nessa história? — perguntei, com curiosidade. Os dois me olharam e começaram a gargalhar.

— Ronald é viciado em Crepúsculo. Acho até que ele saberia quantas cadeiras e as posições das flores em todo o cenário do filme. Por isso, o chamei para dar uma força.

Eu não aguentei e caí na gargalhada. Alex e Ronald, vendo o meu divertimento, começaram a rir junto comigo. Era tudo tão surreal. Afastei-me para dar mais uma olhada no jardim, que estava ficando magnífico.

De repente, senti uma tontura e minha visão ficou turva. Desequilibrei-me um pouco e segurei em Ronald, que estava mais próximo. Alex percebeu que algo estava errado e me segurou.

— Vicky, o que foi? — perguntou, preocupado.

— Nada. Foi só uma tontura — disse, tentando tranquilizá-lo.

— Você se alimentou hoje? — perguntou, em tom de reprovação.

— Não muito. Se continuar comendo, não vou entrar no vestido — respondi, dando de ombros.

— Porra, Vicky, como você é teimosa! Vai querer morrer seca?

— Eu já engordei quatro quilos, Alex. Quase chorei quando Margareth disse que o vestido não fechava. Ela disse pra manejar na comida.

— Eu vou é arrancar a cabeça dela, isso sim — ele bufou. — Vamos, vou te levar para casa. Mas, antes, vamos comer alguma coisa.

Despedimo-nos de Ronald. Ele disse que ainda ficaria um tempo para ajudar o pessoal, então, o deixamos lá e seguimos para o carro.

Alex me levou para o shopping. Disse que o cinema iria ficar para outro dia, a prioridade era me alimentar. Ele disse como se eu fosse um bebê. Às vezes, ele me irritava com toda aquela proteção.

Chegamos ao restaurante na praça de alimentação e ele fez o pedido: dois espaguete com molho misto, cheios de coisas calóricas. Olhei para ele em protesto, e ele apenas disse:

— Você vai comer tudo, e sem protestar. Daqui a pouco você cai estirada no chão.

— Alex... não estou com fome — disse, baixinho. Era uma mentira das brabas: eu estava azul de fome, mas meu estômago parecia que tinha sido revirado. Estava enjoada e, só de olhar para aquele macarrão sangrento, já me dava mal-estar.

Sentamos na mesa, esperando nosso pedido. Assim que ficou pronto, Alex foi até o balcão buscar e voltou com um sorriso no rosto. Sentou-se e, quando me olhou, ficou instantaneamente tenso. Ele olhava para alguma coisa atrás de mim. O que quer que fosse, deixou-o perturbado.

Quando olhei para trás, quase surtei ao ver o trio parada dura: Harry, Melissa e Brithany. E o pior, estavam caminhando em nossa direção.

Capítulo 26

Vicky

— Não posso acreditar nisso — Alex disse, tentando manter a calma.

— Amor, vamos embora? Não quero que comecem uma briga aqui, no meio de toda essa gente — falei, preocupada.

— Não, Vicky. Quero que coma. Depois, iremos embora. É só fingir que não os vimos.

Tentei fazer exatamente o que Alex me pediu, mas estava difícil demais. Minha vontade era de ir até eles e encher a cara da Melissa e da Brithany de porrada. “Como eu gostaria que Margareth estivesse aqui nesse momento”, pensei.

Alex começou a comer, então, fiz o mesmo. Harry passou por nós sem dizer uma palavra. Agradei aos céus por isso.

A cadela da Melissa, juntamente com a vaca da Brithany, escolheram exatamente a maldita mesa ao lado da nossa. Elas riam e falavam ao mesmo tempo.

— Ignore-as, Vicky. Coma sua comida — Alex disse, irritado.

— Perdi a fome — bufei, empurrando o prato.

Quando olhei para elas, Brithany me deu um sorriso e veio em direção à nossa mesa. “Ai, puta que pariu. Vou matar essa vaca”, disse.

— Alex — ela disse, com um sorriso no rosto. — Acho que acabei perdendo meu brinco na sua sala mais cedo.

— Vejo que perdeu também outra coisa — disse, tentando manter a

calma. — O senso do ridículo. Caia fora daqui — disse, num tom assustador.

— Vicky, para! — Alex alertou.

— Nossa! Sua amiguinha aí, querido, deve estar de TPM — disse, sentando ao lado dele. Mas que vaca, piranha, maldita!

— Para sua atualização, querida, sou a noiva dele, e não amiguinha.

— Chega, Vicky — ele alertou mais uma vez e eu fiquei puta. Ele iria me repreender na frente daquela vaca?

— Querido, precisamos terminar aquela nossa conversa — ela sussurrou, perto dele.

— Brithany, já disse que não temos nada para conversar. Agora, volte para a sua mesa, por favor — ele falou, gentilmente. Mas que porra! Naquela hora, Harry apareceu e simplesmente puxou com fúria Brithany da mesa

— Eu disse para não chegar perto dele.

— Me larga, Harry! — ela gritou.

— Vamos, Brithany. Deixe esse babaca aí. Tá querendo que ele acabe com você outra vez?

Alex ficou tenso. Não disse uma só palavra.

— Mas eu sei que ele me ama, Harry. É ela que está atrapalhando tudo. Sempre foi ela — disse, apontando para mim.

Fiquei sentada ali, olhando para aquela cena bizarra. Olhava para o Alex, que estava com todos os sentidos em alerta. “Ele está me escondendo alguma coisa. Por que será que eu tenho essa sensação?”, pensei.

— O que você fez com ela? — perguntei, irritada.

— Ela é louca. Já disse isso a você.

— Ela não me pareceu louca.

— Que droga, Vicky — Alex disse, irritado, levantando da mesa.

— Aonde vai? — perguntei, abismada com sua reação.

— Vou para casa. Estou cansado e não quero ficar ouvindo essas merdas — bufou, exasperado.

— Vai me deixar aqui, sozinha? — perguntei, incrédula.

— Mas é claro que não. Vamos — disse, puxando-me pelo braço.

— Mas nem tocamos na comida...

— Que se dane. Perdi a fome — ele disse, totalmente nervoso.

Saí praticamente correndo atrás dele. Alex andava em passos largos, sem dizer nada. Tinha alguma coisa naquela história que não estava batendo, não estava fazendo sentido. E eu iria descobrir, de um jeito ou de outro.

Alex me deixou em casa e foi embora. Disse que precisava dormir e que teria um dia cheio amanhã. Mentira. Eu sabia que, o que quer que tivesse acontecido entre ele, Harry e Brithany, tinha o afetado. E, se ele não queria me contar, era porque a coisa era grave. Entrei em casa e fiquei pensando mil coisas. Papai estava com Laura, assistindo novela.

— Filha! Já chegou?

— Já. Boa noite, Laura — disse, com simpatia.

— Olá, Vitória. Está mais calma com a aproximação do casamento?

— Não. — Sorri. — Estou uma pilha ambulante.

— É assim mesmo, querida. Vai ver quando estiver na véspera. — Ela sorria. Papai concordou com ela.

— Vou me deitar. Não estou me sentindo muito bem — disse, seguindo para o quarto.

— Você comeu alguma coisa? — papai gritou da sala. “Mas que diacho! Todo mundo me manda comer a todo o momento”, pensei.

— Sim... Muito. Até demais! — gritei de volta.

Fechei a porta, tirei a roupa e entrei no chuveiro. Quando saí, meu celular tocava insistentemente. Olhei no visor: Harry. Suspirei e tentei manter a calma. O que será que ele queria comigo?

Atendi rapidamente e, antes que pudesse dizer alguma coisa, Brithany gritava ao telefone:

— *Sua vadia! Não vou deixar você ficar com ele. Ele é meu! Meu! Está*

ouvindo? Eu vou tirá-lo de você, nem que pra isso eu tenha que ma... —
desliguei, antes que pudesse terminar. “Mas o que foi isso?”, pensei.

Assustada, imediatamente liguei para Margareth.

— Alô?

— *Vicky... E aí, mulher? Tudo bem?*

— Margareth, eu preciso falar com você. Posso ir até aí?

— *Claro. Você vem com o Alex? O Roger está aqui em casa.*

— Não. Vou sozinha.

— *Estou te esperando. Beijos.* — E desligou.

Coloquei minha roupa rapidamente e saí. Passei pela sala e meu pai foi logo protestando.

— Vai sair a essa hora? Já está um pouco tarde, não acha?

— Vou até a Margareth. Já volto — disse, batendo a porta da sala.

Dirigi até a casa dela. Quando cheguei, Margareth me atendeu, levando-me até a sala.

— Oi, Roger — cumprimentei-o com um aceno. Ele estava sentado no sofá, vendo um filme. Apenas acenou para mim e deu um sorriso.

— O que foi, Vicky? Está tensa. — Ela me olhou, desconfiada.

— Margareth... Alguma vez o Alex falou pra você alguma coisa sobre a Brithany?

— A irmã do Harry? A maluca?

— Por que maluca?

— Bom, pelo que sei, ela esteve em tratamento num hospital psiquiátrico.

— Por quê?

— Ela tentou se matar umas três vezes. Pelo menos, foi isso que fiquei sabendo. — Ela me olhou, curiosa. — Mas por que quer saber sobre isso?

— Acho que o Alex está me escondendo alguma coisa — falei, meio perturbada.

— Ai... Não seja ridícula, Vicky. Ele ama você.

— É. Eu sei disso. Mas tem alguma coisa estranha nele toda vez que fala dela. E também tem o Harry, que sempre o odiou.

— Harry é um babaca, Vicky.

— Hoje estávamos no shopping... E acredita que eles estavam lá? Até a Melissa estava junto.

— Não! Eu perdi essa? Se eu estivesse lá, daria na cara daquela safada. Ai, que ódio!

— O pior não é isso. A irmã dele apareceu na produtora hoje atrás do Alex. E, agora há pouco, me ligou completamente descontrolada, dizendo que iria roubar o Alex de mim — disse, apavorada.

Margareth caiu na gargalhada.

— Sério, Vicky? Não acredito que está com medo do Alex te trocar por ela. Sem chance! Ele é perdidamente apaixonado por você desde que o conheço.

— Mas é que a voz dela, o jeito que falou... parecia que estava me ameaçando. E se o Alex tiver alguma coisa com ela e não quer que eu saiba?

— Vicky, você é burra ou é surda? — Ela ficou irritada. — Pare de colocar minhoca nessa cabeça. Alex sabe que você está aqui?

— Não. Ele me deixou todo emburrado em casa e foi dormir — disse, chateada.

— É melhor você ir para casa, então. Sabe como ele é... E também já está tarde.

— Preciso que me ajude a descobrir alguma coisa sobre isso. Por favor...

— Vou conversar com o Alex. Tudo bem?

— Só não fale que foi eu quem te contei — disse, sorrindo.

— Pode deixar.

— Boa noite, Roger! — gritei.

— Tchau, Vitória.

Saí da casa dela e fui para a minha casa. No dia seguinte, tia Frida e Isabela chegariam para ficarem hospedadas até o casamento. Ainda bem que teria alguém para conversar. Tia Frida era uma ótima companhia e adorava cair na balada.

Cheguei em casa e imediatamente fui para meu quarto. Tirei minhas roupas e caí num sono profundo.

Abri os olhos, ainda sonolenta. Já era dia. Tinha somente mais quatro dias antes de me tornar a Sra. Riccieri. Quando me levantei, ouvi vozes e risadas vindas da sala. Achava que reconhecia aquelas vozes. Era minha tia. Segui para o banheiro, escovei os dentes e me troquei. Quando cheguei na sala, Frida e Isabela me olharam e soltaram um gritinho.

— Vivi! Você está linda — titia gritou e veio ao meu encontro. Abraçou-me apertado. — Estou louca para conhecer seu noivo.

— Estava falando para a sua tia que ele é cantor. — Papai sorriu.

— Ai, que tudo!

— Sim, tia. Ele deve estar na produtora agora. Disse que tinha muito trabalho para fazer antes de viajarmos. E você, Isabela, que saudades! — disse, abraçando-a.

— Você está a cada dia mais linda — ela falou.

— Nossa, estou um pouco perdida no tempo. Dormi tanto que nem sei que horas são. — Sorri.

— Uma hora da tarde. — Papai me olhou, intrigado. — Nunca vi você dormir tanto.

— Deixe a garota, seu velho ranzinza — titia bradou. Todos caímos na gargalhada. Tia Frida e papai juntos? Aqueles dois não eram nada fáceis.

Ficamos horas conversando na sala. Quando minha barriga roncou em protesto, fui procurar algo para comer. Nada saudável, como sempre. Papai continuava a comer porcarias.

— Gente, vou até o supermercado comprar algumas coisas — disse, sorrindo, passando por eles.

— Vi, espere por mim! — Isabela gritou, olhando-me com cara de quem pede socorro. Ela era muito parecida comigo. Apesar de não sermos parentes, poderíamos passar por irmãs: loira, alta, magra e olhos azuis. Exatamente como eu.

Quando entramos no carro, Isabela começou a me contar as novidades de Paris. Seguimos conversando sobre moda até o supermercado. No estacionamento, deixei o carro e saí, um pouco tonta.

— Vi, está se sentindo bem? — ela perguntou, preocupada. Apoiei-me no capô do carro, sentindo-me fraca.

— Estou. Preciso só comer alguma coisa. Estou sem comer faz algum tempo.

— Está nervosa com o casamento? É assim mesmo. — Ela sorriu. — Daqui a pouco passa.

Quando tentei dar um passo à frente, minha mente escureceu e não vi mais nada.

Quando recobrei a consciência, vi Isabela, desesperada, dando tapas em meu rosto.

— Vi, acorda! Vi! — Quando ela me olhou, gritou desesperada: — Por favor, me ajude!

Naquele momento, um homem se aproximou e logo o reconheci.

— Lucas? — sussurrei, ainda fraca.

— Vitória? O que houve com ela? — ele perguntou à Isabela.

— Não sei. Ela desmaiou do nada e eu não sei o que fazer.

Lucas me pegou no colo e me levou até o carro.

— Liga para o namorado dela — ele ordenou.

— Não é melhor levá-la ao hospital? E se for grave?

— Mais um motivo para ligar para ele — ele falou, preocupado.

— Isabela, pegue o celular que eu ligo — disse, enquanto Lucas me ajeitava no banco do motorista.

Ela me passou o celular e eu disquei. Antes que pudesse responder a ligação, comecei a vomitar. Lucas pegou o telefone da minha mão, e Isabela me ajudava.

— Alô... É o Lucas... Calma... Espere... Posso falar? Dá para você me ouvir, porra?! Estou aqui no mercado com a Vitória e uma amiga dela. Ela não está bem. Desmaiou e agora só vom... Idiota!

— Ele ficou uma fera, não foi? — disse, olhando para o Lucas.

— Como aguenta esse cara? Ele quase me matou ao telefone.

— Ele morre de ciúmes de você. — Sorri, lembrando-me da festa. — Se quiser, pode ir. Já estou melhor.

— Não vou deixá-las aqui, sozinhas.

Lucas era uma bela visão. Isabela não parava de olhá-lo. Nem poderia culpá-la, Deus foi tão generoso que colocou nele toda a beleza que existia no mundo e, ainda não contente, deu alguns bônus.

Depois de uns vinte minutos, Alex chegou. Correu em minha direção, mas, antes de chegar até a mim, olhou para o Lucas com um olhar assassino.

— Antes de abrir a boca para falar alguma merda, saiba que apenas ajudei. Estava passando e fui socorrê-la.

— O que aconteceu? — Alex me olhou, preocupado.

— Nada. Só passei mal. Acho que estou um pouco fraca por não ter me alimentado.

— Não comeu nada desde ontem à noite, Vicky? — Ele me olhou,

furioso. Eu apenas assenti. — Mas é claro que iria acabar passando mal — disse, pegando-me no colo e me levando para o lado do passageiro.

— Desculpa, você é? — Ele olhava para a Isabela.

— Isabela. Sou amiga da Vicky. Cheguei hoje de Paris.

— Consegue levar meu carro de volta? Vou levar a Vicky pra casa, mas não posso deixar o carro aqui.

— Posso ir te seguindo.

Lucas virou para Alex e disse:

— Se quiser, posso levá-lo pra você.

— Não, obrigado — disse. — Obrigado por ajudá-la.

— Não precisa agradecer. Bom, vou indo — Lucas disse, despedindo-se. Isabela não perdeu tempo em abraçá-lo e dar um beijo em seu rosto em despedida.

Alex ligou o carro e dirigiu de volta para casa.

Alex

“Estou com tantos problemas na cabeça, e ainda me vem aquela maluca desenterrar o passado. Puta que pariu”, pensava. Abri o porta-luvas do carro e coloquei as passagens da viagem de nossa lua de mel. Vicky ainda não sabia, mas iria levá-la a Paris. Queria que Paris fosse uma lembrança boa para ela. Queria que esquecesse o tempo em que ficou sozinha e que pensasse apenas nos momentos que iríamos passar. Ela amava Paris. Tinha certeza de que iria adorar. Mas o que iria deixá-la louca é que, após Paris, iria levá-la para conhecer Veneza. Sempre quis conhecer Veneza e achei uma ótima oportunidade para isso.

Terminei meu trabalho na produtora e fui buscar minha noiva. Não conseguia ficar muito tempo longe dela. Ela ficava em minha mente a cada

minuto, a cada segundo. Não sabia o que faria sem ela. Meu celular começou a tocar e, quando olhei no visor, vi sua foto, sorrindo. Encostei o carro para poder atender.

— Oi, amor.

— *Alô?* — Uma voz masculina soou e eu me enrijei.

— Quem está falando? Cadê minha mulher? — perguntei, desesperado. “Meu Deus! Será que o filho da puta do Harry a pegou?”, pensei.

— *É o Lucas.* — Quando ouvi a menção daquele nome, fiquei puto. O que ela estava fazendo com ele? Ou melhor, o que a porra do celular dela estava fazendo com ele?

— O que está fazendo com a minha mulher?! — gritei.

— Calma!

— Calma, o caralho. Coloque ela na linha agora — disse enfurecido.

— *Espere... Posso falar?*

— Passe o telefone para Vicky, agora! — gritei, furioso.

— *Dá para você me ouvir, porra?! Estou aqui no mercado com a Vitória e uma amiga dela. Ela não está bem. Desmaiou e agora só vom...*

— Não saia daí. Estou perto. Chego num instante — disse e desliguei o telefone.

Vicky parecia criança. Quando cismava com alguma coisa, era fogo. Aquela mania de querer ser magra ainda iria deixá-la doente. Dirigi a toda velocidade para o mercado. Quando cheguei, já avistei o carro da Vicky. Ao lado dela, uma loira e o maldito Lucas. Como eu não ia com a cara daquele sujeito...

Estacionei o carro na vaga que havia atrás. Corri em direção a ela, olhando furioso para o Lucas. Minha vontade era de fazer o que deveria ter feito quando colocou as mãos nela.

— Antes de abrir a boca para falar alguma merda, saiba que apenas ajudei. Estava passando e fui socorrê-la. — Ele tratou logo de ir se

explicando.

— O que aconteceu? — Olhei para a Vicky e ela estava pálida.

— Nada. Só passei mal. Acho que estou um pouco fraca por não ter me alimentado — disse, com a voz fraca.

— Não comeu nada desde ontem à noite, Vicky? — Olhei furioso para ela. — Mas é claro que iria acabar passando mal! — Peguei-a no colo e a coloquei no banco do carona. Nem morto eu a deixaria dirigir naquele estado.

Olhei curioso para a mulher loira ao meu lado.

— Desculpa, você é?

— Isabela. Sou amiga da Vicky. Cheguei hoje de Paris.

— Consegue levar meu carro de volta? Vou levar a Vicky pra casa, mas não posso deixar o carro aqui.

— Posso ir te seguindo.

Então, o mané me olhou e disse:

— Se quiser, posso levá-lo pra você.

— Não, obrigado — disse. — Obrigado por ajudá-la. — Nem morto aquele sujeito iria entrar no meu carro.

— Não precisa agradecer. Bom, vou indo — disse, despedindo-se.

Liguei o carro e a levei para a minha casa. Fiz o trajeto todo dizendo a ela que, se não se alimentasse e ficasse doente, eu iria adiar o casamento. Ela protestou e jurou que iria comer. Quando cheguei em casa, ajudei-a descer e fui a guiando até em casa.

— Vamos. Vou fazer algo para você comer. Sente aí no sofá que, assim que ficar pronto, eu trago.

Ela me olhou, com seus lindos olhos azuis, e disse:

— Vai cozinhar para mim?

— Mas é claro. — Sorri.

— Jura? Isso é inédito. — Ela gargalhou.

Aproximei-me dela e toquei seus lábios com meu polegar. Beijei sua

boca com paixão, com necessidade.

— Eu faço o que for por você, Vicky. Só me prometa que não vai mais me dar um susto desses. Não quero vê-la doente.

— Não estou doente, apenas com fome. — Ela sorriu.

— Vou proibi-la de fazer essas dietas malucas e greve de fome.

— Quer me ver gorda de novo? — ela bufou.

— Quero te ver feliz, Vicky. Não importa se seja magra, gorda... O que importa é que amo você e você não precisa ficar preocupada se vou ou não gostar de você se engordar. Eu vou continuar querendo você...

— Fala isso agora... — Ela revirou os olhos.

— Está equivocada, querida. A mulher que pedi em casamento, se me lembro, era bem gordinha. E eu a amava... Amava tanto que chegava a doer. Hoje ela não é mais a mesma pessoa por fora, mas, por dentro, ainda continua sendo a mesma mulher por quem me apaixonei. E é somente isso que importa, mais nada.

Quando terminei de falar, ela tinha lágrimas nos olhos. Eu a beijei apaixonadamente, e ela me disse, sorrindo, num sussurro:

— Você me ama tanto assim?

— Você nem imagina o quanto.

— Então, prove — ela disse, com semblante sério.

— Como assim, Vicky? — perguntei, confuso.

— Me conte o que houve entre você e a irmã do Harry.

Capítulo 27

Vicky

Alex me olhou, chateado, e eu sabia que não deveria colocá-lo contra a parede, mas meu sexto sentido feminino me dizia que havia algo errado. E eu queria saber.

— Lá vem você com isso de novo, Vitória? — Ele se afastou, emburrado. “Eu passei a ser Vitória agora? Aí tem...”, pensei.

— O que quer que tenha acontecido, Alex, eu vou entender. Só preciso saber o que é.

— Eu já te disse que não aconteceu nada. Agora, vou preparar alguma coisa para você comer.

— Não fuja do assunto, Alex — disse, irritada, indo atrás dele.

— Quando você comer. Está bem?

Eu apenas assenti e sentei, esperando Alex fazer o almoço. Ele não disse mais nada. Estava tenso e parecia preocupado.

— O que vai fazer? — perguntei, curiosa.

— Macarrão com queijo. — Ele deu de ombros. — É isso ou miojo. — Ele riu. — Não sou bom nisso, você sabe.

— É... Estou vendo — disse, sorrindo. — Macarrão com queijo é melhor.

Depois de algum tempo, a campainha tocou.

— Eu atendo. Pode continuar aí na cozinha — disse, levantando-me e indo até a sala.

Quando abri a porta, Jane saltou em meus braços, com um sorriso enorme no rosto. Atrás dela, o tio do Alex, Alan. Havia me esquecido de como ele era bonito.

— Vitória! — Jane gritou, entusiasmada. — Meu Deus! Quase não a reconheci.

— Jane, que saudades. Menina, como você cresceu! — disse, olhando para ela.

— Tio Alan! — Dei um abraço nele.

— Está linda, Vicky. — Ele sorriu. Ele e Alex sempre foram muito parecidos.

— Onde está o povo dessa casa? Cadê o Jeffrey? — Alan perguntou, com seu lindo sorriso. Estava todo despojado, em uma calça clara e camisa polo bege, com os cabelos loiros desalinhados e uma barba por fazer.

Alex surgiu na sala, sorrindo, e cumprimentou a todos.

— E aí, coroa! — Alex gritou.

— Coroa é a tua avó! — ele respondeu, divertido. — Sabe que as menininhas vivem atrás de mim, não é?

— Pai? — Jane sorriu.

— Esse é meu tio! — Alex deu uns tapinhas em suas costas. — Jane, prima... Está diferente.

— Eu cresci. — Ela revirou os olhos.

Jane tinha dezoito anos. Lembro-me de quando ia para lá nas férias e sempre ficava atazanando Alex para que a levasse para todo lugar.

— Fizeram uma boa viagem de Boston até aqui? — perguntei.

— Estamos acabados — Jane falou.

— Vicky, venha... A comida está pronta. — Alex segurou em minha mão.

— O quê? Eu ouvi direito? Alex virou maricas? Anda cozinhando? — Alan gargalhou. — Meu Deus! O que o amor não faz...

— Para o senhor ver... Essa mulher mexeu com a minha cabeça,

literalmente. — Todos riram.

Seguimos todos pra cozinha para provar o delicioso macarrão com queijo do Alex. Rimos e nos divertimos lembrando de coisas do passado. Após um tempo, Jeffrey apareceu e tudo virou a maior zona.

— Gente, vou levar a Vicky para descansar — Alex disse, levantando-se da mesa. — Vamos, querida. — Ele me puxou contra ele e me deu um beijo.

— Eu já estou melhor. — Sorri.

— O que ela tem? Não pode ficar doente justo agora, né, Vi? — Jane me olhou.

— Estou bem. Alex é muito exagerado.

— Vamos, sem discussão. Vai dormir um pouco, depois te levo pra casa.

Subimos as escadas até o quarto. Alex fechou as cortinas, ajeitou os travesseiros e começou a me despir.

— Achei que iria me colocar para dormir. — Sorri maliciosamente.

— Eu vou. Mas, antes, vou explorar cada centímetro desse seu corpo, querida. — Ele riu.

E, depois de fazermos amor enlouquecidamente, caímos num sono profundo.

Quatro dias depois...

Margareth tinha acabado de chegar, levando o meu vestido. Ela fez questão de me presentear com o sapato que ela mesma desenhou e levava o nome de sua marca. Eu estava uma pilha de nervos. Amanhã seria o grande dia e eu não conseguia pensar em mais nada.

Com o tumulto do casamento, acabou que eu e Alex não conversamos

sobre a Brithany. Quase não o via, pois ele ficou aqueles quatro dias na arrumação do jardim e dos preparativos do casamento, aproveitei a sua ausência e segui o conselho da Margareth: estava fazendo aula de canto com os caras da banda. Eles iriam me ajudar a impressioná-lo, e eu queria só ver a cara do Alex quando entrasse cantando para ele.

Isabela insistiu para que eu convidasse o Lucas. Depois que colocou os olhos nele, a garota ficou completamente apaixonada. Também, quem não ficaria? Eu sabia que Alex iria odiar a presença dele, mas decidi dar uma forcinha para ela.

Tia Frida se engraçou com o Alan. Todas as noites eles saíam discretamente. Quando voltavam, estavam bêbados e não diziam coisa com coisa.

Jane decidiu ajudar Alex nos preparativos. Ele disse que precisava de uma ajudinha feminina. Eu agradei por ela querer ficar ao seu lado e ficar de olho nele por mim.

Papai e Laura estavam a cada dia mais apaixonados. Acho que eles estavam contando os dias pro casamento para ficarem sozinhos.

Estava arrumando meu vestido quando a porta do meu quarto se abriu. Era o Alex.

— Ei, espere. Não pode ver o vestido, dá azar. — Sorri, empurrando-o para fora.

— Amor, isso é mito. Para de bobagem, nem por decreto eu me separo de você. — Puxou-me, dando-me um beijo doce.

— Mas não vamos facilitar.

— Vim te dar um beijo... Vou sair com a galera para a minha despedida de solteiro. — Ele sorriu.

— Olha lá, hein, Sr. Alex Riccieri. Sem mulheres nesse encontro.

— Tá de brincadeira? Sem mulher não terá nenhuma graça. — Ele gargalhou e eu dei um tapa em seu ombro.

— Engraçadinho — disse, dando as costas para ele. Imediatamente,

ele me puxou e me abraçou.

— Você é a única, meu amor. A única. — E me beijou com necessidade. — Amanhã você será oficialmente minha. Minha!

— Ficarei de olhos abertos. — Sorri.

Alex se despediu, deixando-me sozinha em meu quarto. Eu havia marcado com minha tia, Margareth, Isabela e Jane para ir ao barzinho encher a cara, afinal, era meu último dia de solteira também.

Quando estávamos todas prontas, pedi para Margareth dirigir, pois não estava me sentindo muito bem. Aqueles quatro dias foram um inferno. Meu nervosismo aumentou e fiquei tão mal que não conseguia comer nada sem colocar tudo para fora. Eu já estava até com olheiras.

Seguimos para o clube. Tia Frida estava arrasando corações. Logo na entrada, um rapaz muito bonito lhe passou uma cantada que ela ficou desconcertada. Eu havia colocado um vestido preto de paetês e salto vermelho. Margareth estava com uma minissaia verde e uma blusa preta de seda. Vi o momento em que Roger discutia com ela para que trocasse de roupa. Ele era mais ciumento do que o Alex. Homens...

Isabela e Jane se estranharam em alguns momentos. Acho que Jane não foi muito com a cara dela. Ficou um pouco tenso no começo, mas Margareth logo dissipou a tensão com suas brincadeiras. Seu jeito louco de ser estava nos rendendo boas risadas.

Quando o DJ tocou “Clarity”, do “Zed”, Jane me puxou para pista e começou a dançar como louca. Logo após, Frida, Maga e Isabela se juntaram a nós. Dançávamos segurando nossas garrafas de *Smirnoff Ice*. Antes de terminar a música, comecei a ficar enjoada. Acho que pulei tanto que a bebida revirou em meu estômago.

— Vicky, você está bem? Está pálida — Margareth falou.

— Eu preciso ir ao banheiro. Estou um pouco tonta — disse, levando a mão à testa.

Margareth caminhou comigo até o banheiro e, quando chegamos, ela

disse:

— Você está assim já faz um tempo, Vicky. Precisa procurar um médico.

— Eu estou bem — respondi, jogando água no rosto. Minha aparência estava horrível.

— Vou usar o banheiro — Margareth disse, afastando-se.

Naquele momento, para minha total surpresa e desprazer, Brithany e Melissa entraram, lado a lado. “Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece”, pensei.

— Olha quem está aqui... — Melissa disparou, com seu olhar cínico.

— Vitória! Tudo bem? — Brithany sorriu e eu tive vontade de quebrar a cara dela. — Não vi o meu Alex por aqui... — ela continuou.

“Meu Alex? Essa garota perdeu a noção?”, pensei.

— Não viu e nem verá. E ele não é seu, querida.

— Alex sempre foi apaixonado por mim, Vitória. Só está passando um tempo com você.

Naquele momento, meu sangue ferveu.

— Escuta aqui, sua magrela despeitada! — gritei e ela avançou em mim, jogando-me contra a parede. Puxou meu cabelo e começou a gritar, deixando-me sem reação.

— Escuta você, sua puta ridícula! Ele só está com você agora porque não é mais aquela gorda de antes. Era a mim que ele queria!

— Me solta, sua cadela! — gritei, tentando empurrá-la. A vaca da Melissa ria como uma hiena louca. Maldita! Ia quebrar a cara daquelas vadias.

Margareth veio em nossa direção e imediatamente pegou Brithany pelos cabelos. O tapa que ela deu na cara dela foi tão forte que ecoou. Quando olhei para Brithany, seus lábios estavam inchados e havia sangue neles.

— Saia daqui, sua vadia louca! — Margareth disse, chacoalhando-a

pelos cabelos. Melissa tentou avançar em Margareth, mas levou a pior. Com uma joelhada no estômago, Margareth nocauteou a desgraçada, que caiu uivando no chão.

— Se chegarem mais uma vez perto dela, eu arranco os olhos das duas — Margareth bradou, furiosa.

Eu apenas fiquei inerte, congelada na parede.

— Vamos, Vicky. Você está bem?

Eu apenas assenti. Ainda estava sob o efeito do choque inicial.

— Vou ligar para o Alex.

— Não — protestei. — Eu estou bem. Não fale nada para ele. Ele estava feliz quando saiu de casa, não quero preocupá-lo.

— Vamos embora, então. Minha noite acabou aqui — Margareth disse.

— Aonde aprendeu aquilo? — perguntei, surpresa. Eu nunca havia batido em ninguém em minha vida.

— Com o Roger, querida. Se tivesse ficado com o Dilan fazendo sua segurança, teria aprendido alguma coisa. Você é muito mole. — Ela sorriu.

Saímos do clube e voltamos para a casa. Maldição! Que ódio daquelas vacas terem estragado minha noite. Parecia um encosto.

Quando chegamos em casa, Margareth disse que dormiria comigo para poder me ajudar. Eu precisava estar pronta até as onze da manhã. A cerimônia seria às onze e meia. Depois, seria servido um belo almoço requintado.

— Você precisa descansar, Vicky. Amanhã será seu grande dia de rainha. — Margareth sorriu e meus olhos se encheram de lágrimas.

No dia seguinte, eu passaria a ser a senhora Vitória Becky Riccieri... para sempre.

Capítulo 28

Vicky

Meu telefone tocava insistentemente. Eu estava nervosa e já havia vomitado duas vezes. Margareth estava sendo de grande valia para mim naquela manhã. Ajudou-me com o penteado e o vestido, que quase não quis fechar. Fiquei apavorada só de pensar, caso ele não coubesse.

— Está linda, Vicky — ela sussurrou, com lágrimas nos olhos e me abraçando.

— Estou tão nervosa... — confessei.

— Aproveite seu grande dia de rainha. — Ela me olhou de um jeito terno e, ajeitando alguns fios indisciplinados caídos sobre o vestido, disse: — Vocês serão muito felizes juntos. Eu sinto isso. — E sorriu.

O telefone não parava de tocar, e eu estava ficando cada vez mais nervosa.

— Não vai atender? — Margareth perguntou, confusa.

— É o Harry — bufei. — Acho que, de alguma forma, ele ficou sabendo que irei me casar hoje.

— Não! Espero que aquele imbecil se mantenha longe. Não sei o que faria se ele estragasse as coisas para vocês.

— Precisa avisar o Alex. Pode fazer isso por mim? — perguntei, sabendo que ela faria o que fosse para manter o Harry longe.

— Preciso ir. Você está linda. — Sorriu. — Te vejo daqui a pouco.

Margareth saiu do quarto, deixando-me apavorada. Eu iria me casar

em meia hora. Estava tão feliz que estava custando a acreditar.

Todos já estavam no local. Papai e Laura ficaram para me acompanhar. Eu estava tremendo e meu coração parecia que iria saltar pela boca. Dei um leve suspiro e me olhei no espelho.

— Seja o que Deus quiser — sussurrei, sorrindo.

Eu nunca pensei que pudesse amar tanto alguém como o amava. Alex era meu melhor amigo, meu companheiro, meu alicerce. Ríamos juntos, chorávamos juntos, discutíamos, brigávamos muito por causa do seu jeito possessivo... Mas, no final, acabávamos um ao lado do outro, amando-nos como loucos. Eu queria viver para sempre ao seu lado.

— Filha, chegou a hora — papai disse, batendo na porta.

— Já estou indo — respondi, tentando manter minhas pernas no lugar.

Meu celular apitou o som de uma mensagem. Corri para pegá-lo: era ele. Quando abri a mensagem, estava escrito:

Amor, vou ter um troço se você não chegar logo. Não demore, pois meu coração está saindo pela boca. Amo você!

Era reconfortante saber que ele se sentia tão nervoso e ansioso quanto eu. Dei mais uma checada no vestido. Ele estava perfeito; simples e elegante. Todo rendado e trabalhado. Deixei os cabelos soltos e pedi para Margareth ondulá-lo. Coloquei um arranjo de flores no cabelo para dar um ar tropical, com a maquiagem levemente suave, apenas ressaltando meus olhos azuis.

Peguei o buquê que Margareth trouxe e havia colocado em cima da cama. Abri a porta do quarto e inspirei. Papai estava na sala, com seu lindo *smoking* preto digno de capa de revista. Laura ostentava um lindo vestido amarelo de seda indiana. Estava igualmente linda. Ela e papai estavam visivelmente felizes.

— Você está linda, filha — disse, beijando minha testa com carinho.

— Você está um arraso também. — Sorri.

— Vamos, já está atrasada e seu noivo deve estar tendo um colapso nervoso. — Ele gargalhou.

— Ele me mandou um *WhatsApp* dizendo que estava tendo um troço. — Sorri.

— Jovens... — Meu pai revirou os olhos. — Espero que não esteja levando o celular também.

— Claro que não, papai. — Sorri, divertida.

Papai segurou minha mão, guiando-me até o carro, enquanto Laura segurava a pequena cauda do meu vestido. Nem em sonhos eu poderia acreditar que no dia do meu casamento eu estaria magra e, muito menos, casando-me com meu amigo de infância. Entramos no carro e seguimos para o destino: rumo à minha felicidade.

Após meia hora, chegamos. Eu estava visivelmente nervosa. Quando saí do carro e olhei para a entrada, notei que Dilan estava parado a poucos metros de mim. Junto com ele, mais uns cinco homens, impecavelmente vestidos de terno e gravata. Jimmy, um dos integrantes da banda de rock do Alex, imediatamente veio em minha direção, segurando um microfone. Olhou para mim e disse:

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Sim. Ensaíamos para isso. Quero entrar cantando — disse, tentando manter a calma. Meu coração disparado e minhas mãos suadas revelavam minha ansiedade.

Laura seguiu Jimmy para dentro do jardim. Fiquei sozinha com o meu pai.

— Eu estou feliz por você. — Ele beijou meu rosto e me deu um

abraço apertado. Entrelacei meus braços no dele e finalmente seguimos rumo ao caminho do altar.

O sol iluminava o jardim e aquecia os convidados. Apesar do tempo bom, uma leve brisa passava por aquele momento. Quando coloquei meus pés no jardim, todos que estavam ali sentados se levantaram. Meus olhos já queriam jorrar água só de imaginar o carinho e o trabalho que ele teve para fazer tudo isso para mim. Eles começaram a ficar embaçados e, quando o vi, ali, parado, debaixo daquele arco florido, me olhando como se não existisse mais ninguém à sua volta, somente eu e ele, minha vontade era de sair correndo e me atirar em seus braços. Porém, me lembrei de que precisava me manter firme.

Com passos lentos e guiada pelo ilustre Sr. Becky, olhei em direção ao homem com quem estava prestes a compartilhar minha vida. Segurando o microfone com uma mão e o buquê com a outra, comecei a cantar...

*A partir desse momento, a vida começou
A partir desse momento, você é o único...*

Segui cantando, olhando em seus olhos, enquanto andava a passos lentos. Alex me olhava, completamente emocionado, com um sorriso enorme. O arranjo foi produzido por seus companheiros da banda e o resultado ficou sensacional. Notei o momento em que ele disfarçou para secar uma lágrima que rolou em seu rosto. Todos me observavam com olhos lacrimejados. Eu o amava tanto... e só queria que todos soubessem o quanto.

Quando parei de frente para ele e papai me entregou, com um sorriso de gato de Alice, eu ainda cantava a última frase da música *From This Moment*, da Shania Twain. Acho que ele não foi capaz de esperar até o fim e me beijou naquele momento, demonstrando todo o seu amor por mim. Todos aplaudiram e, emocionados e de pé, assobiavam.

Quando afastou seus lábios do meu, sussurrou, sorrindo:

— Eu te amo.

Eu dei um largo sorriso. Então, o padre nos olhou e perguntou:

— Podemos começar?

— Sim — dissemos em uníssono, com nossas mãos unidas.

Margareth, Jane e Frida estavam no altar ao lado de Laura. Roger, Ronald e Jeffrey estavam ao lado de papai. Quisemos fazer algo não convencional. Homens de um lado, mulheres de outro. Alex disse que eu estava obcecada por cerimônias de conto de fadas.

Não havia muitos convidados, apenas alguns amigos próximos e familiares. Ao todo, não passava de cem pessoas. A cerimônia foi rápida e linda, do jeito que eu sempre sonhei que seria. Quando Alex recitou seus votos e disse “sim”, senti-me a mulher mais feliz do mundo. Quando foi a minha vez de recitar os votos, Alex ficou apreensivo. Sua expressão de alívio só veio quando eu disse um “sim” toda sorridente. Eu estava tão feliz que ria sem parar.

— Eu vos declaro marido e mulher — o padre disse e concluiu com o famoso “pode beijar a noiva”, o que Alex fez, totalmente apaixonado, com suas mãos em volta de minha cintura. Céus! Eu amava aquele homem.

Agora era oficial. Eu estava casadíssima. Os convidados aplaudiam, gritavam, assobiavam... Estava uma loucura. Cumprimentamos os padrinhos no altar e depois os convidados.

— O que o Lucas faz aqui? — Alex perguntou, apontando para Lucas, que estava sentado na cadeira ao lado de Isabela.

— Isabela me intimou a convidá-lo. Está interessada nele. — Dei de ombros.

— Espero que sim. Porque essa mulher aqui... — disse, levantando-me em seus braços. — já tem dono. — Ele sorriu, beijando-me. — Eu estou tão feliz... — ele sussurrou em meu ouvido. — Você está linda, senhora Riccieri.

— O senhor também não está nada mal. — Sorri.

— Aonde aprendeu a cantar daquele jeito? — perguntou, confuso.

— Jimmy e os meninos me ensinaram bastante. São ótimos professores. — Sorri. E ele me beijou outra vez.

— Eu amo você — sussurrou em minha boca antes de me beijar novamente.

— Ficou tudo perfeito, amor — disse, olhando para a decoração.

— Fico feliz que tenha gostado.

Dilan se aproximou de nós, um pouco atordoado. Puxou Alex discretamente, e não demorei a perceber que havia algo errado. Quando me aproximei, só consegui ouvir a metade da frase:

— Ninguém entra. Faça o que for preciso para mantê-los afastados.

— Manter quem afastado? — perguntei.

— Venha. Vamos cumprimentar os outros convidados. — Alex me puxou, desviando do assunto. E, toda vez que ele fazia aquilo, sempre se tratava do Harry. Se fosse isso, eu estava mais do que agradecida do Dilan estar ali.

Cumprimentamos alguns amigos e conversamos um pouco. Vi Roger se aproximar de Alex e retirar uma pequena gravata do bolso. Eles passavam pelos convidados cortando a gravata e arrecadando alguns trocados.

Margareth estava atracada com Jane. As duas pareciam unha e carne. Aproximei-me e Jane veio ao meu encontro para me abraçar.

— Prima! Está tão linda! — Sorriu, emocionada. — A música foi perfeita. Pensei que meu primo iria desmaiar no altar de emoção...

Eu e Margareth rimos, chamando a atenção de Lucas e Isabela.

— Vicky, fiquei sabendo que aquele deus grego é apaixonado por você — ela sussurrou baixinho, dando um tapinha em meu ombro.

— Ele é somente um amigo. — Sorri. — Acho que a Isa está a fim dele — respondi, apontando para o comportamento dos dois.

— Pois ela terá uma concorrente de peso. — Jane sorriu diabolicamente. “Mas que merda! Estou vendo que vai dar uma baita confusão pelo senhor-olhos-azuis-derruba-calcinha”, pensei.

A música rolava ao som de Bruno Mars e alguns convidados dançavam. Margareth estava ao lado de Roger, e Jane, descaradamente, puxou Lucas para uma dança, deixando Isabela fora de si. Papai dançava com a Laura e tia Frida achava que eu não tinha a visto sussurrando no ouvido do Alan. Aqueles dois estavam de pegação, com certeza.

Lucas se soltou de Jane e veio em minha direção. Me abraçou, cumprimentando-me. Alex estava ao lado de Roger e lançou um olhar mortal para mim.

— Você está perfeita. A mulher mais linda que já vi em toda a minha vida — ele disse, com seus olhos azuis penetrando em minha mente.

— Obrigada. — Sorri.

— Será que seu marido iria se importar se dançasse comigo? — perguntou, estendendo-me a mão.

— Certamente — respondi, aceitando sua mão estendida, e ele sorriu.

Não demorou muito para Alex vir me resgatar. Ele era extremamente ciumento, e confesso que eu gostava disso. Mas, por incrível que pareça, ele deixou seu lado primitivo de lado e não voou na jugular do coitado.

— Pode me dar licença? — disse, olhando friamente para Lucas.

— Toda — ele respondeu, levando minha mão até a do Alex, e se despediu.

— Está fazendo isso para me irritar? — Ele me olhou, furioso.

— Pense nisso como uma terapia, amor. Gostei de ver seu autocontrole — gargalhei.

— Não achei graça nenhuma, Vicky. Se fizer isso de novo, vou dar umas palmadas nesse seu traseiro lindo — disse com um meio sorriso.

— Acho que posso me acostumar com suas palmadas — desafiei.

— Não me provoque, querida. — Ele sorriu.

Dançamos um pouco, mas logo fomos separados pelos convidados. Tiramos fotos de todos, pois queria registrar cada momento. Jeffrey estava com Alex e papai se divertindo na mesa, bebendo e falando que queria ter netinhos logo. Mal tinha me casado e o povo já queria me ver barriguda.

Começou a tocar músicas dos anos 80 e todos se empolgaram a dançar. Eu tive que tirar os meus saltos, pois meus pés estavam um desastre.

Quando cansei de andar para todos os lados dando atenção aos convidados, sentei-me e pedi ao garçom para que me trouxesse uma bebida. Alex se juntou a mim logo depois e brindamos juntos a nossa união eterna.

Aproximando-se de mim, tocou meu rosto e afastou meu cabelo. Deu uma mordidinha em minha orelha e sussurrou, todo sensual:

— Estou louco para arrancar esse vestido e fazer amor com você.

— Temos muito tempo, querido. Nossa festa apenas começou.

Ele sorriu, arqueando as sobrancelhas, e me puxou para uma dança. A música *Up In The Air*, do Thirty Seconds To Mars, ecoava. Era a banda preferida dele.

Após longos momentos dançando, comecei a me sentir um pouco tonta e decidi sentar um pouco. Foi no exato momento em que vi Jane e Lucas se atracando. Estavam aos beijos, a poucos metros do jardim. “Putaquepariu! Isso vai dar merda, considerando o ódio mortal que Alex tem dele”, pensei.

Quando procurei por Isabela apenas com o olhar, notei que ela estava alheia aos acontecimentos. Jane, Jane, Jane... Com aquela carinha de santinha, quem diria!

Alex havia sumido com o Roger e o Dilan. Algo me dizia que havia acontecido alguma coisa. Meu sexto sentido nunca falhava. Levantei e fui em direção à entrada de casa. Segurando a cauda do vestido, andei em passos largos para fora.

Estava tudo silenciosamente tranquilo. “Aonde foram?”, pensei. Olhei ao redor, tentando ver se achava um deles. Nada. Quando fui até a entrada da casa na guarita, uma mão me puxou violentamente. Quando me virei, assustada, Harry estava me olhando com olhos vermelhos.

— Você está linda! — ele sussurrou, com sua mão em meus braços.

— Me solta, Harry! — gritei. Logo comecei a ficar apavorada.

Ele estava bêbado e fedendo a uísque. Olhei ao redor, assustada, e não havia ninguém para quem eu pudesse pedir por ajuda.

— Não acredito que acabou se casando com aquele idiota — ele disse, chateado. — Eu amo você. Sempre amei.

— Me solte, Harry, ou vou começar a gritar.

Ele me puxou contra o seu peito e começou a se lamentar.

— Como conseguiu entrar aqui? — perguntei, curiosa.

— Por trás. Parece que não há muita segurança nessa casa — ele disse, sorrindo.

— Tá. Tudo bem... Agora, precisa me soltar. Já está me machucando.

— Me diga o porquê, Vitória. — Seus olhos pareciam um misto de confusão.

— Explicar o quê, Harry? Você está bêbado.

— O porquê de você amá-lo, e não a mim. — Ele intensificou seu aperto em meu braço.

— Me solta, Harry! — disse, já entrando em pânico. Quando olhei, Dilan estava correndo em minha direção, mas não foi rápido o bastante para impedir que Harry me empurrasse contra a árvore e me beijasse à força.

Enquanto Dilan o tirava de cima de mim, eu comecei a ficar tonta. Logo após, vi tudo escuro.

Quando abri os olhos, Alex me olhava preocupado. Disse meia dúzia de palavras que não consegui entender e me beijou. Quando ele me levantou do chão, pude ver Dilan chutando a bunda do Harry para fora da casa.

— Essa não é a primeira vez que você desmaia, Vicky. Vou levá-la ao médico. Isso não pode ser normal.

— Não precisa. Estou ótima. Acho que foi só o susto — disse, entrelaçando-me em seu pescoço enquanto me carregava no colo.

— O que foi que aconteceu? — perguntaram Alan e Frida quando passamos pela sala. Pela cara de surpresa dos dois, estavam aprontando.

— Nada — ele disse, colocando-me com jeitinho sobre o sofá.

— Fique aí. Vou buscar uma água — Alex disse, desaparecendo pela casa.

Quando ele voltou, fiz a pergunta que não queria calar:

— O que o Harry fazia dentro da nossa casa?

— Não sei. Ele disse algo para você?

— Você não viu nada? Harry é um babaca. Estava bêbado.

Alex estava calmo. Puto da vida em ver o Harry, mas estava calmo. Certamente, Dilan não havia contado que ele havia me beijado à força. Agradei por isso, porque, se Alex soubesse, ele mataria o Harry.

— Nesse momento, estou mais preocupado com você. Daqui a pouco iremos viajar e você está aí, passando mal. Não quero que beba mais nada. Vamos, vou levá-la para o quarto. — Ele sorriu.

— Você não presta, senhor Alex Riccieri. Nossos convidados estão lá fora.

— Nossos convidados, querida, podem muito bem se virar sozinhos. Quero você só para mim, agora. Em nossa cama, toda nua — disse, maliciosamente.

— Não vai esperar até a nossa lua de mel? — perguntei, arqueando a sobancelha, olhando divertida para ele.

— Amor, você não tem ideia das coisas que quero fazer com você nesse momento. — Ele sorriu maliciosamente.

— Hum... Gostei disso — disse, beijando sua boca e dando uma leve mordida em seus lábios.

Meu Deus! Como eu amava aquele homem.

Capítulo 29

Alex

Quando olhei para a Vicky, linda naquele vestido, cantando enquanto caminhava em minha direção, achei que fosse ter uma parada cardíaca e cair duro diante de todos. Meu único consolo era que, se eu morresse naquela hora, morreria o homem mais feliz do mundo.

Olhando agora para ela, deitada ao meu lado, dormindo nua após fazermos amor, fiquei repensando todos aqueles anos que vivemos juntos, o quanto sofri quando ela partiu, a felicidade que senti quando aceitou ser minha esposa. Dei um beijo nela e ela suspirou como um anjo.

Coloquei minhas roupas e decidi descer. Os convidados certamente já haviam sentido a nossa falta. Quando cheguei ao jardim, alguns convidados já tinham ido embora. O som rolava a todo vapor, e Jane parecia totalmente bêbada ao lado daquele mané engomadinho.

— Onde está Margareth? — perguntei, pegando o copo da mão de Roger e dando um gole em sua bebida.

— Foi levar a Isabela para casa. Acho que ela e a Jane andaram se estranhando — Roger disse, num meio sorriso. — Parece que ele pira a cabeça de qualquer mulher.

— Não da minha — disse, imaginando que o imbecil teve a petulância de tirar minha mulher para dançar.

— Vou indo, também. Onde está a Vicky? — ele perguntou, passando o olhar pelo jardim.

— Dormindo. Estou preocupado com ela, acho que está doente — disse, entregando o copo para ele.

— Ela me pareceu bem. Deve estar apenas cansada da correria dessa semana.

— É. Pode ser. — Dei de ombros.

— Vou nessa, cara. Boa viagem. Qualquer coisa, o que precisar, sabe que pode contar comigo — Ele sorriu, dando-me uns tapinhas nas costas.

— Dilan já foi?

— Ainda não. Está lá na entrada.

— Ótimo. Preciso conversar com ele ainda hoje.

Roger e eu seguimos para a entrada da casa. Ele entrou em seu carro e eu me aproximei de Dilan.

— E aí? Ela está bem? — Dilan perguntou, com preocupação no olhar.

— Sim. Está dormindo. Daqui a pouco vamos para o aeroporto, quero que esteja descansada.

— O que irá fazer em relação àqueles três?

— Ainda não sei — bufei.

— Não faço ideia de como ele passou por nós. Estávamos tentando impedir que elas passassem e acabamos por não vê-lo.

— Tudo bem. Eu sei que o Harry é foda. Agradeço que não tenha deixado a Brithany entrar. Se acontecesse, seria um desastre — disse, imaginando a cena.

— Precisa falar com ela, Alex. Vai ser melhor ela saber por você. Vai por mim — Dilan me alertou.

— Quando voltarmos. Não quero estragar justo a nossa lua de mel. — Sorri.

— Bom, você sabe o que faz. Mas adianto que ela veio aqui para ferrar com você. Uma hora ela solta para a Vicky, e ela pode entender tudo errado.

— Eu sei — disse, preocupado. — Vocês também estão dispensados. Jimmy vai nos levar ao aeroporto, então, não tem necessidade de ficar para

nos levar.

— Tem certeza? — Ele me olhou confuso.

— Sim.

Dilan se despediu e foi embora. Voltei para o jardim e fui falar com meu tio Alan, que agora estava aos beijos com a Frida. “Mas que cara safado...”, pensei.

— E aí, coroa? Cadê meu velho e meu sogro? — perguntei, fazendo uma varredura do local.

— Foram embora. Seu pai estava bem louco, já. Então, o Becky o levou para casa e aproveitou para ir também.

— Onde está a Vicky? — Frida perguntou, com a voz arrastada.

— Dormindo. Deixei-a descansando. Precisa estar bem para aguentar a viagem.

Ficamos conversando um pouco. Aos poucos, todos os convidados foram indo embora. Despedi-me de um por um até ficar sozinho. Havia deixado Margareth responsável pela limpeza. Ela havia contratado uma empresa, deixando-me mais aliviado. Eu não entendia nada sobre afazeres domésticos.

O relógio marcava oito da noite. Nosso *check-in* estava marcado para as dez. Destino: Paris. Queria só ver a cara da Vicky quando soubesse.

Entrei no chuveiro e tomei um longo banho. Quando saí, Vicky ainda dormia. Nos últimos dias, ela dormia tanto que cheguei a pensar que iria hibernar. Não sabia como conseguia.

Cheguei perto dela e gritei em seu ouvido:

— Acorda, bela adormecida! — Ela deu um pulo da cama, assustada, e me olhou, ainda atordoad.

— Alex, seu filho da mãe! Mal casamos e já quer ficar viúvo? Quer me matar de susto? — Ela me olhou com os olhos borrados do rímel.

Dei um tapa na bunda dela e disse:

— Levanta daí e vá tomar seu banho. Vamos nos atrasar, temos

apenas duas horas para chegar ao aeroporto.

— Estou cansada — disse, gemendo e se aninhando de volta ao travesseiro.

— Vamos, Vicky — disse, beijando seu pescoço.

— Estou com sono — ela resmungou.

— Tudo bem. Se perdermos o avião, nunca saberá para onde iria levá-la — disse, sorrindo.

— Só levanto se me ajudar a fazer minha mala. — Ela me olhou com a testa franzida. Linda. — Detesto fazer isso.

— Então levante e vá tomar seu banho. Quando sair, sua mala estará prontinha — disse, segurando seu cabelo abrindo passagem para morder sua orelha.

— Vai arrumar tudo sozinho? — Ela virou de barriga para cima e me olhou, surpresa.

— Sim. Vá logo para poder colocar uma roupa, senão, vou perder o controle e ficar aqui te amando até o sol nascer.

— Você é insaciável. — Ela riu. Dei uma piscadinha para ela.

— Eu sei que também sou irresistível. — Ele gargalhou. — Aposto que gostou da ideia e queria ficar aqui explorando esse meu corpo.

— Convencido — disse, puxando-me para ela e me beijando. — Eu amo você.

— Eu te amo mais — falei.

— Eu te amo muito mais — ela respondeu, com os olhos brilhantes.

Comecei a fazer as malas dela, mas logo me arrependi de ter dito que o faria. Mulher é um bicho complicado. Vicky passou meia hora apenas me dizendo o que era para colocar na mala e a disposição das roupas. Com certeza, ela tinha TOC. Pediu para que colocasse as roupas separadas por cor e calcinhas e sutiãs dobradinhos em uma sacola com zíper para que não passasse baratas. Fala sério! Baratas? Mas que porra, iria entrar uma barata na mala? E os calçados? Íamos passar apenas cinco dias em Paris e dois em

Veneza, mas a Vicky queria levar doze pares de sapatos: um de cada cor e de modelos diferentes. “Eu vou morrer sem entender a mente feminina”, pensei. Ela ainda olhou e me disse:

— Não vou usar todos, mas preciso levá-los porque só consigo me decidir na hora em que estiver vestida.

Não é de pirar qualquer homem? Fora os cinco livros que havia me pedido para colocar no fundo da mala. Livros? Será que ela estava achando que eu não ia dar conta e ela teria tempo o suficiente para lê-los? Se ela soubesse que eu não tinha a intenção de deixá-la ler sequer uma página, ela surtaria. Coloquei os livros com cuidado e comecei a rir. Quando ela saiu do banheiro e me pegou rindo, ela perguntou:

— Qual foi a graça?

— Seus livros não são nada românticos para uma lua de mel, não acha?

— Precisam ser românticos agora? Eu hein — disse, passando por mim e tirando a toalha, jogando-a em cima da cama.

Peguei os livros e comecei a questionar:

— *Carrie, a estranha*? Sério?

Ela apenas me olhou.

— *Serial Killers, Novembro de 63, Psicose e A Morte do Demônio*. — Aquele último me deixou arrepiado. Olhei para ela, que estava furiosa.

— O que tem?

— Estou achando que quer arrumar um jeito de me assassinar nessa viagem. — Ri com ironia. — Isso é romântico pra caralho.

— Coloca os livros aí e fica quieto. Você está levando seu *tablet* e eu não questioneei.

— Não queira comparar, querida. Mas se quer...

Ela não falou mais nada, e eu também não quis cutucar a onça com vara curta. Vicky era um porre, irritada. Ela seguiu se arrumando e eu terminei de colocar as coisas dela na enorme mala *pink*.

— Prontinho. Está tudo aqui — disse, olhando para ela, que estava sentada na cama, apenas me olhando com diversão.

— Nada mal para um homem. Fez as malas mais rápido do que eu — disse, levantando-se. — Lembrou de colocar as calcinhas no saco com zíper?

“Lá vem ela com essa cisma outra vez”, pensei.

— Sim. — Revirei os olhos. — Quer conferir?

— Não. Eu acredito em você. — Ela riu.

Após algum tempo, estávamos prontos. Peguei as malas e descii as escadas. Vicky estava linda de jeans e com uma blusa de seda transparente branca, que mostrava todo seu sutiã rendado. Apesar disso, pedi para que colocasse uma miniblusa por baixo. Não queria marmanjo olhando para os peitos da minha mulher, não mesmo. Ela colocou sem protestar. Fiquei grato por ela entender que agora era uma mulher casada e que eu tinha um ciúme mortal dela.

Eu também estava bem simples. Coloquei uma calça jeans clara, uma camiseta do Avenged Sevenfold e uma jaqueta de couro preta. Jimmy já estava a postos quando saí no jardim e me ajudou com as malas, colocando-as no carro.

— Meu Deus! Vicky vai morar por lá? — Ele pegou a mala dela fazendo a maior força. Estava extremamente pesada e, claro, eu certamente teria que pagar o excesso de bagagem.

— Não a deixe ouvir você falar isso. Ela fica uma fera.

— Então tá. — Ele riu.

Vicky vinha em nossa direção, andando devagar com uma pequena bolsa de mão.

— Vamos? — disse, assim que chegou ao meu lado.

— Vamos.

Acabamos de fazer o *check-in* e Vicky estava totalmente eufórica em saber que iríamos para Paris. Desde que éramos crianças, ela havia dito que o sonho dela, quando se casasse, era ter sua lua de mel lá e passear pelo Museu de Orsay olhando para o rio Sena. Confesso que museu não era muito a minha praia, mas, se fosse para vê-la feliz e arrancar um sorriso dela, eu faria qualquer coisa.

Embarcamos no avião e seguimos a nossa viagem. O horário previsto para desembarque era às 14h25, mas, com o fuso horário, lá seria três horas a mais, já descontando o nosso horário de verão.

Seguimos nossa viagem tranquilamente, até que a Vicky cismou que a aeromoça estava dando em cima de mim. Não sabia de onde ela tinha tirado aquela ideia. Eu mal olhei para a cara da mulher. A partir daí, Vicky começou a maltratar a pobre coitada, que apenas vinha nos oferecer ajuda ou perguntar se estávamos precisando de algo.

— Até nas alturas existe uma vaca.

— Pare de ser ridícula, Vicky — disse, baixinho.

É. Realmente, olhando bem, a mulher estava me dando o maior mole. Mas eu não podia admitir para ela. Preferi fingir que ela estava vendo coisas para não tornar a viagem estressante. E eu achando que só eu era meio paranoico com aquilo...

Por sorte, Vicky pegou no sono, e eu aproveitei para dormir também. Estava cansado e precisava relaxar. Coloquei-a aninhada em meus braços e dormi.

Quando acordei, Vicky não estava ao meu lado. Após alguns minutos, ela apareceu, linda como sempre. Sentou ao meu lado emburrada, e eu tinha até medo de perguntar o que houve. Mas minha curiosidade era

maior.

— O que foi? Por que está com essa cara? — Franzì o cenho.

— Não estou legal.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntei, intrigado.

— Apenas uma pequena cólica — ela disse, com os olhos fechados.

“Ai, minha Nossa Senhora. Viajar ao lado de uma mulher com TPM? Já sei que vou cortar um dobrado com ela”, pensei.

Não perguntei mais nada e ela continuou calada. Parecia que estava maquinando algo em sua cabeça e estava preocupada com o que quer que estivesse pensando.

Quando estávamos quase chegando à França, ela resolveu que queria falar tudo o que não havia falado na viagem inteira. Após algumas horas, chegamos ao aeroporto.

Pegamos um táxi até o hotel. Fiz as reservas no melhor hotel de Paris, que ficava localizado perto do Arco do Triunfo. Um hotel luxuoso, que levava o nome da Avenida Champs-Élysées, bem no coração de Paris. Nem preciso dizer que Vicky surtou ao saber.

— Alex! — sussurrou, enquanto andava pelo saguão do hotel de sete andares. — Você é louco. — Ela sorriu.

Seguimos para a nossa suíte de luxo. Vicky ficou maravilhada com tanta beleza. O quarto ostentava um estilo clássico: molduras de teto antigas, lareira e uma bela vista dos telhados de Paris. A suíte era bem iluminada e espaçosa. Havia um salão de recepção enorme, com um quarto amplo. Tudo muito sofisticado. O banheiro ostentava uma linda e enorme *jacuzzi*.

— É tudo maravilhosamente belo — ela suspirou, encantada.

— Espero que tenha gostado — disse, puxando-a para mim e a beijando apaixonadamente.

Vicky organizou as coisas da mala dela, colocando no enorme *closet* no quarto. Enquanto isso, liguei para o meu pai para dizer que chegamos

bem.

— Está com fome? — perguntei. — Podemos pedir algo por hoje, aqui mesmo no quarto. Amanhã, saímos para explorar o lugar.

— Para mim, está ótimo. Hoje estou acabada, e já são quase sete da noite.

— Vou fazer os pedidos, então. Se quiser tomar um banho, daqui a pouco me junto a você.

Fiz o pedido para o serviço de quarto e tirei minha roupa para tomar um banho. Eu também estava cansado, só queria deitar na cama e relaxar.

Após tomarmos nosso banho na deliciosa *jacuzzi*, deitamo-nos na cama e logo nosso jantar chegou.

Vicky correu para atender e eu agradeci, pois eu odiava falar francês.

— *Madame, voici votre dîner!* — disse o cara, todo trabalhado no uniforme, tentando ser simpático e sedutor com a minha mulher.

— *Merci, monsieur* — ela respondeu, fazendo aquele biquinho ridículo. Claro que o cara se derreteu todo com a beleza dela.

Ele se foi e ela veio sorrindo até a mim, segurando uma garrafa de champanhe *Armand de Brignac Rosé*. “Enfim, um champanhe que vale a pena degustar. Agora vou descobrir o famoso segredo do Ás de Espadas”, pensei.

Bebemos e jantamos, rindo e conversando sobre a festa de casamento. Notei que ela não comeu muito, apenas me enrolou e praticamente deixou a comida no prato.

Quando terminamos, deitamos um ao lado do outro e ela foi a primeira a capotar. “Ótimo. Primeiro dia de nossa lua de mel e ela resolve dormir. Começamos bem”, pensei.

Já se passava das dez da manhã e a Vicky ainda dormia. Tentei

acordá-la, mas foi inútil. Para agilizar, resolvi ir pedindo o café da manhã. Depois de algum tempo, o café chegou e ela ainda dormia. Aproximei-me dela e disse:

— Amor, acorde! — Ela se moveu e, aos poucos, foi abrindo os olhos.
— Estou te esperando para tomar café comigo.

— Hmmm... — Ela me olhou e abriu um sorriso. Até com a cara amassada e os cabelos emaranhados, ela continuava linda.

— Bom dia — disse, beijando-a.

— Bom dia, amor.

— Vamos... Você anda dormindo demais. Temos um longo dia, está um sol maravilhoso e eu quero passear nas ruas de Paris.

— Quanta disposição! — Ela sorriu.

— E depois ainda quero fazer amor com você a noite inteira — sussurrei para ela.

— Então, é melhor eu me levantar mesmo. — Ela riu.

Tomamos nosso café e ela se trancou no banheiro. Quando saiu, estava com os cabelos molhados e totalmente nua.

Colocou um vestido florido curto e um salto preto.

— Aonde vamos?

— Pensei em começar pelos museus. O que acha?

— Perfeito.

Começamos pelo famoso Museu do Louvre. Vicky ficou fascinada pelas obras de artes e as antiguidades, isso porque era a segunda vez que ela visitava o museu. Mas, como ela mesma disse: “Não me canso de ver tanta beleza, isso é magnifico”. Apesar de não ser muito fã, tinha que concordar com ela. Tudo era realmente lindo.

Ficamos horas lá dentro e, quando saí, me deu um alívio tremendo. Acho que já estava ficando claustrofóbico.

Passamos pela Praça da Concórdia e ficamos fascinados por tanta beleza. Resolvemos almoçar em um restaurante perto. Depois, passeamos à

margem do rio Sena.

Vicky começou a reclamar de dores e estava ficando um pouco pálida. Decidi levá-la para o hotel para descansar.

— Vicky, posso chamar um médico se não estiver bem.

— Alex, estamos em Paris. As pessoas não vão ao médico na lua de mel. Não quero ir a nenhum médico. Estou bem — ela disse, deitada sobre a cama.

— Eu acho que você não está bem. Estou ficando preocupado com você.

— É só uma cólica — ela resmungou. — Deve estar vindo a minha... — Ela me olhou, constrangida. — Ah, você sabe o que eu quero dizer.

— Tudo bem. Mas, se sentir qualquer coisa fora do normal, me avise. Por favor — disse, me deitando ao lado dela. — Agora, descanse um pouco.

Vicky emendou a noite e foi acordar só na manhã do dia seguinte. Quando acordou, ainda ficou brava porque não havia acordado ela para jantar.

Fizemos mais um *tour* por Paris. Passeamos e nos divertimos na Torre Eiffel. Tiramos fotos e ela postou no *Facebook*, marcando a Margareth e escreveu:

“Não existe marido mais romântico do que o meu. Olha que fofo.”

— Eu vinha muito aqui quando estava morando com a tia Frida. — Ela suspirou. — Pensava em você toda vez que olhava essa vista maravilhosa. — Ela deu uma pausa, como se estivesse procurando as palavras certas para me dizer. — Achei que nunca mais veria você.

— Não quero que fique lembrando de coisas ruins. Quero que esse momento agora fique registrado em sua mente. — Olhei nos olhos dela e ela estava linda, com os cabelos dourados bagunçados pelo vento.

— Eu te amo! — Ela suspirou. Eu a beijei. Não me cansava de beijar

aqueles lábios macios e doces.

Passamos em algumas lojas e Vicky comprou algumas coisas. Ela cismou em comprar um souvenir para Margareth — uma mini Torre Eiffel. Depois de andarmos muito, caminhamos de volta para o hotel. Eu queria o meu tempo com ela. Abraçá-la, beijá-la, fazer amor a noite inteira... Mas, antes, compramos ingressos para assistirmos a uma ópera. Eu já sabia que iria dormir sentado, mas a Vicky estava empolgadíssima.

Quando chegamos ao hotel, tomamos um bom banho de banheira. Meu corpo estava implorando pelo dela, e não consegui esperar até que chégássemos à nossa cama.

Envolvi-a em meus braços e comecei a acariciá-la. Fui beijando lentamente a linha de seu pescoço, passando pelo seu maxilar. Sua pele molhada e escorregadia pela espuma facilitou o contato. Ela estava ofegante e começou a arquear seus quadris debaixo da água, procurando-me.

— Alex... — sussurrou meu nome, fechando os olhos.

— Eu quero você, amor. Mas na cama — disse, passando a mão em sua abertura.

Ajudei-a sair da banheira e a sequei. Peguei-a no colo e a levei para a cama. Ela me virou e subiu em cima de mim com seu corpo curvilíneo. Sorriu para mim e disse:

— Hoje, eu vou fazer você vir para mim. — E se empoleirou em minha ereção, que já suplicava por ela há tempos.

Vicky cavalgava em mim com suas mãos apoiadas em meu peito. Gemia como uma felina, e estava me deixando ainda mais duro. Quando ela soltou suas mãos do meu tórax e se endireitou, senti meu membro entrando ainda mais fundo. Eu me perdi. Estava tão excitado que soltei um gemido. Se ela continuasse assim, eu perderia o controle e acabaria gozando antes dela.

Levantei-me com ela ainda em mim e, sentado, ela passou suas pernas

para trás de mim de forma que ficou totalmente sentada. Eu coloquei minhas mãos em sua cintura, ajudando a fazer os movimentos de sobe e desce.

Levei minha boca até seu mamilo enrijecido e os suguei com vontade. O gosto dela era incrível. Sua pele macia me deixava louco. Ela gemia ofegante, totalmente excitada. O suor começou a aparecer em nossos corpos, e os cabelos dourados dela começaram a colar em suas costas e pescoço.

Coloquei minha mão em sua nuca, puxando seus cabelos para abrir passagem. Quando consegui acesso ao pescoço dela, deixei leves mordidas e a lambia todinha. Vicky era incansável, e eu adorava isso nela. Nossos corpos se encaixavam tão bem que parecia que foram feitos um para o outro.

Quando ela não resistiu, senti seus espasmos enquanto ela gritava meu nome. Linda! Eu jamais me cansaria dela. Jamais. Ela saiu de cima de mim, deitando na cama e me puxando para ela.

— Você me fez gozar primeiro. Não vale — ela sussurrou.

— Sempre, querida. Sempre. — Dei um beijo nela.

— Quero que goze para mim, Alex — ela implorou.

Quando a penetrei forte, ela soltou um rugido e fechou os olhos.

— Abra os olhos para mim, querida. Vou fazer você gozar de novo e quero olhar nos seus olhos quando estiver vindo para mim — sussurrei. Ela assentiu, abrindo seus olhos azuis. Eu a penetrei fundo e duro. Ela gemia, e os sons que fazia me deixavam ainda mais louco.

— Eu te amo, Vicky. — A penetrei ainda mais fundo e ela gemeu forte em meus braços.

Quando não aguentei mais, fitei-a nos olhos e disse:

— Vou gozar, amor... Vem pra mim.

Gemendo e se contorcendo em mim, ela foi a minha perdição. Eu gozei como louco e, quando meu corpo parou de estremecer, joguei o meu peso

em cima dela, beijando-a com todo o meu amor.

No dia seguinte, conhecemos algumas cidades vizinhas. Passeamos no rio Sena, voltamos à torre, assistimos a ópera... Vicky estava de bom humor, e nos divertimos muito. Passamos o resto da tarde na suíte, amando-nos enlouquecidamente.

No nosso quarto dia de lua de mel, Vicky acordou indisposta. Voltou a reclamar de cólica e estava com um humor do cão. Após o almoço, ela começou a passar mal e passou quase a tarde toda vomitando.

À noite, ela piorou. Enquanto fui resolver os problemas das passagens para Veneza, ela ficou na suíte. Quando voltei, achei-a caída no banheiro. Por sorte, ela não se machucou. Tentei arrastá-la para o médico, mas a Vicky era uma cabeça-dura. Acabamos brigando, e ela não quis falar comigo o resto da noite.

Quando amanheceu, comprei as passagens de volta para o Brasil no mesmo dia. Eu iria arrastá-la ao médico, por bem ou por mal. Ela ficou uma fera comigo e chorou a manhã inteira. Fiquei ainda mais puto quando estava no saguão fazendo o *check-out* e Margareth me ligou, desesperada:

— *Alex! Meu Deus... O que aconteceu com a Vicky?* — Havia preocupação em sua voz.

— Como assim, o que aconteceu? — perguntei, confuso.

— *Ontem à noite, ela me ligou desesperada. Disse que você havia saído, e que ela estava se sentindo mal e com uma dor estranha. De repente, a ligação caiu.*

— Ela te ligou ontem para falar isso? — Fiquei indignado. “Por que ela

não me ligou, não me pediu ajuda? Puta que pariu”, pensei.

— *Onde ela está?*

— Na suíte. Estamos voltando hoje à noite para casa — disse, irritado.

— *E Veneza?*

— Ela está doente, não vou continuar a viagem com ela assim. Ela diz que está bem, mas não está. Tem algo errado com ela.

— *Me avise quando pousarem. Eu busco vocês no aeroporto. Vai com calma com ela, tá?*

— Tudo bem.

— *Se cuida* — ela disse e desligou.

Quando voltei para o quarto, Vicky já havia arrumado nossas malas. Estava visivelmente chateada.

— O voo será às seis. Ainda temos tempo para fazer alguma coisa — disse, vendo que ela estava chateada.

— Ótimo. Sente-se aí, ligue a TV e assista. Eu vou dormir. — E deitou na cama, ignorando-me completamente.

Quando o táxi chegou para nos levar até ao aeroporto, Vicky já estava acordada. Seu humor continuou o mesmo.

— Sinto muito, amor, mas não podemos ficar. Você está doente e se recusa a ir ao médico aqui.

— Eu estou bem! — gritou.

— Não adianta gritar. Quando chegarmos lá, eu mesmo vou arrastá-la para o médico. Não é normal ficar desmaiando por aí como louca e vomitando às tripas. Pode ter contraído alguma virose ou uma infecção intestinal.

— Ai, não seja ridículo! — ela bradou.

— Se ficar preocupado com o bem-estar da mulher que ama é sinônimo de ridículo, então, sim, eu sou extremamente ridículo — rosnei e saí, carregando as malas. Não esperei por ela.

Quando cheguei ao táxi, coloquei as malas com cuidado. Logo Vicky

surgiu atrás de mim.

— Desculpa — disse, num sussurro.

Passei por ela, ainda puto da vida. Ela abriu a porta e entrou. Não nos falamos até chegar ao aeroporto.

Quando embarcamos rumo ao Brasil, ela me prometeu que, assim que chegássemos, iria ao médico. Deu-me um beijo e disse:

— Não fica bravo comigo. Eu só estava irritada, me perdoe por ter descontado em você.

— Tudo bem, amor. Mas da próxima vez que precisar de qualquer coisa, quero que me avise antes de qualquer outra pessoa — disse, olhando em seus olhos.

— Está certo.

Capítulo 30

Vicky

Chegamos a Guarulhos e, logo que desembarcamos, Alex ligou para Margareth para que fosse nos buscar. Por algum motivo, ela não iria e o Dilan acabou aparecendo de última hora.

Alex ainda estava chateado comigo. Eu estava irritada com a possibilidade de que aqueles meus enjoos significassem que estava grávida, apesar de ser meio impossível, já que nunca me descuidei dos remédios. Sabia que eles eram 99% confiáveis, então, não seria possível que eu, justo eu, fizesse parte do seleto grupo das azaradas de 1%. Gravidez significava engordar, e disso eu estava correndo.

Fizemos o trajeto todo do aeroporto até em casa sem nos falar. Alex não me dava atenção e conversava apenas com Dilan. Não poderia culpá-lo, eu realmente havia exagerado na minha dose de chatice.

Quando chegamos em casa, Dilan se despediu e entramos. Alex carregou as malas até a sala e as deixou no canto, perto do aparador.

— Vou descansar um pouco. Estou quebrado da viagem — ele disse, subindo as escadas.

“Ótimo. Agora, vou ficar aqui sozinha”, pensei. O relógio marcava oito da manhã. Peguei as chaves do carro e decidi visitar meu pai.

Quando cheguei, Tia Frida estava saindo para a sua corrida matinal.

— Vivi! — ela gritou, surpresa, vindo em minha direção.

— Tia! — disse, abraçando-a.

— Fizeram boa viagem? — Ela olhou para dentro do carro. — Onde está seu marido?

— Ele resolveu dormir um pouco. Está cansado.

— Tem alguma coisa errada entre vocês? — Ela olhou confusa.

— Claro que não. — Sorri. — Papai está aí?

— Não. Está dormindo na casa da Laura. A Isabela está lá dentro, vá acordar aquela dorminhoca.

— Vi! Ai, amiga, que saudades! — E correu para me abraçar.

— Isa, só se passaram cinco dias! — gargalhei.

— Ai, esses cinco dias foram um inferno sem você — disse, penteando seus longos cabelos platinados.

— Alguma novidade? — perguntei, curiosa.

— A novidade é que eu vou matar aquela sonsa da Jane. Ai, que ódio daquela menina! — ela disse, nervosa.

— Lucas? — Olhei-a, divertida. — Arrasando corações! — gargalhei.

— Mas eu o vi primeiro. Agora, ela fica lá, grudada no cara, parecendo um carrapicho.

— Ai, Isa. — Suspirei. — Ele pareceu interessado em você. Sinceramente, não acho que ele combine com a Jane. — Dei de ombros.

— Ele combina comigo, amiga. É meu número. — Ela sorriu.

— Apesar de gostar muito da Jane, eu torço por você. Daqui a pouco, ela volta para Boston e o caminho fica livre.

— Ele me beijou ontem à noite — ela disse, suspirando. — Ele é um sonho. Tão gentil e romântico...

— O quê? Mas ele não está com a Jane? — Fiquei confusa.

— Não. É. Tipo... A Jane é pegajosa. Acho que ele já se ligou e, ontem, quando ele a deixou em casa, eu estava saindo para dar uma volta e ele se

ofereceu para me acompanhar — ela disse, com o brilho nos olhos.

— Meu pai do céu. Quem diria... Lucas, o pegador! — gargalhei e Isa me deu um tapa na cabeça.

— Não tem graça. Vou tirar ele daquela garotinha sem-sal — disse, voltando-se para o espelho e passando batom.

— Se precisar de ajuda... estou aqui.

— Mas... Mulher, me conte, o que faz aqui a essa hora sem o gato do seu marido? — Ela me olhou, intrigada.

— Nem te conto. Ele está puto comigo porque não quis ir ao médico lá.

— Médico?

— Ultimamente, ando tendo uns enjoos, ando vomitando... E, lá em Paris, desmaiei e fiquei quase um dia inteiro malzona.

Ela me olhou por um longo tempo, com seus olhos fixados em mim. Abriu um enorme sorriso e gritou:

— Meu Deus! Você está grávida?

— *Shhh!* — Levantei rapidamente, pedindo para que ela se calasse.

— O que foi? — Ela me olhou feio.

— Não posso estar grávida, Isa. Eu tomo remédio.

— E qual o problema? Remédios falham, camisinhas furam...

— Não comigo. Não preciso de filho agora.

— Você está grávida, sim. Vai por mim — ela insistiu, deixando-me irritada. — Alex não desconfiou disso?

— Ele acha que estou doente. E eu também acho, porque no dia em que desmaiei, eu senti uma cólica forte e tive um pequeno sangramento. Acho que só estou desregulada e foi um sinal que daqui a pouco vai descer para mim.

— Você falou sobre isso com ele?

— Não. Claro que não. Ele já surtou só de me achar desmaiada no banheiro, imagine se digo uma coisa dessas!

— Você precisa ir ao médico, Vi. Porque, se estiver grávida, o sangramento não é normal.

— Eu sei. — Suspirei. — Só estou com medo de estar realmente grávida. Não quero filho agora.

— Vi... você vai ficar linda de mamãe. Alex será um paizão coruja. Eu vi a forma que ele te trata. Ele te ama — ela disse, convicta de suas palavras, e não sei por que me deu uma vontade de chorar.

Ela me olhou e perguntou:

— O que te assusta, Vicky? Alex não quer filhos?

— Não é isso. Ele até me disse uma vez que queria cinco. — Eu ri, limpando minhas lágrimas.

— Então, o que é?

— Só estou com medo — sussurrei.

— Medo de quê?

— Dele não gostar mais de mim. Eu ficar gorda de novo e ele não me dar mais atenção. — Eu parecia ridícula com minhas inseguranças, mas eu me sentia totalmente insegura.

— Ele vai continuar te amando, Vi. De onde tira essas ideias? E, se estiver grávida, ele vai amar vocês dois — disse, colocando a mão em minha barriga.

— Não conte pra ninguém, por favor. Ainda não sei se é isso. Não quero causar expectativas em ninguém. — Suspirei.

— Já marcou o médico?

— Ainda não.

— Então, vou marcar para você e eu mesmo irei levá-la. Tudo bem?

— Sim — disse, abraçando-a. — Obrigada.

— Sabe que gosto de você. Só quero que seja feliz. — Ela sorriu. — Agora, volte para casa e vá ficar com seu marido, sua louca.

Conversamos ainda por um tempo. Depois, voltei para casa. Quando cheguei, Alex estava na piscina.

Quando me viu, saiu da água e veio em minha direção, vestido com sua sunga preta. Seu corpo perfeito me arrancava suspiros.

— Posso saber aonde a senhora foi? — disse, beijando-me.

— Fui até o meu pai, mas ele não estava lá.

— Por que não coloca um biquíni e não fica aqui comigo?

— Vou deitar um pouco. Amanhã vou ver se consigo ir ao médico.

— Eu vou com você — ele disse, alisando meus cabelos.

— Não precisa. Isabela vai comigo.

— Por quê? Eu sou seu marido e vou te acompanhar, sim — ele disse, irritado.

— Vai criar caso com isso também? — bufei. — Eu já estou indo ao médico. Não era o que queria? — Saí batendo os pés e segui para o quarto. Eu só queria dormir e descansar um pouco.

Quando acordei, já era noite. Tomei um bom banho e aquela dor estava de volta. Eu estava me sentindo irritada e andava uma pilha de nervos. Não sabia nem como Alex estava me aguentando aqueles dias. Fui para o quarto e comecei a me vestir. Quando desci à procura dele, não o achei em lugar nenhum. Fui até o jardim e ele havia saído. A *Rover* não estava no estacionamento. Aonde será que ele tinha ido?

Resolvi mandar um *WhatsApp*.

Onde você está?

Fiquei olhando para o celular, até que a confirmação de recebimento apareceu. Passaram-se cinco minutos e ele não respondeu.

Dá para responder? São oito horas da noite, Alex. Por que não está em

casa?

Estou com o Dilan resolvendo uns problemas. Não me espere acordada.

“Não me espere acordada? Mas...”, pensei.

Como assim não te esperar? Não dava para resolver isso outro dia? Estamos em lua de mel, porra.

Estava furiosa. Por que ele havia me deixado sozinha?

Agora você lembra que estamos em lua de mel? Volta a dormir, Vicky. É a única coisa que sabe fazer, mesmo.

“Não acredito que ele disse isso. Filho da mãe! Que ódio! Mas, se ele pensa que vou ficar aqui esperando por ele, vai sonhando...”, pensei.

Ótimo. Também vou sair. Se chegar e eu não estiver em casa, não reclame.

Você consegue ser chata quando quer... Estou ocupado agora e não quero que saia de casa.

“Ele me chamou de chata? Argh! Que raiva!”, pensei.

Joguei a merda do celular no sofá e subi para pegar minha bolsa. Mas nem morta eu ficaria sozinha em casa. Peguei o carro e fui até a casa do meu pai.

Quando cheguei, Isa e Lucas estavam conversando no portão.

— Vivi! O que faz aqui? — ela perguntou, surpresa.

— Vim ver meu pai. — Olhei para o Lucas, que estava impecável

numa bermuda *cargo* caqui e camiseta branca. — Oi, Lucas. — Sorri.

— Vitória... — Ele sorriu. — Está sozinha? — ele perguntou, confuso.

— É. Meu marido resolveu bater perna em plena lua de mel — disse, irritada. — Papai está? — perguntei à Isabela.

— Não. Acho que volta amanhã. Estou sozinha... Tia Frida foi para o cinema com o Alan e a Jane. — Ela sorriu.

“Ah! Isso explica o porquê do senhor-olhos-azuis estar rodeando”, pensei.

— Estou com fome. Já comeram alguma coisa?

— Não — Lucas respondeu. — Que tal pedirmos uma pizza?

— Pra mim, parece ótimo — Isa respondeu.

— Eu como qualquer coisa. Só preciso comer — disse, furiosa, e os dois se entreolharam.

— Vixe... Quando começa assim... — Lucas sorriu.

— Não fala assim — ela sussurrou, brava. — Ela só está num dia ruim.

Entrei, ainda furiosa com Alex. Pedimos a pizza e Lucas deu a ideia de assistirmos a um filme. Isa, romântica que só ela, pediu para assistirmos “Para Sempre”, com aquele ator que eu adoro, Channing Tatum.

Depois de quase meia hora, a pizza chegou. Sentamos no sofá e comemos a pizza com a mão, mesmo. Lembrei da minha infância com Alex... Sempre comíamos pizza assim.

— Vi, Alex sabe que está aqui?

— Não. E não estou nem aí pra ele. Se ele não estava preocupado em deixar a mulher sozinha em casa, também não iria me preocupar com ele.

— Acho que deveria ligar. Já é tarde.

Lucas me olhou e assentiu.

— Não mesmo.

— Como você é teimosa, Vicky — ela me reprovou.

— Adoro mulheres teimosas — Lucas disse e Isa deu um tapa no braço dele.

Nós rimos e continuamos a assistir ao filme. Depois de um tempo, meus olhos já começaram a se fechar. Estava cansada e morrendo de sono. Ouvi Isa dizendo que já passava da meia-noite. Pedi para Lucas me carregar até o quarto, enquanto ela arrumava a cama para que eu dormisse mais confortável.

Senti os braços fortes de Lucas me pegarem e então me aninhei em seu colo. Seu cheiro era incrível. Definitivamente, Isabela era uma garota sortuda.

Quando estava totalmente aconchegada no colo dele, a porta da sala se abriu e Alex entrou, soltando fogo pelo nariz.

— O que está fazendo com ela?! — gritou.

— Só estava a levando para a cama — ele respondeu, e aquilo soou meio estranho. A sorte foi que Isabela chegou na hora para contornar a situação.

— Alex... Caramba! Como você sai e deixa a Vi nesse estado? — ela falou, furiosa.

Lucas me soltou no momento em que Alex chegou perto dele.

— Vamos para casa. Eu disse para você não sair! — Alex gritou e automaticamente Lucas me defendeu.

— Ei, vá com calma aí.

— Fica fora disso. Já é a quarta vez que te pego com as mãos na minha mulher, tem sorte de eu não quebrar a sua cara — Alex falou, cerrando os punhos.

— Vamos embora, Alex. — Puxei-o para fora, antes que acontecesse uma tragédia.

Despedi-me de Isa, que me pediu para manter a calma.

— Não discuta com ele, Vi.

— Vou tentar.

Entrei no meu carro, e Alex no dele. Depois de quarenta minutos, estávamos em casa. Alex saiu, batendo a porta do carro dele, e entrou em

casa. Quando saí do carro, entrei atrás dele.

— O que pega entre você e aquele cara? Sabe que o detesto — ele esbravejava.

— Fui visitar o meu pai. Cheguei lá, ele estava com a Isabela.

— Ah, eu vi bem. Estava tanto com ela que as mãos dele estavam em você! — ele gritou.

— Não estaria se você estivesse em casa! — gritei, furiosa, passando por ele.

Antes de subir as escadas, Alex puxou meu braço e disse:

— Você está agindo de forma estranha comigo desde a viagem, Vicky — disse, com a testa franzida.

— Onde estava?

— Com o Dilan, já falei. Te esperei acordar a tarde inteira. Você sai de manhã e não avisa, e, quando chega, prefere dormir a ficar comigo — ele resmungou, visivelmente chateado. — Eu sei que está chateada por não termos continuado a viagem, Vicky, mas já está exagerando.

— Eu? Exagerando? Você que saiu e disse que voltaria tarde! — gritei, descontrolada.

— Eu estava resolvendo alguns problemas. A banda me ligou dizendo que havia marcado um show para daqui três dias. Estávamos no *pub*, conversando, tentando mudar a data do contrato para que eu possa ficar com você.

— E o que o Dilan tem a ver com isso?

— Eu o contratei para fazer a segurança da banda, já que o Roger está saindo de férias e irá viajar com a Margareth.

— Por que não me disse antes de sair? — soei irritada.

— Eu diria se mantivesse acordada por pelo menos cinco minutos — ele disse em tom frio e foi para o quarto.

“Merda! Merda!”, pensei.

No dia seguinte, Alex acordou de mau humor. Desci para cozinha para preparar o café da manhã. A nossa situação estava ficando insustentável.

Meu celular tocou e corri para atender. Alex me observava atentamente.

— Vi.

— Oi, Isa.

— *Se arruma que consegui um encaixe com o ginecologista para daqui a duas horas. Vou até aí buscá-la.*

— Tudo bem. Vou me arrumar. — Suspirei.

— *Vai dar tudo certo, Vi. Esteja pronta.*

Quando olhei para o Alex, sentado no sofá, lendo jornal, totalmente alheio à minha presença, eu me aproximei.

— Estou indo ao médico — sussurrei. — Quer ir comigo?

Ele me olhou e disse friamente:

— Não. Tenho que passar na produtora, ver como estão as coisas...

— Tem certeza? — perguntei, chateada por ele não querer me acompanhar. “E se eu estiver grávida? Ele não vai nem estar presente quando o médico falar?”, pensei. Eu sabia que tinha sido uma megera naqueles dias com ele, e por isso ele estava me evitando.

— Se der algum problema, é só me ligar que volto para casa — respondeu e voltou a sua atenção para o jornal.

Subi, chateada, e as lágrimas já apontavam. Eu me sentia vulnerável e isso estava me irritando. Coloquei um vestido creme soltinho e sapatilhas no pé. Peguei minha bolsa e desci.

Quando cheguei à sala, Alex não estava mais. Fui até a cozinha para ver se estava tomando café, mas a mesa estava do mesmo jeito que havia deixado. Ele devia ter ido para produtora. Após dez minutos, Isabela chegou.

— Vamos, amiga. Está preparada para saber se está com um bebezinho aí dentro? — ela disse, toda empolgada.

— Não — resmunguei.

— Nossa, que bicho te mordeu? Rolou briga por causa de ontem?

— Alex é muito ciumento. Acredita que eu pedi para ele me acompanhar e ele nem olhou pra minha cara direito? — bufei.

— Ai. Jura?

— Ele nem está falando comigo — disse, chateada.

— Deixe isso pra lá. Depois, quando chegar em casa, vocês fazem as pazes. — Ela sorriu.

Entramos no carro e Isabela digitou o endereço da clínica no GPS.

— Ainda tentando me acostumar com o trânsito de São Paulo. — Ela deu de ombros.

Quando chegamos à clínica, fui direto para a recepção e preenchi o cadastro. A moça pediu para que aguardasse, pois logo seria chamada. Isabela pegou uma revista de moda e sentou ao meu lado. Ficamos conversando, até que o médico saiu e chamou o meu nome.

— Senhora Vitória Becky Riccieri? — Sua voz era alta e rouca.

— Puta merda! Que gatinho — Isabela sussurrou e eu automaticamente fiquei constrangida.

— Para com isso. — Eu a cutuquei. Levantei-me e entrei na sala.

Sentei-me, deixando minha bolsa de lado. Ele me olhou com seus olhos castanhos e disse:

— Prazer, eu sou Fernando. Consulta de rotina ou tem algo que a preocupa? — Ele sorriu.

— Já faz um tempo que venho sentindo enjoos e tonturas. Desmaiei algumas vezes e estou atrasada — disse, corando de vergonha. Era a

primeira vez que seria examinada por um médico homem.

— Já fez algum teste de gravidez?

— Está descartada essa possibilidade. — Sorri. — Eu tomo anticoncepcionais.

Ele me olhou intrigado e abriu outro sorriso.

— Teve alguma doença nos últimos dois meses?

— Não. — Franzi o cenho. — Que tipo de doença teria? — “Eu, hein?”, pensei.

— Meningite, rubéola, tuberculose ou fez uso de algum medicamento antibiótico a longo prazo?

— Já disse. Estou saudável. Se contar uma rachadura no crânio, ter levado cinco pontos e ter ficado internada durante um dia... — disse, irônica.

Ele apenas anotava tudo em seu prontuário. Quando terminou, abriu uma gaveta e tirou um tubinho.

— Vou levá-la até a enfermaria para fazer um exame de sangue.

— Com qual finalidade?

— Vamos fazer o exame, tudo bem?

Fiquei nervosa com aquilo. Será que eu estava com alguma doença contagiosa? Ai, meu pai. Fiz o que ele me mandou e a enfermeira me pediu para que esperasse quarenta minutos. Um porre ter que esperar tanto para fazer uma porra de exame de sangue. Quando o médico me chamou novamente, entrei em sua sala e ele me olhou um pouco preocupado.

— E então? — perguntei, com curiosidade.

— Seu exame deu positivo para duas coisas. — Ele olhava o papel, examinando com cuidado.

Ai, meu Deus! Meu coração começou a disparar e fiquei rígida.

— Fala logo, doutor. Vou morrer aqui de curiosidade.

— Como pedi dois exames, um para suspeita de gravidez e um hemograma completo, já posso lhe adiantar que você está 100% grávida.

— Mas como? Não pode ser, eu... — “Ai, que merda! E agora?”, pensei. Meu coração começou a disparar e eu estava trêmula. Estava com vontade de chorar, mas parecia que minha mente ainda estava processando tudo aquilo.

— Os remédios não são...

— Cem por cento confiáveis — completei. — Eu sei disso.

— Quando se acidentou? — Ele me olhou curioso.

Fiz as contas mentalmente e disse:

— Há mais de um mês.

— Você me disse que ficou um dia internada.

— Foram algumas horas... Na verdade, de um dia para o outro. Mas por quê?

— Provavelmente deve ter esquecido de tomar o remédio durante esses dias, e alguns antibióticos cortam o efeito do anticoncepcional. Por isso perguntei se teve alguma doença a longo prazo. Mas... no seu caso, acho que está mais para a estatística de uma em um milhão. — Ele sorriu.

— É. Eu me esqueci de como sou sortuda.

— Acontece, senhora Vitória, que seus exames revelaram uma forte anemia. É uma condição normal para grávidas, mas, se não tratarmos dela agora, os riscos para você e o bebê são grandes. E sua imunidade está muito baixa.

— E tem tratamento isso? — perguntei, assustada.

Ele riu e apenas disse:

— Tem, e bem simples. Anda tendo muito sono, cansaço ou algum outro sintoma?

— Nem me fala em sono. Já estou parecendo um urso. — Eu ri e ele começou a gargalhar, revelando duas covinhas em sua bochecha. — Também ando sentindo cólicas e tive um pequeno sangramento há dois dias.

— Precisamos fazer uma ultrassonografia para sabermos o tempo da

gestação. Geralmente, o sangramento no primeiro mês é normal. Na fase da implantação do embrião, ele cola na parede do útero. Então, pode acontecer algum rompimento dos vasos sanguíneos.

“Aff! Entendi tudo”, pensei.

— Mas eu corro risco de perdê-lo? — perguntei, assustada.

— Todo sangramento é bom ser acompanhado de perto. As cólicas seguidas de sangramentos também precisam de atenção. Vou te prescrever vitaminas e te encaminhar para uma nutricionista — ele disse, escrevendo no receituário. Olhando para ele mais atenta, até que Isabela tinha razão. Ele era um pedaço de mal caminho: forte, olhos castanhos e cabelos bem cortados.

— Vou poder viver normalmente?

— Como? — ele disse, arqueando as sobrancelhas grossas.

— Vou poder ter uma vida normal? — sussurrei.

— Gravidez não é doença, Vitória. Vai poder fazer tudo o que está acostumada a fazer. — Ele sorriu divertido.

Conversamos durante um tempo e ele me passou todos os exames necessários. Pediu para tomar as vitaminas e me atentar à dieta com a nutricionista. Quando saí do consultório, Isabela estava com um sorriso enorme no rosto.

— E então?

— Eu vou ser mãe. — Sorri e ela me deu um abraço apertado.

No caminho, passamos numa farmácia para comprarmos o que o médico havia prescrito.

— Já marcou os exames? — Isa perguntou.

— Sim. A ultrassonografia será daqui a dois dias. Você acha que o Alex ficará feliz em saber que vai ser pai assim tão rápido?

— Não começa, Vicky. Pare de paranoia e faça as pazes com seu homem. Por que não liga para ele? Ou, então, vá até a produtora e faça uma surpresa. Eu te deixo lá — ela disse, enquanto pagava a conta.

— Boa ideia. Assim, quem sabe ele não me perdoa por ter sido tão chata esses dias. Ele até reclamou porque só durmo e o deixo sozinho.

— Agora ele vai saber o porquê de tanto sono. — Ela riu. — E vai se sentir culpado por ter brigado com você. Quer apostar?

Seguimos para a produtora. No caminho, resolvi ligar e Betty atendeu:

— Betty, meu marido tá aí?

— Sim, senhora Riccieri.

— Pode avisá-lo que estou chegando?

— Pode deixar que aviso. Quanto tempo irá demorar?

— Acho que mais uma meia hora. Por quê? — perguntei, intrigada.

— Apenas para organizar a agenda. Ele está numa reunião com o Ronald no momento, mas depois estará livre.

— Tudo bem — falei, desligando.

— O que foi?

— Nada. Nunca fui muito com a cara dessa secretária. Acho que ela me detesta.

— Por que diz isso? Ela já te maltratou?

— Não. — Revirei os olhos. — Apenas meu sexto sentido dizendo que ela não é confiável.

— Bom... Vou te deixar lá porque marquei de almoçar com o Lucas. — Ela tinha malícia em sua voz.

— Hummm... E ontem? Rolou alguma coisa?

— Nada. Depois do barraco, ele foi embora um pouco sem graça.

— Desculpa por ter estragado sua noite.

— Não seja boba. Ainda tenho muito tempo para mostrar para aquele gato que eu sou a mulher certa para ele. — Rimos em uníssono.

— É mesmo. — Gargalhei. — Lucas é um fofo e você é uma mulher muito especial. Jamais vou esquecer o que fez por mim nos meus momentos difíceis em Paris.

Isa apenas sorriu. Assim que chegamos à produtora, Isabela saiu do

carro para me ajudar a descer.

— Ei... estou grávida, mas ainda consigo descer do carro sozinha. — Nós rimos.

— Sua boba. — Ela me deu um beijo no rosto e um abraço. — Estou feliz por vocês. Depois me conta o babado. Quero saber tim-tim por tim-tim. Se puder, registra a cara de bobo dele quando souber que vai ser papai. — Ela sorriu.

— Pode deixar.

Isabela entrou no carro e eu segui para dentro da produtora. Passei pela recepção e peguei o elevador, com minha bolsa no ombro e o exame na mão. Dei um longo suspiro e... era a hora. “Coragem! Coragem!”, pensava.

Quando me aproximei da mesa da Betty, ela me olhou assustada, saindo do seu lugar correndo e dizendo:

— Senhora Riccieri? — Estava um pouco pálida. Parecia que estava vendo um fantasma.

— Nossa, Betty, o que foi?

— Na-nada. — Ela desviou o olhar.

— Alex está lá dentro? — perguntei, indo em direção à sala.

Betty se colocou na minha frente e disse, sussurrando:

— Acho melhor a senhora não entrar lá agora.

Mas por que, porra, não podia entrar na sala do meu marido? O que estava acontecendo?

— O que foi, Betty? Saia da frente!

— O senhor Riccieri está acompanhado e acho melhor a senhora não entrar no momento — ela tornou a dizer.

Passei por ela, empurrando-a. Se ela não queria que eu entrasse, alguma coisa Alex estava fazendo; e, pela sua cara, ela sabia que eu não iria gostar. Coloquei a mão na maçaneta e girei. Estava trancada. Mas que porra!

— Ele está com quem lá dentro, Betty? — perguntei, furiosa.

— E-eu não sei. Eu nem vi quando ela... — O resto ficou no ar.

“Ela? Será que é a vaca da Melissa? Ah, mas eu mato ela. E se for a outra magricela louca, eu mato também”, pensei.

— Alex, abra a porta! — gritei, batendo na porta furiosa. — Alex!

Quando a porta se abriu, ele saiu, fechando a porta atrás dele.

— O que faz aqui? — ele disse, irritado.

— Quem está aí com você? Abra a porta — ordenei.

— Vá para casa, Vicky. Estou resolvendo um problema. — Ele pegou nos meus braços, puxando-me em direção ao elevador.

— Me solta! — gritei. — Está escondendo o quê?

— Amor, vá para casa. Daqui a pouco vou embora — ele suplicou.

Voltei em direção à sala dele, correndo. Mas nem morta eu iria deixar alguma vadia, louca, sozinha com o meu marido. Alex veio atrás tentando me impedir, mas fui mais rápida do que ele. Quando abri a porta, dei de cara com a vadia da Brithany, deitada no sofá e chorando.

Meu primeiro instinto foi de arrancar os olhos dela. Lembrei-me do bebê que estava carregando e tentei me acalmar. Então, eu só gritei, irritada:

— O que ela faz aqui?! Por que estavam trancados juntos?!

— Manda ela embora daqui, Alex! — a vaca rosnou, entre lágrimas.

Eu ouvi aquilo? Ouvi aquilo direito?

— Vicky, vá para casa, por favor! — Alex implorou, segurando meu braço.

Olhei para ele, furiosa. Ele parecia transtornado e abalado com alguma coisa.

— Está me mandando embora por causa dessa vaca? É isso mesmo?

Alex trancou a porta outra vez e disse:

— Ela está com problemas. Só estou tentando ajudá-la — ele disse, irritado, aproximando-se dela. Aquilo ferveu o meu sangue e parti para cima dela. Peguei-a pelos braços e notei que seu pulso estava enrolado num

pedaço de pano branco e havia uma pequena mancha de sangue.

— Você vai sair daqui agora, maluca suicida! — gritei e ela começou a se debater.

Alex me puxou para longe dela e comecei a dar socos nele. Ele me segurou pelos braços, pedindo para que me acalmasse.

— Tire essa vadia daqui, Alex, ou eu nunca mais olho na sua cara.

— Vá embora mesmo, sua magricela horrorosa! — Brithany gritou, e aquilo me deixou possessa.

— Vai deixar ela falar assim comigo?

— Calem a boca as duas! — ele gritou, sem saber o que fazer.

— Se você não se separar dela, Alex, eu juro que eu vou me matar. — Ela me olhou com fúria.

— Pois pra mim você pode ir para o inferno, sua maldita louca! — gritei, avançando nela e puxando seus cabelos. Alex ficou tentando nos separar, mas estava com tanta raiva daquela lambisgoia que meu desejo era arrancar a cabeça dela.

Quando, enfim, ele me segurou por trás e conseguiu me afastar dela, a filha da puta avançou em mim e me deu um tapa na cara.

— Sempre você no meu caminho, sua infeliz — ela rosnou. Alex me soltou na hora, colocando-se entre a gente.

— Parem, agora! Chega, caralho! — ele gritou tão alto que estremeci.

— Ele não vai ficar com você, loira aguada. Ele me prometeu que quando eu ficasse boa ele ficaria comigo — ela disse, sorrindo e me olhou de forma tão intensa que eu fiquei com medo. Alex havia me dito que ela era louca, mas estava mais para psicopata com aquele olhar frio e calculista.

— Cale a boca, Brithany — ele falou, puxando-a pelos braços e a fazendo sentar no sofá. Desgraçada. Havia entendido o jogo daquela vaca. Ela dava uma de coitadinha para chamar atenção... Mas eu ia quebrar as pernas dela.

Minha respiração estava acelerada e meu coração parecia que iria

saltar pela boca. Olhei em meus braços e havia dois arranhões. Alex ficou andando de um lado para o outro, sem saber o que fazer.

— Por que não manda ela embora? — perguntei, ainda furiosa.

— Já liguei para o Harry para vir buscá-la — disse, passando a mão nos cabelos.

— Eu não vou embora, Alex! — ela gritou. — Meu lugar é ao seu lado, meu amor.

— Ai, eu vou matar essa vaca! — gritei.

— Vicky, por favor... Você está piorando as coisas. Me espere em casa — ele sussurrou.

— Eu vim até aqui para te fazer uma surpresa e, quando chego, você está com essa louca a defendendo? E eu, Alex? Eu sou sua mulher — disse, com lágrimas nos olhos.

— Alex, está doendo — a puta gemeu, mostrando o corte que ela havia feito no pulso.

Alex se soltou de mim e deu um passo em direção a ela.

— Nem pense em ir até ela — gritei.

Ela me olhou com um sorriso cínico. Se eu não agisse logo, era bem capaz daquela vaca simular um ataque só pra ele ficar ao lado dela. Então, suspirei e disse:

— Eu estou grávida.

Alex parou na metade do caminho e virou em minha direção. Quando seus olhos se conectaram com os meus, eu estremeci. O pânico instalou em seu rosto e sua expressão mudou totalmente: ele não estava feliz em receber a notícia.

Capítulo 31

Alex

Droga... O que estava acontecendo com a Vicky? Estava tão esquisita, só queria saber de dormir e nem ligava para mim. Eu já estava ficando irritado com aquele jeito dela.

Sentei em minha cadeira e fiz algumas ligações. Tentei me concentrar ao máximo, mas meu pensamento estava nela. Já estava completamente arrependido de não tê-la acompanhado no médico. E se ela estivesse precisando de mim? Comecei a fazer minhas coisas para ir para casa logo. Só queria estar com ela, mesmo se fosse ao seu lado velando o seu sono.

Quando terminei meus afazeres e estava prestes a ir embora para casa para vê-la, a porta se abriu e vi Brithany entrar aos prantos. Puta que pariu! Levantei-me rapidamente para jogá-la para fora, mas ela correu em minha direção e me abraçou.

— Alex, por favor! Eu amo você! Não faz isso comigo — ela disse, chorando, totalmente descontrolada.

— Brithany... Brithany, me solte! — disse, tentando empurrá-la.

— Você pode anular o casamento e ficar comigo. — Ela me olhou com os olhos borrados.

— Eu amo a Vicky, Brithany. Você sempre soube disso — disse, afastando-a.

— O que ela tem que eu não tenho? — ela perguntou, chateada. Eu não queria magoá-la, mas ela precisava entender que eu nunca seria dela.

— Para, Brithany. Vou ligar para o Harry vir buscá-la — disse e ela avançou em mim, tentando me bater. Estava descontrolada, e eu sabia que ela era extremamente perigosa.

— Eu sei que não posso te dar outro filho — ela disse, enxugando as lágrimas. — Mas ainda podemos ficar juntos. Se não fosse por ela...

— Eu não amo você. Se não fosse por ela, Brithany, mesmo assim ainda não iria te querer — Já estava irritado com meus problemas, e ela ainda foi lá encher a minha cabeça. — Eu sinto muito pelo que aconteceu, mas eu amo a minha mulher.

Ela se sentou no sofá, puxando seu vestido preto um pouco para cima. Eu aproveitei e saquei meu telefone para ligar para o Harry. Ele era o único que conseguia acalmá-la.

— Harry...

— O que você quer comigo?

— A Brithany está aqui na produtora e está descontrolada de novo — disse, tentando manter a calma.

— Se vira. Eu já estou cansado disso, Alex. Limpe a sua sujeira. O único responsável por ela ser uma desequilibrada é você.

— Ela pode tentar fazer uma besteira, Harry — disse desesperado. — Ela pode se matar.

— Se ela morrer, terá que carregar essa culpa com você para o inferno! — ele gritou.

— Não posso levá-la. Venha buscar sua irmã, por favor — supliquei.

— Filho da puta! Já estou a caminho.

Quando desliguei e olhei para ela sentada no sofá, meu coração parou. Ela me olhava com fúria e tinha um canivete na mão. Corri em direção a ela desesperado e o arranquei da sua mão. Aquela louca não iria se matar na minha frente, não mesmo. Quando olhei para a minha mão, havia sangue... Não, não, não. Olhei para ela e ela sorria. O sangue não era meu. Só poderia ser dela...

— Se você não ficar comigo, Alex, eu prefiro morrer. — Ela me olhou, agora com olhos tristes.

— Você tem toda uma vida pela frente, Brithany. É uma mulher bonita. Ainda vai arrumar alguém que a ame do jeito que você merece.

— Ninguém vai se interessar por mim e você sabe disso.

— Não é porque não pode mais ter filhos que não pode arrumar alguém — disse, tentando consolá-la.

Ela começou a chorar e me abraçou. Afastei-me dela e puxei o seu braço que estava com sangue.

— Se continuar a fazer isso, vai acabar voltando para a clínica. É isso que quer?

— Não — ela sussurrou.

Fui até a minha mesa e peguei uma tesoura. Cortei um pedaço da toalha do lavabo e enrolei em seu pulso para estancar o sangue. O corte era superficial.

— Me perdoe por tudo, Brithany, mas não posso ficar com você. Não seríamos felizes juntos... Eu sei que cometi um erro ao me recusar a assumir nosso filho, mas a única culpada por você não poder ser mãe outra vez é você.

Ela começou a chorar e deitou no sofá. Estava mais calma, e eu agradeci por isso. Uma batida forte na porta e a voz estridente da Vicky, totalmente irritada, me congelaram. “Mas que inferno! O que ela faz aqui?”, pensei.

— Alex, abra a porta! Alex!

Eu fui em direção à porta e Brithany rosnou:

— O que ela veio fazer aqui? Manda ela embora!

“Merda. Isso não vai acabar bem”, pensei.

Abri a porta e olhei para a cara da Vicky, transtornada. Fechei a porta para que ela não visse a Brithany, pois iria surtar.

— O que faz aqui? — perguntei, irritado

— Quem está aí com você? Abra a porta — disse, esquivando-se, desconfiada.

— Vá para casa, Vicky. Estou resolvendo um problema — disse, puxando-a para fora da recepção.

— Me solta! — gritou. — Está escondendo o quê?

“Ai, meu Deus! Estou perdido”, pensei.

— Amor, vá para casa. Daqui a pouco vou embora. — Estava quase implorando. Não queria causar uma cena. Quando ela se soltou e correu em direção à minha sala, paralisei, mas logo me conscientizei da desgraça e corri atrás dela.

— O que ela faz aqui? Por que estavam trancados juntos? — Vicky gritou, furiosa.

— Manda ela embora daqui, Alex — Brithany disse, ainda chorando, e Vicky ficou muito, mas muito possessa.

— Vicky, vá para casa, por favor. — Eu a segurei pelos braços, tentando afastá-la. Brithany era instável e, se ela começasse a soltar as merdas, Vicky certamente faria picadinho de mim e me daria um pé na bunda. O medo de perdê-la, de que ela quisesse se separar de mim... surgiu. Eu morreria caso ela me deixasse.

— Está me mandando embora por causa dessa vaca? É isso mesmo?

Tranquei a porta, para que ninguém entrasse, e disse:

— Ela está com problemas. Só estou tentando ajudá-la. — Aproximei-me dela para saber se estava bem. Estava calada, e isso não era nada bom.

— Você vai sair daqui agora, maluca suicida! — Vicky gritou, avançando nela. Brithany reagiu, e isso era tudo o que eu temia. Puxei a Vicky para longe e pedi para que ficasse calma. Estava tão fora de si que começou a me bater.

— Tire essa vadia daqui, Alex, ou eu nunca mais olho na sua cara.

— Vá embora mesmo, sua magricela horrorosa! — Brithany gritou.

“Hoje eu fico louco”, pensei.

— Vai deixar ela falar assim comigo?

— Calem a boca as duas! — gritei, transtornado, tentando arrumar um jeito de me livrar daquela situação. Merda de Harry que não chegava para tirar aquela infeliz dali.

— Se você não se separar dela, Alex, eu juro que eu vou me matar — Brithany rosnou, deixando Vicky descontrolada.

Eu não sabia mais o que fazer. Minha vontade era de sair dali correndo, levando minha mulher, e ela que se fodesse. Mas se eu fizesse isso e ela se jogasse pela janela, eu nunca me perdoaria.

— Pois pra mim você pode ir para o inferno, sua maldita louca! — Vicky gritou, avançando nela e puxando seus cabelos. Tentei apartar a briga, mas a Vicky estava querendo sangue. Puta merda! Será que ela não entendia que eu a amava?

Quando consegui tirar a Vicky de cima dela, puxando-a por trás e segurando firme, Brithany avançou e deu um tapa nela.

— Sempre você no meu caminho, sua infeliz.

Eu vi vermelho nessa hora. Coloquei-me entre as duas, ia parar com toda aquela merda agora.

— Parem, agora! Chega, caralho! — gritei, com toda a minha fúria. Não queria que Vicky se machucasse.

— Ele não vai ficar com você, loira aguada. Ele me prometeu que quando eu ficasse boa ele ficaria comigo. — Droga! Que vontade de dar um soco naquela vaca.

— Cale a boca, Brithany — disse, puxando-a pelos braços e a jogando no sofá.

Vicky estava visivelmente chateada, e certamente ainda teríamos uma briga feia quando chegássemos em casa.

— Por que não manda ela embora? — ela disse, furiosa.

— Já liguei para o Harry vir buscá-la — disse, exasperado, andando de um lado para o outro. Ele estava querendo me foder, me deixando com essa

maluca.

— Eu não vou embora, Alex! — Brithany gritou, deixando a Vicky cega de ódio. — Meu lugar é ao seu lado, meu amor.

— Ai, eu vou matar essa vaca! — Vicky gritou e eu fechei os olhos, tentando manter o controle. Minha cabeça doía e eu só queria sair de toda aquela merda.

— Vicky, por favor... Você está piorando as coisas. Espere-me em casa — disse, tentando fazê-la mudar de ideia. A presença dela estava deixando Brithany ainda mais descontrolada.

— Eu vim até aqui para te fazer uma surpresa e, quando chego, você está com essa louca a defendendo? E eu, Alex? Eu sou sua mulher — ela me disse, chorando, e minha vontade era de ir até ela e beijá-la, dizer o quanto a amava e que Brithany não significava nada para mim além de um peso.

— Alex, está doendo — Brithany disse. Eu sabia que ela estava tentando disputar a minha atenção para enfurecer a Vicky.

Eu não podia perder a mulher que eu amava. Jamais. Estava tão mal por ela estar presenciando tudo aquilo que decidi enxotar aquela louca antes que ela acabasse com meu casamento. Eu iria pegá-la e arrastá-la para fora; se ela quisesse se jogar de baixo de algum caminhão, eu ainda daria graças.

— Nem pense em ir até ela — Vicky alertou, mas eu não tinha intenção nenhuma de ser gentil com a Brithany. “Chega de merda, chega de culpas”, pensei. Eu só queria me livrar dela de uma vez por todas. Então, continuei a andar em direção àquela louca para arrastá-la para fora, mas eu me congelei no lugar assim que a Vicky disse, atrás de mim:

— Eu estou grávida.

Eu olhei para Brithany e sabia exatamente a merda que ia dar. Virei-me para a Vicky, totalmente desnorteadado. Eu queria chorar, pegá-la no colo e beijá-la dizendo o quanto a amava e que tudo o que sonhei em minha vida inteira era ter um filho com ela... Mas, naquela hora, estava apenas com

medo; medo do que estava por vir.

— Como assim, “grávida”? — Brithany levantou tão rápido que meu instinto foi de bloquear a passagem dela até a Vicky. Nem fodendo eu deixaria aquela louca perto da minha mulher agora.

— Vicky, pelo amor de Deus! Vá para casa — disse desesperado.

Ela começou a chorar e eu me amaldiçoei por estar a fazendo sofrer. Era para ser um momento feliz. O nosso momento feliz. Eu iria ser pai.

— Você vai deixá-la ter esse filho?

— Cale a boca, Brithany! — gritei.

— Eu não vou deixar ela ter esse filho, está me ouvindo? Nunca! — ela gritava, descontrolada, e começou a esbravejar.

— Cale a sua maldita boca! — gritei, em fúria. Se Harry não chegasse logo, eu mesmo a mataria.

— Se eu não pude ter o nosso filho, ela também não vai — Brithany rosnou. Vicky ficou totalmente imóvel.

— Nosso filho? — Ela me olhou desapontada. — Do que ela esta falando?

Brithany começou a rir, descontrolada, como uma louca. Eu fiquei paralisado, tentando absorver toda aquela merda.

— Ele não te contou? Pobre Vicky... — Ela sorria sarcasticamente.

— Chega, Brithany.

— De que filho ela está falando?

— Ela é louca, Vicky. Não dê atenção a ela.

Brithany começou a chorar e a situação só piorou. Vicky partiu para cima dela e pra conter o acesso de raiva foi um custo. Afastei Brithany de perto dela e naquele momento Harry bateu na porta.

Gritei para a Vicky, que estava paralisada, para abrir a porta enquanto segurava Brithany, que estava descontrolada e gritando:

— O que fez com ela, seu idiota? — Harry avançou em mim.

— Não fiz nada. Tire ela daqui!

— Eu não vou sair daqui enquanto aquela vadia não tirar aquele maldito filho! — Brithany gritou e Harry ficou imóvel.

Ele olhou para Vicky e disse:

— Ela está... grávida? — Seu rosto tinha um misto de tristeza e confusão.

— Você me disse que não queria filhos, que seria meu... Apenas meu. — Brithany chorava, dizendo as palavras entrecortadas.

— Leve-a daqui, Harry. Por favor.

— Harry, não deixe ele fazer isso comigo. Ele me fez tirar o meu filho. Isso não é justo.

— Eu não fiz porra nenhuma! — gritei, indo em direção a ela com os punhos cerrados.

— Ei, fique longe dela. — Harry colocou a mão em meu peito, empurrando-me. — Já basta toda a merda que você fez ela passar. Não foi homem o suficiente para assumir o próprio filho, fez ela abortar e, graças a você, ela não pode ser mãe, seu infeliz.

— Eu disse que ela tirou por conta própria, Harry. Está cansado de saber disso.

— O que você quer, hein, Alex? — Harry falou. — Eu tenho vontade de matar você. Olha pra ela... Olha bem pra ela. É culpa sua dela ser desse jeito — ele disse, desnorteado. — Você sabe o que é chegar em casa e pegar sua irmã, sua única irmã, no banheiro com os pulsos cortados por causa de um idiota babaca? Sabe o que é ter que socorrê-la toda vez que ela tem uma crise e tenta tirar a própria vida? — Ele balançou a cabeça. — Você não sabe. Você só se aproveitou dela...

— Não é verdade, Harry. Ela sempre soube que eu amava a Vicky.

Quando olhei para minha mulher, ela estava sentada em minha cadeira, chorando, e havia mágoa em seus olhos.

— Eu errei, sim, em não ter assumido na hora em que soube que estava grávida. Eu estava confuso e assustado, mas eu nunca pedi para ela

tirar a criança. Meu Deus! Nunca faria isso — disse, transtornado. — Quando eu procurei ela para assumir o filho, ela já tinha tirado a criança.

— É mentira dele! — Brithany gritou. Tive vontade de socá-la.

— Não quero que chegue perto dela — ele resmungou. — Você é um bosta!

Harry saiu da minha sala, com a Brithany ainda chorando, debatendo-se e proferindo maldições até a minha última geração. Quando saíram, pude respirar aliviado. Meu peito doía só de pensar em toda aquela merda. Eu não tinha culpa se ela era uma louca.

Andei em direção à Vicky cautelosamente. Ela devia estar me odiando por tudo aquilo.

— Não chegue perto de mim — ela disse, chorando, e aquilo partiu meu coração.

— Vou te levar para casa — sussurrei.

— Eu não vou com você, Alex — ela disse, olhando-me com raiva e secando suas lágrimas.

— Vicky, por favor, a gente precisa conversar — supliquei.

— Eu lembro que te dei oportunidade para me contar o que existia entre vocês, Alex, e você me disse que não existia nada.

— Eu não tenho nada com ela, Vicky. Isso faz muitos anos.

— Você a engravidou... — ela disse, com repulsa. — E ainda fez ela tirar a criança? Que tipo de monstro é você? — ela perguntou, decepcionada e magoada. — Vai me pedir para tirar o nosso também?

— Não acredito que está falando isso. Ela está mentindo. Nunca pedi para que ela tirasse, Vicky.

— Por que nunca me contou? Achei que éramos amigos. E, mesmo depois que casamos, deveria ter me contado. — Suas palavras me deixaram ainda mais desesperado.

— Eu tive medo de perder você. Se achasse que eu gostava dela, se eu tivesse aquele filho com ela, você não estaria aqui ao meu lado hoje, Vicky

— disse, entre lágrimas.

Aproximei-me ainda mais dela e ela se esquivou.

— Por favor, vamos para casa... — supliquei.

— Eu não estou me sentindo bem — ela disse, levando a mão na barriga. Todo aquele estresse não era bom para a criança, e se acontecesse algo com ela e meu filho, eu morreria, porque a culpa seria toda minha.

— Deixe-me ajudá-la — disse, pegando em seu braço para tentar mantê-la de pé. Quando ela se levantou, deu um forte gemido e se segurou em mim. Quando olhei para a cadeira cinza em que ela estava sentada, havia sangue. Meu coração parou. Fechei os olhos e a abracei tão forte que ela percebeu que algo estava errado.

— Eu estou molhada, Alex — ela disse, em pânico, levando a mão por baixo do vestido.

— Amor, fique calma. Vou levá-la ao médico.

— Eu estou perdendo o bebê — ela disse, apavorada, já começando a chorar novamente.

— Não! Você não vai perder o nosso filho.

Capítulo 32

Alex

Eu estava transtornado quando cheguei ao hospital. As enfermeiras a colocaram na maca e entraram na emergência. Minha camisa branca tinha as marcas de sangue por tê-la levado no colo. Eu queria ter entrado com ela, mas estava tão nervoso que não me deixaram entrar. Seus olhos magoados me olhando com medo não saíam da minha memória, e eu só queria que tudo terminasse bem. Eu jamais me perdoaria, caso acontecesse algo com ela. Jamais.

— Alex! Meu Deus, Alex, o que aconteceu? — Margareth apareceu desnorteada ao lado de Roger. Eu havia ligado para ela no caminho, estava apavorado e não sabia o que fazer. Havia ligado para o pai dela, mas não havia ninguém em casa. Quando ela me abraçou, eu desabei a chorar.

— Ela está grávida, Margareth. Ela está grávida e agora está lá... Ela vai perder o bebê por minha causa — disse, com a voz embargada.

— Grávida? Como assim? O que aconteceu?

Eu não conseguia falar. Apenas chorava e a abraçava forte, como se ela fosse aliviar a minha dor.

— Sente-se aqui — ela me disse, ajeitando-me no sofá de espera. — Vou procurar por informações. Roger, fique aqui com ele. Já volto.

Margareth saiu à procura de alguma informação da Vicky e Roger sentou ao meu lado, dizendo:

— Você contou para ela? — Ele me deu um olhar cúmplice.

— Não.

— O que houve?

— Ela foi à produtora e Brithany estava lá. As duas brigaram e acabou que a Vicky me disse que estava grávida na frente dela. Aí, já pode imaginar a merda que deu.

— Ela vai ficar bem — Roger suspirou.

— Ela vai me odiar — disse, com uma dor imensa no peito. Se ela me deixasse, eu morreria. Eu sabia que iria definhando e morrer lentamente.

— Não vai não. Ela ama você. — Ele tentou me animar.

— Ela vai me odiar para sempre se perder o bebê — disse, segurando minha cabeça entre as mãos.

Ficamos uma meia hora ali conversando. Roger tentava me acalmar, mas eu estava apavorado, pensando mil coisas. Naquele momento, Margareth apareceu e eu me levantei rapidamente, indo até ela.

— Como ela está? Ela está bem? Falou com o médico? — disse, atropelando as palavras.

— Fique calmo, Alex. — Ela sorriu. — Ela está bem.

— Graças a Deus! — disse, aliviado. Consegui respirar normalmente. Era como se tivessem tirado um peso das minhas costas — E meu filho? — perguntei, preocupado.

— O médico garantiu que ela está bem. Eles deram um medicamento para segurar. Ela chegou com princípio de aborto, mas está tudo bem agora — ela disse, abraçando-me.

— Eu quero vê-la. Onde ela está? — Senti meu coração disparado.

— Os médicos ainda estão fazendo alguns exames. Não podemos vê-la agora.

— Acho que você deve ficar longe dela por enquanto — Roger alertou.

— Por que longe dela? — Margareth olhou para Roger e depois para mim. — O que você fez com ela? — Ela me olhou horrorizada, e eu fiquei irritado com aquilo.

— Eu não fiz nada. Ela foi à produtora e a Brithany estava lá.

— Aquela vaca? Foi ela quem fez isso com a Vicky? Desgraçada, eu vou acabar com ela dessa vez! — ela gritou, furiosa.

— Eu tive um filho com a Brithany, Margareth — sussurrei e ela me olhou.

— O quê?! — ela gritou ainda mais alto.

— Mas acabou que ela abortou e agora não pode mais ter filho. Por isso, a louca me persegue, acha que é minha obrigação casar com ela. Quando soube da gravidez da Vicky, ficou ainda mais louca.

— Você engravidou aquela vaca maluca? Eu não posso acreditar nisso — ela disse, olhando-me com raiva e chateada.

— Eu amo a Vicky. Não queria magoá-la — disse, sincero.

— Você não vai entrar lá naquele quarto. Eu te proíbo — ela falou, partindo para cima de mim.

— Margareth, não se meta — Roger esbravejou e ela bradou:

— Cale a boca!

Ela se virou para mim e disse, furiosa:

— Reze, Alex, mas reze muito... Porque se a Vicky perder aquele bebê, eu mesma mato você e jogo seu corpo numa vala em pedacinhos.

Eu fiquei mal por tudo aquilo. Sabia que as coisas deveriam ter sido diferentes. Não tive culpa. Eu apenas fiquei em choque no primeiro momento e estraguei tudo. Não queria ser pai naquela época, e muito menos de uma mulher que só havia transado duas vezes. Eu não tinha sentimentos por ela. Ela me perseguia e acabei não resistindo.

Quando um médico se aproximou chamando o meu nome, eu saí daquele transe do passado.

— Como ela está? — perguntei, aflito.

— Ela está bem. Demos uma medicação para ela e precisará de repouso. Muito repouso. O caso dela inspira cuidados, então, ela não pode ficar nervosa e nem se estressar — ele alertou. — Ela já está no quarto.

Podem entrar um de cada vez para vê-la.

Margareth puxou meu braço quando tentei seguir o médico. Olhou-me com fúria nos olhos e disse:

— Você não. Se ela quiser te ver, eu venho chamá-lo — disse e partiu, sem nem olhar para trás, deixando-me ao lado do Roger.

— Ela está uma fera com você. — Ele revirou os olhos.

— Ela é a primeira da fila. Estou mais preocupado com o meu sogro, que irá cortar as minhas bolas — disse, chateado.

— E com razão — Roger falou, deixando-me ainda pior.

Vicky

A porta se abriu e vi Margareth, chorando como se fosse um bebê.

— Ei! Eu estou bem — sussurrei, quando ela correu para mim, abraçando-me.

— Você quer me matar de susto? — Ela me olhou com os olhos inchados.

— Eu estou bem agora — sussurrei. — O médico disse que eu não perdi o bebê. Ele fez uma ultrassonografia e o bebê está bem. — As lágrimas surgiram em meu rosto.

— Eu juro que eu vou matar o Alex.

— Ele não quis me ver? — perguntei, com dor no coração.

— Ele está transtornado lá fora. Eu não o deixei entrar — ela disse com raiva, e eu sorri em saber o quanto ele havia se preocupado comigo.

— Eu estou chateada. Ele mentiu para mim... e engravidou a irmã do Harry.

— Alto lá! — ela protestou. — Ela é louca, Vicky. Sempre foi, desde a faculdade. Eu sei que ter perdido o bebê deve ter deixado ela maluca... Mas

isso não explica as atitudes dela. Ela é perigosa e você tem que ficar atenta.

— Ela não perdeu o bebê. Ele a fez tirar. Ela disse na minha frente.

— Não acredito que ele tenha feito isso. O Alex não é desse jeito, Vicky. Você tem que saber o que há de verdade nessa história toda.

— Não quero mais saber disso — falei, secando minhas lágrimas.

— Posso pedir para ele entrar? — ela perguntou, estudando meu comportamento.

— Sim.

— Eu quero que fique calma. O médico disse que não pode ficar nervosa. — Ela sorriu, triste.

— Eu sei.

Margareth me deu um beijo na testa e saiu. Depois de alguns minutos, Alex entrou me olhando, inseguro, com seus olhos vermelhos e inchados. Ele estava chorando.

— Meu Deus, Vicky! Eu estava morrendo lá fora sem poder te ver — disse, me beijando.

— Eu estou bem — disse, sem emoção. Ainda estava chateada por ele ter me enganado. Eu o amava tanto... mas, no momento, eu só conseguia sentir mágoa.

— Me perdoe! Por favor — ele sussurrou.

— Eu não posso agora, Alex — disse e minhas lágrimas teimosas voltaram.

— Não faz isso com a gente, meu amor. — Ele me olhou nos olhos e pude ver o seu sofrimento também. Eu estava magoada e precisava de um tempo sozinha.

— Eu vou para a casa do meu pai.

Alex me olhou com desespero.

— Você vai me deixar?

— Mesmo que eu quisesse, eu não conseguiria — sussurrei. — Eu só preciso de um tempo sozinha.

— Mas, e o nosso filho? Não pode me deixar, Vicky. Acabamos de nos casar e você está grávida, eu preciso cuidar de você — ele disse, transtornado, abraçando-me. — Eu amo você.

Meu coração ficou tão apertado que tive vontade de chorar mais ainda.

— Por favor, Alex. É só um tempo — sussurrei, de olhos fechados.

— É isso que quer? — Ele me olhou, arrasado.

— Sim.

— Posso ao menos acompanhar você ao médico? Ir te visitar todos os dias e...

— Eu quero um tempo, Alex. Quando eu estiver melhor, voltamos a conversar — disse, firme.

— Eu espero o tempo que for. Mas não me deixe, por favor — ele sussurrou em minha boca e me beijou. Afastou-se devagar e se curvou para beijar a minha barriga.

Eu queria abraçá-lo e dizer que o amava, mas estava tão quebrada que aquele tempo seria bom para colocarmos nossos sentimentos em ordem. Eu não tinha dúvidas de que o amava. Eu só precisava curar aquela dor que estava latejando em meu peito.

— Eu amo vocês — ele disse, olhando em meus olhos, e se foi.

Eu apenas fechei os olhos e desabei a chorar. Só rezava para aguentar aquele tempo longe dele. Eu tinha uma motivação: o meu filho. E não deixaria nada acontecer com ele. Nada.

Alex

Sete dias depois...

Aqueles sete dias sem a Vicky estavam sendo um inferno. Eu não queria saber de comer e não fui trabalhar. Ela me proibiu de ir visitá-la e Margareth se recusava a me dar qualquer notícia.

Meu pai estava me odiando e meu sogro quase me chutou a bunda. Eu estava completamente sozinho. A única que foi me visitar foi a Jane. Ela foi se despedir, pois estava voltando para Boston com o tio Alan. Eu até tentei tirar alguma informação dela sobre o estado da Vicky, mas ela se negou a falar e ainda me passou um sermão. Uma pirralha me passando um sermão...

Eu não sei quanto tempo eu conseguiria ficar longe dela. Esperava que ela se arrependesse e voltasse logo para casa. O medo de ela perceber que eu não faria falta na vida dela aumentava a cada minuto.

Todas as noites eu mandava uma mensagem para ela, na esperança de ela me dar nem que fosse um sinal de que havia me perdoado. Mas nada. Vicky ainda estava magoada comigo e eu temia que aquilo fosse permanente.

Levantei-me da cama e decidi que era hora de me ocupar com alguma coisa a não ser ficar carregando minha garrafa de *Jack Daniel's* pra lá e pra cá. Eu estava um lixo. Lembrei-me de quando a Vicky havia partido para Paris, deixando-me sozinho. Eu quase morri, e tinha certeza de que, daquela vez, eu morreria se ela me abandonasse outra vez.

Arrumei-me e fui até a produtora. Havia dispensado os shows durante dois meses. Esse foi o tempo limite que dei para a Vicky me perdoar. Claro que ela não sabia disso. Mas, se em dois meses ela não voltasse para casa, eu a traria de volta. Eu arrumaria um jeito e a traria de volta.

Organizei alguns contratos que estavam pendentes e logo fui embora. Tudo naquela sala me lembrava daquele maldito dia em que eu quebrei o coração dela. Quando cheguei ao carro, meu celular apitou uma mensagem. Era a Vicky. Meu coração disparou e tive dificuldades para ler com as vistas embaçadas pela lágrima.

Vicky: Oi

Alex: Oi, amor. Como está?

Vicky: Estou bem.

Alex: Sinto sua falta...

Vicky: Amanhã será a ultrassonografia do bebê. Quer ir comigo?

Se eu queria ir com ela? De onde ela tirava aquelas ideias? Claro que eu iria com ela.

Alex: Que horas passo para buscá-la?

Vicky: Meu pai irá me levar. Apenas achei que seria justo você acompanhar o crescimento dele... Ou dela. Ainda não sei.

Alex: Tudo bem.

Vicky: Então tá. Eu ligo amanhã para passar o endereço.

Alex: Ok...

Esperei por mais um tempo, olhando para o celular. Nenhuma outra mensagem. Nem um “eu te amo”, “eu te perdoo”, “estou sentindo sua falta” ou até mesmo um “você é um filho da puta”. Foi como se ela estivesse indiferente a mim, e aquilo doeu. Peguei o celular de volta e digitei:

Eu vou esperar por vocês. Sempre. Amo você.

O resto da tarde parecia não passar. Eu ficava olhando para as mensagens no *WhatsApp*, lendo e relendo, deitado na cama e ouvindo *Thirty Seconds to Mars*. Eu só queria estar ao lado dela, poder sentir o seu cheiro, tocar em sua pele macia e branca... Amá-la, aninhá-la em meus braços...

Se eu já estava ficando louco em sete dias, não aguentaria por muito

tempo. Eu precisava dela assim como precisava de ar para respirar. Ela era minha vida, meu tudo. Eu estava perdido sem ela.

Acordei com o som do telefone tocando. Olhei no visor e vi a foto dela sorrindo para mim. Atendi rapidamente, com um sorriso idiota na cara.

— Vicky — disse, dando um pulo da cama.

— *Alex... A consulta será às dez da manhã.*

— Eu estou indo para lá. Me passa o endereço.

Anotei o endereço e, antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ela desligou. Corri para tomar um banho e fazer minhas higienes matinais. Eu parecia que havia engolido um cabo de guarda-chuva... Estava com um bafo terrível e meus poros exalavam uísque. Coloquei um jeans e uma camiseta preta. Procurei meus óculos aviador e peguei as chaves da *Rover*.

Eu iria ver a minha garota... e estava sorrindo como um adolescente apaixonado.

Dirigi até a clínica numa pressa danada. Não queria chegar atrasado e estava louco para vê-la. Eu precisava fazer um esforço para não ferrar as coisas e perder o controle perto dela. Não queria que ela se chateasse comigo.

Quando estacionei, vi-a andando em direção ao prédio. Estava linda. Suspirei e tentei manter a calma que eu sabia que não tinha. Saí do carro e corri atrás dela. Quando me aproximei, ela estava entrando no elevador. Coloquei meu braço para bloquear a porta e entrei. Ela me olhou um pouco assustada, mas logo abriu um sorriso.

— Oi — ela sussurrou, olhando-me nos olhos.

— Oi — disse, com uma vontade enorme de abraçá-la. — Seu pai... Onde está?

— Ele me deixou aqui e foi embora. — Ela deu de ombros. — Laura ligou para ele, desesperada. O carro dela quebrou e ele foi dar uma força.

— Hum... — Olhei para ela e não pude esconder minha irritação. “Como ele a deixa aqui, grávida, e vai embora?”, pensei.

A porta do elevador se abriu e paramos no segundo andar. Coloquei as mãos nas costas nuas dela, guiando-a até o consultório. Ela estava com um lindo vestido verde aberto nas costas. Quando entramos, ela foi até o balcão, sacou seu cartão do convênio médico e preencheu uma ficha.

— Só aguardar que o Dr. Marcos já irá atendê-la. — A mulher sorriu para ela. “Dr. Marcos? Puta que pariu! Não acredito que ela marcou consulta com um homem”, pensei. Eu comecei a ficar irritado, mas, se comesse a dar sinais disso, certamente iria ferrar com tudo.

Sentei ao lado dela e percebi que ela estava tremendo. Ela não me olhava e aquele silêncio foi ficando estranho. Peguei em sua mão e sussurrei:

— Está nervosa com o quê? — Ela olhou para mim e abaixou a cabeça. Nesse momento, o médico surgiu na sala e chamou o nome dela:

— Senhora Vitória Becky Riccieri?

Ela se levantou e foi em direção a ele. Eu a segui, totalmente ansioso. O cara era boa pinta e aparentava uns cinquenta anos, com cabelos grisalhos e uma aliança enorme na mão esquerda. O médico começou a fazer um monte de perguntas, mas eu não estava muito concentrado nele. Só queria aproveitar aquele pouco tempo e ficar olhando para ela.

— Senhor Alex? Senhor Alex? — A voz do cara entrou lentamente em meus ouvidos.

— Desculpe. — Olhei um pouco sem graça para ele e pude sentir Vicky me olhando desconfortável.

— É o primeiro filho de vocês? — O médico perguntou, curioso, e

Vicky se contraiu ao meu lado. Afastei as lembranças do dia doloroso e olhei com cara de poucos amigos para ele. “Mas por que ele tinha que perguntar justo isso?”, pensei.

— Sim — eu disse.

— Vamos fazer um ultrassom para sabermos o tempo da gestação — ele disse, levantando-se e pedindo para a Vicky colocar um roupão esquisito. Quando ela voltou, o médico pediu para que ela deitasse numa maca. Alguém bateu na porta e, quando vi, surgiu uma mulher, toda de branco. Ela ajudou a Vicky a levantar o roupão até a altura dos seios, deixando sua calcinha à mostra. Aquilo me enfureceu, mas eu tentei manter a calma. Quando a enfermeira a cobriu com um lençol, deixando apenas a barriga de fora, eu agradeci mentalmente.

Fiquei lá de pé ao lado dela e notei que ela segurou a minha mão. O médico passou uma gosma melosa na barriga dela e começou a esfregar um aparelho ligado a um monitor de TV.

Quando ele começou a dar as suas explicações filosóficas, eu o cortei; não estava entendendo porra nenhuma.

— O meu filho... está bem?

Ele me olhou e assentiu.

— O bebê está ótimo.

Ele acabou de dar as explicações, fazendo uma medição esquisita e dizendo que uma mancha escura era o meu filho. Eu mal percebi que meus olhos lacrimejavam, apesar de não ter visto nada, apenas um borrão na tela escura.

Vicky estava tão concentrada na tela do monitor que parecia alheia a tudo. Quando o médico aumentou o som e nos disse “essa é a batida do coração do seu filho”, meu coração parou e eu fiquei tão feliz que um nó se formou em minha garganta.

“Meu filho...” As batidas de seu coraçãozinho ficariam na minha memória para sempre. Eu sorri e, quando olhei para ela, sua expressão era

de pura felicidade. Vicky chorava e, quando o médico disse pela milésima vez que nosso filho estava saudável, ela ficou mais relaxada.

— Você está com seis semanas agora. Daqui a mais um tempinho, já podemos ver o sexo do bebê.

— Não dá para saber agora? — ela perguntou, aflita.

— Ainda não.

Quando o médico pediu para que ela se trocasse, eu a ajudei a se levantar e, quando estava de pé, olhando para mim, ela me abraçou, emocionada, e me deu um beijo. Eu fiquei imóvel e olhei para ela. Ela me deu um lindo sorriso que me fez derreter todo. Havia me perdoado? “Oh, Deus! Queira que sim”, pensei.

Ela se virou e entrou na salinha para se trocar. Ainda estava tentando conter toda minha emoção. Quando ela voltou, o médico entregou a ela umas fotos do exame e conversou durante uns vinte minutos sobre os cuidados da gravidez e a importância do acompanhamento médico durante toda a gestação. Prescreveu algumas vitaminas, as quais Vicky disse que já estava tomando.

Sáímos do consultório e entramos no elevador. Eu não queria dizer nada para não estragar o momento, para não assustá-la. Quando chegamos ao carro, dei a partida e ela me olhou, dizendo:

— Eu vou ouvir o que você tem para me falar. — Ela me olhou nos olhos. — Eu estou pronta agora. Só não me esconda nada dessa vez, Alex, senão nunca vou perdoá-lo. Se mentir para mim, se me esconder qualquer coisa, eu juro que vou embora e você nunca mais verá nem a mim e nem ao seu filho.

Quando ela terminou de falar, ainda processava suas palavras em minha mente.

— Alex! Alex! — ela disse, em um tom mais alto.

Eu ainda custava a acreditar que ela estava me dando uma chance de consertar tudo.

— Você vai voltar comigo para casa?

— Sim — ela disse, sorrindo, olhando-me com seus olhos azuis brilhantes.

Eu morri naquele momento.

Capítulo 33

Vicky

Aqueles sete dias em que passei longe do Alex serviram para refletir sobre tudo o que passamos. Definitivamente, eu não saberia viver sem ele. Eu estava magoada por ele ter me escondido o relacionamento entre ele e Brithany, mas o que eu poderia cobrar dele? Claro que estava puta por ele não ter confiado em mim para me contar, mas havia acontecido há tanto tempo. Não havia promessas de um futuro juntos, nem sequer imaginava que ele gostava de mim de outra forma a não ser como sua amiga. Eu só estava tentando entender a parte que ele ferrou com tudo, pedindo para que ela tirasse o filho. Não tinha muito a ver com as atitudes dele. Alex sempre foi certinho demais. Alguma coisa estava muito errada naquela história toda.

As dores cessaram e eu estava muito aliviada de não ter acontecido nada com meu filho. Aquele tempo longe me ajudou a me manter calma. Olhando agora tudo com clareza, não havia sentido em ficar mais tempo afastada dele. Eu sentia sua falta, eu precisava ouvir a voz dele, sentir o cheiro dele, abraçá-lo, beijá-lo... Eu me mantive no quarto aqueles sete dias praticamente isolada de todos. Todo santo dia Alex me mandava uma mensagem que fazia meu coração ficar apertadinho. Minha vontade era de correr para casa e ficar em seus braços, dizer que o amava... Mas ele precisava sentir essa distância entre nós para que, na próxima vez em que ele pensasse em mentir pra mim ou me esconder alguma coisa, saber que

não seriam apenas sete dias longe, e sim a vida inteira.

Assim que marquei a ultrassom, fiquei chateada ao saber que o Dr. Fernando teve uma emergência e não poderia me atender. Mesmo assim, eu precisava fazer o exame, então, acabei marcando com um tal de Dr. Marcos.

Assim que a consulta estava agendada, mandei uma mensagem para ele, perguntando se queria que me acompanhasse. A resposta veio quase instantaneamente. Eu sorri como uma idiota. Eu o havia proibido de me visitar durante aqueles dias afastados. Ele respeitou minha vontade, mas, na verdade, eu estava louca de vontade que ele entrasse por aquela porta e me levasse para casa.

Papai ainda estava furioso com ele, mas também sabia que seria inútil prolongar nossa agonia. Ele me disse que já era hora de tomar uma decisão — se eu decidisse ficar, ele cuidaria do meu filho e de mim; e se eu decidisse voltar para casa, ele ficaria feliz, porque sabia que éramos feitos um para o outro, apesar do Alex ser um idiota babaca. Eu ri muito quando ele disse isso.

No dia do exame, papai me levou até a clínica e me desejou boa sorte. Disse que me visitaria no final de semana. Segui para o consultório e, no momento em que vi o Alex ali, na minha frente, meu coração disparou e minha vontade era de abraçá-lo e dar um beijo daqueles que a gente fica sem fôlego no final. Mas me contive, porque não queria que ele achasse que seria tão fácil me convencer a voltar para ele.

Mas o melhor momento daquilo tudo foi ver a cara dele quando o médico pediu para que eu tirasse a roupa. Alex ficou pálido, e eu sabia que ele estava fazendo de tudo para manter o controle e não partir a cara do médico ao meio. Quando o médico começou o exame, tentei me manter calma. Agarrei a mão do Alex com tanta força... mas, mesmo assim, eu ainda estava apreensiva.

Assim que o médico disse “essa é a batida do coração do seu filho”,

meu mundo parou naquele instante. Eu comecei a chorar e, quando olhei para o Alex, ele estava imóvel, sorrindo como um bobo.

Naquele momento, eu me senti a mulher mais abençoada do mundo. Estava gerando um filho do homem da minha vida. Eu sabia que meu estado ainda inspirava cuidados. O médico que me consultou há sete dias no hospital, havia me proibido por pelo menos uns vinte dias de ter relações sexuais, pegar peso e mais uma lista enorme de outras coisas que não dei muita atenção, tais como: beber, fumar, praticar esportes radicais... Como não era adepta de nada disso — somente bebia socialmente —, não seria um problema. Problema maior seria ficar sem fazer amor com ele. Isso seria um sério problema para nós. Pelas minhas contas, só faltavam treze dias. Mas, mesmo assim, manter-se longe dele era uma tarefa muito difícil.

— Vicky! Vicky! — Alex me chacoalhava, tirando-me de minhas lembranças. Olhei para ele, absorta. — Chegamos. — Ele sorriu.

Mal havia percebido que já estávamos em casa. Alex saiu do carro, dando a volta para abrir a porta para mim.

— Vamos — disse, estendendo sua mão para mim.

Assim que entramos em casa, e eu dei uma geral na sala, automaticamente olhei para ele, furiosa.

— Mas o que é isso?

A sala estava uma zona. Na mesa de centro, havia um monte de latinhas de cerveja empilhadas, fora algumas garrafas de uísque vazias. O tapete da sala, que era branco, estava um pouco sujo com restos de salgadinhos. As janelas, todas fechadas com as cortinas pretas, deixando a sala toda escura, com roupas espalhadas pelo sofá. E o cheiro... Parecia que havia alguém morto.

— Eu acho que não reagi muito bem quando me deixou — ele sussurrou, dando de ombros.

— Meu Deus, Alex! Eu não te deixei. Era só um tempo — disse,

espantada, ainda olhando a bagunça ao redor. — Pode começar a arrumar toda essa zona. — Olhei para ele, furiosa.

Alex se aproximou, me puxou contra ele, colocou sua boca na minha e disse:

— Eu estava morrendo de saudades desse seu jeitinho nervoso. — E sorriu.

Como eu poderia ficar brava com ele?

— Vamos. Eu ajudo você — disse, sorrindo. — Também senti sua falta.

— Eu já contratei três mulheres, Vicky. Uma cozinheira e duas para limpar a casa. — Ele sorriu. — E logo, logo, teremos que contratar uma babá também.

— Acho que eu dispenso a babá. Eu quero cuidar do nosso filho.

— Como quiser. — Ele sorriu.

— Mas você terá que ajudar. Trocar fraldas, dar banho, acordar na madrugada... — Olhei para ele para ver sua expressão horrorizada.

— Mas eu não sei fazer essas coisas — ele sussurrou.

— Nem eu, querido. Vamos aprender juntos. — Sorri, dando um beijo nele.

— Está com fome? — ele perguntou, ainda abraçado comigo.

— Muita.

— Vamos almoçar fora hoje. Amanhã a Katia e a Rosa estarão aqui para arrumar a casa. Tudo bem?

— Tá. Tudo bem. — Sorri. — Mas o senhor pode ir arrumando essa bagunça aqui. Vou tomar um banho e, quando eu descer, Alex, não quero nenhuma sujeira no meu tapete.

— Sim, senhora. — Ele sorriu.

Fui direto para o quarto e estava com medo do que veria lá também. “Se a sala está daquele jeito, imagina o meu quarto”, pensei. Surpreendentemente, o quarto estava todo arrumado, o que me fez pensar

que ele não dormiu ali.

Abri meu *closet* e peguei um vestido amarelo soltinho. Entrei no chuveiro, fechando a porta do *boxe*. Depois de alguns minutos, Alex apareceu e se juntou a mim, com um sorriso safado.

— Nem pense nisso — disse, sorrindo.

— Não estou pensando em nada. Está doida? — Ele sorriu, abraçando-me.

Alex começou a me beijar e tinha sua mão em minha nuca, puxando-me ainda mais para ele. A outra passeava em meu corpo, e estava difícil de manter a sanidade com ele tão próximo.

— Alex... — sussurrei, com a respiração mais acelerada. Meu corpo pedia por ele, pelo seu toque, pelos seus beijos...

— Senti tanto a sua falta, amor — ele sussurrou em meu ouvido.

A água morna caía em nossos corpos. Alex pegou o xampu e lavou meus cabelos. Quando terminou, virou-me de costas e me puxou contra seu corpo. Foi passando sua mão por todo o meu corpo, ensaboando-me lentamente. Era como uma tortura. Eu já estava pronta para ele, e, pelo visto, ele também, pois já sentia sua ereção atrás de mim. Terminamos nosso banho e Alex me ajudou a me secar. Ele me guiou até o quarto e me deitou na cama.

— Alex... — Olhei para ele. — Vamos nos atrasar para o almoço. — Sorri.

— Não posso curtir minha esposa só por alguns minutinhos? — Ele me olhou, sorrindo, e me deu um beijo lento. Nós estávamos nus na cama. Ele foi traçando um caminho com a língua, dando leves beijos até a minha barriga. Foi quando parou e intensificou o beijo bem ali, passando a mão levemente.

— Você já pode ouvir o papai? — ele perguntou para a minha barriga com uma voz fina, e não pude deixar de rir.

— Alex — disse, rindo. — Ainda está cedo, eu acho. Ele ainda nem se

mexe.

— Claro que não — disse, olhando para mim. — Ele tem que saber que eu estou aqui agora e que vou amá-lo e protegê-lo. — Seus olhos verdes estavam molhados. — Eu amo vocês, Vicky. Meu Deus! Eu amo tanto. Não me deixe mais. Por favor — ele suplicava.

— Eu também te amo — disse, puxando ele para mim, e dei um beijo em sua boca. — Mas ainda teremos aquela conversa.

— Eu sei.

Alex levou a mão até a minha entrada e eu gemi baixinho. Ele beijava meu pescoço e dava leves mordidas. Então, lembrei de que ele não poderia ir longe.

— Alex — disse, ofegante. — Não podemos fazer isso.

Ele olhou para mim, confuso, e perguntou:

— Isso o quê?

— O médico me proibiu de ter relações por um tempo — disse, dando de ombros, e automaticamente ele retirou sua mão de mim.

— Sério? Não acredito — ele disse, ainda confuso.

— Teremos que esperar um tempo.

— Quanto tempo? — ele perguntou, ajeitando-se ao meu lado, e afastou uma mecha de cabelo que estava em meu rosto.

— Uns quinze dias. — Olhei para ele e vi compreensão em seus olhos.

— Tudo bem. — Ele sorriu. — Não quero machucar você e nem o bebê — disse, dando-me um beijo na testa.

— Não vai ficar bravo? — perguntei, achando que ele faria uma cena ou que não concordasse em esperar.

— Claro que não, amor. Não quero fazer nada que os prejudique. Nada. E, se algum dia sentir alguma coisa ou perceber que tem algo errado, prometa que vai me contar.

— Prometo — sussurrei.

— Então, vamos. Vocês precisam se alimentar — disse, puxando-me

para fora da cama.

Alex me ajudou a colocar minha roupa e me proibiu de usar saltos. Disse que era perigoso, que poderia tropeçar e cair e isso não seria bom pra mim e nem para o bebê. Estava vendo que ele não entendia de nada, mas fiz o que me pediu: coloquei uma sapatilha.

Alex estava lindo de jeans e camisa branca. Ele enrolou as mangas até o antebraço e desabotoou os dois primeiros botões da camisa. Colocou óculos escuros e saímos.

Percorremos todo o caminho ouvindo Jota Quest. Alex era um grande fã do Flausino, e tenho que dizer que eu também. Quando a música “Do seu Lado” tocou, Alex aumentou, dizendo que essa música foi feita para nós. Então, começou a cantar animado, enquanto dirigia e olhava para mim.

*Faz muito tempo, mas eu me lembro você implicava comigo.
Mas hoje eu vejo que tanto tempo me deixou muito mais calmo.
O meu comportamento egoísta, seu temperamento difícil.
Você me achava meio esquisito, e eu te achava tão chata...*

Ao chegarmos ao restaurante, Alex pediu uma comida leve: salada *Caesar*, arroz e filé mignon ao molho madeira. Como não podia beber, ele me acompanhou num suco de maracujá.

Quando o garçom trouxe a comida, Alex perguntou se queria ter aquela conversa sobre a Brithany. Não sabia se era uma boa ideia conversarmos sobre isso no restaurante, mas, se ele havia proposto, era porque, com certeza, ele sabia que eu não iria gostar. Então, eu não faria uma cena no meio de todos. Olhei para ele, dando um generoso gole em meu suco.

— Pode começar, então. E não me esconda nada — disse, um pouco insegura. Não sabia se queria ter aquela conversa naquele momento em que tudo parecia tão bem entre nós, mas a curiosidade estava me matando

e eu precisava saber. Alex pareceu desconfortável, mas me olhou e disse:

— Eu vou falar, mas não quero que me interrompa até terminar.

— Tudo bem.

— Lembra aquele verão em que fizemos um show em Ubatuba? — ele perguntou e eu assenti. — Então, você não pôde ir, pois estava doente... Quase todos os alunos da faculdade foram, inclusive a Brithany e o Harry.

Ao ouvir a menção do nome daquela vaca, eu me contraí em minha cadeira.

— Fizemos o show... A galera da banda havia bebido muito, aliás, todos haviam bebido muito no show. A Brithany me cercou o tempo todo. Se insinuava para mim, ficava enchendo meu saco, não largava do meu pé. Eu tentei dar um chega pra lá nela, mas isso só a deixou mais determinada em me infernizar. Ela já havia dado em cima de mim na faculdade e eu já havia dito a ela que gostava de você. Quando o show terminou, todos seguimos para o hotel. Foi aí que, na madrugada, ela apareceu na porta do meu quarto, somente de camisola. Eu nem sabia que o quarto dela era no mesmo andar. Eu a dispensei ali, naquela hora, e ela começou a chorar. Eu fiquei sem saber o que fazer e a deixei entrar para se acalmar. Eu me arrependo disso até hoje — ele disse, olhando-me com cautela. Eu apenas pedi para que ele prosseguisse.

— Eu tentei acalmá-la e ela começou a dizer que gostava de mim, que queria transar comigo, um monte de outras coisas que acho desnecessário te contar. Ela começou a tirar a roupa e veio para cima de mim. Então, acho que pra me livrar dela, acabei cedendo às investidas. Eu também não estava raciocinando direito, então... acabou acontecendo.

— Você não usou preservativo com ela? — perguntei, chocada.

— Sim. Claro que usei. Eu nunca transei com ninguém desprotegido, Vicky. Você foi a primeira mulher.

— Então, como ela ficou grávida?

— Porque, no dia seguinte, nós... — ele disse, abaixando a cabeça, um

pouco envergonhado.

— Duas vezes, Alex? SÉrio? — bufei. — Para quem queria se livrar dela, acho que gostou muito, não? — disse, irritada.

— Aí é que tá. Foi um erro, eu sei. — Ele me olhou confuso. — Nós transamos outra vez, mas eu também usei o preservativo que estava com ela. Quando eu estava dentro dela, eu senti que acabou estourando, mas eu prossegui.

— Me poupe dos detalhes — disse, olhando para ele, enojada.

— Você pediu para que te contasse tudo. Se quiser que eu pare...

— Não — disse automaticamente. — Continue.

Alex deu um longo suspiro e continuou:

— Quando eu... Eu... Ah! Quando eu vi que havia estourado a camisinha, eu entrei em pânico, mas ela me disse que tomava remédio. Então, acabei não dando tanta importância assim. Depois desse dia, ela começou a ficar no meu pé, mas nunca mais rolou nada entre a gente. Eu sempre deixei bem claro para ela que te amava. Ela sempre te odiou, porque achava que eu era louco de amar você naquela época e nem ligar para ela. Depois de um mês ela me procurou em casa, dizendo que estava grávida. Eu fiquei tão desnorteado. Nós brigamos, eu a acusei de mentir para mim, porque naquele dia ela disse que tomava remédio, então, achei que isso seria impossível. Tivemos uma discussão horrível e eu disse a ela que não queria ter filhos. Eu não queria saber dela e nem do bebê. Ela acabou me batendo e foi embora chorando. Eu fiquei em casa trancado uns três dias, sem ir para a faculdade.

— Eu me lembro disso — disse. — Eu até fui te visitar e você disse que estava doente. — Olhei para ele, chateada. — Por que não me contou, Alex?

— Porque eu não estava preparado. Eu já havia decidido que iria me abrir pra você, aí me aconteceu isso e me deixou confuso. Estava perdido, com medo. Eu não gostava dela. Quando abri a situação para o meu pai...

— Seu pai sabia disso? — perguntei, com uma pitada de decepção.

— Claro que sabia. Ele me fez prometer que iria assumir aquela criança. Conversou comigo e eu acabei me acostumando com a ideia de ter um filho, mesmo que não fosse como eu planejava. Uma semana depois, eu fui procurar a Brithany. Ela havia sumido da faculdade e acabei ficando preocupado. Então, procurei o Harry, e acabou que ele e eu tivemos aquela briga horrível. Ele me acusou de ter mandado a irmã dele tirar o bebê e disse que ela estava no hospital internada após ter cortado os pulsos dentro do banheiro.

— Que louca! — exclamei.

— Eu cheguei a ir visitá-la, e ela continuou com aquele teatro ridículo de que eu a obriguei a tirar a criança. Eu fiquei tão puto que não quis mais saber dela. Depois disso, ela ainda me procurou, mas eu simplesmente a ignorava. Foi quando ela desandou a fazer besteiras e Harry a internou.

— Espere — disse, olhando para ele, tentando digerir tudo aquilo. — Aonde entra a parte de que ela não pode mais ter filhos?

— Harry disse que, quando ela foi abortar, quando acabou o procedimento, ela passou mal. Ela ligou para ele, contou o que tinha acontecido e pediu para que a levasse para casa.

— E? Se ela estava passando mal, por que ir para casa?

— Ela disse a ele que no dia seguinte sentiu algumas dores e foi ao médico. Fez alguns exames e o médico constatou que ela não poderia ter mais filhos devido ao aborto. — Alex me olhava, atento.

— Isso está muito mal contado. Como ela passa mal, vai para casa e ninguém vai com ela ao médico? Aí, no dia seguinte, ela fala isso e está tudo bem?

— Ela estava mal mesmo. Ela tentou se matar umas três vezes, Vicky. É uma desequilibrada — resmungou.

— Quando ela apareceu com o teste de gravidez para você?

— Já te disse, ela foi em casa e me disse. — Ele me olhou intrigado.

— E o teste?

— Que teste, Vicky? — Ele pareceu confuso.

— O teste de gravidez, Alex. Pare de ser burro. Onde estão os exames que comprovam que ela não pode ter filhos? Poderíamos ir até a clínica que ela fez o aborto e...

— Acorda, Vicky. Essas clínicas são clandestinas. Acha mesmo que...

— Ele me olhou, petrificado. — Eu nunca vi os exames dela. Mas eu sei que ela ficou internada no *Albert* quando se cortou.

— Como assim? Nunca viu os exames?

— Para que eu iria pedir os exames dela, Vicky? Está maluca?

— E se ela não for louca? É porque eu acho que aquela maluca é uma psicopata, isso sim. Talvez nem estivesse grávida. — Olhei para ele com raiva.

— Claro que estava — ele bufou. — Não tem sentido ela ter me dito que estava grávida sem estar. Uma hora, a barriga teria que crescer, não acha?

— É. Isso é verdade — disse, dando um gole no meu suco, agora um pouco quente.

— Eu já disse tudo o que eu sabia, Vicky. Não mantive muito contato com ela. Às vezes, ela me ligava, mas eu nunca dei esperanças a ela. Nunca.

— Só não entendo você nunca ter me contado. Eu iria entender, Alex. Iria. — Olhei chateada para ele.

— Eu só quero esquecer isso, Vicky. Não quero mais ter que falar nesse assunto. Eu não tive culpa se aquela maluca resolveu tirar o bebê. Eu jamais a obrigaria a fazer uma coisa dessas. — Alex me olhava com tristeza.

— Eu sei. Eu sei — sussurrei. — Vamos colocar uma pedra nisso?

— Vamos. — Ele tocou minha mão.

— Termine de comer. Você não comeu quase nada — ele me repreendeu.

— Acho que não foi uma boa ideia falarmos disso aqui. Perdi

completamente a fome depois dessa história.

— Tudo bem — ele bufou. — Eu acho que perdi a fome também.

Alex pediu a conta. Assim que pagou, terminou de tomar o suco. Ele me olhou e nós dois rimos.

— Vamos. — Ele se levantou, puxando-me.

— Vamos aonde? — perguntei, com um sorriso no rosto.

— Vou te levar num lugar que vai gostar — disse, dando-me um beijo, e saímos.

Alex dirigia conversando comigo. Falávamos sobre o show que faria em uma semana. Ele tentou negociar para que eu ficasse em casa, mas, claro, eu ganhei e disse que iria de qualquer jeito. Quando chegamos ao lugar misterioso, vi que estávamos no estacionamento de uma loja de móveis.

— Vamos comprar móveis? Pensei que havíamos comprado tudo para a casa, amor — falei, intrigada.

— Mas agora tem o quarto do bebê. Esqueceu? — Ele sorriu.

— Alex! — disse, rindo. — Ainda é muito cedo. Nem sabemos se é menino ou menina.

— E o que tem? Comparemos o bercinho e os móveis brancos... As roupinhas, a gente espera mais um pouco. — Ele me olhou divertido.

— Sério? — disse, rindo. — Achei que os homens achavam isso um tédio.

— Querida, eu não sou um homem comum. — Ele gargalhou.

— Estou vendo.

— Tudo que diz respeito a você e ao nosso filho, eu faço com maior prazer. Só quero te ver feliz, Vicky. Eu prometi que faria de você a mulher mais feliz do mundo — ele disse, tocando meu rosto. — E eu costumo cumprir minhas promessas.

Alex me deu um beijo e se afastou, saindo carro. “Meu pai do céu, eu amo esse homem”, pensei. Seguimos de mãos dadas para dentro da loja.

Tudo era tão lindo. Seria muito difícil escolher os móveis, mas Alex me surpreendeu olhando tudo e escolhendo item por item, pedindo minha opinião.

Definitivamente, ele realmente não era como os outros homens. E eu estava mais do que feliz por tê-lo em minha vida.

Capítulo 34

Alex

Três meses depois...

Saí do banheiro ainda enrolado na toalha. Naquele dia seria a ultrassonografia do nosso filho e, enfim, saberíamos o sexo do bebê. Naqueles três meses, a única coisa que Vicky conseguiu fazer foi comer e dormir. Dizem que mulheres quando estão grávidas aumentam o apetite sexual, mas isso definitivamente não aconteceu com ela. Ela passava o dia todo reclamando dos quilos que ganhou. Na verdade, achava até que ela estava muito gorda para quem estava de quase cinco meses, mas eu jamais falaria isso para ela. Ela me mataria num piscar de olhos.

Coloquei meu jeans, tênis e uma camiseta preta. Caminhei até o criado-mudo e peguei as chaves da *Rover*. Quando descí as escadas, a recepção estava formada. Margareth e Roger estavam sentados no sofá, conversando com a Vicky. Eles fizeram questão de acompanhar o exame. Como eles eram os padrinhos, disseram que queriam estar lá no momento em que soubessem se era menina ou menino. A propósito, a briga pelo nome durou quase dois meses. Vicky cismou de que, se fosse menina, se chamaria Clara, e eu, claro, disse que, se fosse menino, se chamaria Ian.

— Nossa! Como demorou — Margareth bufou.

— Bom dia pra você também... Maga — disse, puxando seu nariz, e ela me deu um tapa na mão.

— Amor... — disse, olhando para a Vicky e tocando na sua barriga perfeita. Ela me olhou com aqueles olhos azuis intensos e me beijou. — Está tão linda! — disse em seu ouvido. Ela estava com um vestido azul curto que deixava sua barriga redondinha.

— Vamos — ela disse, olhando-nos. — Estou tão ansiosa...

— Então, vamos? — Roger disse, impaciente. Acho que todos estavam mais nervosos do que eu.

Seguimos para o médico em meu carro. Roger estava de moto, e Margareth insistiu para que fossem conosco. Quando chegamos ao consultório, estava rezando para que o Dr. Fernando tivesse uma dor de barriga e o velhinho nos atendesse. Acontece que eu morria de ciúmes de vê-lo com as mãos na minha mulher, sempre tão gentil. Sorrisinhos pra lá, gentilezas pra cá... O cara era um babaca se achando o galã da nova novela das oito. Na segunda vez em que acompanhei a Vicky, estava crente que seria o Dr. Grisalho, mas aí veio a surpresa e quase surtei. Naquele dia tivemos uma discussão, mas, claro, Vicky deixou bem claro que eu deveria controlar meu ciúme ou ela passaria a fazer o pré-natal sozinha. Então, o jeito foi fingir que estava tudo bem e tentar me controlar cada vez que ele tocava nela.

— Vitória. — Ouvi uma voz a chamando e automaticamente todos nos viramos para ver. O médico galã maldito entrou na recepção com um imenso sorriso no rosto. Ele se aproximou e a cumprimentou com dois beijos no rosto. Aquilo me deixou possesso. Acho que ele percebeu meu desconforto e fez aquilo só para me aporrinhar.

— Doutor Fernando... — Ela sorriu. Eu pigarreei e a puxei para mim.

— Senhor Riccieri... — Ele voltou sua atenção para mim, estendendo-me a mão. Eu o cumprimentei e seguimos para dentro da sala. Margareth e Roger ficaram na recepção à nossa espera.

— Como vai esse bebê? — ele perguntou.

Automaticamente respondi:

— Está ótimo. Se mexe toda hora... Só não anda e não fala — disse com ironia.

— Alex! — Vicky me deu uma cotovelada, olhando-me furiosamente.

— Tire os sapatos e suba na balança — o médico disse a ela, um pouco sem graça. Vicky fez uma careta, mas fez o que ele pediu. “Agora, aguenta o mau humor da criatura quando perceber que deve ter engordado uns dez quilos”, pensei.

O médico passou por ela e ajustou a balança. Fez uns cálculos malucos e disse:

— Você está acima do peso, Vitória. Precisamos conversar sobre isso.

Ui. A cara que ela fez para ele já valeu o meu dia.

— Eu não estou gorda — ela falou, saindo de cima da balança.

— Eu não disse que está. — Ele a olhou. — Disse que está acima do peso ideal para a gestação. O normal para uma gestação de nove meses é de nove a doze quilos — ele disse, pausadamente. — E você... — Ele suspirou. — já ganhou dez somente em cinco meses.

— Eu nem como muito — ela disse, irritada.

— A questão não é a quantidade, e sim a qualidade — ele disse, fitando-a nos olhos. — Espero que esteja seguindo à risca com a nutricionista.

— Sim, estou. — Ela me olhou, achando que iria desmenti-la. Sério? Nem morto. Eu sabia que, se abrisse minha boca ali e dissesse que ela comia no café da manhã ovos, panqueca e bacon, eu seria decapitado. Eu até tentava fazer com que ela seguisse a dieta, mas de vez em quando ela vinha com um papo de que era desejo de grávida. Então tá, né? Quem era eu para contrariar?

— Vamos começar o exame? — ele disse, pegando um tubo de gel. — Pode ir até a salinha. Se vista com o roupão que a enfermeira irá te dar.

Vicky fez o que ele pediu e eu fiquei na sala esperando. Quando ela apareceu com aquele roupão de hospital, o médico pediu para que ela

deitasse na maca. Ele ligou os aparelhos e pediu para que eu chamasse Roger e Margareth. Fui até a recepção e os chamei. Quando chegamos, Margareth ficou abraçada com Roger e o Dr. *Don Juan* estava passando o gel na barriga dela. Todos ficamos com os olhos fixos no monitor. Ele mexia o aparelho pela barriga dela e olhava atento para a tela. Estava calado e com uma expressão que não gostei muito. Havia algo errado. De repente, ele saiu da sala calado, e fiquei apreensivo. Vicky me olhou e disse num sussurro:

— O que deu nele? Tem alguma coisa errada, não tem? — Ela me olhou com os olhos arregalados.

— Nada, amor. Está tudo bem — disse, tranquilizando-a. Margareth começou a ficar apreensiva e se aproximou dela, pegando em sua mão. Quando o médico voltou, ele tinha alguns exames na mão. Isso me deixou desconfiado, então, perguntei, curioso:

— Aconteceu alguma coisa, doutor?

Ele me olhou um pouco confuso e apenas balançou a cabeça em negativo. Eu me aliviei por um momento, mas a expressão dele ainda me assustava. Ele nos olhou por alguns instantes e voltou a passar o aparelho na barriga dela.

— Estão vendo esses dois espaços pretos juntos, marcados A e B? — ele perguntou, passando a mão pelo monitor, indicando os espaços traçados. Vicky respondeu que sim. Eu apenas fiquei paralisado. Na primeira ultrassom eu disse que havia visto meu filho, mas, na verdade, não vi coisa nenhuma. Era tudo um borrão preto esquisito e, nem se eu tivesse olho biônico, eu veria alguma coisa. Mas, agora, estava nítido. Tão nítido que não consegui dizer uma só palavra. Eu sabia o que meus olhos estavam vendo, mas eu queria a confirmação — e Deus quisesse que eu estivesse vendo coisas, pois, se fosse o que eu pensava que era, Vicky surtaria. Certamente.

— Diga logo, doutor. Estou quase tendo um ataque aqui — Margareth

falou, inquieta.

— Esses são seus dois filhos. São gêmeos. Não conseguimos ver logo no início com o primeiro ultrassom — ele disse, com cautela.

— Você disse “dois filhos”?! — Margareth gritou, em pânico. Quando olhei para a Vicky, ela estava imóvel.

— Gêmeos? — Roger sussurrou. — Uau!

— Sim, gêmeos. E os bebês estão perfeitos. — O médico sorriu e olhou para a Vicky, ainda paralisada. Naquele instante, ouvimos os corações batendo. Eu mal percebi que estavam caindo lágrimas pelo meu rosto. Ainda estava em choque. Vicky estava com os olhos arregalados. Quando toquei sua mão, estava gelada e ela tremia.

— Vicky — eu sussurrei. Ela me olhou, mas nenhuma palavra saiu de sua boca. — Querida... está tudo bem? Está sentindo alguma coisa? — perguntei, preocupado.

— Meu Deus, Alex! O que você fez? — ela sussurrou, com a voz trêmula. Virou-se para o médico e disse, descontrolada: — Desliga isso aí. Liga de novo e refaça o exame. Isso está errado. O aparelho está quebrado — ela disse, assustada.

— Gêmeos? Não, não, não. Impossível... Eu vi o primeiro exame, doutor, só tinha um coração batendo — ela disse, agora começando a chorar.

— Vitória, não há erros. Você está grávida de gêmeos. Agora, precisamos redobrar os cuidados com a sua gestação.

Eu ainda estava tentando digerir tudo aquilo, mas estava feliz por saber que iria ser pai de dois filhos. Margareth tinha a mesma expressão de Vicky, estava um pouco apavorada.

— Doutor, tem como saber o sexo dos bebês? — perguntei, curioso. Claro que eu queria saber. Vicky me olhou como se fosse arrancar a minha cabeça do corpo com um só golpe, mas nem liguei para ela. Sabia que estava assustada, mas ela iria se acostumar com a ideia.

O médico começou a passar outra vez o aparelho pela barriga dela. Ela estava um pouco mais calma agora. Acho que, na verdade, calma não seria a palavra certa: ela estava em choque mesmo. O Dr. Fernando nos olhou, abriu um sorriso e disse:

— É um casal. Uma menina e um menino.

Vicky me olhou com os olhos cheios de lágrimas e eu sorri para ela.

— Alex — ela sussurrou. — Eu não sei se eu vou conseguir e...

— Amor — disse, dando um beijo nela, afastando seus medos. Eu sabia que devia estar assustada, afinal, até eu estava. —, estamos juntos. Eu adorei a ideia de dois bebês. Veja... Agora podemos colocar os dois nomes. Não precisamos mais brigar. — Ela abriu um sorriso que atingiu meu coração. Minha felicidade estava completa. Eu me sentia o homem mais feliz do mundo. Cuidaria dela e dos meus filhos. Eles eram tudo para mim, tudo. — Eu amo você, Vicky, e vou cuidar de vocês três — disse, dando um beijo em sua barriga.

Vicky me olhou com os olhos azuis parecendo uma piscina de tanta lágrima que havia neles.

— Eu também te amo — sussurrou.

— Meu Deus, Roger. Seremos padrinhos de dois bebês, agora! — Margareth deu um gritinho e abraçou a Vicky.

Roger me deu um abraço e me disse:

— Dá-lhe, Alex, o Homem de Aço. Dois filhos?

Na menção do apelido, Vicky e eu nos olhamos e rimos. Margareth começou a gargalhar e Roger não entendeu nada. Mal sabia que ele era o Homem de Aço... e não eu. Mas até que me senti honrado, dois filhos de uma vez... Meu Deus! Eu estava realmente apavorado.

No dia seguinte...

Vicky e eu organizamos um almoço em casa. Já estava quase na hora dos convidados chegarem. Ela já estava mais calma e até estava gostando da ideia dos gêmeos. Como montamos o quarto para apenas um, naquela semana combinamos de voltar na loja e comprar outro berço. A campainha tocou e corri para atender.

— Pai — disse com um sorriso, abraçando o poderoso Jeffrey.

— Filho, parabéns! Onde está a mamãe do ano?

— Está na cozinha, ajudando no almoço. Vicky é teimosa, não consegue ficar parada. Quando não está ajudando a Maria e a Rosa, fica no *atelier* desenhando.

— Isso é ótimo, filho. Para de ser implicante com ela. — Meu pai me olhou e sorriu, indo até a cozinha vê-la enquanto eu recebia os outros convidados, que já estavam na porta tocando a campainha.

— Senhor Becky, Laura — os cumprimentei, pedindo para que entrassem. Logo atrás, vinha Lucas e Isabela. Não sabia por que a necessidade de convidar aquele pé no saco.

— Lucas... — Estendi a mão para cumprimentá-lo.

— Parabéns pelos gêmeos — disse.

— Obrigado. Isabela — disse, voltando minha atenção para ela, cumprimentando-a.

— Oi, Alex. Onde está a Vicky?

— Está na cozinha — disse, apontando a direção.

Fiquei na sala com meu sogro, Lucas e Laura. Conversamos por alguns instantes, até que Vicky se juntou a nós com Isabela, Margareth e Roger. Meu pai veio logo atrás, com uma garrafa de uísque.

O almoço foi tranquilo. Foi tudo fantástico, um belo almoço de domingo. Vicky estava brincalhona, e isso me animou. Estava com medo que entrasse em paranoia, mas até que ela aceitou bem.

Quando estávamos na sala tomando um café, Dilan me mandou uma

mensagem que me paralisou na hora. Sem que ninguém percebesse, me levantei e fui até o jardim. Dilan estava a postos. Assim que aproximei, disse:

— Ela já foi?

— Sim, mas esteve rondando a casa por um bom tempo — Dilan alertou.

— Não quero, em hipótese nenhuma, que ela entre nessa casa. E, quanto à Vitória, você já sabe. Não a deixe sair sem me avisar. E, se sair, você vai com ela — disse, autoritário.

— Seria bom dizer a ela que Brithany anda rondando. Ela precisa se prevenir, ficar atenta caso aconteça alguma coisa.

— Ela não precisa saber de nada, Dilan. Isso vai deixá-la nervosa, não quero que aconteça nada com meus filhos e nem com ela. Só se mantenha em alerta. Caso veja alguma coisa estranha, chame a polícia. Essa mulher é louca e não duvido que, se ela chegar perto da Vicky, lhe faça algum mal.

— Tudo bem. Fique tranquilo. Já passei uma mensagem para o Roger também.

— Alex... — A voz dela me fez virar imediatamente. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, amor. Estava aqui apenas conversando com o Dilan — disse, abraçando-a, e dei um beijo em sua boca.

— Oi, Dilan. — Ela sorriu, olhando para ele.

— Parabéns pelos gêmeos.

— Obrigada. É bom saber que vou deixar o Alex doido com as crianças correndo pela casa, fazendo a maior zona.

— Já estou me preparando psicologicamente — disse, rindo. — Se as crianças tiverem o gênio da Vicky, estou perdido. — Ela me deu uma cotovelada. — Ai, isso dói! — reclamei.

— Eu sou um doce de pessoa — ela disse, arqueando as sobrancelhas.

— Estou vendo. Preciso ver se já não estou com diabetes.

Dilan caiu na gargalhada e Vicky fingiu estar brava.

— Alex, eles já estão indo — ela disse, acariciando a barriga. — Eu estou cansada, quero descansar um pouco.

— Então, vamos — disse, pegando em sua mão. — Dilan, qualquer coisa... — disse, deixando as palavras no ar, e claro que ele entendeu perfeitamente. Ele assentiu e eu segui guiando Vicky para dentro. Nos despedimos de todos, e em instantes, ficamos sozinhos.

— Agora, querida, você é só minha — disse, pegando ela pela nuca e dando um beijo longo e demorado. Eu tinha necessidade dela, de tocá-la, de fazer amor com ela até que o sol raiasse.

Levei-a para nosso quarto e a despi. Tão linda. Olhava para ela cada dia mais apaixonado. Sua barriga era perfeita, e não deixava de admirar. Toquei em seus cabelos compridos e loiros. Peguei uma mecha de seu cabelo e levei até meu nariz. Inalei aquele cheiro perfeito que era só dela. Levei-a para cama e a deitei com cuidado. Ela me olhava com um sorriso perfeito, que acalmava meu coração.

— Eu te amo tanto, sabia? — sussurrei em seu ouvido e senti seu corpo responder ao meu toque. Toquei em seus seios e eles quase já não cabiam em minhas mãos, estavam maiores. Vicky tirou minha camisa e jogou ao lado dela, na cama. Levantei-me e segui até o som, colocando uma música. Tirei minha calça e minha *boxer*. Quando deitei sobre ela com cuidado para não machucá-la, ela me puxou com urgência e levou sua boca na minha, beijando-me. Ela puxava meu cabelo com uma mão e a outra arranhava minhas costas. Comecei a beijar seu pescoço e logo descí até seus seios, abocanhando-os com vontade. Ela ofegava e gemia. Fui descendo lentamente, enchendo-a de beijos em minha trilha até que cheguei em seu ventre. Eu paralisei ali quando senti as crianças se mexerem. Coloquei a mão em sua barriga e sorri para ela, dizendo:

— Acho que as crianças estão acordadas.

Ela me olhou confusa e sorriu.

— Não devíamos fazer essas coisas na frente delas, não é?

— Está querendo fugir de mim, senhora Riccieri? — disse, levando minha mão até a sua entrada. Ela já estava pronta para mim. Senti ela se contorcer e segui em direção à sua boca, bem na hora em que soltou um gemido.

— Alex...

— Eu quero você, meu amor — disse, olhando em seus olhos. — Eu amo você.

— Eu também te amo. Muito.

Ela me puxou para ela e nossos corpos se fundiram. Meu corpo gritava por ela. Eu ficaria ali, a noite inteira, só para arrancar cada gota de prazer e fazê-la gemer em meus braços. Então, seguimos a noite inteira fazendo amor, ao som de *Between The Raindrops*, do Lifehouse.

Olhe ao redor

Não há ninguém além de você e eu

Bem aqui e agora

Do jeito que deveria ser...

Capítulo 35

Vicky

Já havia se passado quase dois meses desde que soube que estava esperando gêmeos. Havia completado, no dia anterior, sete meses de gestação. A cada dia eu engordava mais, e isso me desesperava. Já estava com setenta e cinco quilos, e estava a cada dia mais apavorada. Alex dizia que não se importava, mas eu achava que no fundo ele não me olhava mais como antes. Sentia-me insegura e sabia que não tinha motivos. Alex a cada dia ficava mais atencioso e protetor; não me deixava sair sozinha e, para onde eu ia, se não pudesse ir comigo, ele mandava Dilan me acompanhar.

Alex passava mais tempo na produtora do que em casa. Acabava me sentindo um pouco sozinha. Margareth não estava aparecendo muito também. Ela e Roger estavam se estranhando e ela dizia que estava difícil de suportar a pressão. Ele queria casar, e ela não. Vai entender... Eles foram feitos um para o outro, e todos sabiam disso.

Meu celular tocou e havia uma mensagem no *WhatsApp*. Toquei no visor para ler.

Alex: Estou aqui pensando em vocês!

Dei um sorriso bobo e rapidamente digitei, em resposta:

Vicky: Por que não vem para casa? Quero você!

Alex: Ainda tenho alguns contratos para ler. Acho que vou chegar bem tarde.

Vicky: Não pode fazer isso amanhã?

O meu celular começou a vibrar. Na tela, apareceu a foto dele beijando minha barriga. Ele havia tirado a foto na semana anterior e colocado em nossos telefones para aparecer quando ligássemos um para o outro. Sorri ao lembrar do momento.

— Oi — disse, desanimada.

— Oi, amor — disse. Sua voz parecia cansada. — Não posso sair agora. Vou tentar não demorar, tudo bem?

— Tudo bem — respondi, desanimada.

— O que está fazendo?

— Estou no quarto assistindo um filme — respondi.

Houve um breve silêncio do outro lado da linha, seguido por um suspiro.

— Amor... Preciso desligar. Eu te amo — ele disse. Meu coração ficou apertado por estar longe dele.

— Eu também te amo — disse, desligando.

Praticamente, toda noite acabava sozinha, esperando por ele, até que caísse num sono profundo. Naquele dia seria diferente. Resolvi ir até a casa da Margareth. Ainda era oito da noite, daria tempo de ir e voltar antes que ele chegasse.

Levantei-me da cama com um pouco de dificuldade. A barriga já me causava certo desconforto. Meus pés estavam um pouco inchados e estava me sentindo horrível com aquelas roupas de grávida. Resolvi apenas colocar um vestido longo e uma rasteirinha. Prendi meus cabelos num rabo de cavalo e pronto, estava ótima.

Quando saí pela porta em direção ao carro, Dilan já estava

caminhando até mim, com uma expressão de “nem pense em sair a essa hora”. Eu revirei os olhos e comecei a ficar irritada.

— Boa noite, senhora Riccieri. Tenho ordens para não deixá-la sair em hipótese nenhuma — ele disse, analisando-me.

— Dilan, não sou sua prisioneira, portanto... — disse, entrando no carro e dando a partida, fechando a porta e o deixando irritado. Abaixei o vidro lentamente e olhei para ele, dizendo: — Se ligar para o meu marido, tenha em mente que eu ficaria muito irritada e isso não seria bom para os meus bebês.

Ele me olhou com os olhos cerrados e com as mãos em punho. Estava puto.

— À propósito... — disse, sorrindo. — Estou indo aqui ao lado, na casa da Margareth.

Dilan levantou a mão esquerda e coçou a cabeça. Parecia confuso e preocupado, mas logo relaxou.

— Tudo bem. Pode ir — ele resmungou. Acho que ele não havia entendido: não estava pedindo sua permissão, e sim dizendo que estava de saída.

— Dilan... — Ele me olhou, com aqueles olhos azuis meio esverdeados. — Eu não pedi a sua permissão, querido — disse um pouco irônica. — Se o Alex chegar antes de mim, avise que logo estarei de volta.

E, assim, arranquei com o carro em direção à saída. Demorou apenas cinco minutos para que chegasse até a sua casa — eu poderia ter ido a pé, mas, ultimamente, não tinha muito ânimo para isso.

Estacionei o carro e desci, travando as portas. Passei pelo jardim e logo estava de frente à porta imponente de sua casa. Toquei a campainha e esperei. Quando a porta se abriu, Margareth quase pulou em cima de mim.

— Vickyyy! — Ela me abraçou, sorrindo. Afastou-se um pouco e colocou suas mãos em minha barriga. — Como vão meus afilhados?

— Ótimos. A Clara é um pouco normal, mas o Ian fica chutando a noite

inteira. — Gargalhei.

— E como você sabe qual é qual? — ela perguntou, juntando as sobrancelhas e me olhando de um jeito esquisito.

— Não sei, oras. É só pressentimento. — Dei de ombros.

Margareth caiu na gargalhada e eu não aguentei. Rimos juntas, até que senti uma pontada de leve na barriga. Margareth me olhou, preocupada pela expressão de dor que certamente vii em meu rosto.

— O que foi, Vicky? Está sentindo alguma coisa? — perguntou, segurando meu braço e me puxando para o sofá.

— Não. Eu estou bem, foi só uma pontada — disse, com a mão na barriga. Há dias vinha sentindo aquelas pontadas estranhas.

— Quer que eu ligue para o Alex?

— Não. Eu estou bem.

— E por falar nele... Onde está?

— Trabalhando. Faz quase um mês que ele está nesse ritmo. Só chega depois da meia-noite em casa — bufei.

— Ele te deixa sozinha em casa? Mas...

— Ele diz que tem muito trabalho na produtora e alguns contratos para analisar.

— Eu também tenho trabalhado muito. Roger não me dá uma folga, sabia? Agora deu para ficar enciumado por qualquer coisa — ela disse, irritada.

— Alex tem me dado atenção, mas não gosto quando ele chega tarde. Eu fico me sentindo sozinha.

— Você já jantou? A Joana acabou de fazer uma lasanha deliciosa.

— Não, lasanha não! Eu já estou ficando uma porca de tão gorda.

— Não está gorda, Vicky. Está grávida. — Ela sorriu. — E de gêmeos. Isso aí é só barriga, amiga — ela concluiu.

— Mas não vou facilitar — disse, rindo.

— Deixa de besteira. Vamos, eu estou morrendo de fome. Quero que

alimente esses meus afilhadinhos fofos.

Margareth me puxou do sofá, arrastando-me a contragosto até a cozinha. Me fez comer tanto que estava empanturrada. Ficamos conversando por algum tempo. Ela me contou sobre seus planos para a sua nova coleção de sapatos e me fez uma proposta muito tentadora: vestir todas as modelos com meus modelitos que desenhei em Paris. A apresentação seria em seis meses, no desfile *SPFW*. Fiz mentalmente as contas de quando os bebês iriam nascer e, pelos cálculos, estariam com quase quatro meses. Então, resolvi aceitar a proposta. Já estava me sentindo uma inútil sem fazer nada.

— E você e o Roger? Quando sai o casório? — perguntei, terminando de beber meu suco.

— Não sei se quero me casar. — Ela me olhou com um olhar triste.

— O Roger ama você. E ele quer ter filhos. — Sorri.

— Não sei se dará certo. Brigamos demais e Roger é um cabeça-dura.

— Mas você disse que o sexo é incrível! — Gargalhei.

Margareth não resistiu e me olhou divertida.

— Alex até hoje comenta sobre aquele telefonema, sabia?

— Hum-hum. Ele adora o Roger. E torcemos muito por vocês — disse, pegando em sua mão. Quando olhei no relógio que estava em seu pulso e vi as horas, dei um pulo da cadeira e falei, desesperada:

— Meu Deus! Já são dez da noite! Preciso ir.

— Nossa. A hora passou num piscar de olhos.

Seguimos em direção à porta e Margareth me deu um abraço, despedindo-se.

— Vicky, se cuida — disse, dando-me um beijo no rosto.

— Vê se aparece lá em casa. Eu fico tão sozinha... — disse, fazendo biquinho. — Só vejo aquele chato do Dilan, e ainda tenho que ficar ouvindo ele me dizer o que eu posso ou não fazer. É um saco isso — disse, frustrada.

Margareth caminhou ao meu lado até o carro e disse:

— É para o seu bem, Vicky. Sabe o quanto Alex é protetor... Ele morreria se acontecesse alguma coisa com vocês — disse, apontando para minha barriga.

— Preciso ir. Quero estar em casa antes de ele voltar, para não ter problemas.

— Vai lá. Te ligo amanhã — disse, acenando, enquanto entrava no carro e dava a partida. Acenei com as mãos para fora da janela do carro e parti.

Cinco minutos depois estava passando pela guarita de casa. Estacionei o carro, peguei minha bolsa, que estava no banco ao lado, e abri a porta. Olhei para os lados, mas não vi o Dilan ali fora. Dei a volta no carro para me certificar de que as portas estavam realmente trancadas e, nesse momento, alguém me puxou pelo braço, fazendo-me dar um pulo.

Brithany estava me olhando fixamente, senti todo o meu corpo se arrepiar. Seus olhos, com uma expressão fria e distante, deixaram-me ainda mais assustada. Meu Deus! Ela estava... loira? Como eu?

— O que faz aqui? — perguntei, num sussurro, me afastando para trás até ser bloqueada pela porta do carro.

— Eu vim fazer uma visita de cortesia. Gostou do meu novo cabelo? Alex vai amar, não acha? — Sorriu, olhando para a minha barriga. Levei minhas mãos em meu ventre para proteger meus filhos daquela maluca desvairada. Olhei para os lados à procura de Dilan e o amaldiçoei mentalmente por ter saído do seu posto. “Droga, Dilan... Onde você se meteu?”, pensei.

— Se está procurando pelo cão de guarda... — ela disse, sorrindo, olhando para suas unhas afiadas. Cada vez mais, ela me deixava assustada. — Ele recebeu uma chamada muito interessante. Acho que, nesse momento, ele deve estar cuidando de certo alguém nos fundos da casa — disse, num tom frio. “Merda! O que essa louca está aprontando?”, pensei.

Ela começou a falar algumas coisas, mas eu não consegui prestar

atenção. Estava tensa e a única coisa em que conseguia pensar era em ligar para o Alex. Comecei a revirar a bolsa à procura do meu celular e senti minhas mãos tremerem. Quando consegui achá-lo, Brithany praticamente se jogou em cima de mim e arrancou o telefone e a bolsa das minhas mãos, jogando-os no chão. Fiquei paralisada em meu lugar e a maldita começou a rir, completamente histérica.

— Eu já estou de saco cheio de você, Vitória. — Ela se afastou um pouco e levou as mãos à cabeça. — Você sempre esteve em meu caminho, e eu a odeio por isso. Eu te odeio — ela disse tão calma, que chegava a ser assustador.

— O que você quer? — perguntei, ríspida.

Ela me olhou por um momento e disse, toda confiante de si:

— Eu quero que você morra. Você e esses malditos bebês — disse, apontando para a minha barriga, e eu me encolhi, apavorada. Eu já não sabia o que fazer e meus medos só aumentavam quando me lembrava do que aquela maluca era capaz de fazer.

— Fique longe de mim. — Ela parecia se divertir com a situação e veio em minha direção a passos lentos. Sem saber o que fazer, analisei minhas opções. “Fico aqui parada igual uma mula e dou a oportunidade dessa magricela louca me cortar em pedacinhos ou corro até a porta de casa, gritando desesperadamente?”, pensei. “É, a segunda opção me parece menos arriscada”, concluí. Dei um longo suspiro e, antes que ela chegasse até mim, corri em direção à porta, gritando pelo Dilan.

Meu coração disparou pela adrenalina e senti o seu pulsar em minha garganta. Olhei para trás, sem deixar de correr, para ver se ela estava perto — e ela não estava. Parei subitamente. Olhei em todas as direções, nada da maluca. O jardim estava escuro, iluminado apenas pela luz da lua. Sentia-me como naqueles filmes macabros de terror, e o desespero só aumentou quando a senti puxar meus cabelos, arrastando-me até o caminho de pedra, para fora do jardim.

— Socorro! Me larga, sua louca! — gritei, já com as lágrimas se formando. Ela não disse nada e eu estava entrando em pânico. Continuei a gritar. Gritava por socorro, gritava pelo Dilan, gritava pelo Alex. Eu estava com medo de que fosse machucar meus filhos.

— Cale a boca! — Andamos um pouco, até que eu consegui ver um carro parado do outro lado da rua. Quando nos aproximamos dele, eu senti aquela pontada outra vez, mas numa intensidade maior. Levei a mão na barriga e soltei um gemido de dor. Algo estava errado, já estava ficando desesperada em pensar que poderia perder meus bebês. Comecei a chorar e implorar para que me soltasse.

— Por favor, Brithany... Deixe-me ir — disse, entre lágrimas. Ela parou e me deu um sorriso.

— Eu vou ficar com o Alex, sua cretina. Quando eu acabar com você e com isso aí que está na sua barriga, ele vai voltar a me amar — ela disse, com convicção. Estava realmente louca e fora de si. Levou a mão até o bolso da calça e retirou um pedaço de metal pequeno. Acionou uma trava e uma lâmina saltou para fora. “Oh Meu Deus! Ela vai me matar!”, pensei.

— Vamos. — Ela voltou a me puxar pelos cabelos, com o pequeno canivete encostado no meu pescoço. Eu conseguia sentir o gelo da lâmina de aço. Brithany abriu a porta traseira da caminhonete e me surpreendi com o que vi.

— Betty? — sussurrei, confusa. — O que faz aqui?

— Cale a boca e entra no carro! — Brithany gritou e me empurrou para dentro. — Anda, sua mula. Amarre-a — disse, olhando para Betty.

— Não... Não... Não — choraminguei. — Betty, por favor — supliquei. — Não dê ouvidos para essa maluca...

— Sinto muito. — Ela sorriu. — Nunca gostei mesmo de você.

— Uma pena não ser muito popular, né, loirinha? — Brithany sorriu, entrando no carro e fechando a porta, enquanto Betty juntava meus braços para trás, amarrando meus pulsos.

— O que vai ser, Betty? Cortamos ela em pedacinhos e despejamos o corpo na vala ou no rio Tietê? — Ela gargalhava, olhando-me pelo retrovisor. Fechei os olhos, o medo me consumia. Comecei a chorar e os bebês começaram a se mexer em minha barriga.

— Ele nunca irá te amar, Brithany — disse, entre lágrimas. — Você é uma louca. Precisa ser internada num hospício e apodrecer lá.

— Cale a boca! — ela gritou fazendo-me saltar do banco do carro. — Betty, mantenha a boca dessa cadela fechada.

— Eu não tenho culpa que você tirou seu próprio filho e agora fica dando uma de coitada, sua assassina egoísta — disse, inclinando meu corpo para frente para que ela pudesse ouvir palavra por palavra, em alto e bom som. Brithany freou bruscamente e se virou para mim, apontando o pequeno canivete.

— Abre essa maldita boca outra vez e eu arranco essa sua língua! — gritou com fúria. Eu me encolhi em meu lugar e apenas fechei os olhos. Tinha que arranjar alguma maneira de me livrar daquelas duas loucas. As pontadas começaram a surgir, seguida de uma forte dor. Rezei baixinho para que nada acontecesse e para que aquele pesadelo acabasse logo. Eu não queria morrer... Não podia morrer. Pensava em Alex e meu coração apertava. “Como ele vai saber que essa louca me raptou? Oh, meu Deus! Eu preciso arrumar um jeito para que ele saiba onde estou. Mas para onde essas loucas vão me levar?”, pensava. Sentia-me impotente, sem saber como agir e sobre o que aconteceria dali para frente. Não era um sequestro comum.

Ela não queria dinheiro. E, se fosse, até que seria mais fácil, pois eu sabia que Alex faria de tudo para manter minha segurança. O problema era que ela queria a minha vida. Nossas vidas. E, para isso, não precisava de nada em troca. Eu estava completamente perdida nas mãos daquela psicopata louca.

Capítulo 36

Alex

Já era quase dez da noite e o cansaço já tomava conta de mim. Minha cabeça já não conseguia funcionar com clareza e eu precisava desesperadamente estar ao lado da minha mulher. Odiava ficar tanto tempo longe e deixá-la sozinha. Estava fechando um contrato grande com uma banda de rock famosa e não podia perder a oportunidade. Eu analisava todos os contratos sozinho e os deixava em segurança no cofre, assim, não corria o risco de alguém passar informações para o Harry me passar mais uma de suas rasteiras, embora nunca fora confirmado se havia realmente um delator por ali.

Aquela semana vinha sendo muito corrida e quase não tinha a visto. Quando chegava em casa, ela já estava dormindo, tão docemente que apenas ficava ali, ao seu lado, olhando-a e acariciando sua barriga enorme e perfeita. Os meses estavam se aproximando e, a cada dia que passava, sentia-me mais ansioso para ter meus filhos em meus braços. Ela estava a cada dia mais bonita, e eu cada dia mais apaixonado. Todo dia ao lado dela era uma emoção diferente. Eu não conseguia mais viver sem ela, sem seu toque, seus beijos...

Joguei a caneta longe e relaxei em minha cadeira. Estava me sentindo esquisito, inquieto. Uma sensação estranha e um pressentimento ruim se alastraram em meu peito, sufocando-me.

Decidi ir para casa. Não estava mais aguentando de tanto sono. Peguei

meu celular para ligar pra Vicky e avisá-la que estava indo embora. Cheguei a discar, mas não deixei completar a chamada. Ia fazer uma surpresa para ela. Ela estava tão triste ao telefone que meu coração doeu. Eu queria arrancar um sorriso dela quando me visse passando pela porta. Só imaginar ela sorrindo para mim já me deixava feliz.

Peguei as chaves do carro e desliguei tudo antes de sair. Tranquei a porta da minha sala e segui em direção ao elevador. Do bolso da calça, retirei meu celular e liguei pro Dilan. O telefone tocou até cair na caixa postal. Tornei a ligar; caixa postal outra vez. Intrigado, resolvi ligar para a Vicky. Também tocou, tocou, tocou e foi direto para a caixa postal.

Liguei diretamente para Roger. Meu corpo ficou tenso e, assim que ele atendeu, percebi que estava com uma voz diferente.

— Alex? — ele disse, confuso.

— Roger... Desculpa estar ligando tão tarde. Está na Margareth?

— Não. Em casa. Por quê?

— Estou ligando para o Dilan e ele não atende. Estou saindo da produtora agora e estou preocupado. Até a Vicky não atende ao celular — disse, soando um pouco desesperado.

— Vou tentar entrar em contato pelo rádio. Só um minuto — ele disse e a linha ficou muda. Entrei no carro e dei a partida. Quanto mais rápido chegasse em casa, melhor. — Cara, ele também não está atendendo o rádio. Já tentou ligar para a Vicky outra vez? Ela pode estar dormindo — Roger disse, mas senti uma pitada de preocupação em sua voz. Eu ficava cada vez mais tenso.

— Tudo bem. Estou a caminho de casa. Qualquer coisa, eu te ligo — disse e logo em seguida ele respondeu:

— Eu vou colocar uma roupa e dar um pulo lá. Acho que o Dilan hoje está sozinho. Me ligou dizendo que o Fernando não foi, pois estava doente.

O Dilan estava sozinho para fazer a segurança da casa inteira? Puta que pariu! Aquela informação só me deixou ainda mais grilado.

Após quarenta minutos, cheguei em casa. Passei pela guarita e não tinha ninguém. O jardim estava totalmente escuro. Estacionei atrás do carro da Vicky e saí, sem travar as portas da *Rover*. Fui em direção à entrada, a passos largos, e acabei tropeçando em algo. Merda! Quando olhei o que era, meu corpo todo se enrijeceu. A bolsa da Vicky estava caída ao chão e, quando me abaixei para pegá-la, vi seu celular logo à frente. No mesmo instante, Roger parou com o carro ao meu lado e saiu, preocupado.

— Conseguiu falar com o Dilan? — perguntou, aproximando-se de mim e parou assim que viu minha expressão. — A Renata, esposa do Dilan, disse que ele ligou há uma hora com umas perguntas estranhas.

Olhei para o Roger e não sabia o que falar.

— Alex! Você está pálido — ele sussurrou. Olhou-me de cima a baixo e seus olhos se fixaram em minhas mãos. — Onde achou isso? Não é da Vicky?

— Vá procurar o Dilan. Eu vou entrar em casa atrás da Vicky — disse, correndo para dentro de casa. Abri a porta e acendi a luz da sala; nada da Vicky. Fui até a cozinha com o coração na mão... Nada da Vicky. Corri até a sala e subi as escadas, indo em direção ao nosso quarto. Vicky também não estava lá, e eu já estava ficando descontrolado.

Ouvi gritos vindos do jardim. Era a voz de Roger. Corri em direção às escadas e desci tão rápido que, quando vi, já estava fora de casa, olhando atordoado para um Roger preocupado e um Dilan desorientado. Olharam-me, sem saber o que dizer, e o silêncio entre eles era uma confirmação do que estava imaginando.

— Eu não sei como aconteceu — Dilan disse, destruído.

— Eu o achei amarrado nos fundos da casa — Roger falou, confuso.

— Eu vi alguém rondar a casa. Recebi uma ligação dizendo que a Renata estava no hospital. Fiquei preocupado e liguei para ela. Depois, não me lembro de nada. Só senti uma pancada na cabeça. Acordei amarrado e não pude fazer nada — ele disse, impotente.

Eu senti um nó se formando na garganta e um aperto no peito. Levei as mãos à cabeça de forma desesperada e comecei a andar de um lado para o outro. Minha cabeça começou a ser preenchida por visões dela grávida e indefesa. Comecei a ter pressentimentos ruins, e isso não era nada bom. Eu mal percebi que as lágrimas me consumiam. Roger se aproximou e disse, de forma cautelosa:

— Nós vamos encontrá-la.

Eu não conseguia nem formar um pensamento coerente. Saí em disparado até o carro. Eu iria fazer aquele filho da puta me dizer onde ela estava. Só de imaginá-la nas mãos daquela maluca psicótica, eu ficava apavorado. Vicky devia estar assustada, e comecei a me amaldiçoar por tê-la deixado sozinha. Roger vinha logo atrás, com Dilan.

— Alex! Alex! — Roger gritava, tentando se aproximar. — Alex, espere! Não vá fazer nenhuma besteira.

Virei-me para ele, furioso, e gritei:

— É a minha mulher, Roger! Aquela vaca está com a minha mulher... grávida! — Passei as mãos pelo cabelo, transtornado. Não conseguia mais raciocinar e o pânico tomava conta de mim. Eu só queria encontrá-la e trazê-la para casa em segurança. Aquele sentimento estava me sufocando. Olhei para o Dilan, com raiva.

— Como pode deixá-la, Dilan? A culpa é sua se acontecer alguma coisa com ela e as crianças! — disse, gritando, erguendo-o pelo colarinho. Roger tentou aliviar a tensão e nos separou.

— Alex, agora não é hora de apontar culpados. Precisamos encontrá-la. Vou ligar para o Rick.

— Quem é Rick? — disse, ainda em fúria.

— Delegado. Um amigo de longa data — Roger disse e se afastou, ao telefone.

— Olha, Alex... Foi mal, ela só quis ir até a casa da Margareth e não tive como segurá-la!

— O quê? — Olhei para ele ainda com mais raiva. — Você a deixou sair sozinha?! — gritei, partindo para cima dele. — Você sabia que era perigoso, Dilan. Porra! Por que não me ligou?

— E-eu não achei que fosse acontecer isso — ele disse, atordoado. Eu sabia que a culpa não era somente dele, eu tinha uma grande parte da culpa, e uma delas era tê-la deixada sozinha.

— Eu vou até a casa do Harry. Vou arrancar alguma coisa dele, porque tenho certeza de que ele está envolvido.

Partimos juntos, no mesmo carro, eu, Roger e Dilan. Roger falava com o delegado, e eu só pensava nas inúmeras formas de arrancar a cabeça da Brithany.

Chegamos à casa do Harry. Roger estava ao meu lado e Dilan vasculhava o lugar, à procura de alguma evidência. Bati na porta e, alguns minutos depois, Harry abriu a porta. Sem pensar, puxei a arma da cintura de Roger e ele me olhou, assustado.

— Alex — ele sussurrou, dando um passo para trás.

— Desculpe-me, Roger, mas vou fazer esse desgraçado falar, nem que, para isso, precise meter uma bala na testa dele — disse entredentes, empurrando Harry para dentro da sala.

— Alex... Pense na Vicky, nos seus filhos, não vá cometer nenhuma besteira.

— Onde ela está?! — gritei, apontando a arma para a sua cabeça.

— O que é isso? Está louco? — Harry pareceu surpreso.

— Fala, seu filho da puta! Onde minha mulher está?

— Alex, se acalme — Roger implorou. Senti uma mão forte me puxar pelo pescoço, afastando-me de Harry. Dilan me jogou contra a parede. Ele tinha seu antebraço em minha garganta e, com sua mão livre, desarmou-

me.

— Cara, eu sei que está desesperado, mas não vou deixá-lo cometer nenhuma loucura. Pense na sua mulher. Respire — disse, autoritário.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — Harry perguntou. Tinha vontade de socá-lo.

— Sua irmãzinha maluca sequestrou a Vicky. E, se acontecer alguma coisa com ela ou com meus filhos, Harry, juro que arranco a cabeça dela e a sua.

Harry pareceu surpreso com o fato. Ele me olhou, sem fala, e disparou:

— Impossível! Ela não seria capaz de fazer isso — ele disse, estupefato. Via preocupação em seus olhos.

— Harry, se você sabe de alguma coisa, é melhor nos contar agora. Já acionei a polícia e meu amigo, que é delegado. A situação vai ficar feia pro lado da sua irmã — Roger disse, tentando fazer com que se abrisse.

— Eu não sei de nada — ele disse, atordoado. — Nós brigamos hoje cedo e eu a expulsei de casa — ele disse, com a voz fraca. — Não imaginei que ela faria uma asneira dessas.

— A expulsou de casa? Por quê? — perguntei, atônito. Harry tinha um amor incondicional por sua irmã. O que o faria ficar com tanta raiva dela a ponto de expulsá-la de casa?

— Eu descobri algumas coisas e acabamos tendo uma briga horrível. Ela está louca, quer ser a Vicky a qualquer custo.

— Descobriu o quê? — Dilan esbravejou, com cara de pitbull.

— Não devo explicações para você, seu mané — Harry disse, mas logo se arrependeu quando Dilan pulou no pescoço dele.

— Se você sabe de alguma coisa, é melhor começar a falar. Não vou ter dó de você quando começar a te torturar — Dilan disse, fazendo-me arrepiar a coluna inteira. Harry estava sem reação e gaguejando algo.

— Solte-o, Dilan! — Roger alertou.

Harry se ajeitou e começou a falar:

— Eu acabei descobrindo que ela estava mentindo para mim. Ela nunca esteve grávida e seus surtos eram falsos. Ela é realmente mais louca do que imaginava — ele disse, suspirando. — Eu tentei entender o porquê dela ter feito tudo isso só para ficar com você, Alex. Não achei nenhuma explicação. Ela me fez odiá-lo. Me arrastou para sua teia de mentiras e vivi esses três anos num inferno. Deixei minha vida para viver a sua. Te persegui e fiz você pagar por algo que nunca cometeu — ele despejou as palavras, e eu fiquei totalmente sem reação.

— Espere! — exclamei. — Eu nunca tive um filho?

— Não. Fui tão enganado quanto você — ele disse, tristemente.

Ainda estava ali, tentando entender tudo o que tinha acabado de ouvir. “Maldita! Não acredito que ela fez isso comigo”, pensei.

— Sabe para onde ela pode ter levado a Vicky? — perguntei, com medo da resposta.

— Ela não vai fazer mal à Vicky. Deve estar fazendo isso para chamar sua atenção — ele disse.

— Acho que você ainda não percebeu a real situação, não é, Harry? — perguntei, indignado com sua frieza. — Vicky está grávida. Grávida de sete meses, Harry. Deve estar apavorada nas mãos daquela maluca.

Naquele momento, meu celular tocou. Procurei desesperado por ele em meu bolso, atendendo-o o mais rápido que podia.

— Alex, por favor, eu... — Ouvi a voz da Vicky desesperada. Ela estava chorando. Tentei processar, mas a ligação me pegou de surpresa.

— Vicky... Vicky, fala comigo! — gritei. Olhei para o celular: estava fora de área. Merda! Corri para fora da casa, em busca de sinal. Roger e Dilan estavam em alerta ao meu lado. O telefone tocou e atendi, na primeira chamada.

— Vicky, amor... Você está bem? Onde você está? — disse desesperado.

— Ah! Que coisa mais linda — Brithany disse. Fechei os olhos, tentando manter a calma.

— Se você fizer qualquer coisa com ela, se machucá-la, eu mato você.

— Isso só vai depender de você — ela disse, com sua voz irritante. — Você quer sua mulher? Ótimo! Eu quero você. Uma troca justa. — Ela riu.

— Eu quero falar com ela — disse, impaciente.

— Agora, não. Espero por você aqui. Anote o endereço — ela disse, tranquilamente. Fiz sinal para Harry pegar uma caneta e um papel.

Anotei o endereço e, antes de desligar, eu a alertei:

— Se acontecer alguma coisa com ela, Brithany, eu arranco cada membro do seu corpo e taco fogo.

Harry olhou para o endereço e disse:

— Essa é a casa dos meus falecidos avós. Fica bem próximo daqui, é bem isolada.

Casa isolada. Pronto. Se já estava com medo, agora estava apavorado. Roger passou o endereço para os policiais e disse:

— Deixe o Dilan negociar com ela. Ele é esperto e nunca perde uma negociação. Se quer sua mulher inteira, tem que fazer exatamente o que vamos combinar aqui. Está entendendo? — Ele me olhou. Eu disse que sim, com a cabeça.

— Se ela quer você, terá que fazer as coisas do jeito dela. Vai fingir que está lá por ela, e não pela Vicky. E, se precisar dizer que a ama, diga — Dilan falou, como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

— Nem pensar. Está louco? A Vicky me mata! E não vou dizer que amo aquela louca na frente da minha mulher grávida e assustada. É muita crueldade — disse, relutante.

— Quer sua esposa e seus filhos mortos? Acho que não, Alex. Entre no jogo dela, simples assim. Eu e o Roger cuidaremos da segurança da Vicky enquanto você a distrai.

— E o que eu faço? — Harry disse, atrás da gente.

— Cale a boca! — disse.

Capítulo 37

Vicky

— Anda, sua mula. Seja rápida — Brithany rosnavia, enquanto me arrastava para fora do carro. Estávamos num lugar desconhecido, pelo menos para mim. A casa de madeira era um pouco assustadora. Bem conservada, porém, mesmo assim, assustadora.

— Betty, você fica de olho aqui fora. Se alguém que não seja o Alex se aproximar, você atira — disse, na maior tranquilidade, entregando uma arma para ela. — Ah! E atire na cabeça, para garantir. — Ela sorriu diabolicamente e me arrastou para dentro da casa. Não havia móveis na sala, Apenas alguns quadros na parede e um piano preto, velho e empoeirado. O piso de madeira rangia a cada passo que dávamos.

Ela saiu em direção a outro cômodo da casa. Quando voltou, tinha em mãos uma cadeira velha de madeira.

— Sente-se — ordenou.

Fiz o que me pediu, estava apavorada. Ela revirava um saco preto no canto da sala. Retirou dele uma corda de sisal e uma fita prateada.

— Vou amarrá-la, e você, fique quietinha. Se cooperar, talvez eu não tape sua boca — ela disse, passando a corda em volta do meu corpo e sobre a cadeira. — Agora, vamos ligar para o meu Alex — ela disse, pegando o celular.

Assim que ela discou, colocou o telefone perto de mim e eu gritei, desesperada, entre lágrimas.

— Alex, por favor, eu... — Não consegui terminar, pois Brithany afastou ele de mim, olhou para o visor e fez uma careta.

— Caiu a ligação. Vamos tentar outra vez.

Ela sorriu e discou mais uma vez.

— Ahhh! Que coisa mais linda — Brithany disse. Tentei manter a calma, enquanto ela falava: — Isso só vai depender de você — ela disse, olhando-me fixamente. — Você quer sua mulher? Ótimo, eu quero você. Uma troca justa. — Ela riu. “O que será que ele está falando?”, pensei. — Agora, não. Espero por você aqui. Anote o endereço — ela disse, passando o endereço para ele, e fiquei aliviada. Daqui a pouco ele estará aqui e irá me tirar das mãos dessa descontrolada psicótica.

Quando desligou, estava com um sorriso vitorioso na cara. Senti umas contrações e me contorci na cadeira. Ela me olhou e disse, furiosa:

— Vê se não inventa de ter esses filhos agora. — Seu tom era cruel e desumano. Ela estava totalmente louca e fora do normal. Se sentou no chão, de frente para mim, cruzando as pernas. — Sabe que eu nunca compreendi o que o Alex viu em você? Tudo bem que agora está bem magra, mas antes... — ela disse, coçando a cabeça num gesto pensativo.

— O que te faz pensar que ele irá me deixar para ficar com você? Deixe de ser idiota. Se nem no passado, grávida, ele te quis, hoje não será diferente. Ainda mais depois de você ter feito o que fez com o próprio filho.

Ela deu uma gargalhada histérica e caminhou até o saco preto. Retirou uma seringa e um vidrinho pequeno. Lentamente puxou o líquido que continha nele, enchendo generosamente a seringa.

— Vou dar uma motivação a ele — ela falou. — Ou ele vem comigo ou mato você e essas pestinhas — disse, com a seringa próxima ao meu rosto. — Apenas uma picadinha e... já era.

Quando Brithany se virou, pude ver um volume em sua cintura. Sua calça jeans apertada e sua miniblusa branca colada deixaram em evidência sua arma. Comecei a chorar copiosamente.

— Disse para ficar quieta — ela falou e eu acabei perdendo o controle.

— Vá pro inferno! — gritei e ela me deu uma bofetada.

Ela estava furiosa. Pegou a fita no chão e ouvi aquele barulho assustador da fita se descolando.

— Não, não, por favor — supliquei. Ela parecia se divertir com o meu desespero. As lágrimas caíam sobre meu rosto enquanto ela colocava a fita prateada sobre minha boca.

— Pronto. Assim está melhor. — Ela sorriu. Fechei os olhos e tentei manter a calma para não prejudicar os bebês. As contrações estavam cada vez mais fortes e eu já estava ficando com medo, pois os bebês não estavam mais se mexendo. A sala estava quente e escura, iluminada apenas por uma luminária no canto da sala, que cheirava a mofo.

Depois de alguns minutos, ouvi um barulho lá fora. Brithany se assustou e partiu para cima de mim, encostando a seringa com a enorme agulha em meu pescoço. Ouvimos gritos vindos de lá de fora. Muitas vozes falando ao mesmo tempo... e consegui identificar a voz de Dilan.

— É bom o seu maridinho não dar nenhum passo em falso... Ou você morre — ela disse, atrás de mim, segurando-me pelo pescoço. Outra contração, dessa vez tão forte que soltei um grito abafado. Meu Deus! Estava com medo.

Segundos depois, ouvimos um tiro. Eu paralisei. Apertei os olhos e o pânico se alastrou. Brithany me segurou ainda mais forte no momento em que Alex e Dilan entraram na sala. Minha vontade era de gritar, mas estava impossibilitada. Apenas meus gemidos e gritos abafados ecoavam pela sala. Alex me olhava com uma expressão de terror.

— Brithany — ele sussurrou. — Largue ela agora, a desamarre! Ela está grávida! — ele dizia, totalmente desesperado.

— Alex, meu amor — a bruxa falou, deixando-me irritada. — Eu a solto se você vier comigo.

Dilan estava em alerta. Quando tentou dar um passo em nossa

direção, ela encostou a agulha em meu pescoço, de forma que pude sentir uma picada.

— Se der mais um passo, eu coloco todo o conteúdo dessa seringa nela. Aí, querido, a responsabilidade pela morte dela será sua — ela rosnou e Dilan recuou.

— Brithany, se acalme. — Alex foi se aproximando devagar. — A polícia daqui a pouco chegará. Você não quer estar aqui quando acontecer, não é? — ele disse, calmo.

— Não — ela sussurrou.

— Então, deixe Dilan desamarrá-la. Ela vai para casa e eu vou embora com você — ele sussurrou, com a voz trêmula.

— Jura? Você vai deixá-la? — perguntou, com a voz embargada. “O que ele está fazendo? Está louco?”, pensei.

— Me entregue a seringa, querida, por favor — ele continuou.

“Querida? Meu amor? Como ele pode...?”, pensei. Minha vontade era de gritar. Maldita fita dos infernos! Brithany caminhou devagar até ele e entregou a seringa.

— Isso. Vou jogar isso fora e vamos sair daqui — ele disse, abraçando-a, e tive um ataque nervoso. Logo após, senti mais uma contração. Tinha algo de errado comigo, e fiquei apavorada em pensar que estava perdendo os bebês.

— Diz que me ama e que vai ficar comigo — ela disse.

Ele suspirou e disse, sem hesitar:

— Eu sempre ameí você.

— Você nem falou nada sobre meu cabelo. O que achou?

— Está linda, como sempre.

Quando ela o agarrou e o beijou, fiquei esperando ele jogá-la longe, mas a dor que senti quando ele retribuiu aquele beijo fez três corações pararem. Dilan me olhou e pediu, gesticulando, para que mantivesse meu olhar somente nele. Fiz o que me pediu, porque ver aquela cena estava me

matando.

— Agora vamos, meu amor. Vamos sair daqui — ele disse, afastando sua boca para longe dela. De repente, uma confusão dos diabos tirou nossa atenção. Barulhos de sirenes bem próximas a alertaram para o perigo. Brithany se assustou, mas Alex a bloqueou a segurando pelos braços.

— Solte ela, Dilan. Anda, pelo amor de Deus! Desamarre minha mulher! — ele gritou.

A expressão de ódio de Brithany ao ver que foi enganada me assustou. Naquele momento, lembrei-me da arma escondida em suas costas. Alex a empurrou e ela caiu no chão na mesma hora. Dilan estava desatando os nós da corda e eu me debatia, desesperada, tentando dizer que ela tinha uma arma.

Quando Dilan tirou a fita rapidamente da minha boca, já era tarde demais. Brithany sacou a arma e eu fechei os olhos, no mesmo momento em que escutei o tiro seguido de outro.

Capítulo 38

Alex

Caminhei em direção à Vicky rapidamente. Brithany era mais louca do que imaginava. Seu cabelo loiro só confirmava que estava obcecada em ser a Vicky, como se isso fosse fazer com que eu gostasse dela.

Ouvi o barulho dos tiros e, na mesma hora, senti uma queimação em meu braço direito. Olhei para a Vicky, que estava aterrorizada em minha frente. Ela praticamente pulou em meus braços. Senti que estava tremendo.

— Alex! — Ela chorava. Enquanto a abracei, consolando-a, Dilan foi em direção à Brithany, que estava caída ao chão, em volta de uma poça de sangue. Harry estava de pé, em choque, perto da irmã, ainda com a arma na mão.

— Ela está morta — disse Dilan, após constatar a ausência de seus batimentos cardíacos. Ele andou em direção ao Harry, que ainda estava petrificado em seu lugar, e o desarmou.

— O que eu fiz? Meu Deus! Brithany, minha irmãzinha... Me perdoe! — ele disse, desesperado, após a realidade atingir seu cérebro. Harry se debruçou ao corpo da irmã e lamentou. Fiquei com o coração apertado. Não queria que tivesse acabado daquela forma, mas, se ele não a tivesse impedido, ela teria nos matado. Em poucos segundos, a sala foi tomada por policiais.

Harry foi algemado e levado junto com a Betty, que ficou aquele tempo todo sendo vigiada por Roger.

— Acabou, meu amor — disse, segurando o rosto dela com as minhas mãos, e a beijei. Seu rosto triste, molhado pelas lágrimas, deu lugar à felicidade. Ela sorriu de um jeito terno que não resisti.

Quando ela se afastou, havia sangue em seu braço. Fiquei aterrorizado com a possibilidade de ter sido machucada.

— Vicky, o que é isso?

Ela olhou e se assustou.

— Eu não sei — sussurrou, olhando-me de uma forma estranha e dizendo: — Alex, esse sangue não é meu.

Passei a mão em meu braço por cima da camisa preta e veio a confirmação: o sangue era meu, não dela.

— Oh, meu Deus, Alex! — Ela se apavorou. — Você levou um tiro! — ela gritou, desesperando-se.

— Vicky! Vicky! Fique calma, tá legal? Não foi nada. Não está doendo e foi só de raspão — disse, rapidamente, para tranquilizá-la. Ela já havia passado por muito estresse e não era bom para o bebê.

— Ai! — ela resmungou, contorcendo-se e levando a mão à barriga.

— Vicky, o que foi? — perguntei, preocupado, e Roger se aproximou.

— Eu acho que tem alguma coisa errada com os bebês — ela disse, entre gemidos de dor.

— O que foi? — Roger perguntou, preocupado.

— Temos que levá-la a um hospital — disse, transtornado.

— Dilan já acionou uma ambulância. Fique tranquilo — Roger falou, afastando-se.

— Alex... não quero perder nossos bebês. — Ela chorava.

— Não vai acontecer nada, meu amor. Não vou deixar você. Vou ficar com você até tudo ficar bem.

As dores dela foram ficando mais intensas. Eu estava apavorado, mas tentava manter a calma para não assustá-la.

— Alex Riccieri? — uma voz grossa me distraiu.

— Sim, sou eu.

— Sou o delegado Ricardo Tavares — ele disse, estendendo as mãos para me cumprimentar. Apertei sua mão e ele acrescentou: — Sou amigo do Roger. Ele me ligou contando o corrido.

— Sim, claro.

— Sra. Riccieri? Preciso colher algumas informações para concluir esse caso — ele disse, todo se achando, com sua pose autoritária.

— Olha, minha esposa não está em condições de responder nada, pelo menos por enquanto. Se não percebeu, ela está grávida, assustada e com dores.

— Tudo bem. Podemos marcar amanhã na delegacia. A moça e o rapaz já foram encaminhados para lá, onde serão tomados os seus depoimentos.

— O que vai acontecer com o Harry? — Vicky perguntou, deixando-me surpreso.

— Vamos colher o depoimento de todos, mas, como foi flagrante, ele ficará preso. Ele e a outra moça, Betty.

Após poucos minutos, a ambulância chegou.

— Doutor Ricardo, temos que ir — disse, despedindo-me. O delegado assentiu e abriu caminho para passarmos. Entramos na ambulância e seguimos para o hospital.

Chegamos ao Hospital São Paulo. O percurso foi tenso, pois as contrações da Vicky aumentaram. Roger e Dilan vieram logo atrás em meu carro. Quando passamos pela maternidade, enfermeiros e médicos nos rodearam e a colocaram numa maca. A minha entrada foi bloqueada, deixando-me descontrolado.

Fizeram-me ir até a enfermaria para cuidar do ferimento no braço. Graças a Deus, foi superficial. Alguns pontos e estava novinho. Minha preocupação maior era com minha mulher e meus filhos.

Caminhei até a sala de espera e lá estavam Margareth, meu sogro e

meu pai. Sem contar Roger e Dilan, que pareciam tão desesperados quanto eu.

— Alguma notícia? — perguntei rapidamente. Ninguém respondeu. Vi lágrimas no rosto da Maga e automaticamente meu coração disparou.

— Aconteceu alguma coisa?

— Alex. Filho... — Meu pai suspirou. Meu coração começou a ficar apertado e as lágrimas vieram sem que me desse conta. Havia algo errado. — Os médicos não conseguiam escutar os corações dos bebês. A Vicky deu entrada com muitas contrações, então...

— Então o que, pai? Diz logo! — gritei.

— Os médicos estão iniciando o parto, vão fazer uma cesariana. Os bebês iriam nascer prematuros e sempre há um risco. Vamos rezar para que termine tudo bem.

Minha mente parou de processar a partir da palavra “parto”. “Meus filhos irão nascer agora? Como assim? Ainda faltam dois meses...”, pensei. Sentei derrotado no sofá, com uma sensação de impotência. Chorava como um garoto assustado. “Não sei o que será de mim se acontecer alguma coisa. A Vicky é a razão da minha vida. Não suportaria viver sem ela e nem meus filhos”, pensava.

— Vai ficar tudo bem, Alex — Margareth sussurrou, abraçando-me.

— Espero que sim. Pois, se algo de ruim acontecer com qualquer um dos três, não irei aguentar.

Tentei afastar os pensamentos ruins. Eu precisava ser forte.

— Filho, mantenha-se forte. A sua mulher deve estar tão assustada quanto você. Ela precisará muito do seu apoio. Vamos rezar para que nada aconteça com ela, e nem com os bebês — meu sogro disse, tentando me acalmar.

Só esperava que tudo acabasse bem... que só acabasse bem.

Capítulo 39

Alex

Depois de muita espera, um médico apareceu e meu coração disparou. Levantei-me rapidamente e andei em sua direção.

— E então, doutor? Como está minha esposa? E meus filhos? Está tudo bem? Eles estão bem? — perguntei, descontrolado e com medo de ouvir a resposta.

— Você é o pai dos bebês?

Ele sorriu.

— E então, doutor? — Margareth perguntou, tão aflita quanto eu. Todos agora estavam de pé para ouvir o que ele tinha a nos falar.

— Os bebês estão ótimos. O parto foi um sucesso. Parabéns! — Ele abriu um sorriso e meus olhos encheram de lágrimas.

Ainda estava fincado no mesmo lugar. Parecia que meu cérebro não havia processado a notícia. A felicidade era tanta que não conseguia abrir a boca para pronunciar nenhuma palavra. Ganhei um abraço coletivo. Dilan, Roger, Margareth, o Sr. Becky e meu pai pularam em cima de mim, fazendo a maior algazarra.

— Preciso apenas informar que, por serem bebês prematuros, terão que ficar na incubadora — o médico disse.

— Posso vê-la? — perguntei. Estava morrendo de vontade de ver minha esposa e dizer a ela o quanto a amava e que me fez o homem mais feliz do mundo.

— Claro que pode. Ela está no quarto 23. Os bebês já podem ser visitados através do vidro na ala da pediatria — ele acrescentou. — Só quero avisar que poderá entrar somente duas pessoas por vez no quarto da paciente — concluiu.

Caminhamos até a ala da pediatria. Através do vidro, pude ver Ian e Clara. Tão pequenos, tão frágeis, dentro daquela cuba de vidro, cheios de fios e aparelhos. Tão indefesos... e lindos! Minha vontade era de tocá-los, senti-los em meus braços.

Jamais pensei que pudesse sentir tanta felicidade. Desde meus dez anos, quando me mudei para lá e conheci uma bela menina de cabelos dourados, apaixonei-me loucamente por aquela garotinha retraída. Ela vivia se escondendo porque se sentia inferior às outras crianças, devido a estar acima do peso, até que um dia ela abriu espaço para mim em sua vida. O tempo foi passando e o sentimento de amizade e amor só fez crescer. A cada dia, a vontade de protegê-la e estar sempre ao seu lado foi ficando maior. Chegou um momento em minha vida que esse sentimento já não cabia mais dentro de mim, estava transbordando e precisava compartilhá-lo. E foi assim que decidi que ela seria minha. Sempre foi. Ela só não sabia disso e eu era muito covarde para dizer a ela o quanto a amava, que sempre foi a mulher dos meus sonhos, que era por ela que meu coração batia todos os dias e eu suspirava todas as manhãs. Tinha medo de ser rejeitado e ter meu coração quebrado, mas eu deveria saber que em sua vida sempre havia sido eu. Nos momentos bons, alegres e ruins. Um amor belo e puro, que ninguém e nem mesmo o tempo que passamos separados foram capazes de estragar. Éramos inseparáveis, e seríamos assim até nosso último suspiro.

Meu pai me deu um forte abraço e disse, tirando-me de meus pensamentos.

— Parabéns, filho. Meus netinhos são lindos. — Ele sorriu e tentou esconder algumas lágrimas que estavam querendo rolar.

Roger estava abraçado com Margareth, observando os bebês, encantado. Dilan falava ao telefone com Renata, mas, sem quebrar o contato, ele sorria falando dos bebês para ela. Logo ele que iria ser pai.

Segui para o quarto em que Vicky estava. Quando entrei, ela estava com uma aparência cansada e triste.

— Ei! — disse, assim que entrei, olhando-a nos olhos.

— Alex... — ela sussurrou, já começando a chorar. Caminhei rapidamente até ela e a beijei. Um beijo doce e cheio de amor.

— Amor... Perdoe-me por ter feito você passar por tudo aquilo. Está tudo bem agora. Não chore.

— Eu estava com tanto medo... — ela disse, com a voz fraca.

— Está tudo bem, meu amor. — Abracei-a, alisando seus cabelos.

Ficamos alguns segundos em silêncio. Ela ainda estava abalada e fragilizada por tudo o que havia passado. Iria ser uma noite longa.

— Você viu o Ian e a Clarinha? — ela perguntou, com um sorriso brilhante.

— Eles são lindos! — exclamei feliz. — Parecidos com você. — Sorri.

— Eu achei o Ian a sua cara. — Ela riu.

— Eu amo você, meu amor. Você me deu o maior presente da minha vida: nossos filhos, frutos do nosso amor. Obrigado por me fazer tão feliz.

— Eu também te amo.

Os dois meses em que Ian e Clara ficarem no hospital foram tão difíceis para mim quanto para a Vicky. Todos os dias, no horário de visita, Vicky me deixava louco. Toda vez que a visita chegava ao fim, chorava por não poder levá-los para casa. Nossos pais também iam visitá-los todos os dias.

Vicky tinha pesadelos diariamente. Ela ainda não havia conseguido se

recuperar totalmente. Uma noite cheguei em casa e ela havia pintado os cabelos. Ainda estava loiro, mas um loiro escuro. Não tinha mais aquela cor dourada.

Quando perguntei a ela por que havia feito aquilo, ela respondeu que não suportava olhar no espelho e imaginar Brithany igual a ela. Achava que levaria mais um tempo até que ficasse totalmente recuperada.

Margareth foi uma excelente amiga nesse período. Ela estava lançando uma nova coleção de calçados. Fez uma proposta para Vicky um tempo atrás, de promover um desfile. Vicky aceitou na condição de que as modelos fossem *plus size*. Elas vestiriam as peças desenhadas por ela em Paris junto com a sua tia Frida. O trabalho a acalmou um pouco. Elas trabalhavam como loucas. Tivemos nossa vida normalizada e tudo estava seguindo como esperado. Só faltavam Ian e Clara, que em três dias estariam em casa.

Sr. Becky e Laura se casaram no civil. Foi uma bela cerimônia. Eu dei um tempo com a banda. Anunciamos férias por um período indeterminado porque só queria curtir minha esposa e meus filhos.

Fiquei um tempo decepcionado com a Betty. Jamais poderia imaginar que ela estava aliada à Brithany. Ainda bem que teve o que mereceu.

Harry havia sido solto depois de um mês. Ele conseguiu um *habeas corpus* e estava esperando o julgamento em liberdade. Para dizer a verdade, sentia pelas coisas terem chegado àquele ponto. Harry tinha um amor incondicional pela irmã. Apesar de suas loucuras, ele sempre estava lá, pronto para ajudá-la e protegê-la. Ainda estava tentando entender o que o fez cometer aquela loucura.

Harry evitou um desfecho ainda mais trágico. E, por mais que pareça egoísta, eu estava aliviado que aquele pesadelo havia acabado. Livrei-me das amarras que havia entre mim e Brithany. Uma culpa que carregava que, agora, sabia que nunca havia existido.

Capítulo 40

Vicky

Depois de dois meses, enfim estávamos saindo com nossos filhos nos braços. Alex estava em êxtase. Não parava de sorrir. Ele olhou para Clara com tanto amor, segurando-a no colo, que meu coração se encheu de ternura. Margareth e Roger vieram conosco. Alex não quis dirigir. Por isso, pediu para que Roger fosse junto.

Não é porque eu era a mãe, mas Ian e Clarinha eram os bebês mais lindos do mundo, com olhinhos azuis e os cabelos claros. Eles eram perfeitos. A cara do Alex. E ele ainda insistia que eles se pareciam comigo.

Eu ainda não estava totalmente recuperada. Ainda tinha pesadelos com aquela louca querendo me matar. Esperava parar de pensar nisso logo. Não aguentava mais acordar gritando na madrugada e ver Alex assustado ao meu lado, amparando-me.

Estava trabalhando muito. Isso me ajudou muito a manter a cabeça ocupada. Em dez meses, seria o desfile. Margareth iria lançar sua linha nova de calçados, que fariam parte da Coleção Verão. Eu entrei na onda dos biquínis *plus size*. Já havia perdido todo o peso que ganhei na gravidez. Estava me sentindo eu outra vez, apesar de, às vezes, sentir falta do meu barrigão.

Roger e Margareth entraram no carro. Assim que Alex e eu estávamos prontos para entrar com os bebês, ouvi uma voz bem familiar atrás de mim: Harry.

— Vicky — ele sussurrou.

Alex o viu e na mesma hora o impediu de chegar até mim.

— Harry, não! — Alex alertou.

Olhei para Harry e sua expressão era de tristeza. Sentia um nó na garganta e um aperto no peito.

— Alex... deixe-nos a sós, por favor — disse, olhando para ele.

— Não, Vicky. Vamos, temos que ir — ele insistiu.

— Alex... por favor — supliquei. Ele me olhou e entrou no carro.

— É um menino lindo — Harry disse, olhando para Ian em meu colo.

— Se parece com você. — Ele sorriu, mas seu sorriso não chegou até seus olhos.

— Obrigada.

— Como se chama?

— Ian — disse, sorrindo.

Harry ainda continuava muito bonito. Tinha uma expressão triste, mas, ainda assim, era muito bonito. Estava de jeans, como sempre gostava, e com uma camiseta preta. Seu cabelo bagunçado me lembrava da época em que achava que era perdidamente apaixonada por ele.

— Sabe, Vicky, eu espero sinceramente que possa me perdoar algum dia por todo mal que fiz a você... Pelas humilhações que fiz você passar — ele disse, em um sussurro. O brilho que sempre esteve em seus olhos agora já não estava mais lá.

— Acho que será difícil sermos amigos, Harry. Você nos prejudicou demais com suas mentiras e seus atos, mas eu perdoo você.

— Eu sei — ele disse, de cabeça baixa.

— Sinto muito pela sua irmã. De verdade. — Suspirei.

— Se eu tivesse a oportunidade de voltar naquele momento, eu só queria que soubesse que faria tudo de novo só para protegê-la. Eu nunca quis o seu mal, Vicky. Eu sei o quanto errei, o quanto fui cruel com você, mas eu não conhecia o amor. Eu só soube o que era esse sentimento

quando eu perdi você, quando saiu daquele bar me odiando pelas coisas que fiz e falei. — Ele me olhou arrependido, e eu sabia que estava sendo sincero, porque via em suas palavras.

— Eu já superei isso, Harry.

— Se tivesse sido diferente, se eu não tivesse te magoado tanto, você me amaria? Teria ficado comigo? — ele perguntou e meu coração se despedaçou.

— Não, Harry. Eu sempre amei o Alex, e você me ajudou a descobrir esse sentimento adormecido. Eu espero, de coração, que você encontre alguém que o ame e seja feliz tanto quanto eu.

— Posso apenas lhe dar um abraço? — ele perguntou, com os olhos cheios de lágrimas.

— Claro que pode.

Harry se aproximou e dei o abraço que precisava. Ficamos longos minutos abraçados. Depois de tudo, era estranho estar ao lado dele, tão perto. Quando nos afastamos, nós dois rimos e secamos nossas lágrimas.

— Adeus, Vicky — ele sussurrou.

— Adeus, Harry.

Quando entrei no carro, Alex só me olhou. Agradei por não ter perguntado nada. Ele apenas me beijou e sussurrou em meu ouvido que estava feliz que agora estávamos todos juntos.

Quando chegamos em casa, Roger e Margareth se despediram, deixando-nos a sós. Já dentro de casa, colocamos os bebês no berço e olhamos um para o outro.

— Tem certeza de que não quer contratar uma babá? Acho que eles vão dar trabalho. Olha só a cara da Clara, ela me lembra você. Cara de bravinha. — Ele riu, debruçado no berço.

— Acho que dou conta — disse, pensativa, embora tivesse a Rosa para me ajudar. A gente iria tirar de letra aquilo. Não devia ser um bicho de sete cabeças cuidar de dois bebês.

— Eu nunca cuidei de um antes. Não sei trocar nem fralda — ele resmungou.

— Nem vem, senhor Alex, deveria ter ido às aulas quando eu estava grávida. Eles ensinaram muitas coisas. Eu te ensino a trocar fraldas — disse, dando uma cotovelada em seu braço.

— As crianças estão dormindo agora. Parecem anjinhos.

— Sim.

Alex se aproximou de mim e disse:

— Poderíamos ir para o nosso quarto tomar um banho. — Ele beijou meu pescoço. — O que acha?

— Acho que está querendo outra coisa — disse, e ele riu.

— É. Talvez — disse, pegando-me no colo.

Alex me levou até o nosso quarto, ao lado. Jogou-me na cama e me beijou apaixonadamente. O toque suave de suas mãos em meu corpo me causou arrepios. Seu beijo era lento, doce, e transmitia toda a essência do nosso amor.

— Eu amo você — ele disse, olhando em meus olhos. — Vou te amar para sempre, Vicky. Para sempre.

Ele seguiu alisando meu corpo com necessidade. Sua mão passou lentamente por minhas pernas até que tocou meu sexo. Gemi com o toque.

— Eu quero você — ele sussurrou em meu ouvido e mordeu o lóbulo da minha orelha.

— Alex... — disse, com a voz carregada de desejo. Tirei sua camiseta lentamente e passei minhas mãos por todo seu peitoral definido.

Ele me beijou, mordeu meus lábios e meu maxilar. Segurou forte em meus cabelos e disse:

— Eu quero você nua, meu amor. — E se afastou. Olhou para mim com carinha de safado e disse, com autoridade: — Quero que tire sua roupa para mim. Bem lentamente, para que eu possa observar você — ele disse, olhando-me fixamente.

Fiz o que me pediu. Tirei meu vestido florido, meu sutiã e por último minha calcinha. Alex manteve seu olhar em mim, sem desviá-lo por nem um segundo. Isso era extremamente excitante.

— Tão linda... Tão perfeita — ele disse, com a voz rouca, aproximando-se de mim. Tocou em meu rosto com suas duas mãos e novamente me beijou. Afastou-se por um momento, apenas para retirar seu jeans e sua *boxer* branca. Seu corpo era uma bela visão.

Deitamos na cama, com ele sobre mim me fazendo carícias. Alex tinha várias formas de me levar à loucura. Era carinhoso, doce e romântico. Um amante perfeito. Me sentia segura e protegida ao seu lado.

Quando ele começou com suas investidas, eu me perdi. Senti-lo dentro de mim, possuindo-me, deixava-me ainda mais louca. Eu queria tudo com ele. Todos os prazeres, todos os sentimentos... Alex me completava de todas as formas.

Desde que nós nos conhecemos, ele sempre teve essa necessidade de me proteger, confortar-me... de estar ao meu lado em todos os momentos: nos momentos ruins e nos momentos felizes de minha vida.

Quando lembrava daqueles olhos verdes brilhantes, daquele garoto que me amparava sempre quando era humilhada, que ficava ao meu lado ouvindo músicas, assistindo filmes, lendo livros ou simplesmente ao meu lado, mesmo sem ter nada a fazer... quando era uma garotinha solitária e até mesmo agora, depois que havia me tornado mulher, a mulher que o amava incondicionalmente. Perguntava-me: como não enxerguei esse amor que sentia por mim?

Agora eu sabia que aqueles mesmos olhos que brilhavam para mim naqueles momentos eram os mesmos que brilhavam agora. Eu era cega. Agora, agradecia por não ter desistido de nós e ter aberto meus olhos para o amor.

Quando nós nos jogamos na cama, totalmente sem fôlego e saciados, ouvimos os chorinhos dos bebês.

Alex me olhou com um sorriso lindo no rosto e disse, ainda ofegante:

— Amor, acordamos as crianças.

Olhei para ele e sorri.

— É. Percebi. Vamos ter muito trabalho daqui para frente.

— Eu não me importo em passar as noites em claro cuidando de vocês três — ele disse e me beijou. — Se estiver cansada, vá tomar um banho. Eu olho eles enquanto isso.

— Você faria isso por mim? Eu realmente preciso de um banho agora — disse, apontando meu corpo suado.

Ele se aproximou e sussurrou em meu ouvido:

— Eu faço qualquer coisa por você, amor. Qualquer coisa.

Alex não poderia ser mais apaixonante. Era meu melhor amigo, companheiro e, agora, estava se mostrando um pai amoroso.

— Eu te amo — sussurrei.

— Eu também te amo — disse, terminando de se vestir, e saiu do quarto para cuidar dos bebês enquanto eu tomava um banho. Eu estava me sentindo a mulher mais feliz, completa, amada e realizada do mundo.

Epílogo

Alex

Dez meses depois...

Era o dia do desfile da Margareth e da Vicky. Elas estavam uma pilha de nervos. Estavam todos lá em casa. Roger e Margareth, Dilan e Renata, Sr. Becky e Laura, meu pai, Frida e tio Alan — que acabaram ficando juntos —, Lucas, Jane e Isabela... Esses três, vou te contar, só tensão.

Vicky e Margareth estavam com as modelos no *atelier*. O desfile seria no Anhembi. Vários estilistas famosos e internacionais estariam no evento expondo suas coleções.

Ian e Clarinha iriam completar um aninho no dia seguinte. Seria uma baita festança. A cada dia que passava, aquelas crianças ficavam mais lindas e sapecas.

Vicky descia pelas escadas, vestida com um lindo vestido creme brilhante e rendado. Parecia uma rainha. Seu cabelo estava preso em um coque mal preso. Acho que devia ser moda. Sorri.

Margareth veio logo atrás, vestida de verde. Também estava magnífica. As dez modelos estavam vestidas com roupas normais.

— Eu estou tão nervosa... — Vicky disse, com as mãos sobre o peito.
— Meu coração vai sair pela boca.

— Relaxa, meu amor, vai dar tudo certo — disse, dando um leve beijo em sua boca para não borrar o batom extremamente vermelho.

— Dilan já pegou o jeito. Olha como ele segura o Ian. — Vicky sorriu.
— Por que não trouxeram o Bruninho?

— Ele é muito pequeno ainda. Ficou na casa da avó — Renata respondeu, com um sorriso.

— Alex, precisamos ir — ela disse, olhando para Clara no colo de Roger.

— Esses padrinhos estão se saindo melhor que a encomenda — disse olhando para Roger, e ele fez uma careta.

— Acho que a menininha dos seus olhos fez caquinha — Roger disse, carinhoso.

— Ah, não, Clara. Justo agora? — Vicky se desesperou.

— Amor, vai terminando de arrumar tudo que eu troco a Clara — disse, pegando Clara das mãos de Roger. Eu já havia ficado craque nesse lance de trocar fraldas. O mais difícil era dar banho no Ian. O menino parecia que era peixe; toda vez que saía da banheira, fazia um escândalo danado.

Depois de fraldas trocadas, peguei os carrinhos e coloquei no carro. Já havia procurado todos os itens de primeiros socorros: fralda, mamadeira, chupeta e um brinquedinho. Comprei uma guitarrinha para o Ian e, adivinha, ele adorou. Tinha que levá-la para todos os lugares. Ele ficava louco sem ela. Clara era menos exigente e muito dorminhoca, mas quando abria a boca para chorar...

Todos se encaminharam para fora de casa e entraram em seus respectivos carros. Ajeitei as cadeirinhas no banco de trás e coloquei Ian e Clara com segurança. Era a hora de as estrelas brilharem. Eu preparei uma bela surpresa para Vicky. Esperava que ela gostasse.

Quando chegamos ao Anhembi, estava uma loucura. Fotógrafos nos cercavam por todos os lados. As perguntas eram sempre as mesmas: quando a banda *Red Roses* voltaria a cantar. Fotografaram a Vicky para sair numa matéria de uma revista famosa internacional. Ela ficou tão contente e

radiante que chorou.

No camarim das modelos, despedi-me da Vicky, e Roger da Margareth.

— Boa sorte, meu amor. O desfile será um sucesso — disse e, em seguida, a beijei.

— Eu te amo — ela disse, fazendo-me sorrir.

— Nos vemos quando acabar — disse saindo e indo para os assentos *vip*.

Dilan estava cuidando dos bebês, ao lado de Renata. Parecia que ele tinha gostado mesmo desse lance de ser pai.

Sentei ao seu lado, e Roger ao meu. Parecia ansioso com alguma coisa.

— Dilan, não vai se importar de ficar mais um tempo com eles, não é? A banda entra depois do desfile delas.

— Claro que não. Cara, essas crianças são tão fofas — ele disse, todo derretido, fazendo-me dar uma gargalhada.

O desfile começou, com as cadeiras em volta de uma enorme passarela branca, ambiente escuro... Somente luzes iluminando o extenso local por onde as modelos desfilariam.

Magareth estava arrasando ao lado de Vicky, com as modelos *plus size* vestindo apenas biquínis e salto alto. Gostava desse conceito de que, para ser modelo, não precisa ser magricela. Elas estavam tão lindas quanto as modelos Top.

Primeiro entrou a Karen, ela era ruiva. Era a mais tagarela. Ficou um bom tempo conversando comigo em casa. Depois, entrou a Renatinha. O que destacou bastante foram seus cabelos encaracolados. Apesar de ser um pouco tímida, desfilou como uma verdadeira modelo. Alguns minutos depois, foi a vez da Tatiana. Ela era a única modelo mulata. O biquíni que estava usando era bem típico da mulher brasileira. Gostei dessa ousadia da Vicky. Os calçados também eram magníficos, apesar de não entender muito sobre esse assunto. Lívia também mostrou a que tinha ido. Ela era uma bela

loira. Me fez lembrar muito o jeito da Vicky.

— Está tudo tão lindo — Renata comentou.

— Sim. Perfeito — Roger concordou.

Eu assistia a tudo, curioso. Estava orgulhoso de minha esposa e minha melhor amiga, Margareth. “Quem diria que um dia estaríamos todos aqui?”, pensei.

O desfile estava acabando. Era a hora de entrar em ação. Vicky não sabia, mas eu iria cantar para ela. Não seria exatamente a volta da banda, não queria tirar o brilho do sucesso dela. Eu apenas iria cantar para a mulher que amava.

Após aplausos e gritarias, elas desceram do palco. Todas as luzes se apagaram, ficando apenas uma luz redonda sobre mim, iluminando-me. Em minha mão, apenas um microfone e, atrás de mim, a banda.

Respirei profundamente, tentando conter minhas emoções. Então, comecei a falar para todas as pessoas e fotógrafos ali presentes naquele momento:

— Boa noite a todos! — disse, olhando para a multidão.

— Hoje é um dia muito especial para duas pessoas muito importantes em minha vida. A estilista Margareth Thompson, que de alguns anos pra cá, esteve sempre ao meu lado me ajudando nas horas mais difíceis da minha vida. Quero parabenizá-la pelo seu talento, por sua amizade. Quero que saiba que vou guardar nossa amizade aqui, no coração — disse, jogando um beijo para ela. — E gostaria de parabenizar também, a mulher que mudou a minha vida desde que eu era apenas um garotinho de dez anos. Minha esposa amada, Vitória. A mulher que sempre protegi e amei incondicionalmente. Quero parabenizá-la pelo seu talento, pela sua garra, pela sua força... Você é uma mulher brilhante, que já nasceu uma estrela vitoriosa.

A multidão aplaudia. Vicky me olhava da primeira fileira, com Ian e Clara no colo, um de cada lado.

— Quero chamar minha esposa aqui, na passarela, para cantar uma música a ela.

Vicky me olhou, envergonhada. Vi o momento em que entregou as crianças para Roger e Dilan e subiu na passarela lentamente. Conforme foi se aproximando, comecei a cantar *I Knew I Loved You*, do Savage Garden.

*Talvez seja intuição
Mas algumas coisas não se deve questionar
Como em seus olhos
Eu vi o meu futuro num instante...*

Eu cantava olhando em seus lindos olhos azuis. Dentro deles, pude ver todo o amor que sentia por mim. Pude ver a felicidade, a realização, a amizade e cumplicidade. Suas lágrimas caindo e sua boca perfeita pronunciando “eu te amo” me deixaram emocionado, e minhas lágrimas vieram na mesma intensidade. Nosso amor era maior do que tudo. Era tão imenso que não cabia em nós. Vicky me deu dois dos melhores presentes que uma pessoa pode ter na vida: nossos filhos e seu amor. Eu poderia gritar aos quatro cantos do mundo que eu era o homem mais feliz da face da Terra, somente por fazê-la feliz e sorrir a cada dia.

Roger e Margareth subiram na passarela, levando Ian e Clara no colo. Entregaram Clara para Vicky e Ian para mim e se afastaram.

Quando terminei de cantar a música, todos aplaudiram. Pudemos ver algumas pessoas emocionadas. Olhei para minha bela esposa em minha frente e disse:

— Eu te amo! Vou te amar para sempre, meu amor.

Ela me olhou, ainda com olhos marejados, e disse:

— Eu também vou te amar para sempre. — E me beijou, bem no momento em que vários *flashes* dispararam diante de nós.

Ficamos assim, num beijo sem fim, com nossos filhos, nossos

presentes de Deus, abraçados por um longo tempo. Para mim, não existia felicidade maior. O verdadeiro amor em família.

